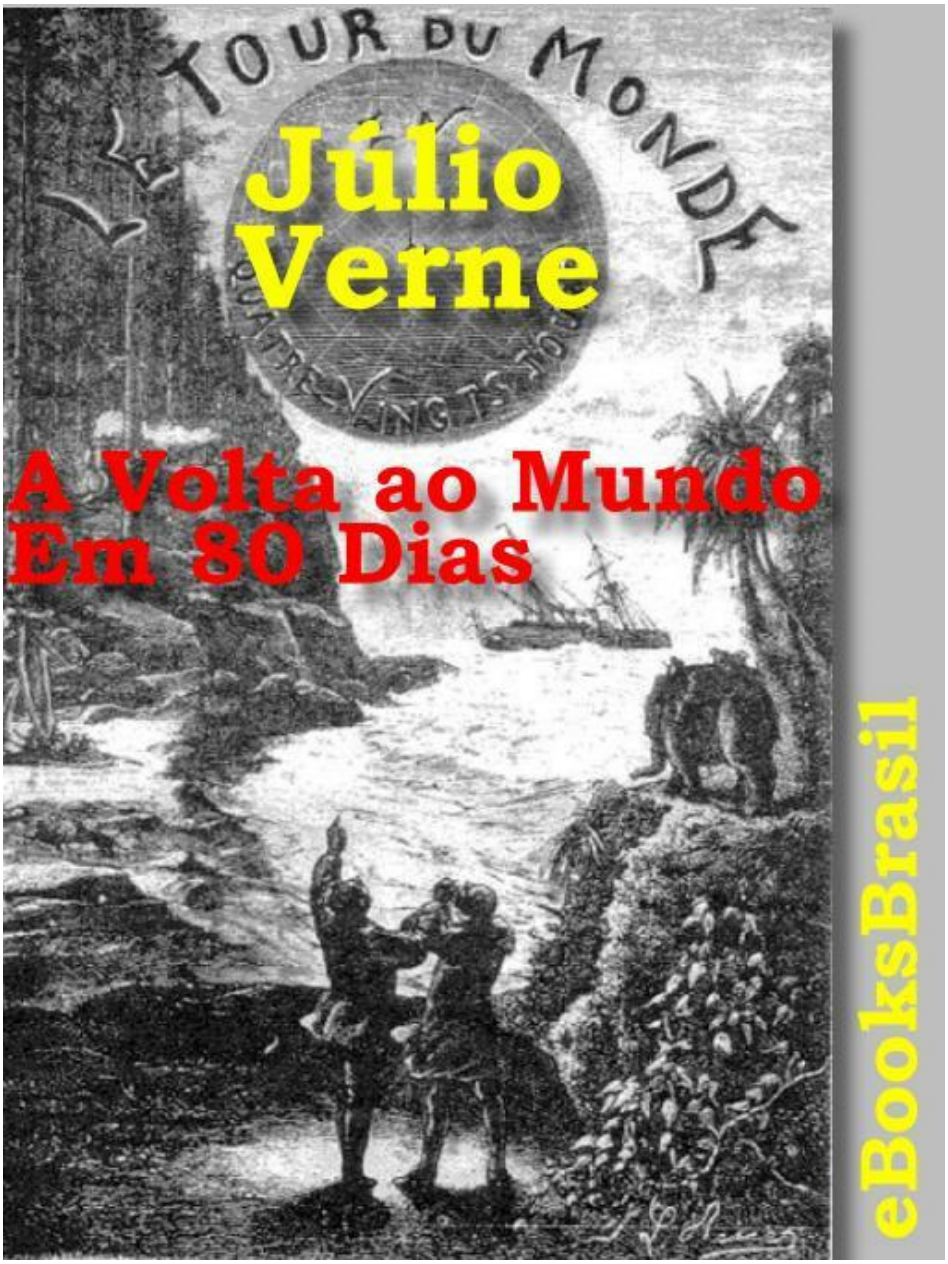

www.ebooksbrasil.org

A Volta ao Mundo em 80 Dias [1874]
Júlio Verne [1828-1905]

Tradução:
Teotonio Simões [NT]

Versão para eBook
eBooksBrasil
[Escolha, no browser, a fonte tipográfica de sua preferência]

Fonte Digital do Original:
Le tour du monde en quatre-vint jours
éditions NoPapers
26/7/2000

Ilustrações [não disponíveis neste formato] de
Alphonse-Marie de Neuville
e
Léon Benett
(1873)

©2001,2006 Júlio Verne

A Volta ao Mundo em 80 Dias

JÚLIO VERNE

índice

Biografia: 5
A VOLTA AO MUNDO EM 80 DIAS: 8
Índice da Obra: 288

Julio Verne
(1828-1905)
Biografía

Julio Verne nasceu em Nantes em 8 de fevereiro de 1828. Fugiu de casa com 11 anos para ser grumete e depois marinheiro. Localizado e recuperado, retornou ao lar paterno. Em um furioso ataque de vergonha por sua breve e efêmera aventura, jurou solenemente (para a sorte de seus milhões de leitores) não voltar a viajar senão em sua imaginação e através de sua fantasia.

Promessa que manteve em mais de oitenta livros.

Sua adolescência transcorreu entre contínuos choques com o pai, para quem as veleidades exploratórias e literárias de Júlio pareciam totalmente ridículas. Finalmente conseguiu mudar-se para Paris onde entrou em contato com os mais prestiados literatos da época. Em 1850 concluiu seus estudos jurídicos e, apesar insistência do pai para que voltasse a Nantes, resistiu, firme na decisão de tornar-se um profissional das letras.

Foi por esta época que Verne, influenciado pelas conquistas científicas e técnicas da época, decide criar uma literatura adaptada à idade científica, vertendo todos estes conhecimentos em relatos épicos, enaltecendo o gênio e a fortaleza do homem em sua luta por dominar e transformar a natureza.

Em 1856 conheceu Honorine de Vyane, com quem casou em 1857.

Por essa época, era um insatisfeito corretor na Bolsa,

e resolveu seguir o conselho de um amigo, o editor P. J. Hetzel, que será seu editor *in eternum*, e converteu um relato descritivo da África no *Cinco Semanas em Balão* (1863). Obteve êxito imediato. Firmou um contrato de vinte anos com Hetzel, no qual, por 20.000 francos anuais, teria de escrever duas novelas *de novo estilo* por ano. O contrato foi renovado por Hetzel e, mais tarde, por seu filho. E assim, por mais de quarenta anos, as *Voyages Extraordinaires* apareceram em capítulos mensais na revista *Magasin D'éducation et de Récréation*.

Em *A Volta ao Mundo em 80 Dias*, encontramos, ao mesmo tempo, muito da breve experiência de Verne como marinheiro e como corretor de Bolsa.

Nada mais justo, também, que o *novo estilo literário* inaugurado por Júlio Verne, fosse utilizado por uma nova arte que surgia: o cinema. *Da Terra à Lua* (Georges Mélies, 1902), *La Voyage a travers l'impossible* (Georges Mélies, 1904), *20.000 lieus sous les mers* (Georges Mélies, 1907), *Michael Strogoff* (J. Searle Dawley, 1910), *La Conquête du pôle* (Georges Mélies, 1912) foram alguns dos primeiros filmes baseados em suas obras. Foram inúmeros.

A Volta ao Mundo em 80 dias foi filmado em 1956, com enredo milionário, dirigido por Michael Anderson, música de Victor Young, direção de fotografia de Lionel Lindon. David Niven fez Phileas Fogg, Cantinflas, Passepartout, Shirley MacLaine, Aouda. Em 1989, foi aproveitado para uma série de TV, com a participação da BBC, dirigida por Roger Mills. No mesmo ano, outra série de TV, agora nos EE.UU., dirigida por Buzz Kulik, com Pierce Brosnan (Phileas Fogg), Eric Idle (Passepartout), Julia Nickson-Soul (Aouda), Peter Ustinov (Fix).

Apesar de tudo, a vida de Verne não foi fácil. Por um lado sua dedicação ao trabalho minou a tal ponto sua saúde que durante toda a vida sofreu ataques de paralisia. Como se fosse pouco, era diabético e acabou por perder vista e ouvido. Seu filho Michael lhe deu os mesmos problemas que dera ao pai e, desgraça das desgraças, um de seus sobrinhos lhe disparou um tiro à queima-roupa deixando-o coxo. Sua vida efetiva também não foi das mais tranqüilas e todos os seus biógrafos admitem ter tido uma amante, um relacionamento que só terminou com a morte da misteriosa dama.

Verne também se interesou pela política, tendo sido eleito para o Conselho de Amiens em 1888 na chapa radical, reeleito em 1892, 1896 e 1900.

Morreu em 24 de Março de 1905

A VOLTA AO MUNDO EM OITENTA DIAS

CAPÍTULO 1

EM QUE PHILEAS FOGG E PASSEPARTOUT RECIPROCAMENTE SE ACEITAM, O PRIMEIRO NA QUALIDADE DE PATRÃO, O SEGUNDO NA DE CRIADO

Em 1872, a casa de número 7 da Saville Row, Burlington Gardens — casa em que Sheridan morrera em 1814 — era habitada por Phileas Fogg, *esquire*, um dos membros mais singulares e destacados do Reform Club de Londres, apesar de todo seu esforço em evitar, segundo parecia, chamar a atenção sobre si.

A um dos maiores oradores que honram a Inglaterra, sucedia pois este Phileas Fogg, personagem enigmático, de quem nada se sabia, salvo que era homem muito polido e um dos mais perfeitos gentlemen da alta sociedade inglesa.

Diziam que era parecido com Byron — pela cabeça, pois que era irrepreensível quanto aos pés — mas um Byron de bigode e suíças, um Byron impassível, que teria vivido mil anos sem envelhecer.

Inglês, seguramente, Phileas Fogg não era talvez londrino. Nunca o tinham visto nem na Bolsa, nem no

Banco, nem em nenhum dos corredores da City. Nem as bacias e docas de Londres jamais tinham recebido um navio cujo armador fosse Phileas Fogg. Este gentleman não figurava em nenhuma gerência administrativa. Nunca seu nome ressoara em algum escritório de advogados, nem no Temple, nem em Lincoln's Inn, nem em Gray's Inn. Jamais pleiteara à Corte do chanceler, nem ao Banco da Rainha, ao Tesouro (Exchequer), nem a qualquer Corte eclesiástica. Não era industrial, nem negociante, nem comerciante, nem agricultor. Não fazia parte nem da *Instituição real da Grã-Bretanha*, nem da *Instituição de Londres*, nem da *Instituicão dos Artesãos*, nem da *Instituição Russell*, nem da *Instituição literária do Oeste*, nem da *Instituição do Direito*, nem desta *Instituição das Artes e das Ciências reunidas*, que está sob o patrocínio direto de *Sua Graciosa Majestade*. Não pertencia, resumindo, a nenhuma das numerosas sociedades que pululam na capital da Inglaterra, da *Sociedade da Armônica* à *Sociedade entomológica*, fundada principalmente com a finalidade de promover a destruição dos insetos nocivos.

Phileas Fogg era membro do Reform Club, e só.

A quem se admirasse de que um gentleman tão misterioso figurasse entre os membros desta distinta associação, responderíamos que foi admitido graças à recomendação dos Baring, junto aos quais tinha crédito aberto. Além disso, Phileas Fogg apresentava um certo ar de respeitabilidade por serem os seus cheques pagos à vista, debitados em sua conta corrente invariavelmente credora.

Phileas Fogg seria rico? Incontestavelmente. Mas como fizera fortuna era o que os mais bem informados não poderiam dizer, e Mr. Fogg seria o último a quem

conviria indagar. Em todo caso, não era nada pródigo, mas sem ser ávaro, porque onde quer que faltasse uma contribuição para algo nobre, útil ou generoso, contribuía silenciosa e mesmo anonimamente.

Em suma, ninguém menos comunicativo do que este gentleman. Falava o menos possível, e parecia tanto mais misterioso quanto mais silencioso se mostrava. Embora vivesse às claras, tudo o que fazia era tão matematicamente sempre o mesmo, que a imaginação, insatisfeita, procuraria ver além.

Teria viajado? Era provável, porque ninguém conhecia melhor do que ele o mapa terrestre. Não havia lugar, por afastado que fosse, de que não parecesse ter conhecimento especial. Às vezes, mas em poucas palavras, breves e claras, corrigia os mil boatos que circulavam no club a propósito de viajantes perdidos ou extraviados; indicava as verdadeiras probabilidades, e suas palavras muitas vezes acharam-se como que inspiradas por uma espécie de dom profético, uma vez que o que acontecia acabava sempre por as justificar. Era um homem que devia ter viajado por toda a parte — pelo menos em espírito.

O que era certo, todavia, é que Phileas Fogg havia muitos anos que não saia de Londres. Os que tinham tido a honra de o conhecer um pouco mais que os outros, atestavam que — salvo o caminho direto que percorria diariamente para vir de sua casa ao club — ninguém poderia pretender tê-lo visto em outro lugar. O seu único passatempo era ler jornais e jogar whist. Neste jogo silencioso, tão apropriado à sua índole, ganhava freqüentemente, mas os ganhos nunca eram por ele embolsados e respondiam por uma quantia considerável de seu orçamento destinado à caridade. Além disso, é

preciso que se note, Mr. Fogg jogava evidentemente por jogar, não para ganhar. O jogo era para ele um combate, luta contra uma dificuldade, mas luta sem movimento, sem deslocamento, sem fadiga, e isso conformava-se ao seu caráter.

De Phileas Fogg não se conheciam nem mulher nem filhos — o que pode acontecer às pessoas as mais honestas — nem parentes nem amigos — o que é na verdade mais raro ainda. Phileas Fogg vivia só na sua casa de Saville Row, onde pessoa alguma penetrava. Do seu interior ninguém cuidava. Bastava-lhe um criado. Almoçando e jantando no club a horas cronometricamente determinadas, na mesma sala, à mesma mesa, sem banquetear os colegas, não convidando nenhum estranho, só voltava à casa para se deitar, à meia noite em ponto, sem jamais usar os aposentos confortáveis que o Reform Club coloca à disposição dos seus membros. Das vinte e quatro horas, passava dez em casa, fosse para dormir, fosse para cuidar da sua toilete. Quando passeava, era invariavelmente em passo igual, na sala de entrada parquetada, ou na galeria circular, por sobre a qual se arredonda um caramanchão de vidros azuis, sustentado por vinte colunas jônicas de porfiro vermelho. Se almoçava ou jantava, eram as cozinhas, a despensa, a copa, a peixaria, a leiteria do club que forneciam à sua mesa suas suculentas reservas; eram os criados do club, personagens de aspecto solene, em trajes pretos, calçando sapatos palmilhados de *moletton*, que o serviam em uma porcelana especial e sobre admirável toalha de mesa de linho de Saxe; eram os cristais do club, de caprichoso modelado, que continham o seu sherry, o seu porto ou seu *claret* misturado com canela,

avenca e cinamomo; era finalmente o gelo do club — gelo vindo com imensas despesas dos lagos da América — que lhe conservavam as bebidas em um estado de frescor satisfatório.

Se viver em tais condições é ser excêntrico, é preciso convir que a excentricidade é coisa muito boa!

A casa de Saville Row, sem ser suntuosa, se recomendava por um extremo conforto. Além disso, com os hábitos regulares do locador, o serviço reduzia-se a pouca coisa. Entretanto, Phileas Fogg exigia do seu único criado uma pontualidade, uma regularidade extraordinárias. Naquele mesmo dia, 2 de outubro, Phileas Fogg dera aviso prévio a James Forster — porque o moço cometera a falta de lhe trazer para a barba água a oitenta e quatro graus Fahrenheit em vez de a oitenta e seis — e esperava seu sucessor, que deveria apresentar-se entre onze e onze e meia.

Phileas Fogg, muito bem sentado em sua poltrona, os pés juntos como os de um soldado em revista, as mãos apoiadas sobre os joelhos, o corpo aprumado, a cabeça levantada, observava o caminhar dos ponteiros de seu relógio de chão — complicadíssimo aparelho que indicava as horas, os minutos, os segundos, os dias, as quinzenas e o ano. Quando soassem onze e meia, Mr. Fogg deveria, conforme seu hábito quotidiano, deixar a casa e dirigir-se para o Reform Club.

Neste momento bateram à porta da pequena sala onde Phileas Fogg se encontrava.

James Forster, o criado despedido, apareceu.

— O novo criado, disse ele.

Um moço de uns trinta anos de idade apresentou-se e comprimentou.

— É francês e chama-se John? perguntou-lhe Phileas

Fogg.

— Jean, se não lhe desagradar, respondeu o recém-vindo, Jean Passepartout, sobrenome que me ficou, e que justificava a minha aptidão natural para me safar de apuros. Considero-me um rapaz honesto, senhor, mas, para ser franco, já exerci muitas profissões. Fui cantor ambulante, artista de circo, saltando como Léotard, dançando na corda como Blondin; depois fiz-me professor de ginástica, para tornar mais úteis os meus talentos, e, por fim, fui sargento de bombeiros em Paris. Tenho até em meu currículo alguns incêndios notáveis. Mas já fazem cinco anos que deixei a França e que, desejando gozar a vida de família, sou criado de quarto na Inglaterra. Ora, achando-me sem colocação e tendo sabido que Mr. Phileas Fogg era a pessoa mais exata e mais sedentária do Reino Unido, aqui me apresentei em sua casa na esperança de viver tranqüilo e até esquecer este nome de Passepartout....

— Passepartout me convém, respondeu o gentleman. Você me foi recomendado. Tenho boas referências a seu respeito. Conhece quais são as minhas condições?.

— Sim, senhor..

— Bem. Que horas tem?.

— Onze e vinte, respondeu Passepartout, tirando das profundezas do bolso do colete um enorme relógio de prata.

— Está atrasado, disse Mr. Fogg.

— O senhor me desculpe, mas é impossível.

— Atrasado em quatro minutos. Não importa. Basta constatar a diferença. Portanto, a partir deste momento, onze e vinte e nove da manhã, desta quarta feira 2 de outubro de 1872, fica ao meu serviço.

Dito isto, Phileas Fogg levantou-se, pegou seu chapéu

com a mão esquerda, colocou-o na cabeça com um movimento automático e desapareceu sem acrescentar palavra.

Passepartout ouviu a porta da rua se fechar uma primeira vez: era seu novo patrão que saía; depois uma segunda vez: era seu predecessor, James Forster, que por sua vez partia.

Passepartout ficou só na casa de Saville Row.

CAPÍTULO II

EM QUE PASSEPARTOUT SE CONVENCE DE QUE FINALMENTE ENCONTROU O SEU IDEAL

— Palavra, disse consigo Passepartout, ainda um pouco estonteado a princípio, conheci no museu de Madame Tussaud criaturas tão vivas quanto o meu novo patrão!

Convém dizer que as “criaturas” de Madame Tussaud são figuras de cera, muita visitadas em Londres, e às quais, na verdade, apenas falta a palavra.

Durante os poucos instantes em que acabava de entrever Phileas Fogg, Passepartont tinha rápida, mas cuidadosamente, examinado seu futuro patrão. Era um sujeito que parecia ter quarenta anos, de aspecto nobre e belo, estatura elevada, que não mostrava sequer um ligeiro excesso de peso, cabelos e suíças louros, testa lisa sem rugas nas têmporas, face mais pálida que colorida, dentes magníficos. Parecia possuir no mais alto grau o que os fisionomistas chamam de “o repouso na ação”, faculdade comum a todos os que fazem mais obras que barulho. Calmo, fleumático, olhar límpido, pálpebra imóvel, era o tipo acabado desses ingleses de sangue frio que se encontram freqüentemente no Reino Unido, e cuja atitude um pouco acadêmica Angelica Kauffmann maravilhosamente reproduziu nas suas telas. Visto nos diversos atos de sua existência, este gentleman dava a idéia de um indivíduo bem equilibrado em todas as suas partes, muito refletido, tão perfeito como um cronômetro

de Leroy ou de Earnshaw. É que, efetivamente, Phileas Fogg era a exatidão personificada, o que se via claramente pela “expressão dos seus pés e de suas mãos”, porque no homem, assim como nos animais, os próprios membros são em si órgãos expressivos das paixões.

Phileas Fogg era desses indivíduos, matematicamente exatos, que, jamais apressados e sempre prontos, são econômicos em seus passos e em seus movimentos. Não dava uma passada a mais, indo sempre pelo caminho mais curto. Não perdia tempo, sequer um instante, a olhar para o teto. Não se permitia um gesto supérfluo. Ninguém nunca o tinha visto comovido ou perturbado. Era o homem menos apressado do mundo, mas chegava sempre a tempo. Compreender-se-á, portanto, a razão por que vivia só, e por assim dizer fora de toda relação social. Sabia que na vida é preciso ter em conta os atritos, e como os atritos atrasam, para os evitar, não entrava em contato com ninguém.

Quanto a Jean, vulgo Passepartout, um verdadeiro Parisiense de Paris, nos cinco anos que habitava a Inglaterra e ali exercia em Londres a profissão de criado de quarto, em vão procurara um patrão a quem pudesse se afeiçoar.

Passepartout não era um desses Frontins ou Mascarilles que, empertigados, nariz ao vento, olhar firme, olho seco, não passam de impudentes velhacos. Não. Passepartout era um rapaz excelente, fisionomia amável, lábios um pouco salientes, sempre prontos para degustar ou para acariciar, um ser doce e serviçal, com uma dessas cabeças redondas que a gente gosta de ver sobre os ombros de um amigo. Tinha os olhos azuis, a cor do rosto animada, a figura suficientemente gorda

para que pudesse ver seus joelhos, peito amplo, talhe forte, uma musculatura vigorosa e possuía uma força hercúlea que os exercícios da sua mocidade tinham desenvolvido muito. Seus cabelos castanhos eram um pouco revoltos. Se os escultores da Antiguidade conheciam dezoito maneiras de compor a cabeleira de Minerva, Passepartout só conhecia uma para arranjar a sua: três passadas de pente, e estava penteado.

Dizer que o caráter expansivo deste rapaz haver-se-ia de harmonizar com o de Phileas Fogg, é coisa que a prudência mais elementar não permite dizer. Seria Passepartout o criado funcionalmente exato que convinha a seu patrão? Só o tempo diria. Depois de ter tido, como se sabe, uma mocidade bastante vagabunda, aspirava ao repouso. Tendo ouvido gabar o metodismo inglês e a proverbial frieza dos gentlemen, veio procurar fortuna na Inglaterra. Mas, até então, a sorte lhe fora ingrata. Não pudera se enraizar em parte alguma. Servira em dez casas. Em todas, os patrões eram caprichosos, extravagantes, e gostavam, ou de correr aventuras, ou correr países — o que não poderia convir a Passepartout. Seu último patrão, o jovem Lord Longsferry, membro do Parlamento, depois de passar suas noites nos "oysters-rooms" de Haymarket, voltava com muita freqüência para casa sobre os ombros dos policemen. Passepartout, que queria acima de tudo ter respeito por seu patrão, arriscou algumas respeitosas observações, que foram mal recebidas, e rompeu. Neste meio tempo soube que Phileas Fogg, *esquire*, procurava um criado. Tirou informações a respeito deste gentleman. Um personagem cuja existência era tão regular, que não trasnoitava, que não viajava, que não se ausentava jamais, sequer um dia, certamente lhe

conviria. Apresentou-se e foi admitido nas condições que sabemos.

Passepartout — ao soarem onze e meia — achava-se pois só na casa de Saville Row. Começou logo a inspeção. Percorreu-a do porão ao sótão. Esta casa limpa, arranjada, severa, puritana, bem organizada para o serviço doméstico, agradou-lhe. Produziu nele o efeito de uma bela casca de caracol, mas de uma casca iluminada e aquecida a gás, porque ali o hidrogênio carburado bastava para todas as necessidades de luz e de calor. Passepartout encontrou sem dificuldade, no segundo pavimento, o quarto que lhe fora destinado. Ele lhe convinha. Campainhas elétricas e tubos acústicos punham o quarto em comunicação com os apartamentos de baixo e do primeiro andar. Sobre a chaminé havia um relógio de pêndulo elétrico que estava acertado pelo do quarto de dormir de Phileas Fogg, e os dois aparelhos marcavam ao mesmo tempo, o mesmo segundo.

— Convém-me, convém-me! disse consigo Passepartout.

Reparou também, no seu quarto, em um cartaz colocado acima do relógio. Era o programa do serviço quotidiano. Compreendia — desde as oito da manhã, hora regulamentar a que Phileas Fogg se levantava, até às onze e meia, hora em que saía para ir almoçar no Reform Club — todos os detalhes do serviço, o chá e as torradas das oito e vinte e três, a água para a barba das nove e trinta e sete, o penteado das dez menos vinte, etc. Depois, das onze e meia da manhã até à meia noite — hora em que metodicamente o gentleman se deitava — tudo estava anotado, previsto, regulamentado. Passepartout encontrou grande satisfação em meditar este programa e em gravar os seus diversos artigos no

espírito.

Quanto ao guarda-roupa do patrão, estava ele bem fornecido e maravilhosamente disposto. Cada calça, casaco ou colete tinha um número de ordem reproduzido num registro de entradas e de saídas, indicando a data em que, segundo a estação, estas vestimentas deveriam ser por seu turno usadas. Mesma regulamentação para os sapatos.

Em uma palavra, nesta casa de Saville Row, que deveria ter sido o templo da desordem na época do ilustre mas dissipado Sheridan — havia uma mobília confortável, anunciando um belo descanso. Nada de biblioteca, nada de livros, que seriam sem utilidade para Mr. Fogg, posto que o Reform Club colocava à sua disposição duas bibliotecas, uma consagrada às letras, outra ao direito e à política. No quarto de dormir, um cofre-forte de tamanho médio, cuja construção o punha a salvo tanto de incêndio quanto de roubo. Nada de armas na casa, nenhum utensílio de caça ou de guerra. Tudo ali denunciava os hábitos mais pacíficos.

Após ter examinado esta habitação em detalhes, Passepartout esfregou as mãos, o semblante dilatou-se-lhe e repetiu alegremente:

— Convém-me! é disso que gosto! Entender-nos-emos perfeitamente, Mr. Fogg e eu! Um homem caseiro e regular! Um verdadeiro robô! Ora, não me importa servir um robô!

CAPÍTULO III

TRAVA-SE UMA CONVERSA QUE PODERÁ CUSTAR CARO A PHILEAS FOGG.

Phileas Fogg havia saído de sua casa de Saville Row às onze e meia, e, depois de ter posto quinhentas e setenta e cinco vezes seu pé direito diante do seu pé esquerdo e quinhentos e setenta e seis vezes o seu pé esquerdo diante do seu pé direito, chegou ao Reform Club, vasto edifício, construído em Pall Mall, que não custou menos de três milhões para ser edificado.

Phileas Fogg dirigiu-se logo para a sala de refeições, cujas nove janelas se abriam sobre um belo jardim com árvores já douradas pelo outono. Ali, tomou lugar à mesa habitual onde o esperava o seu *couvert*. Seu almoço compunha-se de um *hors-d'oeuvre* de peixe cozido temperado com um "reading sauce", de um *roast-beef* escarlate guarnecido com cogumelos, de uma empada recheada com pedacinhos de ruibarbo e groselhas verdes, de um pedaço de *chester* — tudo isto regado com algumas taças de um chá excelente, especialmente selecionado pelo encarregado do Reform Club.

Ao meio dia e quarenta e sete minutos, o gentleman levantou-se e dirigiu-se para o grande salão, compartimento magnífico, ornado com pinturas ricamente enquadradas. Ali um criado entregou-lhe o *Times* ainda por abrir, e que Phileas Fogg desdobrou com uma firmeza que denotava grande hábito em tão

difícil operação. A leitura deste jornal ocupou Phileas Fogg até às três e quarenta e cinco, e a do *Standard* — que lhe sucedeu — prolongou-se até perto da hora do jantar. Esta refeição fez-se nas mesmas condições do almoço, com a adição de "royal british sauce".

Às seis menos vinte, o gentleman reapareceu no grande salão e absorveu-se na leitura do *Morning Chonicle*.

Meia hora mais tarde, alguns membros do Reform Club chegaram e achegaram-se à lareira, onde ardia um fogo de hulha. Eram os parceiros habituais de Mr. Phileas Fogg, como ele acérrimos jogadores de whist: o engenheiro Andrew Stuart, os banqueiros John Sullivan e Samuel Fallentin, o cervejeiro Thomas Flanagan, Gauthier Ralph, um dos administradores do Banco da Inglaterra — pessoas ricas e consideradas, mesmo neste club que contava entre seus membros as sumidades da indústria e da finança.

— Ora bem, Ralph, perguntou Thomas Flanagan, a quantas anda esse caso de roubo?

— Nesta altura, respondeu Andrew Stuart, o Banco pode dizer adeus ao dinheiro.

— Espero, pelo contrário, disse Gauthier Ralph, que pegaremos o autor do roubo. Inspetores de polícia, pessoas muito hábeis, foram enviados para a América e a Europa, para todos os portos de embarque e desembarque, e vai ser difícil para este senhor escapar-lhes.

— Então têm a descrição do ladrão? perguntou Andrew Stuart.

— Em primeiro lugar, não é um ladrão, respondeu seriamente Gauthier Ralph.

— Como, não é um ladrão, um indíviduo que

subtraiu cinqüenta e cinco mil libras em papel-moeda (1 milhão 375.000 francos)?

— Não, respondeu Gauthier Ralph.

— É então um industrial? disse John Sullivan.

— O *Morning Chronicle* assegura que é um gentleman.

Quem deu esta resposta não foi outro senão Phileas Fogg, cuja cabeça emergiu por entre as ondas de papel acumulado à sua volta. Ao mesmo tempo, Phileas Fogg cumprimentou os seus colegas, que lhe retribuíram o cumprimento.

O fato do qual falavam, que os diversos jornais do Reino Unido discutiam com ardor, passara-se três dias antes, 29 de setembro. Um maço de bank-notes, totalizando a enorme soma de cinqüenta e cinco mil libras, fora tirado da frente do guichê do caixa principal do Banco da Inglaterra.

A quem se admirasse de que um tal roubo pudesse realizar-se com tanta facilidade, o vice-diretor Gauthier Ralph limitar-se-ia a responder que naquele exato momento o caixa estava ocupado em fazer o lançamento de uma receita de três shillings e seis pence, e que não se pode estar de olho em tudo.

Devemos, porém, aqui observar — o que torna o fato mais explicável — que este admirável estabelecimento, o "Bank of England", parece importar-se ao extremo com a dignidade do público. Nada de grades, nada de porteiros, nada de guardas! O ouro, a prata, as bank-notes estão expostas livremente e por assim dizer à mercê do primeiro recém-chegado. Não se poderia colocar em suspeição a probidade de ninguém. Um dos melhores observadores dos costumes ingleses até conta o seguinte: Numa das salas do Banco, onde se encontrava

um dia, teve a curiosidade de ver mais de perto um lingote de ouro, pesando de sete a oito libras, que estava exposto na mesa do caixa; pegou o lingote, examinou-o, passou-o para um seu vizinho, este passou-o para um outro, e o lingote, de mão em mão, foi até ao fundo de um corredor escuro, e só meia hora depois voltou ao seu lugar, sem que o caixa levantasse sequer a cabeça.

Mas, em 29 de setembro, as coisas não se passaram assim. O maço de bank-notes não voltou, e quando o magnífico relógio, posto acima do "drawing-office", anunciou às cinco o fechamento dos escritórios, o Banco da Inglaterra não tinha senão que passar cinqüenta e cinco mil libras pela conta dos ganhos e perdas.

Clara e devidamente reconhecido o roubo, agentes e "detetives", escolhidos dentre os mais hábeis, foram enviados para os principais portos, para Liverpool, para Glasgow, Havre, Suez, Brindisi, Nova York, etc., com a promessa, no caso de sucesso, de uma gratificação de duas mil libras (50.000 F) e cinco por cento da quantia que fosse recuperada. Esperando as informações que o inquérito imediatamente instaurado deveria fornecer, estes inspetores tinham por missão observar escrupulosamente todos os viajantes que chegassem ou partissem.

Ora, precisamente, como dizia o *Morning Chronicle*, havia razões para se supor que o autor do roubo não fazia parte de nenhuma das associações de ladrões da Inglaterra. Durante o dia 29 de setembro, um gentleman bem apessoado, de boas maneiras, ar distinto, havia sido notado, passeando pela sala dos pagamentos, teatro do roubo. O inquérito permitira reproduzir com bastante exatidão a descrição deste gentleman, que foi imediatamente enviada a todos os detetives do Reino

Unido e do continente. Alguns crédulos — Gauthier Ralph entre eles — julgavam-se pois com base para esperar que o ladrão não escaparia.

Como se pode imaginar, este fato estava na ordem do dia em Londres e em toda a Inglaterra. Discutia-se, apaixonava-se a favor ou contra as probabilidades do êxito da polícia metropolitana. Não é de estranhar, pois, ouvir os membros do Reform Club tratarem da mesma questão, ainda mais que um dos vice-diretores do Banco achava-se entre eles.

O digno Gauthier Ralph não queria duvidar do resultado das buscas, calculando que a gratificação oferecida deveria estimular e muito o zelo e a inteligência dos agentes. Mas o seu colega, Andrew Stuart, estava longe de compartilhar desta confiança. A discussão continuou, pois, entre os gentlemen, que se tinham sentado a uma mesa de whist, Stuart em frente de Flanagan; Fallentin diante de Phileas Fogg. Durante o jogo, os jogadores não falavam, mas entre as rodadas a conversação interrompida recomeçava com mais animação.

— Eu sustento, disse Andrew Stuart, que as probabilidades são a favor do ladrão, que não pode deixar de ser um homem muito astuto!

— Ora, vamos! respondeu Ralph, não há mais um só país em que ele possa se refugiar.

— Por exemplo!

— Para onde quer que ele vá?

— Não sei, respondeu Andrew Stuart, mas, afinal, a terra é bastante vasta.

— Era outrora... disse à meia voz Phileas Fogg. Depois: — É sua vez de cortar, acrescentou apresentando as cartas a Thomas Flanagan.

A discussão foi suspensa durante a rodada. Mas logo Andrew Stuart a retomou, dizendo:

— Como, outrora! A terra diminuiu, por acaso?

— Sem dúvida, respondeu Gauthier Ralph. Sou da opinião de Mr. Fogg. A terra diminuiu, pois a percorremos agora dez vezes mais depressa do que há cem anos. E é isto o que, no caso de que nos ocupamos, tornará as buscas mais rápidas.

— E tornará mais fácil também a fuga do ladrão!

— É sua vez de jogar, senhor Stuart! disse Phileas Fogg.

Mas o incrédulo Stuart não estava convencido, e, a partida concluída:

— É preciso confessar, senhor Ralph, retomou, que achou um modo engraçado de dizer que a terra diminuiu! Porque atualmente se faz sua volta em três meses...

— Em oitenta dias apenas, disse Phileas Fogg.

— Com efeito, senhores, acrescentou John Sullivan, oitenta dias, desde que a seção entre Rothal e Alaabad foi aberta sobre o "Great-Indian peninsular railway", e eis aqui o cálculo feito pelo *Morning Chronicle*:

De Londres a Suez pelo Monte Cenis e Brindisi, railways e paquetes....7 dias
De Suez a Bombaim, paquete....13 "
De Bombaim a Calcutá, railway....3 "
De Calcutá a Hong Kong (China), paquete....13 "
De Hong Kong a Yokohama (Japão), paquete....6 "
De Yokohama a São Francisco, paquete....22 "
De São Francisco a Nova York, railroad....7 "
De Nova York a Londres, paquete e railway....9 "
Total.....80 dias

— Sim, oitenta dias! exclamou Andrew Stuart, que

por distração cortou um trunfo; mas sem incluir o mau tempo, os ventos contrários, os naufrágios, os descarrilhamentos, etc.

— Tudo incluído, respondeu Phileas Fogg continuando a jogar, porque, desta vez, a discussão não respeitava mais o whist.

— Mesmo se os hindus ou os índios levantarem os rails! exclamou Andrew Stuart, se pararem os trens, se roubarem os carros, se escalpelarem os viajantes!

— Tudo incluído, respondeu Phileas Fogg, que, pondo seu jogo na mesa, acrescentou:

— Dois trunfos.

Andrew Stuart, a quem tocava a vez de "dar", embaralhou as cartas dizendo:

— Teoricamente, tem razão, senhor Fogg, mas na prática...

— Na prática também, senhor Stuart.

— Bem que gostaria de ver.

— Depende só do senhor. Partamos juntos.

— Deus me livre! exclamou Stuart, mas bem que apostaria quatro mil libras (100.000 F) que uma tal viagem, feita nestas condições, é impossivel.

— Muito possível, pelo contrário, respondeu Mr. Fogg.

— Pois então, faça-a!

— A volta ao mundo em oitenta dias?

— Sim.

— Adoraria.

— Quando?

— Em seguida.

— É loucura! exclamou Andrew Stuart, que começava a se incomodar com a insistência do seu parceiro. Basta! vamos jogar.

— Torne então a dar, respondeu Phileas Fogg, porque foi mal dado.

Andrew Stuart retomou as cartas com mão febril; depois, súbito, colocando-as sobre a mesa:

— Bem, bem, sim, senhor Fogg, disse, sim, aposto quatro mil libras!...

— Meu caro Stuart, disse Fallentin, acalme-se. Isto não é à sério.

— Quando digo aposto, respondeu Andrew Stuart, é sempre à sério.

— Seja! disse Mr. Fogg. Depois, voltando-se para os seus colegas:

— Tenho vinte mil libras (500.000 F) depositadas no Baring. Arriscava-as de bom grado...

— Vinte mil libras! exclamou John Sullivan. Vinte mil libras que uma demora imprevista pode fazê-lo perder!

— O imprevisto não existe, respondeu simplesmente Phileas Fogg.

— Mas, senhor Fogg, este lapso de oitenta dias não é calculado senão como um mínimo de tempo!

— Um mínimo bem empregado é suficiente para tudo.

— Mas para não o ultrapassar, é preciso saltar matematicamente dos railways para os paquetes, e dos paquetes para as estradas de ferro!

— Saltarei matematicamente.

— Está brincando!

— Um bom inglês não brinca jamais, quando se trata de uma coisa tão séria quanto uma aposta, respondeu Phileas Fogg. Eu aposto vinte mil libras contra quem quiser que farei a volta ao mundo em oitenta dias ou menos, ou seja mil novecentas e vinte horas ou cento e quinze mil e duzentos minutos. Aceitam?

— Aceitamos, reponderam os senhores Stuart, Fallentin, Sullivan, Flanagan e Ralph, após terem se consultado.

— Bom, disse Mr. Fogg. O trem para Dover parte às oito e quarenta e cinco. Tomá-lo-ei.

— Esta noite mesmo? perguntou Stuart.

— Esta noite mesmo, respondeu Phileas Fogg. Portanto, acrescentou ele consultando um calendário de bolso, já que hoje é quarta feira 2 de outubro, deverei estar de volta a Londres, a este mesmo salão do Reform Club, no sábado 21 de dezembro, às oito e quarenta e cinco da noite, caso contrário as vinte mil libras depositadas atualmente no meu crédito com os Irmãos Baring lhes pertencerão de fato e de direito, senhores. — Eis aqui um cheque de tal soma.

Um contrato particular de aposta foi feito e assinado na hora pelos seis interessados. Phileas Fogg tinha permanecido frio. Não tinha certamente apostado para ganhar, e só arriscava as vinte mil libras — metade da sua fortuna — porque previa que poderia ter que despender a outra metade na realização deste difícil, para não dizer inexecutável, projeto. Quanto aos seus adversários, eles, pareciam comovidos, não por causa da quantia em jogo, mas porque tinham certo escrúpulo de lutar em tais condições.

Soaram sete horas. Ofereceram a Mr. Fogg suspender o whist, para que ele pudesse fazer os seus preparativos de partida.

— Estou sempre preparado! respondeu o impassível gentleman dando as cartas:

— O trunfo é de copas, disse ele. É sua vez de jogar, senhor Stuart.

CAPÍTULO IV

EM QUE PHILEAS FOGG SURPREENDE PASSEPARTOUT, SEU CRIADO.

Às sete e vinte e cinco, Phileas Fogg, após ter ganho uma vintena de guinéus no whist, despediu-se dos seus nobres colegas, e deixou o Reform Club. Às sete e cinqüenta, abria a porta de sua casa e voltava ao lar.

Passepartout, que tinha conscienciosamente estudado seu programa, ficou bastante surpreso vendo Mr. Fogg, culpável de inexatidão, aparecer a esta hora insólita. Segundo o cartaz, o locatário de Saville Row não deveria recolher-se senão à meia noite em ponto.

Phileas Fogg assim que chegou subiu ao seu quarto, depois chamou:

— Passepartout.

Passepartout não respondeu. Este chamamento não poderia ser dirigido a ele. Não era ainda a hora.

— Passepartout, repetiu Mr. Fogg sem elevar em nada a voz.

Passepartout apareceu.

— É a segunda vez que chamo, disse Mr. Fogg.

— Mas não é meia noite, respondeu Passepartout, com seu relógio na mão.

— Eu sei, retomou Phileas Fogg, e não o recrimino. Partimos em dez minutos para Dover e Calais.

Uma espécie de careta esboçou-se sobre a redonda face do francês. Era evidente que tinha ouvido mal.

— O senhor se desloca? perguntou ele.

— Sim, respondeu Phileas Fogg. Vamos fazer a volta

ao mundo.

Passepartout, olhos arregalados, as pálpebras e as sobrancelhas levantadas, os braços caídos, o corpo encurvado, apresentava naquele momento todos os sintomas do espanto levado à estupefação.

— A volta ao mundo! murmurou ele.

— Em oitenta dias, respondeu Mr. Fogg. Por isso, não temos um instante a perder.

— Mas as malas?... disse Passepartout, que balançava inconscientemente sua cabeça para a direita e para a esquerda.

— Nada de malas. Uma sacola de viagem só. Dentro, duas camisas de lã, três pares de roupa de baixo. O mesmo para si. Faremos compras pelo caminho. Traga para baixo meu mackintosh e minha manta de viagem. Vá com bons calçados. Apesar de que andaremos pouco ou nada. Vá.

Passepartout teria desejado responder. Não pôde. Saiu do quarto de Mr. Fogg, subiu ao seu, tombou sobre uma cadeira, e empregando uma frase bem vulgar de seu país:

— Ah! bem que se diz, essa é demais, demais! E eu que queria descansar tranqüilo!...

E, maquinalmente, fez seus preparativos de partida. A volta ao mundo em oitenta dias! Estaria lidando com um doido? Não... Seria uma piada? Iriam até Dover, tudo bem. A Calais, que seja. Afinal, isto não poderia desgostar o bravo rapaz, que, há cinco anos, não pisava o solo pátrio. Talvez fossem até Paris, e, por certo, reveria com prazer a grande capital. Mas, certamente, um gentleman tão zeloso em seus passos pararia por ali... Sim, sem dúvida, mas não era menos verdade que ele partia, deslocava-se, este gentleman, tão caseiro até

então!

Às oito horas, Passepartout tinha preparado a modesta sacola que continha seu guarda-roupa e o de seu patrão; depois, com o espírito ainda perturbado, deixou seu quarto, fechou a porta cuidadosamonte, e encontrou Mr. Fogg.

Mr. Fogg estava pronto. Levava sob o braço o *Bradshaw continental railway steam transit and general guide*, que deveria fornecer-lhe todas as informações necessárias à viagem. Tomou a sacola das mãos de Passepartout, abriu-a, e deixou cair dentro um belo maço dessas belas bank-notes que têm curso em todos os países.

— Não se esqueceu de nada? perguntou ele.

— De nada, senhor.

— O mackintosh e minha manta?

— Estão aqui.

— Bem, pegue a sacola.

Mr. Fogg entregou o sacola a Passepartout.

— Cuidado com ela, acrescentou Mr. Fogg. Tem vinte mil libras aí dentro (500.000 F).

A sacola ia quase caindo das mãos de Passepartout, como se as vinte mil libras fossem de ouro e pesassem demais.

O patrão e o criado desceram, e a porta da rua foi fechada com duas voltas de chave.

No fim da Saville Row havia uma estação de carruagens. Phileas Fogg e seu criado subiram em um *cab* que se dirigiu rapidamente para a estação de Charing Cross, à qual vem ter um dos ramais do *South Eastern Railway*.

Às oito e vinte, o *cab* parava diante da estação. Passepartout desceu. Seu patrão seguiu-o e pagou ao

cocheiro.

Neste momento, uma pobre mendicante, levando uma criança pela mão, pés nus na lama, um chapéu na cabeça, velho e estragado, do qual pendia uma deplorável pluma, com um chale esfarrapado sobre os andrajos, aproximou-se de Mr. Fogg e pediu-lhe esmola.

Mr. Fogg tirou de seu bolso os vinte guinéus que tinha ganho no whist, e, dando-os à mendiga:

— Tome lá, boa mulher, estou contente por tê-la encontrado!

Depois foi em frente.

Passepartout teve uma sensação de umidade em volta da menina do olho. O patrão acabara de conquistar seu coração.

Mr. Fogg e ele entraram em seguida no grande átrio da estação. Lá, Phileas Fogg deu a Passepartout ordem para comprar dois bilhetes de primeira classe para Paris. Ao voltar-se, deparou com os seus cinco colegas do Reform Club.

— Senhores, parto, disse ele, e os diversos vistos carimbados num passaporte que levo para este fim permitir-lhes-ão, na volta, controlar meu roteiro.

— Oh! senhor Fogg, respondeu polidamente Gauthier Ralph, não é preciso. Confiamos em sua honra de gentleman!

— É melhor assim, disse Mr. Fogg.

— Não se esqueça de que deve voltar?... observou Andrew Stuart.

— Em oitenta dias, respondeu Mr. Fogg, sábado 21 de dezembro de 1872, às oito e quarenta e cinco da noite. Até a volta, meus senhores.

Às oito e quarenta, Phileas Fogg e seu criado tomaram lugar no mesmo compartimento. Às oito e

quarenta e cinco, soou um apito e o trem pôs-se a caminho.

A noite estava negra. Caía uma chuva fininha. Phileas Fogg recostado no seu canto não dizia palavra. Passepartout, ainda estonteado, apertava maquinalmente contra si a sacola com as bank-notes.

Mas o trem não ultrapassara Sydenham, quando Passepartout soltou um verdadeiro grito de desespero!

— O que é que há? perguntou Mr. Fogg.

— É que... que... na minha precipitação... minha perturbação... esqueci...

— De quê?

— De apagar o bico de gás do meu quarto.

— Tudo bem, meu rapaz, respondeu friamente Mr. Fogg, fica queimando gás por sua conta.

CAPÍTULO V

EM QUE APARECE NA PRAÇA DE LONDRES UM NOVO VALOR

Phileas Fogg, deixando Londres, nem fazia idéia, sem dúvida, da grande repercussão que sua partida iria provocar. A notícia da aposta espalhou-se a princípio no Reform Club, e produziu uma verdadeira comoção entre os membros do respeitável círculo. Depois, do club, esta comoção passou para os jornais, por intermédio dos reporters, e dos jornais ao público de Londres e de todo o Reino Unido.

A "questão da volta ao mundo" foi comentada, discutida, dissecada, com tanta paixão e ardor como se se tratasse de uma nova questão do *Alabama*. Uns tomaram o partido de Phileas Fogg, outros — e formaram logo uma maioria considerável — pronunciaram-se contra ele. Esta volta ao mundo a ser realizada, não em teoria e sobre o papel, neste mínimo de tempo, com os meios de comunicação atualmente em uso, não era apenas impossível, era insensato!

O *Times*, o *Standard*, o *Evening Star*, o *Morning Chronicle*, e vinte outros jornais de grande circulação, declararam-se contra Mr. Fogg. Só, o *Daily Telegraph* o apoiou em certa medida. Phileas Fogg foi geralmente tratado como maníaco, louco, e seus colegas do Reform-Club censurados por terem aceito esta aposta, que denunciava um enfraquecimento nas faculdades mentais de seu autor.

Artigos extremamente passionais, mas lógicos,

apareceram sobre a questão. É conhecido o interesse que se dá na Inglaterra a tudo que tange a geografia. Assim não havia sequer um leitor, não importa de que classe, que não devorasse as colunas consagradas ao caso Phileas Fogg.

Durante os primeiros dias, alguns espíritos audaciosos — as mulheres principalmente — estiveram a seu favor, ainda mais depois do *Illustrated London News* ter publicado o seu retrato copiado da fotografia que tinha nos arquivos do Reform Club. Certos gentlemen ousavam dizer: "Ora! ora! afinal, por que não? Têm-se visto coisas mais extraordinárias!" Eram principalmente os leitores do *Daily Telegraph*. Mas se percebeu logo que o próprio jornal começava a fraquejar.

Com efeito, um longo artigo apareceu em 7 de outubro no Boletim da Sociedade Real de Geografia. Ele examinou a questão sob todos os pontos de vista, e demonstrou claramente a loucura da empreitada. Segundo este artigo, tudo estava contra o viajante, obstáculos humanos, obstáculos naturais. Para ter êxito neste projeto, seria preciso admitir uma concordância miraculosa de horas de partida e de chegada, concordância que não existiria, que não poderia existir. A rigor, e na Europa, trecho relativamente medíocre do percurso total, pode-se contar com a chegada dos trens à hora certa; mas quando eles gastam três dias para atravessar a Índia, sete dias para atravessar os Estados Unidos, poder-se-ia confiar à sua exatidão os elementos de tal problema? E os acidentes de máquina, os descarrilhamentos, as colisões, o mau tempo, a acumulação de neve, tudo isto não estava contra Phileas Fogg? Nos paquetes, não se encontraria ele, durante o inverno, à mercê dos pés de vento ou dos nevoeiros?

Seria por acaso tão raro os navios mais velozes das linhas transoceânicas sofrerem atrasos de dois ou três dias? Ora, bastaria um atraso, um só, para que a cadeia de comunicações fosse irreparavelmente truncada. Se Phileas Fogg perdesse, nem que fosse por poucas horas, a partida de um paquete, seria forçado a esperar o paquete seguinte, e assim sua viagem estaria comprometida irrevogavelmente.

O artigo teve muita repercussão. Quase todos os jornais o reproduziram, e as ações Phileas Fogg baixaram singularmente.

Nos primeiros dias que se seguiram à partida do gentleman, importantes negócios se tinham ligado à sorte de sua empreitada. Sabe-se como é o mundo dos apostadores na Inglaterra, mundo mais inteligente, mais esclarecido que o dos jogadores. Apostar está no temperamento inglês. Assim, não só os diversos membros do Reform Club fizeram apostas consideráveis a favor ou contra Phileas Fogg, mas o público em geral entrou no movimento. Phileas Fogg foi inscrito, como um cavalo de corrida, numa espécie de studbook. Fizeram dele também uma ação de bolsa, que foi imediatamente cotada na praça de Londres. Procurava-se, oferecia-se "Phileas Fogg" a preço fixo ou com ágio, e fizeram-se com ela negócios colossais. Mas cinco dias após sua partida, após o artigo do Boletim da Sociedade de Geografia, as ofertas começaram a afluir. Phileas Fogg baixou. Ofereceram-na em lotes. Comprada a princípio por cinco, depois por dez, não a compravam afinal senão por vinte, por cinqüenta, por cem!

Só um partidário lhe restou. Foi o velho paralítico, lord Albermale. O digno gentleman, pregado na sua poltrona, teria dado a fortuna para fazer a volta ao

mundo, mesmo em dez anos! e apostou cinco mil libras (100.000 F) em Phileas Fogg. E quando, ao mesmo tempo em que lhe demonstravam a insensatez do projeto, lhe mostravam sua inutilidade, contentava-se em responder:

— Se a coisa é factível, convém que seja um inglês o primeiro a fazê-la!

Ora, as coisas estavam assim, os partidários de Phileas Fogg ficavam cada vez mais raros; todo mundo, e não sem razão, punha-se contra ele; já não tomavam apostas senão a cento e cinqüenta, a duzentos contra um, quando, sete dias após sua partida, um incidente, completamente inesperado, fez com que já as não tomassem de modo algum.

Com efeito, neste dia, por volta das nove da noite, o diretor da polícia metropolitana havia recebido um despacho telegráfico que dizia:

Suez para Londres

ROWAN, COMISSÁRIO DE POLÍCIA, ADMINISTRAÇÃO CENTRAL, SCOTLAND YARD

Sigo ladrão de Banco, Phileas Fogg.

Enviem imediatamente mandado de prisão para Bombaim (Índia inglesa).

Fix, *detetive*.

O efeito deste despacho foi imediato. O respeitável gentleman desapareceu para dar lugar ao ladrão de bank-notes. Sua fotografia, arquivada no Reform Club com as de todos os seus colegas, foi examinada. Ela reproduzia traço por traço o homem cuja descrição tinha sido fornecida pelo inquérito. Lembraram-se do que a existência de Phileas Fogg tinha de misterioso, seu isolamento, sua partida súbita, e pareceu evidente que

este personagem, pretextando uma viagem de volta ao mundo e apoiando-a numa aposta insensata, tinha tido por fim único despistar os agentes da polícia inglesa.

CAPÍTULO VI

EM QUE O AGENTE FIX MOSTRA UMA IMPACIÊNCIA BEM LEGÍTIMA

Eis em que circunstâncias tinha sido expedido o despacho a respeito do senhor Phileas Fogg.

Na quarta feira 9 de outubro, esperava-se pelas onze da manhã, em Suez, o paquete *Mongolia*, da companhia peninsular e oriental, steamer de ferro a hélice e com spardeck, deslocando duas mil e oitocentas toneladas e possuindo uma força nominal de quinhentos cavalos. O *Mongolia* fazia regularmente as viagens de Brindisi a Bombaim pelo canal de Suez. Era um dos barcos mais velozes da Companhia, e as velocidades regularmentares, ou seja dez milhas por hora de Brindisi a Suez, e nove milhas e cinqüenta e três centésimos de Suez a Bombaim, ele sempre as tinha ultrapassado.

Esperando a chegada do *Mongolia,* dois homens passeavam sobre o cais no meio da multidão de indígenas e estrangeiros que afluem a esta cidade, outrora uma aldeia, à qual a grande obra do senhor de Lesseps assegura um porvir considerável.

Destes dois homens, um era o agente consular do Reino Unido, estabelecido em Suez, que — a despeito dos defavoráveis prognósticos do governo britânico e das sinistras predições do engenheiro Stephenson — via diariamente navios ingleses atravessarem o canal, abreviando assim em metade o antigo caminho da Inglaterra às Índias pelo cabo de Boa Esperança.

O outro era um homenzinho magro, de aspecto

bastante inteligente, nervoso, que contraía com uma persistência notável os músculos superciliares. Através de seus longos cílios brilhava um olho muito vivo, mas cujo ardor sabia extinguir quando queria. Neste momento, dava alguns sinais de impaciência, indo, vindo, não conseguindo ficar parado.

Este homem chamava-se Fix, e era um desses "detetives" ou agentes da polícia inglesa, que tinham sido enviados para os diversos portos, depois do roubo cometido ao banco da Inglaterra. Este tal de Fix deveria vigiar com o maior cuidado todos os viajantes que tomassem a rota de Suez, e se algum lhe parecesse suspeito, segui-lo à espera de um mandado de detenção.

Precisamente, há dois dias, Fix havia recebido do comissário da polícia metropolitana a descrição do autor presumido do roubo. Era a do personagem distinto e bem trajado que tinha sido visto na sala de pagamentos do Banco.

O detetive, muito estimulado evidentemente pela polpuda gratificação prometida em caso de sucesso, esperava por isso com uma impaciência fácil de se compreender a chegada do *Mongolia*.

— E o senhor diz, senhor cônsul, perguntou pela décima vez, que este barco não pode tardar?

— Não, Mr. Fix, respondeu o cônsul. Ele foi avistado ontem ao largo de Port Said, e os cento e sessenta quilômetros do canal não significam nada para ele. Repito que o *Mongolia* sempre ganhou a gratificação de vinte e cinco libras que o governo dá para cada avanço de vinte e quatro horas sobre o tempo regulamentar.

— Este paquete vem diretamente de Brindisi? perguntou Fix.

— De Brindisi mesmo, onde pegou o malote das

Índias, de Brindisi que deixou sábado às cinco da tarde. Por isso tenha paciência, ele não tarda a chegar. Mas não sei realmente como, com a descrição que recebeu, poderá reconhecer seu homem, se é que ele está a bordo do *Mongolia*.

— Senhor cônsul, respondeu Fix, esse tipo de gente, a gente mais percebe do que reconhece. Faro é o que é preciso ter, e o faro é como um sentido especial para o qual concorrem o ouvido, a vista e o olfato. Já prendi em minha vida mais de um desses gentlemen, e contanto que o meu ladrão esteja a bordo, asseguro-lhe que não me escapará das mãos.

— Assim o desejo, senhor Fix, porque se trata de um roubo importante.

— Um roubo magnífico, respondeu o agente entusiasmado. Cinqüenta e cinco mil libras! Não temos com freqüência tal sorte grande! Os ladrões tornam-se mesquinhos! A raça dos Sheppard decai! Deixa-se prender atualmente por quaisquer shillings!

— Senhor Fix, respondeu o cônsul, fala de tal maneira que lhe desejo sinceramente sucesso; mas, repito, nas condições em que está, creio que não seja difícil que ele escape. Bem sabe que, pela descrição que recebeu, este ladrão se parece totalmente com um homem honesto.

— Senhor cônsul, respondeu dogmaticamente o inspetor de polícia, os grandes ladrões sempre se parecem com gente honesta. Compreende bem que os que têm cara de tratante só têm um caminho a seguir, o de permanecerem probos, sem o que acabariam presos. As fisionomias honestas, são estas sobretudo as que se precisa desmascarar. Trabalho difícil, concordo, e que não é mais profissão, é arte.

Vê-se que o supracitado Fix não carecia de uma certa dose de amor próprio.

Neste interim, o cais se animara pouco a pouco. Marinheiros de diversas nacionalidades, comerciantes, corretores, carregadores, felás afluíam para aí. A chegada do paquete estava evidentemente próxima.

O tempo estava bem bonito, mas o ar frio, pelo vento do leste. Alguns minaretes recortavam-se por sobre a cidade sob os pálidos raios do sol. Para o sul, um molhe de dois mil metros de comprimento estendia-se como um braço sobre o ancoradouro de Suez. À superfície do mar Vermelho deslizavam diversos barcos de pesca ou de cabotagem, alguns dos quais conservaram em suas feições o elegante gabarito da galera antiga.

Sempre circulando entre este populacho, Fix, por um hábito da profissão, encarava os transeuntes com uma olhada rápida.

Eram então duas e meia.

— Mas não chega nunca, este paquete! exclamou ao ouvir soar o relógio do porto.

— Não pode estar longe, respondeu o cônsul.

— Por quanto tempo ele ficará em Suez? perguntou Fix.

— Quatro horas. O tempo de embarcar seu carvão. De Suez a Aden, na extremidade do mar Vermelho, são trezentas e dez milhas, e é preciso fazer provisão de combustível.

— E de Suez esse barco vai diretamente a Bombaim? perguntou Fix.

— Diretamente, sem parada.

— Ora bem, disse Fix, se o ladrão tomou esta rota e este barco, deve entrar nos seus planos desembarcar em Suez, para alcançar por uma outra via as possessões

holandesas ou francesas da Ásia. Deve saber muito bem que não estaria em segurança na Índia, que é uma terra inglesa.

— A menos que seja um homem muito esperto, respondeu o cônsul. Bem sabe, um criminoso inglês está sempre melhor escondido em Londres do que no estrangeiro.

Depois desta reflexão, que deu muito o que refletir ao agente, o cônsul voltou ao seu escritório, situado a pouca distância. O inspetor de polícia ficou só, tomado por uma impaciência nervosa, com o pressentimento bastante bizarro de que o seu ladrão deveria achar-se a bordo do *Mongolia* — e na verdade, se este velhaco tinha saído da Inglaterra com a intenção de ganhar o Novo Mundo, a rota das Índias, menos vigiada ou mais difícil de vigiar que a do Atlântico, deveria ter merecido sua preferência.

Fix não foi deixado muito tempo entregue às suas reflexões. Apitos agudos anunciaram a chegada do paquete. Toda a horda dos carregadores e dos felás se precipitou para o cais em um tumulto um pouco inquietante para os membros e as roupas dos passageiros. Uma dezena de batéis deslocou-se do rio e dirigiu-se para frente do *Mongolia*.

Bem depressa o casco gigantesco do *Mongolia* foi avistado, passando entre as margens do canal, e eram onze horas quando o steamer ancorou, ao mesmo tempo que o seu vapor saía com grande barulho pelos tubos de escapamento.

Os passageiros eram muitos à bordo. Alguns ficaram sobre o spardeck a contemplar o panorama pitoresco da cidade; mas a maioria desembarcou nos batéis que tinham vindo acostar-se ao *Mongolia*.

Fix examinava escrupulosamente todos os que punham os pés na terra.

Neste momento, um deles aproximou-se dele, depois de ter vigorosamente repelido os felás que o assaltavam com suas ofertas de serviço, e perguntou-lhe muito polidamente se ele poderia indicar o escritório do agente consular inglês. Ao mesmo tempo este passageiro apresentava um passaporte ao qual desejava sem dúvida fazer apor o visto britânico.

Fix, instintivamente, pegou o passaporte e, com um rápido golpe de vista, examinou-o.

Por pouco não fez um movimento involuntário. O papel tremeu-lhe na mão. A descrição no passaporte era idêntica à que recebera do comissário da polícia metropolitana.

— Este passaporte não é o seu? disse ele ao passageiro.

— Não, respondeu este, é o passaporte do meu patrão.

— E seu patrão?

— Ficou no navio.

— Mas, retomou o agente, é preciso que ele se apresente pessoalmente no escritório do consulado para comprovar sua identidade.

— O que! é necessário?

— Indispensável.

— E onde fica este escritório?

— Lá, no canto da praça, respondeu o inspetor, apontando para uma casa a duzentos passos dali.

— Então, vou procurar meu patrão, que por certo não vai gostar nada deste incômodo.

Lá no alto, o passageiro cumprimentou Fix e voltou para bordo do vapor.

CAPÍTULO VII

QUE COMPROVA MAIS UMA VEZ A INUTILIDADE DOS PASSAPORTES EM MATÉRIA POLICIAL

O agente de polícia voltou a descer ao cais e dirigiu-se rapidamente para o escritório do cônsul. No mesmo instante, e por seu pedido de urgência, foi levado a este funcionário.

— Senhor cônsul, disse ele sem outro preâmbulo, tenho boas razões para acreditar que o nosso homem está no *Mongolia*.

E Fix contou o que se passara entre o criado e ele a propósito do passaporte.

— Bem, Mr. Fix, respondeu o cônsul, não me incomoda ver a cara deste pilantra. Mas talvez não se apresente em meu escritório, se é quem supõe ser. Um ladrão não gosta de deixar vestígios da sua passagem, e depois, a formalidade dos passaportes não é mais obrigatória.

— Senhor cônsul, respondeu o agente, se for um homem esperto como é de se imaginar, virá.

— Visar seu passaporte?

— Sim. Os passaportes só servem para estorvar as pessoas de bem e para facilitar a fuga dos salafrários. Afirmo-lhe que o dele estará em ordem, mas espero que o senhor não o visará...

— E por que não? Se o passaporte estiver em ordem, respondeu o cônsul, não tenho direito de recusar meu visto.

— Entretanto, senhor cônsul, é preciso que eu retenha aqui este homem até receber de Londres um mandado de prisão.

— Ah! isso, senhor Fix, é assunto seu, respondeu o cônsul, mas eu, eu não posso...

O cônsul não concluiu a frase. Neste momento batiam à porta de seu gabinete, e o secretário introduziu dois estrangeiros, um dos quais era precisamente o criado que falara com o detetive.

Eram, com efeito, o patrão e o criado. O patrão apresentou o seu passaporte, pedindo laconicamente ao cônsul que o visasse.

Este pegou o passaporte e o leu atentamente, enquanto Fix, num canto do gabinete, observava ou melhor devorava o estrangeiro com os olhos.

Quando o cônsul acabou sua leitura:

— É Phileas Fogg, esquire? perguntou.

— Sim, senhor, respondeu o gentleman.

— E este homem é seu criado?

— Sim. Um francês chamado Passepartout.

— Vem de Londres?

— Sim.

— E para onde vai?

— Para Bombaim.

— Bem, senhor. Sabe que esta formalidade do visto é inútil, e que já não exigimos a apresentação do passaporte?

— Sei, senhor, respondeu Phileas Fogg, mas desejo comprovar com a seu visto minha passagem por Suez.

— Que seja, senhor.

E o cônsul, tendo assinado e datado o passaporte, lhe apôs seu sinete. Mr. Fogg pagou os direitos de visto, e, depois de ter cumprimentado friamente, saiu, seguido

por seu criado.

— Então? perguntou o inspetor.

— Então, respondeu o cônsul, tem cara de um homem inteiramente honesto!

— É possível, respondeu Fix, mas não é disso que se trata. Não acha, senhor cônsul, que este fleumático gentleman se parece feição por feição com o homem do qual recebi a descrição?

— Concordo, mas bem sabe, todas as descrições...

— Manterei a mente aberta, respondeu Fix. O criado parece menos indecifrável que o patrão. Demais, é um francês, não deixará de falar. Até mais, senhor cônsul.

Dito isto, o agente saiu e se pôs à procura de Passepartout.

Enquanto isso, Mr. Fogg, saindo da casa consular, tinha se dirigido para o cais. Lá, deu algumas ordens ao seu criado; depois embarcou num batel, voltou para bordo do *Mongolia* e entrou em seu camarote. Pegou então a agenda, que tinha as seguintes anotações:

"Saída de Londres, quarta feira 2 de outubro, 8 e 45 minutos da noite.

"Chegada a Paris, quinta feira 3 de outubro, 8 e 40 minutos da manhã.

"Chegada a Turim pelo Monte Cenis, sexta feira 4 de outubro, 6 e 35 minutos da manhã.

"Saída de Turin, sexta feira, 7 e 20 minutos da manhã.

"Chegada a Brindisi, sábado 5 de outubro, 4 da tarde.

"Embarque no *Mongolia*, sábado, 5 da tarde.

"Chegada a Suez, quarta feira 9 de outubro, 11 da manhã.

"Total das horas gastas até aqui: 158 1/2, em dias: 6

dias e 1/2.”

Mr. Fogg anotou estas datas sobre um roteiro disposto em colunas, que indicava — de 2 de outubro a 21 de dezembro — o mês, a data, o dia, as chegadas previstas e as chegadas efetivas a cada ponto principal, Paris, Brindisi, Suez, Bombaim, Calcutá, Cingapura, Hong Kong, Yokohama, São Francisco, Nova York, Liverpool, Londres, e que lhe permitia calcular o ganho obtido ou a perda sofrida em cada trecho do percurso.

Este metódico roteiro manteria assim o registro de tudo, e Mr. Fogg ficaria sempre sabendo se estava avançado ou atrasado.

Anotou pois, naquele dia, quarta feira 2 de outubro, sua chegada a Suez que, estando de acordo com o previsto, não constituía para ele nem ganho nem perda.

Em seguida, pediu que lhe servissem o almoço na cabina. Quanto a ver a cidade, nem sequer pensava nisso, sendo dessa raça de ingleses que fazem visitar por seus criados os países que atravessam.

CAPÍTULO VIII

EM QUE PASSEPARTOUT FALA TALVEZ UM POUCO MAIS DO QUE LHE CONVIRIA

Fix havia em poucos instantes se reencontrado no cais com Passepartout, que flanava e observava, não se julgando obrigado, ele, a nada ver.

— E então, meu amigo, disse Fix abordando-o, o seu passaporte está visado?

— Ah! é o senhor, respondeu o francês. Muito obrigado. Estamos perfeitamente em ordem.

— E vê o país?

— Sim, mas vamos tão depressa que parece que viajo em sonho. E aí, estamos mesmo em Suez?

— Em Suez.

— No Egito?

— No Egito, perfeitamente.

— Na África?

— Na África.

— Na Africa! repetiu Passepartout. Não posso acreditar. Imagine, senhor, que imaginava não passar de Paris, e esta famosa capital, a revi exatamente das sete e vinte da manhã às oito e quarenta, entre a estação do Norte e a estação de Lyon, através dos vidros de um fiacre e de uma chuva torrencial. Que pena! Teria adorado rever o Pére-Lachaise e o Cirque des Champs Élysées!

— Então estão muito apressados? — perguntou o inspetor de polícia...

— Eu, não, mas meu patrão. A propósito, preciso comprar roupa de baixo e camisas! Partimos sem malas, com uma sacola de viagem apenas.

— Vou levá-lo a um bazar, onde encontrará tudo o que precisar.

— Senhor, respondeu Passepartout, é de uma tal amabilidade!...

E ambos se puseram a caminho. Passepartout conversava o tempo todo.

— Sobretudo, disse, preciso prestar atenção para não perder o barco.

— Tem tempo, respondeu Fix, ainda não é meio dia.

Passepartout puxou seu grande relógio.

— Meio dia, disse. Que nada! são nove e cinqüenta e dois!

— Seu relógio está atrasado, respondeu Fix.

— Meu relógio! Um relógio de família, que veio do meu bisavô! Não varia cinco minutos por ano! É um verdadeiro cronômetro!

— Já sei o que é, respondeu Fix. Você olhou a hora de Londres, que está quase duas horas atrasada em relação à de Suez. Tem de acertar seu relógio pela hora local de cada país.

— Eu! tocar no meu relógio! exclamou Passepartout, jamais!

— Então ele não estará mais de acordo com o sol.

— Tanto pior para o sol, senhor! Ele é que estará errado!

E o valente moço tornou a meter o relógio na algibeira do colete com um gesto desafiador.

Alguns instantes depois, Fix lhe dizia:

— Então deixaram Londres precipitadamente?

— Creio que sim! Quarta feira passada, às oito da

noite, contra todos os seus hábitos, Mr. Fogg voltou do seu club, e três quartos de hora depois tínhamos partido.

— Mas para onde vai o seu patrão?

— Sempre em frente! Ele faz a volta ao mundo!

— A volta ao mundo? exclamou Fix.

— Sim, em oitenta dias! Uma aposta, diz ele, mas cá entre nós, não acredito. Seria não ter senso comum. Há alguma coisa a mais.

— Ah! é um excêntrico, este Mr. Fogg?

— Creio que sim.

— É rico então?

— Evidentemente, e carrega uma bela soma com ele, em bank-notes novinhas em folha! E não poupa dinheiro pelo caminho! Veja! Prometeu uma gratificação magnífica ao maquinista do *Mongolia*, se chegarmos a Bombaim com um bom avanço!

— E conhece há muito seu patrão?

— Eu! respondeu Passepartout, eu entrei para o seu serviço no mesmo dia de nossa partida.

É fácil imaginar o efeito que estas respostas deveriam produzir sobre o espírito já superexcitado do inspetor de polícia.

A partida precipitada de Londres, pouco tempo após o roubo, a grande quantia que levava, a pressa em chegar a países longínquos, o pretexto de uma aposta excêntrica, tudo confirmava e deveria confirmar Fix nas suas idéias. Fez o francês falar ainda mais e obteve a certeza de que o moço não conhecia absolutamente seu patrão, que este vivia isolado em Londres, que o consideravam rico, sem que se soubesse a origem da sua fortuna, que era um homem impenetrável, etc.. Mas, ao mesmo tempo, Fix pôde ter por certo que Phileas Fogg

não desembarcaria em Suez, e que iria realmente para Bombaim.

— Bombaim é longe? perguntou Passepartout.

— Bem longe, respondeu o agente. Vai precisar passar ainda uns dez dias no mar.

— E onde fica Bombaim?

— Na Índia.

— Na Ásia?

— Naturalmente.

— Diabos! É que eu ia lhe dizer... Há uma coisa que me encafifa... é meu bico!

— Que bico?

— O meu bico de gás, que esqueci de apagar e que está aceso por minha conta. Ora, calculei que me saía a dois shillings a cada vinte e quatro horas, exatamente sete pence a mais do que eu ganho, e bem deve compreender que por pouco que a viagem se prolongue...

Teria Fix compreendido a história do gás? É pouco provável. Ele já não escutava e tomara uma decisão. O Francês e ele tinham chegado ao bazar. Fix deixou seu companheiro fazendo as compras, recomendou-lhe que não perdesse a partida do *Mongolia*, e voltou apressado para o escritório do agente consular.

Fix, agora que a sua convicção estava formada, recuperara todo o seu sangue frio.

— Senhor, disse ao cônsul, já não tenho nenhuma dúvida. Tenho o meu homem. Ele se faz passar por um excêntrico que quer fazer a volta ao mundo em oitenta dias.

— Então é um espertalhão, respondeu o cônsul, e conta voltar a Londres, depois de ter despistado todas as polícias de dois continentes!

— Isso é que haveremos de ver, respondeu Fix.

— Mas não se engana? perguntou-lhe mais uma vez o cônsul.

— Não me engano.

— Então, porque é que esse ladrão teve interesse em fazer constatar por um visto sua passagem por Suez?

— Por quê?... não sei não, senhor cônsul, respondeu o detetive, mas ouça-me.

E, em poucas palavras, relatou os pontos principais da sua conversa com o criado do dito Fogg.

— Com efeito, disse o cônsul, todas as presuncões são contra esse homem. E o que vai fazer?

— Expedir um despacho para Londres com o pedido insistente de que me mandem um mandado de prisão para Bombaim, embarcar no *Mongolia*, vigiar o meu ladrão até às Indias, e ali, naquela terra inglesa, chegar-me a ele polidamente, meu mandado de prisão na mão e a mão sobre seu ombro...

Estas palavras pronunciadas friamente, o agente despediu-se do cônsul e dirigiu-se à agência telegráfica. Dali enviou ao diretor da polícia metropolitana o despacho que já conhecemos.

Um quarto de hora depois, Fix, com a sua pequena bagagem na mão, bem munida de dinheiro, aliás, embarcava a bordo do *Mongolia*, e logo o rápido paquete corria a todo o vapor sobre as águas do mar Vermelho.

CAPÍTULO IX

EM QUE O MAR VERMELHO E O MAR DAS ÍNDIAS SE MOSTRAM PROPÍCIOS AOS DESÍGNIOS DE PHILEAS FOGG

A distância entre Suez e Aden é exatamente de trezentas e dez milhas, e o regulamento da companhia concede aos seus paquetes um prazo de cento e trinta e oito horas para a percorrer. O *Mongolia*, cujos fogos estavam ativamente atiçados, andava de modo a antecipar a chegada regulamentar.

A maioria dos passageiros embarcados em Brindisi tinham quase todos a Índia por destino. Uns dirigiam-se a Bombaim, outros a Calcutá, mas via Bombaim, porque desde que uma linha férrea atravessa em toda a sua largura a península indiana, não é mais necessário dobrar a ponta de Ceilão.

Entre estes passageiros do *Mongólia*, contavam-se diversos funcionários civis e oficiais de todas as graduações. Destes, uns pertenciam ao exército britânico propriamente dito, outros comandavam as tropas indígenas dos cipaios, todos bem pagos, mesmo atualmente quando o governo assumira os direitos e os encargos da antiga Companhia das Índias: sub-tenentes a 7.000 francos, brigadeiros a 60.000 e generais a 100.000. [O pagamento dos funcionários civis é ainda mais elevado. Os simples assistentes, no primeiro grau da hierarquia, recebem 12.000 francos; os juízes, 60.000 F; os presidentes de corte, 250.000 F; os governadores, 300.000 F, e o governador geral, mais de 600.000 F.

(Nota do Autor).]

Vivia-se portanto bem à bordo do *Mongolia*, nesta sociedade de funcionários, aos quais se misturavam alguns jovens ingleses, que, com o seu milhão no bolso, iam fundar ao longe estabelecimentos comerciais. O *purser*, o homem de confiança da Companhia, o igual do capitão do navio, fazia as coisas suntuosamente. No café da manhã, no almoço das duas, no lanche das cinco e meia, e no jantar das oito, as mesas vergavam sob os pratos de carne fresca e das iguarias fornecidas pela despensa do paquete. As passageiras — havia algumas — mudavam de *toilette* duas vezes por dia. Tocava-se música, dançava-se até, quando o mar o permitia.

Mas o mar Vermelho é muito caprichoso e freqüentemente mau, como todos os golfos estreitos e compridos. Quando o vento soprava quer da costa da Ásia, quer da costa da África, o *Mongolia*, longa fuselagem a hélice, pego pelo vento nas laterais, balançava de um modo apavorante. Então as damas desapareciam; os pianos se calavam; cantos e danças cessavam ao mesmo tempo. E contudo, apesar do vendaval, apesar da vaga, o paquete, impelido por sua máquina poderosa, corria célere em direção ao estreito de Bab-el-Mandeb.

Que fazia Phileas Fogg durante este tempo? Poderiam julgar que, sempre inquieto e ansioso, se preocupava com as mudanças de vento prejudiciais ao andamento do navio, com o embate desordenado das ondas que poderiam ocasionar um acidente à máquina, enfim com todas as avarias possíveis que, obrigando o *Mongolia* a atracar em algum porto, comprometessem sua viagem?

Que nada, ou pelo menos, se este gentleman pensava em tais eventualidades, nem deixava transparecer. Era

sempre o homem impassível, o membro imperturbável do Reform Club, a quem nenhum incidente ou acidente poderia surpreender. Não parecia mais emocionado do que os cronômetros do navio. Era raramente visto sobre o convés. Não se importava a mínima em observar este mar Vermelho, tão fecundo em recordações, teatro das primeiras cenas históricas da humanidade. Não vinha reconhecer as curiosas cidades semeadas em suas bordas, e das quais a pitoresca silhueta se descortinava algumas vezes no horizonte. Nem sequer sonhava com os perigos deste golfo Arábico, do qual os antigos, Estrabão, Arrien, Artemidoro, Edrisi, sempre falaram com assombro, e no qual os navegadores não se aventuravam jamais em outros tempos sem antes ter consagrado sua viagem por sacrifícios propiciatórios.

O que fazia pois este excêntrico, aprisionado no *Mongolia*? Em primeiro lugar, fazia suas quatro refeições diárias, sem que nunca o balanço ou a arfagem pudessem desarranjar uma máquina tão maravilhosamente organizada. Depois jogava whist.

Sim! ele tinha encontrado parceiros, tão ardorosos quanto ele: um coletor de impostos que se dirigia ao seu posto em Goa, um ministro, o reverendo Decimus Smith, que regressava a Bombaim, e um general de brigada do exército inglês, que retornava ao seu corpo em Benares. Estes três passageiros tinham pelo whist a mesma paixão que Mr. Fogg, e jogavam por horas inteiras, não menos silenciosamente do que ele.

Quanto a Passepartout, o mal do mar não tinha nenhum efeito sobre ele. Ocupava uma cabina de frente e comia, ele também, conscienciosamente. É preciso dizer que, decididamente, a viagem, feita em tais condições, não lhe desagradava. Tirava partido dela.

Bem nutrido, bem alojado, via países e ademais afirmava a si próprio que toda esta fantasia acabaria em Bombaim.

No dia seguinte ao da partida de Suez, 10 de outubro, não foi sem certo prazer que reencontrou sobre a coberta o obsequioso personagem a quem tinha se dirigido ao desembarcar no Egito.

— Não me engano, disse, abordando-o com seu mais amável sorriso, não foi o senhor, quem tão generosamente me serviu de guia em Suez?

— Realmente, respondeu o detetive, reconheço-o! É o criado daquele inglês extravagante...

— Precisamente, senhor...

— Fix.

— Senhor Fix, respondeu Passepartout. Encantado em rencontrá-lo à bordo. E para onde vai?

— Mas, como você, para Bombaim.

— Ótimo! Já fez esta viagem antes?

— Diversas vezes, respondeu Fix. Sou um agente da Companhia peninsular.

— Então conhece a Índia?

— Mas... sim... respondeu Fix, que não queria adiantar-se muito.

— E é curiosa, esta Índia?

— Muito curiosa! Mesquitas, minaretes, templos, faquires, pagodes, tigres, serpentes, bailarinas! Espero que tenha tempo para visitar o país.

— Espero que sim, senhor Fix. Bem compreende que não é permitido a um homem são de espírito passar a vida saltando de um paquete para uma estrada de ferro, e de uma estrada de ferro para um paquete, sob pretexto de fazer a volta ao mundo em oitenta dias! Não. Toda esta ginástica cessará em Bombaim, nem duvide disso.

— E Mr. Fogg passa bem? perguntou Fix com o tom de voz mais natural do mundo.

— Muito bem, senhor Fix, muito bem. Eu também, a propósito. Como um ogro que tivesse jejuado. É o ar do mar.

— E o seu patrão, não o vejo nunca no convés.

— Jamais. Ele não é curioso.

— Sabe, senhor Passepartout, esta pretensa viagem em oitenta dias bem que poderia ocultar uma missão secreta... uma missão diplomática, por exemplo!

— Palavra, senhor Fix, não sei de nada, juro, e, na verdade, não daria meia coroa para saber.

Desde este reencontro, Passepartout e Fix conversaram muitas vezes. O inspetor de polícia tinha interesse em ficar íntimo do criado do senhor Fogg. Poderia lhe ser útil. Por isso oferecia-lhe com freqüência, no bar-room do *Mongolia*, alguns copos de whisky ou de pale ale, que o bom moço aceitava sem cerimônia e que até retribuía para não ficar para trás — achava, pois, este Fix um gentleman muito simpático.

Enquanto isso o paquete avançava rapidamente. A 13, avistaram Moka, que apareceu com seu cinturão de muralhas em ruínas, por sobre as quais se destacavam algumas tamareiras verdejantes. Ao longe, nas montanhas, estendiam-se vastos campos de cafezais. Passepartout ficou entusiasmado ao contemplar esta cidade célebre, e até achou que, com estes muros circulares e um forte desmantelado em formato de ansa, parecia uma enorme meia-taça.

Durante a noite seguinte, o *Mongolia* franqueou o estreito de Bab-el-Mandeb, cujo nome árabe significa *Porta das Lágrimas*, e no dia seguinte, 14, fazia escala em Steamer Point, a noroeste da enseada de Aden. Era

aí que ele deveria refazer suas provisões de combustível.

É questão séria e importante a alimentação da fornalha dos paquetes a tais distâncias dos centros de produção. Só para a Companhia peninsular, é uma despesa anual que monta a oitocentas mil libras (20 milhões de francos). Foi preciso, com efeito, estabelecer depósitos em diversos portos, e, nestes mares longínqüos, o carvão sai por oitenta francos a tonelada.

O *Mongolia* tinha ainda seiscentas e cinqüenta milhas pela frente antes de chegar a Bombaim, e deveria demorar-se quatro horas em Steamer Point, para encher seus paióis.

Mas esta demora não poderia de modo algum prejudicar o programa de Phileas Fogg. Estava prevista. Além disso, o *Mongolia* em vez de chegar a Aden dia 15 de outubro somente pela manhã, entrou ali dia 14 à noite. Era um ganho de quinze horas.

Mr. Fogg e o seu criado desceram à terra. O gentleman queria vistar seu passaporte. Fix seguiu-o sem ser notado. Preenchida a formalidade do visto, Phileas Fogg voltou ao navio para recomeçar sua partida interrompida.

Passepartout, esse, flanou, segundo seu costume, por entre essa população de Somanlis, Banianos, Parsis, Judeus, Árabes, Europeus, que compunham os vinte e cinco mil habitantes de Aden. Admirou as fortificações que fazem desta cidade o Gibraltar do mar das Índias, e as magníficas cisternas nas quais ainda trabalhavam os engenheiros ingleses, dois mil anos depois dos engenheiros do rei Salomão.

— Muito curioso, muito curioso! dizia consigo Passepartout voltando para bordo. Estou percebendo que não é inútil viajar, se quiserermos ver coisas novas.

Às seis horas da tarde, o *Mongolia* revolvia com as pás de sua hélice as águas da enseada de Aden e pouco depois corria sobre o mar das Índias. Concedia-se-lhe sessenta e oito horas para fazer o trajeto entre Aden e Bombaim. Além disso, o mar indiano lhe foi favorável. O vento conservava-se no noroeste. As velas vieram em auxílio do vapor.

O navio, melhor apoiado, balançou menos. As passageiras com *toilettes* frescas, reapareceram sobre o coberta. Os cantos e as danças recomeçaram.

A viagem realizou-se portanto nas melhores condições. Passepartout estava encantado com o amável companheiro que o acaso lhe tinha procurado na pessoa de Fix.

No domingo 20 de outubro, por volta do meio dia, avistou-se a costa indiana. Duas horas depois, o piloto subia a bordo do *Mongolia*. No horizonte, um segundo plano de colinas perfilava-se harmoniosamente sobre o fundo do céu. Logo os renques de palmeiras que ocultam a cidade destacaram-se vivamente. O paquete penetrou nesta enseada formada pelas ilhas Salcette, Colaba, Elephanta, Butcher, e às quatro horas e meia acostava no cais de Bombaim.

Phileas Fogg acabava então a sua trigésima terceira partida do dia, e seu parceiro e ele, graças a uma manobra audaciosa, tendo feito as treze vazas, terminaram esta bela travessia com um grande slam admirável.

O *Mongolia* só deveria chegar em 22 de outubro a Bombaim. Ora, chegava dia 20, um ganho de dois dias, que Phileas Fogg anotou metodicamente em seu roteiro na coluna dos lucros.

CAPÍTULO X

EM QUE PASSEPARTOUT SE DÁ POR FELIZ EM SAFAR-SE SÓ PERDENDO OS SAPATOS

Ninguém ignora que a Índia — esse grande triângulo cuja base está ao norte e a ponta ao sul — compreende uma superfície de um milhão e quatrocentas mil milhas quadradas, sobre a qual se acha desigualmente distribuída uma população de cento e oitenta milhões de habitantes. O governo britânico exerce uma dominação real sobre certa parte deste imenso país. Mantém um governador geral em Calcutá, governadores em Madras, em Bombaim, em Bengala, e um vice-governador em Agra.

Mas a Índia inglesa propriamente dita só conta com uma superfície de setecentas mil milhas quadradas e uma população de cem a cento e dez milhões de habitantes. Basta dizer que uma importante parte do território escapa ainda da autoridade da rainha; e, com efeito, junto a certos rajás do interior, ferozes e terríveis, a independência hindu é ainda absoluta.

Desde 1756 — época em que foi fundado o primeiro estabelecimento inglês no local hoje ocupado pela cidade de Madras — até o ano em que eclodiu a grande insurreição dos cipaios, a célebre Companhia das Indias foi toda-poderosa. Anexou pouco a pouco as diversas províncias, compradas aos rajás em troca de rendimentos que pagava mal, ou não pagava; nomeava o seu governador geral e todos os seus empregados civis

ou militares; mas presentemente ela não existe mais, e as possessões inglesas da Índia dependem diretamente da coroa.

Também o aspecto, os costumes, as divisões etnográficas da península tendem a se modificar a cada dia. Antigamente viajava-se ali por todos os antigos meios de transporte, a pé, a cavalo, de charrete, em palanquim, às costas de homens, de carruagem, etc. Atualmente, barcos a vapor percorrem a grande velocidade o Indo, o Ganges, e uma estrada de ferro, que atravessa a Índia em toda a sua extensão ramificando-se em seu trajeto, põe Bombaim a três dias apenas de Calcutá.

O traçado desta estrada de ferro não segue a linha reta através da Índia. A distância à vôo de pássaro é de somente mil a mil e cem milhas, e trens, animados de velocidade apenas média, não gastariam três dias para percorrê-la; mas esta extensão é aumentada num terço pelo menos, com a corda que a via férrea descreve subindo até Alaabad, no norte da península.

Eis, resumidamente, o traçado do "Great Indian peninsular railway". Partindo da ilha de Bombaim, atravessa Salcette, salta sobre o continente em frente de Tannah, franqueia a cadeia dos Gates Ocidentais, corta para nordeste até Burhampour, serpenteia o território quase independente do Bundelkund, eleva-se até Alaabad, desvia-se para leste, reencontra o Ganges em Benares, afasta-se ligeiramente dele, e, tornando a descer para o sudeste por Burdivan e pela cidade francesa de Chanderganor, estabelece seu ponto inicial em Calcutá.

Foi às quatro e meia da tarde que os passageiros do *Mangolia* tinham desembarcado em Bombaim, e o trem

de Calcutá partiria às oito em ponto.

Mr. Fogg despediu-se, portanto, dos seus parceiros, deixou o paquete, deu a seu criado a relação de algumas compras a fazer, recomendou-lhe expressamente que se achasse antes das oito na estação, e, com o seu passo regular que marcava os segundos como o pêndulo de um relógio astronômico, dirigiu-se para a repartição dos passaportes.

Assim pois, das maravilhas de Bombaim, nem sonhava ver coisa alguma, nem o hotel da cidade, nem a magnífica biblioteca, nem os fortes, nem as docas, nem o mercado de algodão, nem os bazares, nem as mesquitas, nem as sinagogas, nem as igrejas armênias, nem o esplêndido pagode de Malebar Hill, ornado com duas torres polígonas. Não contemplaria nem as obras-primas de Elephanta, nem seus misteriosos hipogeus, ocultos a sueste da enseada, nem as grutas Kanherian da ilha Salcette, esses admiráveis restos da arquitetura budista!

Não! nada. Saindo da repartição dos passaportes Phileas Fogg dirigiu-se tranqüilamente para a estação, e aí fez-se servir o jantar. Entre outros manjares, o dono da casa entendeu que lhe deveria recomendar uma certa *gibelotte* de "coelho do país", de que disse maravilhas.

Phileas Fogg aceitou a *gibelotte* e a degustou conscienciosamente; mas, a despeito de seu molho muito temperado, a achou detestável.

Chamou o *maître* do hotel.

— Senhor, disse olhando-o fixamente, é coelho, isso?

— Sim, mylord, respondeu descaradamente o velhaco, coelho das jungles.

— E este coelho não miou quando o mataram?

— Miar! Oh! mylord! um coelho! Juro-lhe...

— Senhor *maître*, replicou friamente Mr. Fogg, não

jure e lembre-se disso: outrora, na Índia, os gatos eram considerados animais sagrados. Eram bons tempos.

— Para os gatos, mylord?

— E talvez também para os viajantes!

Após esta observação Mr. Fogg continuou tranqüilamente a jantar.

Alguns instantes depois de Mr. Fogg, o agente Fix havia desembarcado também do *Mongolia* e correu à casa do diretor da polícia de Bombaim. Deu a conhecer a sua qualidade de detetive, a missão de que estava encarregado, sua situaçãO a respeito do suposto autor do roubo. Tinham recebido de Londres um mandado de prisão?... Não tinham recebido nada. E, com efeito, o mandado, que partira depois de Fogg, não poderia ter chegado ainda.

Fix ficou muito desanimado. Quis obter do diretor uma ordem de detenção contra o senhor Fogg. O diretor recusou. O negócio dizia respeito à administração metropolitana, e só ela poderia legalmente expedir um mandado. Esta severidade de princípios, esta observância rigorosa da legalidade é perfeitamente explicável pelos costumes ingleses, que, em matéria de liberdade individual, não admitem nada arbitrário.

Fix não insistiu e compreendeu que deveria resignar-se a esperar o mandado. Mas resolveu não perder de vista o seu impenetrável tratante, durante todo o tempo que este permanecesse em Bombaim. Não duvidava de que Phileas Fogg aí não se demoraria e, como se sabe, era esta também a convicção de Passepartout — o que daria ao mandado de prisão o tempo de chegar.

Mas desde as últimas ordens que o patrão lhe tinha dado ao desembarcar do *Mongolia*, Passepartout tinha compreendido que haveria de acontecer em Bombaim o

mesmo que acontecera em Suez e Paris, que a viagem não terminaria aqui, que continuaria pelo menos até Calcutá e talvez mais longe. E começou a se perguntar se esta aposta de Mr. Fogg não seria absolutamente séria, e se a fatalidade não o iria conduzir, a ele que tanto desejava viver em repouso, a realizar a volta ao mundo em oitenta dias!

Esperando, e após ter feito a aquisição de algumas camisas e roupas de baixo, pôs-se a passear pelas ruas de Bombaim. Havia nelas grande afluxo popular, e, misturados a europeus de todas as nacionalidades, persas com bonés ponteagudos, Bunhyas com turbantes redondos, Sindes com gorros quadrados, Armênios com longas vestes, Parsis com mitra negra. Era precisamente uma festa celebrada por estes Parsis ou Guebros, descendentes diretos dos seguidores de Zoroastro, que são os mais industriosos, os mais civilizados, os mais inteligentes, os mais austeros dos hindus — raça a que pertencem atualmente os ricos negociantes indígenas de Bombaim. Naquele dia, celebravam uma espécie do carnaval religioso, com procissões e diversões, nas quais figuravam bailarinas vestidas com gazes rosas brocadas de ouro e prata, que, ao som das violas e ao barulho dos tantãs, dançavam maravilhosamente, e também com uma decência perfeita, é bom dizer.

Que Passepartout contemplava estas curiosas cerimônias, que seus olhos e suas orelhas se abriam desmesuradamente para ver e ouvir, que sua aparência, sua fisionomia era a do “booby” mais novinho que se possa imaginar, é supérfluo dizer.

Infelizmente para ele e para seu patrão, cuja viagem esteve a ponto de comprometer, sua curiosidade o levou mais longe do que seria conveniente.

Com efeito, depois de ter entrevisto este carnaval parsi, Passepartout dirigia-se para a estação, quando, passando em frente do admirável pagode de Malebar Hill teve a fatal idéia de visitar seu interior.

Ele ignorava duas coisas: primeira, que a entrada de certos pagodes hindus é formalmente interdita aos cristãos e, segunda, que nem os próprios crentes podem entrar sem terem deixado seus calçados na entrada. É preciso destacar aqui que, por razões de boa política, o governo inglês, respeitando e fazendo respeitar até nos seus mais insignificantes detalhes a religião do país, pune severamente quem quer que viole suas práticas.

Passepartout entrou, sem más intensões, como um simples turista, admirava no interior os deslumbrantes ouropéis da ornamentação bramânica, quando subitamente foi derrubado nas sagradas lajes. Três sacerdotes, o olhar cheio de furor, precipitaram-se sobre ele, arrancaram-lhe os sapatos e as meias, e começaram a enchê-lo de porradas, proferindo gritos selvagens.

O francês, vigoroso e ágil, ergueu-se rapidamente. Com um murro e um pontapé derrubou dois adversários, aliás muito atrapalhados com os seus trajes compridos, e, fugindo do pagode com toda a velocidade de suas pernas, bem depressa distanciou-se do terceiro hindu, que tinha saído em sua perseguição, açulando a multidão.

Às oito menos cinco, alguns minutos apenas antes da partida do trem, sem chapéu, pés nus, tendo perdido na briga o pacote contendo as compras, Passepartout chegou à estação da estrada de ferro.

Fix estava lá, sobre a plataforma de embarque. Tendo seguido o senhor Fogg até a estação, tinha compreendido que este tratante ia deixar Bombaim. No mesmo instante

tomou a decisão de acompanhá-lo até Calcutá e até mais longe se preciso fosse. Passepartout não viu Fix, que se mantinha na sombra, mas Fix escutou o relato de suas aventuras, que Passepartout narrou em poucas palavras ao seu patrão.

— Espero que isto não lhe aconteça mais, respondeu simplesmente Phileas Fogg, tomando lugar num dos vagões do trem.

O pobre moço, descalço e todo decomposto, seguiu seu patrão sem dizer palavra.

Fix ia subindo em um vagão separado, quando um pensamento o fez parar e modificou subitamente seu projeto de partida.

— Não, fico, disse-se ele. Um delito cometido em território indiano… tenho o meu homem.

Neste momento a locomotiva lançou um vigoroso apito, e o trem desapareceu na noite.

CAPÍTULO XI

EM QUE PHILEAS FOGG COMPRA UMA MONTARIA POR UM PREÇO FABULOSO

O trem tinha partido na hora regulamentar. Levava um certo número de viajantes, alguns oficiais, funcionários civis e negociantes de ópio e de indigo, cujo comércio os chamava para o lado oriental da península.

Passepartout ocupava o mesmo compartimento de seu patrão. Um terceiro viajante achava-se alojado no canto oposto.

Era o general de brigada, Sir Francis Cromarty, um dos parceiros de Mr. Fogg durante a travessia de Suez a Bombaim, que retornava às suas tropas aquarteladas perto de Benares.

Sir Francis Cromarty, grande, louro, com aproximadamente cinqüenta anos, que tinha se distinguido bastante durante a última revolta dos cipaios, poderia merecer verdadeiramente a qualificação de nativo. Desde sua juventude, habitava na Índia e raras vezes aparecera no seu país natal. Era um homem instruído, que teria de bom grado dado lições sobre os costumes, a história e a organização do país hindu, se Phileas Fogg fosse de as pedir. Mas este gentleman não perguntava nada. Não viajava, descrevia um círcunferência. Era um corpo sólido, percorrendo uma órbita à volta do globo terrestre, seguindo as leis da mecânica racional. Neste momento, refazia em seu espírito o cálculo das horas gastas desde sua partida de

Londres, e teria até esfregado as mãos, se estivesse na sua índole fazer um movimento inútil.

Sir Francis Cromarty não tinha deixado de perceber a originalidade do seu companheiro de viagem, apesar de não o ter estudado senão com cartas na mão e entre dois róbers. Estava por isso bem propenso a se perguntar se batia um coração humano sob aquele frio envólucro, se Phileas Fogg tinha uma alma sensível às belezas da natureza, às aspirações morais. Para ele, isso era discutível. Entre todas as pessoas extravagantes que o brigadeiro encontrara, nenhuma se comparava a este produto das ciências exatas.

Phileas Fogg não ocultara de sir Francis Cromarty o seu projeto de viagem em volta ao mundo, nem em que condições o realizava. O general de brigada não viu nesta aposta senão uma excentricidade sem finalidade útil e à qual faltava necessariamente o *transire benefaciendo* que deve guiar todo homem razoável. Pelo passo em que caminhava o bizarro gentleman, passaria evidentemente pela vida sem "nada fazer", nem por si, nem pelos outros.

Uma hora após ter deixado Bombaim, o trem, transpondo os viadutos, havia atravessado a ilha Salcette e corria sobre o continente. Na estação de Callyan, deixou à direita o ramal que, por Kandallah e Pounah, desce para o sudeste da Índia, e chegou à estação de Pauwell. Neste ponto, embrenhou-se nas montanhas muito ramificadas dos Gates Ocidentais, cadeias formadas de basalto, cujos cumes mais elevados estão cobertos por espessas florestas.

De vez em quando sir Francis Cromarty e Phileas Fogg trocavam algumas palavras, e, neste momento, o general de brigada, reatando o fio da conversação que muitas

vezes se quebrava, disse:

— Há alguns anos, senhor Fogg, teria tido nestas paragens uma demora que de certo lhe teria comprometido o itinerário.

— Por que, sir Francis?

— Porque a estrada de ferro terminava no sopé destas montanhas, que era preciso atravessar de palanquim ou no dorso de pôneis até a estação de Kandallah, situada na vertente oposta.

— Essa demora não teria de forma alguma prejudicado a economia do meu programa, respondeu Mr. Fogg. Não deixei de prever a eventualidade de certos obstáculos.

— Entretanto, Mr. Fogg, retomou o general de brigada, correu um risco enorme de ter uma grande dificuldade nos braços com a aventura deste rapaz.

Passepartout, os pés embrulhados na sua manta de viagem, dormia profundamente e nem sequer sonhava que falavam dele.

— O governo inglês é extremamente severo e com razão com este gênero de delito, retomou sir Francis Cromarty. Ele faz questão que se respeite os costumes religiosos dos hindus, e se o seu criado tivesse sido preso...

— Bem, se tivesse sido preso, Sir Francis, respondeu Mr. Fogg, teria sido condenado, teria cumprido sua pena, e depois teria voltado tranqüilamente para a Europa. Não vejo em que este caso teria podido retardar seu patrão!

E neste ponto a conversação interrompeu-se novamente. Durante a noite o trem transpôs os Gates, passou para Nassik, e no dia seguinte, 21 de outubro, lançou-se através de uma região relativamente plana,

formada pelo território de Khandeish. A campina, bem cultivada, estava semeada de aldeias, sobre as quais o minarete do pagode substituí o campanário da igreja européia. Numerosos riachos, a maioria afluentes ou sub-afluentes do Godaveri, irrigavam esta região fértil.

Passepartout, acordado, contemplava, e não podia acreditar que atravessava o país dos hindus num trem do "Great peninsular railway". Parecia-lhe inverosímil. E contudo nada mais real. A locomotiva, dirigida pelo braço de um maquinista inglês e aquecida com carvão inglês, lançava sua fumaça sobre as plantações de algodão, de café, de noz moscada, de cravo e de pimenta. O vapor se contorcia em espirais ao redor de grupos de palmeiras, por entre os quais apareciam pitorescos *bungalows*, alguns *viharis*, espécie de monastérios abandonados, e templos maravilhosos que enriqueciam a inigualável ornamentação da arquitetura indiana. Depois, imensas extensões de terra se estendiam a perder de vista, jungles onde não faltavam nem as serpentes, nem os tigres espantados pelos apitos do trem, e, finalmente, florestas, sulcadas pelo traçado da via, ainda povoadas pelos elefantes que, com olho pensativo, viam passar o comboio com sua cabeleira de fumaça.

Durante esta manhã, além da estação de Malligaum, os viajantes atravessaram esse território funesto, que foi tantas vezes ensangüentado pelos seguidores da deusa Kali. Não muito longe elevava-se Ellora e seus pagodes admiráveis, não longe a célebre Aurungabad, a capital do feroz Aureng-Zeb, presentemente simples capital de uma das províncias desmembradas do reino de Nizam. Era nesta província que Feringhea, o chefe dos Thugs, o rei dos Estranguladores, exercia o seu domínio. Estes

assassinos, unidos em uma associação misteriosa, estrangulavam, em honra da deusa da Morte, vítimas de todas as idades, sem nunca derramarem sangue, e houve tempo em que não se podia revolver nenhum ponto deste solo sem se encontrar um cadáver. O governo inglês já conseguiu impedir tais mortes em uma proporção razoável, mas a temível associação ainda existe e continua a funcionar.

Ao meio dia e meia, o trem parou na estação de Burhampour, e Passepartout pôde procurar a peso de ouro um par de babuchas, ornamentadas com pérolas falsas, que calçou com um sentimento de evidente vaidade.

Os viajantes almoçaram rapidamente, e tornaram a partir para a estação de Assurghur, depois de terem por instantes costeado a margem do Tapti, pequeno rio que se vai lançar no golfo de Cambay, perto de Surat.

É oportuno dar a conhecer que pensamentos ocupavam então o espírito de Passepartout. Até sua chegada a Bombaim, tinha acreditado e pudera crer que ficariam por ali. Mas agora, desde que corria a todo o vapor através da Índia, uma reviravolta se dera em seu espírito. Sua natureza lhe retornava a galope. Reencontrava as idéias fantasistas de sua juventude, levava a sério os projetos de seu patrão, acreditava na realidade da aposta, conseqüentemente nesta volta ao mundo e neste maximum de tempo, que era preciso não ultrapassar. Até já começava a ficar inquieto com os atrasos possíveis, com os acidentes que poderiam sobrevir no caminho. Sentia-se como que interessado nesta maluquice, e estremecia ao pensar de que tinha podido comprometê-la na véspera por sua imperdoável distração. Assim, muito menos fleumático do que Mr.

Fogg, estava muito mais inquieto. Contava e recontava os dias decorridos, amaldiçoava as paradas do trem, acusava-o de lentidão, e censurava *in petto* Mr. Fogg por não ter prometido uma gratificação ao maquinista. Não sabia, o bom moço, que o que era possível nos paquetes, não o era nas estradas de ferro, onde a velocidade está regulamentada.

Ao cair da tarde, embrenharam-se nos desfiladeiros das montanhas de Sutpour, que separam o território do Kandeish do de Bundelkund.

No dia seguinte, 22 de outubro, a uma pergunta de Sir Francis Cromarty, Passepartout, tendo consultado seu relógio, respondeu que eram três da manhã. E, com efeito, este famoso relógio, sempre regulado pelo meridiano de Greenwich, que ficava quase a setenta e sete graus a oeste, deveria estar atrasado, e efetivamente estava atrasado quatro horas.

Sir Francis retificou portanto a hora dada por Passepartout, ao qual fez a mesma observação que este já tinha recebido de Fix. Tentou fazê-lo compreender que deveria acertar o relógio a cada novo meridiano, e que, como caminhavam constantemente para leste, isto é à frente do sol, os dias eram mais curtos na razão de tantas vezes quatro minutos quanto os graus percorridos. Foi inútil. Tenha o teimoso rapaz compreendido ou não a observação do general de brigada, obstinou-se em não adiantar seu relógio, que mantinha invariavelmente pela hora de Londres. Mania inocente, afinal, e que não poderia prejudicar ninguém.

Às oito da manhã, e a quinze milhas adiante da estação de Rothal, o trem parou no meio de uma vasta clareira, cercada de alguns *bungalows* e de cabanas de operários. O condutor do trem passou pela fileira dos

vagões dizendo:

— Os viajantes descem aqui.

Phileas Fogg olhou para sir Francis Cromarly, que pareceu não compreender esta parada no meio de uma floresta de tamareiras e de cajueiros.

Passepartout, não menos surpreso, saltou para a via e voltou quase que imediatamente exclamando:

— Senhor, não há mais estrada de ferro!

— O que quer dizer? perguntou sir Francis Cromarty.

— Quero dizer que o trem não continua.

O general de brigada desceu logo do vagão. Phileas Fogg seguiu-o, sem se apressar. Os dois dirigiram-se ao condutor:

— Onde estamos? perguntou Sir Francis Cromarty.

— Na aldeia de Kholby, respondeu o condutor.

— Paramos aqui?

— Sem dúvida. A estrada de ferro não está acabada...

— Como! não está acabada?

— Não! há ainda um trecho de umas cinqüenta milhas a estabelecer entre este ponto e Alaabad, onde a via recomeça.

— Mas os jornais anunciaram a abertura completa do railway!

— Que quer, meu oficial, os jornais se enganaram.

— E vendem bilhetes de Bombaim a Calcutá! replicou Sir Francis Cromarty, que começava a se esquentar.

— Sem dúvida, respondeu o condutor, mas os viajantes sabem muito bem que devem se fazer transportar de Kholby até Alaabad.

Sir Francis Cromarty estava furioso. Passepartout teria de bom grado batido no condutor, que já não podia conduzir. Não ousava olhar para seu patrão.

— Sir Francis, disse simplesmente Mr. Fogg, nós

vamos, se também o quer, encontrar um meio de chegar a Alaabad.

— Mr. Fogg, trata-se de um atraso absolutamente prejudicial aos seus interesses?

— Não, Sir Francis, estava previsto.

— O que! sabia que o caminho...

— De modo algum, mas sabia que um obstáculo qualquer cedo ou tarde surgiria no meu caminho. Ora, nada está comprometido. Tenho dois dias de avanço para sacrificar. Há um vapor que parte de Calcutá para Hong Kong dia 25, ao meio dia. Estamos ainda no dia 22, e chegaremos a tempo em Calcutá.

Não havia nada a dizer frente a uma resposta dada com tão completa segurança.

Era verdade que os trabalhos da estrada de ferro paravam naquele ponto. Os jornais são como certos relógios que têm a mania de adiantar, e haviam prematuramente anunciado a conclusão da linha. A maioria dos viajantes conheciam esta interrupção da via, e, ao descerem do trem, tinham se apoderado dos veículos de todo tipo que havia na aldeia, *palkigharis* de quatro rodas, carretas puxadas por zebus, espécie de bois com corcovas, carros de viagem semelhantes a pagodes ambulantes, palanquins, pôneis, etc. Por isso Mr. Fogg e sir Francis Cromarty, depois de procurarem por toda a aldeia, voltaram sem nada ter achado.

— Irei a pé, disse Mr. Fogg.

Passepartout que então se aproximou de seu patrão, fez uma careta significativa, considerando suas magníficas mas insuficientes babuchas. Felizmente para ele, andara também à procura, e um pouco hesitante:

— Senhor, disse ele, creio que encontrei um meio de transporte.

— Qual?

— Um elefante! Um elefante que pertence a um índiano que mora a cem passos daqui.

— Vamos ver o elefante, respondeu Mr. Fogg.

Cinco minutos mais tarde, Phileas Fogg, sir Francis Cromarty e Passepartout chegavam a uma choça próxima de um cercado fechado com altas paliçadas. Na choça havia um indiano, e no cercado, um elefante. Ao pedirem, o indiano introduziu Mr. Fogg e seus dois companheiros no cercado.

Ali, acharam-se na presença de um animal, meio domesticado, que o seu proprietário criava, não para fazer dele uma besta de carga, mas uma besta de combate. Para este fim, tinha começado a modificar o caráter naturalmente manso do animal, de modo a conduzi-lo gradualmente a esse paroxismo de raiva chamado “mutsh” na língua hindu, nutrindo-o durante três meses com açúcar e manteiga. Este tratamento pode parecer inadequado para se obter tal resultado, mas não deixa de ser empregado com sucesso pelos criadores. Felizmente para Mr. Fogg, o elefante em questão fora submetido a semelhante regime há pouco tempo, e o “mutsh” ainda não se tinha declarado.

Kiouni — era este o nome do animal — podia, como todos os seus congêneres, sustentar durante muito tempo uma marcha rápida, e, à falta de outra montadura, Phileas Fogg resolveu servir-se dele.

Mas os elefantes são caros na Índia, onde começam a se tornar raros. Os machos, que são os únicos que convêm às lutas de circos, são extremamente procurados. Estes animais só raramente se reproduzem em cativeiro; portanto só podem ser obtido por meio da caça. Por isso são objeto de cuidados extremos, e

quando Mr. Fogg perguntou ao indiano se queria alugar seu elefante, o indiano recusou no ato.

Fogg insistiu e ofereceu pela besta um preço excessivo, dez libras (250 F) por hora. Recusa. Vinte libras? Nova recusa. Quarenta libras? Sempre recusa. Possepartout dava pulos a cada aumento de preço. Mas o indiano não se deixava tentar.

Era uma bela quantia, contudo. Supondo-se que o elefante gastasse quinze horas até Alaabad, seriam seiscentas libras (15.000 F) que renderia ao proprietário.

Phileas Fogg, sem se animar de modo algum, propôs então ao indiano comprar-lhe a besta, e ofereceu de cara mil libras (25.000 F).

O indiano não queria vender! Talvez o velhaco farejasse algum negócio magnífico.

Sir Francis Cromarty chamou Mr. Fogg à parte e pediu-lhe que refletisse antes de prosseguir. Phileas Fogg respondeu ao seu companheiro que não tinha por costume agir sem reflexão, que afinal de contas se tratava de uma aposta de vinte mil libras, que este elefante lhe era necessário, e que, mesmo que tivesse de pagar vinte vezes seu valor, teria este elefante.

Mr. Fogg foi ter outra vez com o indiano, cujos olhos pequeninos, iluminados pela cobiça, deixavam perceber que para ele aquilo era apenas uma questão de preço. Phileas Fogg ofereceu sucessivamente mil e duzentas libras, depois mil e quinhentas, depois mil e oitocentas, afinal duas mil libras (50.000 F). Passepartout, tão corado normalmente, estava pálido de emoção.

A duas mil libras, o indiano se rendeu.

— Pelas minhas babuchas, exclamou Passepartout, isto é que é dar um bom preço à carne de elefante!

Concluída a transação, só faltava arranjar um guia.

Foi mais fácil. Um jovem Parsi, de fisionomia inteligente, ofereceu seus serviços. Mr. Fogg aceitou e prometeu-lhe uma boa remuneração, o que só poderia aumentar sua inteligência.

O elefante foi trazido e equipado sem demora. O Parsi conhecia seu ofício de “mahout” ou cornaca. Cobriu-lhe o lombo com uma espécie de tapete, e pôs-lhe de cada lado dos flancos uma espécie de cesto bem pouco confortáveis.

Phileas Fogg pagou ao indianos com bank-notes que foram extraídas da famosa sacola. Parecia realmente que eram retiradas das entranhas de Passepartout. Depois, Mr. Fogg ofereceu a Sir Francis Cromarty transportá-lo até a estação de Alaabad. O general de brigada aceitou. Um viajante a mais não era coisa que fatigasse o gigantesco animal.

Víveres foram comprados em Kholby. Sir Francis Cromarty tomou lugar num dos cestos, Phileas Fogg no outro. Passepartout se pôs de cócoras no lombo, entre seu patrão e o general de brigada. O Parsi empoleirou-se no pescoço do elefante e às nove horas o animal, deixando a aldeia, embrenhou-se na espessa floresta de palmeiras.

CAPÍTULO XII

EM QUE PHILEAS FOGG E SEUS COMPANHEIROS SE AVENTURAM ATRAVÉS DAS FLORESTAS DA ÍNDIA, E O QUE SE SEGUE

O guia, para encurtar a distância a percorrer, deixou à sua direita o traçado da via cujos trabalhos estavam em execução. Este traçado, muito contrariado pelas caprichosas ramificações dos montes Víndias, não seguia o caminho mais curto, que Phileas Fogg tinha interesse em tomar. O Parsi, muito familiarizado com os caminhos e as sendas daquela região, pretendia ganhar uma vintena de milhas cortando caminho pela floresta, e todos confiaram nele.

Phileas Fogg e Sir Francis Cromarty, enfurnados até o pescoço em seus respectivos cestos, eram fortemente sacudidos pelo trote pesado do elefante, ao qual seu *mahout* imprimia um andamento rápido. Mas eles suportavam a situação com a mais britânicas das fleumas, conversando, porém, pouco, e mal se vendo um ao outro.

Quanto a Passepartout, postado sobre o dorso da besta e diretamente submetido ao golpes e contragolpes, cuidava, conforme uma recomendação de seu patrão, de não colocar a língua entre os dentes, senão ela seria cortada. O bom moço, às vezes arremessado para o pescoço do elefante, às vezes para a garupa, fazia volteios, como um clown sobre um trampolim. Mas se divertia, rindo entre os seus saltos de carpa, e, de tempo em tempo, tirava da sacola um pedaço de açúcar, que o

inteligente Kiouni pegava com a extremidade da tromba, sem interromper por um momento seu trote regular.

Depois de duas horas de marcha, o guia parou o elefante e lhe deu uma hora de repouso. O animal devorou ramos e arbustos, depois de ter matado a sede num charco próximo. Sir Francis Cromarty não se queixou desta parada. Estava quebrado. Mr. Fogg parecia sentir-se tão bem disposto como se tivesse acabado de sair de seu leito.

— Mas ele é de ferro! disse o general de brigada contemplando-o com admiração.

— De ferro forjado! respondeu Passepartout, entretido no preparo de um almoço sumário.

Ao meio dia, o guia deu o sinal de partida. A região tomou logo um aspecto muito selvagem. Às grandes florestas sucederam-se moitas de tamarindos e de palmeiras anãs, depois vastas planícies áridas, eriçadas de arbustos magros e semeadas de grandes blocos de sienitos. Toda esta parte do alto Bundelkund, pouco freqüentada por viajantes, é habitada por uma população fanática, endurecida nas práticas mais terríveis da religião hindu. A dominação dos Ingleses não pôde se estabelecer regularmente sobre um território submetido à influencia dos rajás, que eram difíceis de alcançar em seus inacessíveis refúgios dos Víndias.

Várias vezes, avistaram bandos de índianos ferozes, que faziam um gesto de cólera ao verem passar o rápido quadrúpede. Entretanto o Parsi os evitava tanto quanto possível, considerando-os como gente ruim de se encontrar. Poucos animais foram vistos durante esta jornada, apenas alguns macacos, que fugiam com mil contorsões e caretas com as quais Passepartout se divertiu muito.

Um pensamento entre muitos outros inquietava o moço. O que Mr. Fogg faria com o elefante, quando chegasse à estação de Alaabad? Levá-lo-ia? Impossível! O preço do transporte somado ao da aquisição fariam dele um animal ruinoso. Vendê-lo-ia, restituir-lhe-ia a liberdade? Esta estimável besta bem merecia que tivessem alguns cuidados com ela. Se, por acaso, Mr. Fogg lho desse de presente, Passepartout ver-se-ia muito embaraçado. Isso não deixava de preocupá-lo.

Às oito horas da noite, a principal cadeia dos Víndias havia sido vencida, e os viajantes pararam ao pé da vertente setentrional, em um bungalow em ruínas.

A distância percorrida durante esta jornada tinha sido de umas vinte e cinco milhas, e ainda faltava outro tanto para atingir a estação de Alaabad.

A noite estava fria. No interior do bungalow, o Parsi acendeu um fogo com galhos secos, cujo calor foi muito apreciado. A ceia se compôs das provisões compradas em Kholby. Os viajantes comeram como pessoas fatigadas e moídas. A conversação, que começou por algumas frases entrecortadas, terminou bem depressa em roncos sonoros. O guia ficou vigiando perto de Kiouni, que adormeceu em pé, apoiado no tronco de uma grande árvore.

Nenhum incidente marcou esta noite. Alguns rugidos de leopardos e de panteras perturbaram às vezes o silêncio, misturados com os gritos agudos de macacos. Mas os carnívoros limitaram-se aos gritos, e não fizeram nenhuma demonstração hostil contra os hóspedes do bungalow. Sir Francis Cromarty dormiu pesadamente como bravo militar prostrado de fadiga. Passepartout, em um sono agitado, recomeçou em sonhos as cabriolas da véspera. Quanto a Mr. Fogg, repousou tão

tranqüilamente como se estivesse em sua tranqüila casa de Saville Row.

Às seis da manhã, retomaram a caminhada. O guia esperava chegar à estação de Alaabad naquela mesma noite. Deste modo, Mr. Fogg só perderia parte das quarenta e oito horas economizadas desde o começo da viagem.

Desceram as últimas rampas dos Víndias. Kiouni retomara o seu andamento rápido. Por volta do meio dia, o guia contornou a aldeia de Kallenger, situada sobre o Cani, um dos sub-afluentes do Ganges. Evitava sempre os lugares habitados, sentindo-se em maior segurança nestas campinas desertas, que marcam as primeiras depressões da bacia do grande rio. A estação de Alaabad ficava a menos de doze milhas a nordeste. Fizeram alto sob uma touceira de bananeiras, cujos frutos, tão saudáveis quanto o pão, "tão suculentos como o creme", dizem os viajantes, foram extremamente apreciados.

Às duas horas, o guia entrou sob a cobertura de uma espessa floresta, que deveria atravessar por algumas milhas. Preferia viajar assim ao abrigo dos bosques. Em todo caso, não houvera até então nenhum encontro desagradável, e a viagem parecia dever se realizar sem acidente, quando o elefante, dando alguns sinais de inquietação, subitamente parou.

Eram quatro horas então.

— Que é que há? perguntou Sir Francis Cromarty, que levantou a cabeça acima de seu cesto.

— Não sei, meu oficial, respondeu o Parsi, tentando ouvir melhor um murmúrio confuso que passava sob a espessa ramagem.

Alguns instantes depois, este murmúrio ficou mais audível. Dir-se-ia um concerto, ainda muito distante, de

vozes humanas e instrumentos de cobre.

Passepartout era todo olhos, todo orelhas. Mr. Fogg aguardava pacientemente, sem pronunciar uma palavra.

O Parsi saltou para o chão, amarrou o elefante numa árvore e mergulhou em uma touceira espessa. Alguns momentos depois voltou, dizendo:

— Uma procissão de brâmanes que se dirige para este lado. Se for possível, evitemos ser vistos.

O guia desamarrou o elefante e conduziu-o para um matagal fechado, recomendando aos viajantes que não se apeassem. Ele próprio se conservou pronto para trepar rapidamente na montaria, se a fuga se tornasse necessária. Mas pensava que a tropa dos fiéis passaria sem o perceber, pois que a espessura da folhagem o dissimulava inteiramente.

O barulho discordante de vozes e de instrumentos se aproximava. Cantos monótonos se misturavam ao som dos tambores e dos címbalos. Logo a frente da procissão apareceu sob as árvores, a uns cinqüenta passos da posição ocupada por Mr. Fogg e seus companheiros. Eles distinguiam facilmente através dos ramos o curioso pessoal desta cerimônia religiosa.

Na primeira fila vinham sacerdotes com mitras na cabeça e vestidos com longas batas muito ornamentadas. Estavam cercados por homens, mulheres e crianças, que faziam ouvir uma espécie de reza fúnebre, interrompida a intervalos iguais por toques de tantãs e de címbalos. Atrás deles, sobre um carro de grandes rodas, no qual os raios e os eixos pareciam serpentes entrelaçadas, apareceu uma figura horrível, puxada por duas parelhas de zebus ricamente cobertos com capas. Esta estátua tinha quatro braços; o corpo colorido de um vermelho escuro, os olhos arregalados, os

cabelos revoltos, a língua pendente, os lábios tingidos com henna e bétele. Em seu pescoço enrolava-se um colar de cabeças de mortos, e em seus flancos um cinturão de mãos decepadas. Ela se mantinha em pé sobre um gigante caído ao qual faltava a cabeça.

Sir Francis Cromarty reconheceu esta estátua.

— A deusa Kali, murmurou, a deusa do amor e da morte.

— Da morte, admito, mas do amor, jamais! disse Passepartout. Mulher horrorosa!

O Parsi fez sinal para que se calasse.

Em volta da estátua agitava-se, contorcia-se, convulsionava-se um grupo de velhos faquires, pintados com listras ocre, cobertos de incisões cruciais que deixavam escapar seu sangue gota a gota, energúmenos estúpidos que, nas grandes cerimônias hindus, se precipitam ainda sob as rodas do carro de Jaggernaut.

Atrás deles, alguns brâmanes, em toda suntuosidade de seu trajes orientais, arrastavam uma mulher que mal conseguia ficar em pé.

Esta mulher era jovem, branca como uma Européia. Sua cabeça, seu pescoço, seus ombros, suas orelhas, seus braços, suas mãos, seus artelhos estavam sobrecarregados de jóias, colares, braceletes, brincos e anéis. Uma túnica com filetes de ouro, recoberta com um tecido muito fino, moldava os contornos de seu corpo.

Atrás desta mulher — contraste violento para os olhos —, guardas armados com sabres desembainhados, colocados em suas cinturas e longas pistolas com encrustações, transportavam um cadáver sobre um palanquim.

Era o cadáver de um velho, revestido com seus opulentos trajes de rajá, trazendo, como em vida, o

turbante bordado de pérolas, a veste tecida de seda e ouro, o cinto de cachemira com diamantes, e suas magníficas armas de príncipe indiano.

Depois os músicos e uma retaguarda de fanáticos, cujos gritos cobriam às vezes o ensurdecedor barulho dos instrumentos, fechavam o cortejo.

Sir Francis Cromarty olhava toda esta pompa com um ar singularmente entristecido, e voltando-se para o guia:

— Um sati! disse.

O Parsi fez um sinal afirmativo e pôs um dedo sobre seus lábios. A longa procissão desfilou lentamente sob as árvores, e logo suas últimas filas desapareceram no seio da floresta.

Pouco a pouco, os cantos se extinguiram. Havia ainda alguns lampejos de gritos ao longe, e afinal a todo este tumulto sucedeu um profundo silêncio.

Mr. Fogg tinha ouvido a palavra, pronunciada por Sir Francis Cromarty, e assim que a procissão desapareceu:

— O que é um sati? perguntou.

— Um sati, senhor Fogg, respondeu o general de brigada, é um sacrifício humano, mas um sacrifício voluntário. Esta mulher que acabou de ver será queimada amanhã às primeiras horas do dia.

— Ah! malditos! exclamou Passepartout, que não pôde conter este grito de indignação.

— E o cadáver? perguntou Mr. Fogg.

— É o do príncipe, seu marido, respondeu o guia, um rajá independente do Bundelkund.

— Como! retomou Mr. Fogg, sem que sua voz traísse a menor emoção, estes costumes bárbaros subsistem na Índia e os ingleses não puderam destruí-los?

— Na maior parte da Índia, respondeu Sir Francis Cromarty, esses sacrifícios já não acontecem mais, mas

não temos nenhuma influência nas regiões selvagens, e principalmente aqui no território do Bundelkund. Toda a vertente setentrional dos Víndias é teatro de assassinatos e de pilhagens incessantes.

— Coitada! murmurou Passepartout, queimada viva!

— Sim, continou o general de brigada, queimada, e se não fosse, nem podem imaginar a que miserável condição se veria reduzida por seus próximos. Cortavam-lhe os cabelos, sustentavam-na apenas com alguns punhados de arroz, repeliam-na, seria considerada como uma criatura imunda e morreria em algum canto como um cão sarnento. É também a perspectiva desta medonha existência que leva muitas vezes essas infelizes ao suplício, muito mais que o amor ou o fanatismo religioso. Às vezes, contudo, o sacrifício é realmente voluntário, e é necessária a intervenção enérgica do governo para o impedir. Assim, há alguns anos, eu residia em Bombaim, quando uma jovem viúva veio pedir ao governador autorização para se queimar viva com o corpo do marido. Como podem imaginar, o governador recusou. Então a viúva deixou a cidade, refugiou-se junto a um rajá independente, e lá consumou seu sacrifício.

Durante a narrativa do general de brigada, o guia sacudia a cabeça, e, quando o relato acabou:

— O sacrifício que acontecerá amanhã ao nascer do dia não é voluntário, disse.

— Como sabe?

— É uma história que todo mundo conhece no Bundelkund, respondeu o guia.

— Mas esta infortunada não parecia fazer nenhuma resistência, observou Sir Francis Cromarty.

— É porque a inebriaram com fumaça de cânhamo e

de ópio.

— Mas para onde a levam?

— Para o pagode de Pillaji, a duas milhas daqui. Lá, passará a noite esperando a hora do sacrifício.

— E o sacrifício acontecerá?...

— Amanhã, ao raiar do sol.

Depois desta resposta, o guia tirou o elefante da mata fechada e subiu para o pescoço do animal. Mas no momento em que ia incitá-lo com um assobio particular, Mr. Fogg o deteve, e, dirigindo-se a Sir Francis Cromarty:

— E se salvássemos esta mulher? disse.

— Salvar esta mulher, senhor Fogg!... exclamou o general de brigada.

— Tenho ainda doze horas de avanço. Posso consagrá-las a isso.

— Ora, ora! Mas é um homem de coração! disse Sir Francis Cromarty.

— Às vezes, respondeu simplesmente Phileas Fogg. Quando tenho tempo.

CAPÍTULO XIII

EM QUE PASSEPARTOUT PROVA MAIS UMA VEZ QUE A FORTUNA SORRI AOS AUDACIOSOS

O plano era audacioso, eivado de dificuldados, impraticável talvez. Mr. Fogg iria arriscar sua vida, ou pelo menos sua liberdade, e assim a realização de seus projetos, mas não hesitou. Encontrou, ademais, em Sir Francis Cromarty um auxiliar decidido.

Quanto a Passepartout, estava pronto, podiam dispor dele. A idéia do patrão o exaltava. Sentia um coração, uma alma sob aquela aparência gélida. Começava a amar Phileas Fogg.

Faltava o guia. Que lado tomaria? Não estaria inclinado a favor dos hindus? Na ausência de sua colaboração, era preciso pelo menos contar com a sua neutralidade.

Sir Francis Cromarty perguntou-lhe diretamente.

— Meu oficial, respondeu o guia, sou Parsi, e esta mulher é Parsi. Conte comigo.

— Muito bem, guia, respondeu Mr. Fogg.

— Entretanto, saibam bem, retomou o Parsi, não arriscamos apenas a vida, mas a suplícios horríveis, se formos pegos. Por isso, reflitam.

— Está refletido, respondeu Mr. Fogg. Penso que devemos esperar a noite para agir?

— Penso o mesmo, respondeu o guia.

Este bravo Indiano deu então alguns detalhes sobre a vítima. Era uma Indiana famosa por sua beleza, de raça

parsi, filha de ricos negociantes de Bombaim. Tinha recebido naquela cidade uma educação absolutamente inglesa, e por suas maneiras, por sua instrução, qualquer um a creria Européia. Chamava-se Aouda.

Orfã, foi casada contra a vontade com o velho rajá do Bundelkund. Três meses depois, ficou viúva. Sabendo a sorte que a esperava, fugiu, foi logo apanhada, e os parentes do rajá, que tinham interesse em sua morte, destinaram-na a este suplício do qual parecia não poder escapar.

Este relato só reforçou Mr. Fogg e seus companheiros em sua generosa resolução. Foi decidido que o guia dirigiria o elefante para o pagode de Pillaji, do qual se aproximaria tanto quanto possível.

Cerca de meia hora depois, pararam sob um arvoredo, a quinhentos passos do pagode, que não podiam avistar; mas o alarido dos fanáticos se fazia ouvir distintamente.

Discutiram então os meios de chegar perto da vítima. O guia conhecia este pagode de Pillaji, no qual afirmou que a jovem estava aprisionada. Poderiam penetrar por uma das portas, quando todo o bando estivesse mergulhado no sono do entorpecimento, ou seria preciso fazer um buraco na muralha? Isso só poderia ser decidido no local e na hora. Mas do que não havia nenhuma dúvida era que o resgate deveria ser realizado naquela mesma noite, e não quando, ao raiar do dia, a vítima seria conduzida ao suplício. Nesse instante, nenhuma intervenção humana seria capaz de a salvar.

Mr. Fogg e os seus companheiros esperaram a noite. Assim que escureceu, por volta das seis horas, resolveram fazer um reconhecimento em volta do pagode. Os últimos gritos dos faquires então se extinguiam. Seguindo seu costume, estes Indianos

deviam estar mergulhados no pesado entorpecimento do “hang” — ópio líquido, misturado com uma infusão de cânhamo — e seria talvez possível se esgueirar por entre eles até o templo.

O Parsi, guiando Mr. Fogg, Sir Francis Cromarty e Passepartout, avançou sem barulho através da floresta. Depois de rastejarem dez minutos sob os ramos, chegaram à borda de um pequeno rio, e ali, à luz de tochas de ferro na ponta das quais ardiam resinas, distinguiram um monte de madeira empilhada. Era a pira, feita de precioso sândalo, e já impregnado com um óleo perfumado. Em sua parte superior repousava o corpo embalsamado do rajá, que deveria ser queimado ao mesmo tempo que sua viúva. A cem passos desta pira elevava-se o pagode, cujos minaretes atravessavam na sombra a copa das árvores.

— Venham! disse o guia em voz baixa.

E, com precaução redobrada, seguido por seus companheiros, esgueirou-se silenciosamente pelo matagal.

O silêncio só era interrompido pelo murmúrio do vento nos galhos.

Logo o guia parou na extremidade de uma clareira. Algumas resinas iluminavam o lugar. O solo estava juncado de grupos que dormiam, prostrados pelo entorpecimento. Parecia um campo de batalha coberto de mortos. Homens, mulheres e crianças todos confundidos. Alguns entorpecidos ainda roncavam, aqui e ali.

Ao fundo, entre as árvores, divisava-se distintamente o templo de Pillaji. Mas, para grande desapontamento do guia, os guardas do rajá, iluminados por tochas fuliginosas, vigiavam as portas e passeavam de um lado

para outro, o sabre desembainhado. Poderiam supor que no interior os sacerdotes também vigiassem.

O Parsi não foi mais longe. Reconhecera a impossibilidade de forçar a entrada do templo, e fez recuar seus companheiros.

Phileas Fogg e Sir Francis Cromarty tinham compreendido como ele que nada poderiam tentar por este lado.

Pararam e se consultaram em voz baixa.

— Esperemos, disse o general de brigada; são só oito horas ainda, e é possível que estes guardas sucumbam também ao sono.

— É possível,com efeito, respondeu o Parsi.

Phileas Fogg e os seus companheiros estenderam-se pois ao pé de uma árvore e esperaram.

O tempo lhes pareceu longo! O guia deixava-os às vezes e ia observar a orla do bosque. Os guardas do rajá continuavam a velar à luz das tochas, e uma vaga luz filtrava através das janelas do pagode.

Esperaram assim até à meia noite. A situação não mudou. Mesma vigilância do lado de fora. Era evidente que não se podia contar com o sono dos guardas. O entorpecimento do “hang” lhes tinha sido provavelmente poupado. Era preciso portanto agir de outro modo e penetrar por uma abertura feita nas muralhas do pagode. Restava a questão de saber se os sacerdotes vigiavam junto à sua vítima com tanto zelo como os soldados à porta do templo.

Após uma última conversa, o guia disse que estava pronto para partir. Mr. Fogg, Sir Francis e Passepartout seguiram-no. Deram uma volta bem longa, para chegarem ao pagode pelos fundos.

Por volta de meia noite e meia, chegaram ao pé dos

muros sem terem encontrado ninguém. Nenhuma vigilância tinha sido estabelecida daquele lado, mas na verdade não havia nem portas nem janelas.

A noite estava sombria. A lua, então em seu último quadrante, deixava apenas o horizonte, encoberto por densas nuvens. A altura das árvores aumentava ainda mais a escuridão.

Mas não bastava ter chegado ao pé das muralhas, era preciso ainda fazer uma abertura. Para esta operação Phileas Fogg e os seus companheiros tinham apenas seus canivetes. Felizmente, as paredes do templo eram feitas de uma mistura de tijolo e madeira que não deveria ser difícil furar. Tirado o primeiro tijolo, os outros vieram facilmente.

Puseram mãos à obra, fazendo o menor ruído possível. O Parsi de um lado, Passepartout do outro, trabalhavam para arrancar os tijolos, de modo a obter uma abertura com dois pés de largura.

O trabalho avançava, quando um grito se fez ouvir no interior do templo, e quase em seguida outros gritos responderam do lado de fora.

Passepartout e o guia interromperam o trabalho. Teriam sido supreendidos? Seria um sinal de despertar? A prudência mais elementar recomendaria que se afastassem — o que fizeram ao mesmo tempo que Phileas Fogg e sir Francis Cromarty. Esconderam-se novamente sob a cobertura do bosque, esperando que o alerta, supondo-se que fosse um, se dissipasse, e prontos, neste caso, a recomeçar a operação.

Mas — contratempo funesto — guardas apareceram no fundo do pagode, e postaram-se ali impedindo qualquer aproximação.

Seria difícil descrever o desapontamento destes quatro

homens, detidos em sua obra. Agora, que não poderiam mais chegar até a vítima, como a salvariam? Sir Francis Cromarty mordia os punhos. Passepartout estava fora de si, e o guia tinha alguma dificuldade em contê-lo. O impassível Fogg aguardava sem manifestar seus sentimentos.

— Só nos resta partir? perguntou o general de brigada em voz baixa.

— Só nos resta partir, respondeu o guia.

— Esperem, disse Mr. Fogg. Basta que eu esteja amanhã em Alaabad antes do meio dia.

— Mas o que espera? respondeu Sir Francis Cromarty. Em algumas horas o dia vai aparecer, e...

— A oportunidade que nos escapa pode voltar a se apresentar no momento supremo.

O general de brigada teria desejado poder ler nos olhos de Phileas Fogg.

Com o que contava este frio Inglês? Quereria, no momento do suplício, lançar-se em direção à jovem e arrancá-la abertamente de seus algozes?

Seria uma loucura, e como admitir que este homem fosse louco a tal ponto? Apesar de tudo, Sir Francis Cromarty consentiu em esperar até o desenlace daquela terrível cena. Todavia, o guia não deixou os seus companheiros no lugar onde se tinham refugiado, levou-os para a parte anterior da clareira. Dali, ocultos por algumas árvores, podiam observar os grupos adormecidos.

Enquanto isso, Passepartout, empoleirado nos primeiros galhos de uma árvore, ruminava uma idéia que havia a princípio atravessado seu espírito como um relâmpago, e que acabara por incrustar-se em seu cérebro.

Havia começado por se dizer: — Que loucura! — e agora repetia: Porque não, apesar de tudo? É uma probabilidade, talvez a única, e com uns brutos assim!...

Em todo caso, Passepartout não elaborou este pensamento, mas não tardou a deslizar com a agilidade de uma serpente sobre os ramos baixos da árvore cuja extremidades se curvava para o solo.

As horas corriam, e logo algumas tonalidades menos sombrias anunciaram a aproximação do dia. Contudo, a escuridão era ainda profunda.

Chegara o momento. Houve como que uma resurreição daquela multidão adormecida. Os grupos se animaram. Batidas de tantãs ressoaram. Cantos e gritos ecoaram novamente. Chegara a hora em que a desafortunada iria morrer.

Com efeito, as portas de pagode se abriram. Uma luz mais viva escapou do interior. Mr. Fogg e Sir Francis Cromarty puderam divisar a vítima, vivamente iluminada, que dois sacerdotes arrastavam para fora. Pareceu-lhes mesmo que, sacudindo o entorpecimento por um supremo instinto de conservação, a infeliz tentava escapar de seus verdugos. O coração de sir Francis Cromarty pulou, e em um movimento compulsivo, agarrando na mão de Phileas Fogg, sentiu que aquela mão tinha uma navalha aberta.

Neste momento, a multidão moveu-se. A jovem recaíra no torpor provocado pelas fumaças do cânhamo. Passou rodeada pelos faquires, que a escoltavam com suas vociferações religiosas.

Phileas Fogg e os seus companheiros, confundindo-se com as últimas fileiras da multidão, seguiram-na.

Dez minutos depois, chegaram à beira do rio e pararam a menos de cinqüenta passos da pira, sobre a

qual estava estendido o corpo do rajá. Na semi obscuridade, viram a vítima absolutamente inerte, estendida aos pés do cadáver de seu esposo.

Depois uma tocha foi aproximada e a madeira, impregnada de óleo, logo se inflamou.

Neste momento, Sir Francis Cromarty e o guia contiveram Phileas Fogg, que num momento de generosa loucura, se lançava em direção à fogueira...

Mas Phileas Fogg já os havia repelido, quando a cena subitamente mudou. Um grito de terror se elevou. Toda aquela multidão se prostrou por terra, assombrada.

O velho rajá não estava, então, morto, porque o viram erguer-se de repente como um fantasma, levantar a jovem em seus braços, descer da pira no meio de turbilhões de fumo que lhe davam uma aparência espectral.

Os faquires, os guardas, os sacerdotes, tomados por súbito terror, estavam lá, face sobre a terra, sem se atreverem a levantar os olhos e contemplar um tal prodígio!

A vítima inanimada passou carregada por braços vigorosos que a levavam, e sem que parecesse lhes pesar. Mr. Fogg e Sir Francis Cromarty tinham ficado de pé. O Parsi curvara a cabeça, e Passepartout, sem dúvida, não estaria menos estupefato!...

O ressuscitado chegou perto do local onde estavam Mr. Fogg e Sir Francis Cromarty, e aí, com voz grave:

— Fujamos! disse.

Era Passepartout em pessoa que deslizara até a pira no meio da fumaça espessa! Era Passepartout que, aproveitando a escuridão ainda profunda, tinha arrancado a jovem à morte! Era Passepartout que, desempenhando o seu papel com uma audaciosa

felicidade, passara incólume no meio do assombro geral!

Um instante depois, todos os quatro desapareciam na floresta, e o elefante os transportava num trote rápido. Mas gritos, clamores e mesmo uma bala, que atravessou o chapéu de Phileas Fogg, fez-lhes saber que o logro tinha sido descoberto.

Com efeito, sobre a pira em chamas distinguia-se agora o corpo do velho rajá. Os sacerdotes, saídos de seu terror, tinham compreendido que um rapto acabara de se consumar.

Imediatamente tinham se precipitado na floresta. Os guardas os tinham seguido. Fizeram uma descarga, mas os raptores fugiam rapidamente, e, em pouco tempo, achavam-se fora do alcance das balas e das flechas.

CAPÍTULO XIV

EM QUE PHILEAS FOGG DESCE TODO O ADMIRÁVEL VALE DO GANGES SEM SEQUER PENSAR EM VÊ-LO

O arrojado rapto havia vingado. Uma hora depois, Passepartout ria ainda de seu sucesso. Sir Francis Cromarty havia apertado as mãos do intrépido moço. O patrão lhe havia dito: — Bom — o que, na boca deste gentleman, equivalia a uma alta aprovação. Ao que Passepartout respondeu que toda a honra da empreitada pertencia a seu patrão. Para ele, só tinha tido uma idéia "maluca", e ria ao pensar que, durante alguns instantes, ele, Passepartout, antigo ginasta, ex-sargento de bombeiros, fora o viúvo de uma mulher encantadora, um velho rajá embalsamado!

Quanto à jovem indiana, nem tinha tido consciência do que se passara. Embrulhada nas mantas de viagem, repousava sobre um dos cestos.

Enquanto isso o elefante, guiado com extrema segurança pelo Parsi, corria rapidamente pela floresta ainda obscura. Uma hora após ter deixado o pagode de Pillaji, lançava-se através de uma imensa planície. Às sete horas, fizeram alto. A jovem continuava ainda em completa prostração. O guia deu-lhe alguns goles de água e de brandy; mas a influência entorpecedora que a atacara deveria se prolongar por algum tempo ainda.

Sir Francis Cromarty, que conhecia os efeitos do entorpecimento produzido pela inalação dos vapores do cânhamo, não se inquietava.

Mas se o restabelecimento da jovem indiana não oferecia dúvida ao espírito do general de brigada, este mostrava-se menos seguro quanto ao futuro. Não hesitou em dizer a Phileas Fogg que se Mrs. Aouda ficasse na Índia, inevitavelmente recairia nas mãos dos seus verdugos. Estes energúmenos encontravam-se por toda a península, e, com certeza, a despeito da polícia inglesa, saberiam reaver a sua vítima, estivesse ela em Madras, em Bombaim, em Calcutá. E Sir Francis Cromarty citava, em apoio do que dizia, um fato da mesma natureza que se passara recentemente. Na sua opinião, a jovem só ficaria verdadeiramente em segurança depois de ter deixado a Índia.

Phileas Fogg respondeu que tomaria estas observações em conta e que o avisaria.

Pelas dez horas, o guia anunciou a estação de Alaabad. Ali continuava a via interrompida da estrada de ferro, cujos trens transpõem, em menos de um dia e uma noite, a distância que separa Alaabad de Calcutá.

Phileas Fogg deveria portanto chegar a tempo para pegar o paquete que só partiria no dia seguinte, 25 de outubro, ao meio dia, para Hong Kong.

A jovem foi depositada em um quarto de estação. Passepartout foi encarregado de ir comprar para ela diversos objetos de *toilette*, vestido, chale, peles, etc., o que achasse. Seu patrão abria-lhe um crédito ilimitado.

Passepartout partiu em seguida e percorreu as ruas da cidade. Alaabad, a cidade de Deus, é uma das mais veneradas da Índia, por ter sido edificada na confluência de dois rios sagrados, o Ganges e o Jumna, cujas águas atraem os peregrinos de toda a península. Sabe-se ademais que, segundo as lendas do Ramayana, o Ganges tem a sua nascente no céu, de onde, graças a Brama,

desce para a terra.

Fazendo suas compras, Passepartout também viu a cidade, outrora defendida por um forte magnífico que se tornou uma prisão do Estado. Nem comércio, nem indústria nesta cidade, outrora industrial e comercial. Passepartout, que em vão procurava uma loja de modas, como se estivesse na Regent Street a alguns passos da Farmer e Co., só encontrou em um revendedor, velho judeu dificultoso, os objetos que precisava, um vestido de tecido escocês, um grande casaco, e uma magnífica pele de lontra pela qual não hesitou em pagar setenta e cinco libras (1.875 F). Depois, todo triunfante, voltou para a estação.

Mrs. Aouda começava a voltar a si. A influência a que os sacerdotes de Pillaji a tinham submetido dissipava-se pouco a pouco, e seus lindos olhos recuperavam toda sua doçura indiana.

Quando o rei-poeta, Uçaf Uddaul, celebra os encantos da rainha de Alméhnagara, exprime-se assim:

"Os seus cabelos reluzentes, regularmente divididos ao meio, emolduram-lhe os contornos harmoniosos de suas faces delicadas e alvas, cintilantes de lustre e de frescor. Suas sobrancelhas de ébano têm a forma e o poder do arco de Kama, deus do amor, e sob os longos cílios sedosos, na pupila negra de seus grandes olhos límpidos, navegam como nos lagos sagrados do Himalaia, os reflexos mais puros da luz celeste. Finos, iguais e brancos, seus dentes resplandecem entre seus lábios sorridentes, como gotas de orvalho no seio entreaberto de uma flor de romã. Suas orelhas pequenas de curvas simétricas, suas mãos rosadas, seus pequenos pés arqueados e tenros como os brotos do

lotus, brilham com o luzir das mais belas pérolas de Ceilão, dos mais belos diamantes de Golconda. Sua cintura delgada e flexível, que basta uma mão para abraçar, realça a elegante curva dos seus rins arredondados rins e a riqueza de seu busto onde a juventude em flor guarda seus mais perfeitos tesouros; e, sob as sedosas dobras de sua túnica, parece ter sido modelada em pura prata pela mão divina de Vicvacarma, o eterno estatuário."

Mas, sem toda esta amplificação, basta dizer que Mrs. Aouda, a viúva do rajá do Bundelkund, era uma mulher encantadora em toda acepção européia da palavra. Falava inglês com grande pureza, e o guia não exagerara em nada ao afirmar que esta jovem Parsi havia sido transformada pela educação.

Enquanto isso o trem ia deixar a estação de Alaabad. O Parsi esperava. Mr. Fogg pagou-lhe o salário conforme o combinado, nem um farthing a mais. Isto surpreendeu um pouco Passepartout, que sabia quanto seu patrão devia à dedicação do guia. O Parsi tinha, com efeito, arriscado voluntariamente sua vida no caso de Pillaji, e se, mais tarde, os índianos viessem a capturá-lo, dificilmente escaparia de sua vingança.

Restava também a questão de Kiouni. Que fariam com um elefante comprado tão caro?

Mas Phileas Fogg já tinha tomado uma decisão.

— Parsi, disse ao guia, tu fostes serviçal e dedicado. Paguei teu serviço, mas não tua dedicação. Queres este elefante? É teu.

Os olhos do guia brilharam.

— É uma fortuna que Vossa Honra me dá! exclamou.

— Aceita, guia, respondeu Mr. Fogg, e serei ainda teu

devedor.

— Em boa hora! exclamou Passepartout. Aceita, amigo! Kiouni é um bravo e corajoso animal!

E, indo até a besta, presenteou-o com alguns pedaços de açúcar, dizendo:

— Toma, Kiouni, toma, toma!

O elefante soltou alguns grunhidos de satisfação. Depois, tomando Passepartout pela cintura e enrolando-o com a tromba, levantou-o até à altura da cabeça. Passepartout, nem um pingo assustado, fez uma boa carícia no animal, que o recolocou no chão, e, ao aperto da tromba do honesto Kiouni, o honesto rapaz respondeu com um vigoroso aperto de mão.

Alguns instantes depois, Phileas Fogg, Sir Francis Cromarty e Passepartout, instalados em um confortável vagão no qual Mrs. Aouda ocupava o melhor lugar, corriam a todo o vapor para Benares.

Oitenta milhas, no máximo, separam esta cidade de Alaabad, e elas foram vencidas em duas horas.

Durante o trajeto, a jovem voltou completamente a si; os vapores estupefacientes do “hang” se dissiparam.

Qual foi sua surpresa ao achar-se na railway, naquele compartimento, com roupas européias, entre viajantes completamente desconhecidos!

Imediatamente, seus companheiros lhe prodigalizaram cuidados e a reanimaram com algumas gotas de licor; depois o general de brigada lhe narrou sua história. Insistiu na dedicação de Phileas Fogg, que não tinha hesitado em arriscar a vida para a salvar, e no desenlace da aventura, devido à audaciosa imaginação de Passepartout.

Mr. Fogg deixou-o falar, sem pronunciar uma palavra. Passepartout, todo envergonhado, repetia que “aquilo

não foi nada!”

Mrs. Aouda agradeceu aos seus salvadores efusivamente, com suas lágrimas, mais que com suas palavras. Seus belos olhos, mais que seus lábios, foram os intérpretes de seu reconhecimento. Depois, recordando as cenas do sati, dirigindo seu olhar para aquela terra indiana onde tantos perigos ainda a esperavam, estremeceu de terror.

Phileas Fogg compreendeu o que se passava no espírito de Mrs. Aouda, e, para tranqüilizá-la, ofereceu-se, muito friamente aliás, para conduzi-la a Hong Kong, onde poderia permanecer até que o caso fosse esquecido.

Mrs. Aouda aceitou a oferta com reconhecimento. Precisamente, em Hong Kong, residia um de seus parentes, Parsi como ela, e um dos principais negociantes desta cidade, que é absolutamento inglesa, apesar do ocupar um ponto da costa chinesa.

Ao meio dia e meia, o trem parou na estação de Benares. As lendas bramânicas afirmam que esta cidade ocupa o local da antiga Casi, que estava outrora suspensa no espaço, entre o zênite e o nadir, como a tumba de Maomé. Mas, nesta época mais realista, Benares, a Atenas da Índia no dizer dos orientalistas, repousava muito prosaicamente no solo, e Passepartout pôde por um instante entrever suas casas de tijolos, suas choças de cana, que lhe davam um aspecto de absoluta desolação, sem nenhuma cor local.

Era ali que devia ficar Sir Francis Cromarty. As tropas a que se reunia acampavam a algumas milhas ao norte da cidade. O general de brigada deu adeus a Phileas Fogg, desejando-lhe o melhor êxito possível, e exprimindo o voto de que voltasse a fazer esta viagem de um modo menos original, mas mais proveitoso. Mr. Fogg

apertou levemente os dedos do seu companheiro. Os comprimentos de Mrs. Aouda foram mais afetuosos. Jamais esqueceria o que devia a Sir Francis Cromarty. Quanto a Passepartout, foi honrado com um verdadeiro apertão de mão do general de brigada. Todo emocionado, perguntou-lhe onde e quando se poderia devotar a ele. Afinal separaram-se.

A partir de Benares, a via férrea seguia em parte o vale do Ganges. Através dos vidros do vagão, por um tempo muito claro, aparecia a paisagem variada do Béhar, depois montanhas cobertas de vegetação, os campos de cevada, de milho e de trigo, rios e tanques povoados por crocodilos esverdeados, aldeias bem conservadas, florestas ainda verdejantes. Alguns elefantes, zebus de grandes corcovas vinham banhar-se nas águas do rio sagrado, e também, apesar da estação avançada e a temperatura já fria, grupos de indianos de ambos os sexos, que cumpriam piedosamente suas santas abluções. Estes fiéis, inimigos encarniçados do budismo, são seguidores fervorosos da religião bramânica, que se encarna em três pessoas: Vixnú, a divindade solar; Siva, a personificação divina das forças naturais; e Brama, o senhor supremo dos sacerdotes e dos legisladores. Mas, com que olhos deveriam Brama, Siva e Vixnú considerar esta Índia, agora — britanizada — quando algum barco a vapor passava, uivando e agitando as águas consagradas do Ganges, espantando as gaivotas que voavam sobre sua superfície, as tartarugas que pululavam em suas bordas, e os devotos deitados ao longo das suas margens!

Todo este panorama desfilava como um relâmpago, e por vezes uma nuvem de vapor branco lhe ocultava os detalhes. Os viajantes mal puderam entrever o forte de

Chunar, a vinte milhas o sudeste de Benares, antiga fortaleza dos rajás do Béhar, Ghazepour e suas importantes fábricas de água de rosa, o túmulo de Lord Cornwallis que se eleva sobre a margem esquerda do Ganges, a cidade fortificada de Buxar, Patna, grande cidade industrial e comercial, onde fica o principal mercado de ópio da Índia, Monghir, cidade mais que européia, inglesa como Manchester ou Birmingham, famosa por suas fundições de ferro, suas serralherias e fábricas de armas brancas, cujas altas chaminés escureciam com uma fumaça negra o céu de Brama — um verdadeiro murro no país do sonho!

Depois veio a noite e, em meio do uivar dos tigres, dos ursos, dos lobos que fugiam diante da locomotiva, o trem passou a toda velocidade, e nada mais se pôde ver das maravilhas de Bengala, nem Golgonda, nem Gour em ruína, nem Mourshedabad, que foi em outros tempos capital, nem Burdwan, nem Hougly, nem Chandernagor, ponto francês do território indiano sobre o qual Passepartout teria tido o orgulho de ver tremular a bandeira da sua pátria!

Finalmente, às sete da manhã, chegaram a Calcutá. O paquete, de partida para Hong Kong, só levantaria âncora ao meio dia. Phileas Fogg tinha, pois, cinco horas pela frente.

De acordo com seu roteiro, este gentleman deveria chegar à capital das Índias em 25 de outubro, vinte e três dias após ter saído de Londres, e ali chegava no dia fixado. Não havia, pois, nem atraso nem avanço. Infelizmente, os dois dias ganhos por ele entre Londres e Bombaim tinham sido perdidos, sabemos como, na travessia da península indiana — mas é de supor que Phileas Fogg não os lamentasse.

CAPÍTULO XV

EM QUE A SACOLA COM BANK-NOTES FICA ALIVIADA DE MAIS ALGUNS MILHARES DE LIBRAS

O trem parara na estação. Passepartout foi o primeiro a descer do vagão, e foi seguido por Mr. Fogg, que ajudou sua jovem companhia a colocar o pé na plataforma. Phileas Fogg contava dirigir-se diretamente ao paquete para Hong Kong, para instalar ali confortavelmente Mrs. Aouda, que não queria deixar, enquanto estivesse nesta terra tão perigosa para ela.

No momento em que Mr. Fogg ia a sair da estação um policeman aproximou-se e disse:

— Senhor Phileas Fogg?

— Sou eu.

— Este homem é seu criado? acrescentou o policeman apontando Passepartout.

— Sim.

— Queiram seguir-me.

Mr. Fogg não fez nenhum movimento que pudesse revelar qualquer surpresa. Aquele agente era um representante da lei, e, para qualquer inglês, a lei é sagrada. Passepartout, com os seus hábitos franceses, queria discutir, mas o policeman tocou nele com seu bastão, e Phileas Fogg lhe fez sinal para obedecer.

— Esta jovem dama pode acompanhar-nos? perguntou Mr. Fogg.

— Pode, respondeu o policeman.

O policeman conduziu Mr. Fogg, Mrs. Aouda e

Passepartout até um palki-ghari, espécie de veículo de quatro rodas e quatro lugares, atrelado a dois cavalos. Partiram. Ninguém falou durante o trajeto, que durou uns vinte minutos.

O veículo atravessou primeiro a “cidade negra”, com ruas estreitas, bordejada por calçadas em que formigava uma população cosmopolita, imunda e andrajosa; depois passou pela cidade européia, alegrada com casas de tijolo, ensombrada por coqueiros, eriçada de mastros, por entre os quais trotavam, apesar da hora matinal, cavaleiros elegantes e magníficas montarias.

O palki-ghari parou na frente de uma habitação de aparência simples, mas que não deveria se destinar a usos domésticos. O policeman fez descer seus prisioneiros — podemos a rigor lhes dar este nome — e os conduziu a uma dependência com janelas gradeadas, dizendo:

— É às oito horas e meia que comparecerão perante o juiz Obadiah.

Depois retirou-se e fechou a porta.

— Bem! estamos presos! exclamou Passepartout, deixando-se cair numa cadeira.

Mrs. Aouda, dirigindo-se logo a Mr. Fogg, disse-lhe com uma voz da qual procurava em vão disfarçar a emoção:

— Senhor, é preciso me abandonar! É por minha causa que o perseguem! É por me ter salvo!

Phileas Fogg contentou-se em responder que isso não era possível. Perseguido por esse assunto do sati! Inadmissível! Como os queixosos se atreveriam a se apresentar? Havia engano. Mr. Fogg acrescentou que, fosse como fosse, não abandonaria a jovem, e a conduziria a Hong Kong.

— Mas o barco parte ao meio dia! observou Passepartout.

— Antes do meio dia estaremos no navio, respondeu simplesmente o impassível gentleman.

Isto foi afirmado tão assertivamente, que Passepartout não pôde deixar de se dizer:

— Caramba! é mais que certo! antes do meio dia estaremos a bordo! Mas não estava tão convencido assim.

Às oito e meia, a porta da sala se abriu. O policeman reapareceu, e introduziu os presos na sala ao lado. Era uma sala de audiência, e um público bastante numeroso, composto de Europeus e de nativos já ocupava o pretório.

Mr. Fogg, Mrs. Aouda e Passepartout sentaram-se em um banco defronte aos lugares reservados ao magistrado e ao escrivão.

Este magistrado, o juiz Obadiah, entrou quase imediatamente, seguido pelo escrivão. Era um homem grande todo redondo. Pegou uma peruca pendurada numa chapeleira e se cobriu com ela rápida e decidamente.

— A primeira causa, disse.

Mas, levando a mão à cabeça:

— Epa! esta não é a minha peruca!

— Com efeito, senhor Obadiah, é a minha, respondeu o escrivão.

— Caro senhor Oysterpuf, como quer que o juiz possa proferir uma boa sentença com a peruca de um escrivão?

A troca das perucas foi feita. Durante estas preliminares, Passepartout fervia de impaciênca, porque o ponteiro lhe parecia andar terrivelmente rápido sobre o

mostrador do grande relógio do tribunal.

— A primeira causa, retomou então o juiz Obadiah.

— Phileas Fogg? disse o escrivão Oysterpuf.

— Estou aqui, respondeu Mr. Fogg.

— Passepartout?

— Presente! respondeu Passepartout.

— Bem! disse o juiz Obadiah. Há dois dias, acusados, que os procuramos em todos os trens de Bombaim.

— Mas de que nos acusam? gritou Passepartout, impaciente.

— Vai saber, respondeu o juiz.

— Senhor, disse então Mr. Fogg, sou cidadão inglês, e tenho direito...

— Faltaram-lhe ao respeito? perguntou Mr. Obadiah.

— De modo algum.

— Ótimo! façam entrar os queixosos.

À ordem do juiz, abriu-se uma porta, e três sacerdotes hindus foram introduzidos por um oficial.

— É isso! murmurou Passepartout, são aqueles velhacos que queriam queimar a nossa jovem dama!

Os sacerdotes perfilaram-se diante do juiz, e o escrivão leu em voz alta uma acusação de sacrilégio, formulada contra o senhor Phileas Fogg e o seu criado, acusados de ter violado um lugar consagrado à religião bramânica.

— Ouviu? perguntou o juiz a Phileas Fogg.

— Sim, senhor, respondeu Mr. Fogg consultando seu relógio, e confesso.

— Ah! confessa?

— Confesso e espero que estes três sacerdotes por sua vez também confessem o que queriam fazer no pagode de Pillaji.

Os sacerdotes se entreolharam. Pareciam não

compreender nada das palavras do acusado.

— Sem dúvida! exclamou impetuosamente Passepartout, no pagode de Pillaji, diante do qual eles iam queimar sua vítima!

Nova estupefação dos sacerdotes, e profundo espanto do juiz Obadiah.

— Que vítima? perguntou. Queimar quem? Em plena cidade de Bombaim?

— Bombaim? exclamou Passepartout.

— Sem dúvida. Não se trata do pagode de Pillaji, mas do pagode de Malebar Hill, em Bombaim.

— E como prova, eis os sapatos do profanador, acrescentou o escrivão, pondo um par de calçados sobre sua mesa.

— Meus sapatos! gritou Passepartout, que, extremamente surpreso, não pôde conter esta exclamação involuntária.

Adivinhem a confusão que se operou no espírito do patrão e do criado. O incidente do pagode de Bombaim, eles o tinham esquecido, e era exatamente este que os levava perante o magistrado de Calcutá.

Com efeito, o agente Fix tinha compreendido todo o partido que poderia tirar deste malfadado acontecimento. Atrasando sua partida em doze horas, arvorara-se em conselheiro dos sacerdotes de Malebar Hill; tinha prometido para eles indenizações consideráveis, sabendo bem que o governo inglês se mostrava muito severo para este gênero de delito; depois, no trem seguinte, os tinha lançado na pista do sacrílego. Mas, devido ao tempo empregado no resgate da jovem viúva, Fix e os hindus chegaram a Calcutá antes de Phileas Fogg e seu criado, que os magistrados, prevenidos por despacho, deveriam prender quando

descessem do trem. Avaliem o desapontamento de Fix, quando soube que Phileas Fogg não havia chegado ainda à capital da Índia. Deveria ter acreditado que o seu ladrão, parando em uma das estações do Peninsular Railway, tinha se refugiado nas províncias setentrionais. Por vinte e quatro horas, em meio a mortais inquietudes, Fix o aguardou na estação. Qual não foi pois sua alegria quando, naquela manhã, o viu descer do vagão, em companhia, é verdade, de uma jovem cuja presença não podia explicar. Imediatamente lançou sobre ele um policeman, e eis como Mr. Fogg, Passepartout e a viúva do rajá do Bundelkund foram conduzidos perante o juiz Obadiah.

E se Passepartout tivesse estado menos preocupado com seu caso, teria percebido, em um canto do pretório, o detetive, que acompanhava o debate com um interesse fácil de se compreender — porque em Calcutá, como em Bombaim, como em Suez, o mandado de prisão faltava-lhe ainda!

Neste interim, o juiz Obadiah fizera constar em ata a confissão que deixara escapar Passepartout, o qual teria dado tudo o que possuía para poder retirar suas palavras imprudentes.

— Confessam os fatos? disse o juiz.

— Confessados, respondeu friamente Mr. Fogg.

— Tendo em vista, retomou o juiz, tendo em vista que a lei inglesa entende proteger igual e rigorosamente todas as religiões das populações da Índia, o delito tendo sido confessado pelo senhor Passepartout, convicto de ter violado com pé sacrílego o pavimento do pagode de Malebar Hill, em Bombaim, no dia 20 de outubro, condeno o supramencionado Passepartout a quinze dias de prisão e a uma multa de trezentas libras (7.500 F).

— Trezentas libras? gritou Passepartout, que só estava verdadeiramente sensivel à multa.

— Silêncio! exclamou o oficial com voz esganiçada.

— E, acrescentou o juiz Obadiah, visto que não está materialmente provado que não houve conivência entre criado e o patrão, mas que em todo caso este deve ser considerado responsável pelos gestos de um servidor a seus cuidados, retém o citado Phileas Fogg e o condena a oito dias de prisão e cento e cinqüenta libras de multa. Escrivão, chame outro caso!

Fix, do seu canto, experimentava uma indizível satisfação. Phileas Fogg retido oito dias em Calcutá, era mais que suficiente para dar ao mandado tempo de chegar.

Passepartout estava aturdido. Esta condenação arruinava seu patrão. Uma aposta de vinte mil libras perdida, e tudo porque ele, como um verdadeiro paspalho, tinha entrado naquele maldito pagode!

Phileas Fogg, tão senhor de si como se a condenação não lhe dissesse respeito, nem mesmo franzira a sobrancelha. Mas no momento em que o escrivão ia chamar outro caso, levantou-se e disse:

— Ofereço fiança.

— É seu direito, respondeu o juiz.

Fix sentiu um frio na espinha, mas recobrou a segurança, quando ouviu o juiz, “tendo em vista a qualidade de estrangeiros de Phileas Fogg e de seu criado”, fixar a fiança para cada um deles na enorme quantia de mil libras (25.000 F).

Custaria duas mil libras a Phileas Fogg, se não purgasse sua condenação.

— Pago, disse o genteman.

E da sacola que Passepartout trazia, retirou um maço

de bank-notes que depositou sobre a mesa do escrivão.

— Esta soma lhe será restituída quando sair da prisão, disse o juiz. Enquanto esperam, estão livres sob fiança.

— Venha, disse Phileas Fogg a seu criado.

— Mas, ao menos, me devolvam os sapatos! exclamou Passepartout com um movimento de raiva.

Foram-lhe restituídos os sapatos.

— E olha que custaram caro! murmurou ele. Mais de mil libras cada um! Sem contar que me machucam!

Passepartout, absolutamente pesaroso, seguiu Mr. Fogg, que havia oferecido o braço à jovem. Fix esperava ainda que seu ladrão não resolvesse abandonar esta soma de duas mil libras e cumprisse os oito dias de prisão. Lancou-se pois ao encalço de Fogg.

Mr. Fogg tomou um veículo, para a qual Mrs. Aouda, Passepartout e ele logo subiram. Fix correu atrás do veículo, que logo parou num dos cais da cidade.

A meia milha ao largo, o *Rangoon* estava ancorado, sua bandeira de partida içada no topo do mastro. Soavam as onze horas. Mr. Fogg estava adiantado uma hora. Fix o viu descer do veículo e embarcar numa canoa com Mrs. Aouda e o criado. O detetive bateu o pé no chão.

— Pilantra! exclamou, parte! Duas mil libras sacrificadas! Pródigo como um ladrão! Ah! segui-lo-ei até o fim do mundo se preciso for; mas no passo que vai, todo o dinheiro do roubo terá acabado!

O inspetor de polícia tinha fundamento em sua reflexão. Com efeito, desde que tinha saído de Londres, tanto em despesas de viagem quanto em gratificações, na compra do elefante, nas fianças e na multa, Phileas Fogg já semeara pelo caminho mais de cinco mil libras

(125.000 F), e o tanto por cento da soma encontrada, atribuído aos detetives, ia sempre diminuindo.

CAPÍTULO XVI

EM QUE FIX PARECE NÃO SABER NADA DO QUE LHE DIZEM

O *Rangoon*, um dos paquetes que a Companhia peninsular e oriental emprega no serviço dos mares da China e do Japão, era um vapor de ferro, de hélice, deslocando mil setecentas e setenta toneladas, e com força nominal de quatrocentos cavalos. Igualava o *Mongolia* em velocidade, mas não em conforto. Assim, Mrs. Aouda não ficou tão bem instalada quanto Phileas Fogg teria desejado. Afinal, tratava-se apenas de uma travessia de três mil e quinhentas milhas, ou seja de onze a doze dias, e a jovem não se mostrava uma passageira difícil.

Durante os primeiros dias da travessia, Mrs. Aouda travou conhecimento mais amplo com Phileas Fogg. Em todas as oportunidades, lhe testemunhava sua mais profunda gratidão. O fleumático gentleman a escutava, aparentemente ao menos, com a mais extrema frieza, sem que uma entoação, um gesto revelasse nele a mais leve emoção. Velava para que não faltasse nada à jovem. A certas horas, vinha regularmente, se não para conversar, pelo menos para escutá-la. Cumpria para com ela os deveres da mais estrita polidez, mas com a graça e a imprevisão de um autômato cujos movimentos tivessem sido combinados para esse fim. Mrs. Aouda não sabia o que pensar, mas Passepartout lhe havia explicado um pouco a excêntrica personalidade do patrão. Havia-lhe contado que compromisso arrastava o

gentleman ao redor do mundo. Mrs. Aouda havia sorrido; mas afinal devia-lhe a vida, e o seu salvador nada podia perder pelo fato de ela o ver através do seu reconhecimento.

Mrs. Aouda confirmou a narrativa que o guia hindu havia feito de sua tocante história. Era, com efeito, dessa raça que ocupa o primeiro lugar entre as raças indianas. Muitos negociantes parsis tinham feito grandes fortunas nas Índias, no comércio de algodão. Um deles, sir James Jejeebhoy, recebeu do governo inglês título de nobreza, e Mrs. Aouda era parente deste rico personagem que habitava em Bombaim. Era mesmo um primo de Sir Jejeebhoy, o honrado Jejeeh, que ela contava encontrar em Hong Kong. Encontraria junto a ele refúgio e assistência? Não o podia afirmar. Ao que Mr. Fogg respondia que ela não tinha por que se inquietar, e que tudo se arranjariá matematicamente! Foi a palavra que usou.

Compreenderia a jovem este horrível advérbio? Não sabemos. Contudo, seus grandes olhos fixaram-se nos de Mr. Fogg, seus grandes olhos “límpidos como os lagos sagrados da Himalaia”! Mas o intratável Fogg, mais fechado do que nunca, não parecia homem de se lançar neste lago.

A primeira parte da travessia do *Rangoon* foi cocluída em condições excelentes. O tempo estava favorável. Toda a porção da imensa baía que os marinheiros chamam de os “braços de Bengala” mostrou-se favorável à marcha do paquete. O *Rangoon* logo avistou a Grande Andaman, a mais importante das ilhas da baía de Bengala, que sua pitoresca montanha de Saddle Peak, com a altura dois mil e quatrocentos pés, assinala de bem longe aos navegantes.

A costa foi seguida bem de perto. Os selvagens Papuas da ilha não se mostraram. São seres colocados no último degrau da escala humana, mas não antropófagos, como se diz.

O desenvolvimento panorâmico destas ilhas era soberbo. Imensas florestas de palmeiras, de arecas, de bambus, de moscadeiras, de tocas, de sensitivas gigantescas, de brotos arborescentes, cobriam a região em primeiro plano, e ao fundo prefilava-se a elegante silhueta das montanhas. Sobre a costa pululavam aos milhares essas preciosas salanganas, cujos ninhos comestíveis constituem um manjar muito procurado no Celeste Império. Mas todo este espetáculo variado, oferecido à vista pelo grupo das Andaman, passou depressa, e o *Rangoon* encaminhou-se rapidamente para o estreito de Malaca, que lhe devia dar acesso aos mares da China.

Que fazia durante esta travessia o inspetor Fix, tão desventuradamente arrastado numa viagem de circum-navegação? Ao partir de Calcutá, após ter deixado instruções para que o mandado de prisão, se afinal chegasse, lhe fosse enviado para Hong Kong, tinha conseguido embarcar a bordo do *Rangoon* sem ser visto por Passepartout, e esperava dissimular sua presença até a chegada do paquete. Com efeito, teria sido difícil explicar a razão por que se achava a bordo, sem despertar as suspeitas de Passepartont, que devia crer que ainda estava em Bombaim. Mas foi levado a renovar seu conhecimento com o honesto rapaz pela lógica das circunstâncias. Como? É o que veremos.

Todas as esperanças, todos os desejos do inspetor de polícia, estavam agora concentrados em um único ponto do mundo, Hong Kong, porque o paquete pararia muito

pouco em Cingapura para que ele pudesse operar nesta cidade. Era pois em Hong Kong que a prisão do ladrão deveria se efetuar, ou o ladrão lhe escaparia, por assim dizer, para sempre.

Com efeito, Hong Kong era ainda uma terra inglesa, mas a última que se encontrava no percurso. Para além, a China, o Japão, a América ofereciam um refúgio um pouco mais seguro para o senhor Fogg. Em Hong Kong, se ali afinal encontrasse o mandado de prisão que corria evidentemente atrás dele, Fix prenderia Fogg, e o colocaria nas mãos da polícia local. Nenhuma dificuldade. Mas após Hong Kong, não bastaria um simples mandado de prisão. Seria preciso um ato de extradição. E adviriam demoras, lentidões, obstáculos de toda natureza, de que o tratante se aproveitaria para escapar definitivamente. Se a operação falhasse em Hong Kong, tornar-se-ia, se não impossível, pelo menos bem difícil recomeçá-la com qualquer probabilidade de êxito.

— Portanto, repetia Fix durante as longas horas que passava em sua cabina, portanto, ou o mandado de prisão estará em Hong Kong e prendo meu homem, ou não estará, e desta vez será preciso a qualquer custo que atrase sua partida! Fracassei em Bombaim, fracassei em Calcutá! Se o mesmo acontecer em Hong Kong, adeus reputação! Custe o que custar, preciso conseguir. Mas que meio empregar para atrasar, se for necessário, a partida desse maldito Fogg?

Como último recurso, Fix estava bem decidido a confessar tudo a Passepartout, a dar-lhe a conhecer o patrão a quem servia e de quem não era certamente cúmplice. Passepartout, esclarecido por esta revelação, temendo ser comprometido, passaria sem dúvida para

seu lado, de Fix. Mas afinal era um meio arriscado, que só poderia ser usado como último recurso. Uma palavra de Passepartout ao seu patrão seria suficiente para comprometer irremediavelmente tudo.

O inspetor de política estava pois extremamente embaraçado, quando a presença de Mrs. Aouda a bordo do *Rangoon*, em companhia de Phileas Fogg, lhe abriu novas perspectivas.

Quem era esta mulher? Que soma de circunstâncias a fizera companheira de Fogg? Fora evidentemente entre Bombaim e Calcutá que o encontro se dera. Mas em que ponto da Península? Seria o acaso que reunira Phileas Fogg e a jovem viajante? Ou esta viagem através da Índia teria sido feita pelo gentleman unicamente para encontrar aquela sedutora criatura? porque era sedutora! Fix a tinha visto muito bem na sala de audiência do tribunal de Calcutá.

É fácil compreender a que ponto o agente deveria estar intrigado. Perguntava-se se nesta história toda não haveria algum rapto criminoso. Sim! devia ser isso. Esta idéia arraigou-se no cérebro de Fix, e reconheceu todas as vantagens que poderia tirar desta circunstância. Fosse ou não casada a jovem, haveria rapto, e seria possível, em Hong Kong, suscitar tais embaraços ao raptor, tais que não pudesse safar-se deles com dinheiro.

Mas não convinha esperar a chegada do *Rangoon* a Hong Kong. Este Fogg tinha o hábito detestável de saltar de um barco para outro, e, antes que o plano começasse a ser executado, ele poderia já estar longe.

O importante era pois prevenir as autoridades inglesas e dar a descrição do passageiro do *Rangoon* antes de seu desembaque. Ora, isso seria muito fácil, já

que o paquete fazia escala em Cingapura, e Cingapura está ligada à costa chinesa por um fio telegráfico.

Todavia, antes de agir, e para operar mais seguramente, Fix resolveu interrogar Passepartout. Sabia que não era muito difícil fazer o rapaz falar, e decidiu-se a romper o incógnito que guardara até então. Ora, não havia tempo a perder. Estavam em 31 de outubro, e no dia seguinte o *Rangoon* deveria aportar em Cingapura.

Portanto, nesse dia, Fix, saindo do sua cabina, subiu ao convés, com a intenção de abordar Passepartout "primeiro", com mostras da mais extrema surpresa. Passepartout passeava tranqüilamente pela proa, quando o inspetor precipitou-se em sua direção, exclamando:

— Você, no *Rangoon*!

— Senhor Fix a bordo! respondeu Passepartout, absolutamente surpreso, ao reconhecer seu companheiro de travessia do *Mongolia*. Puxa! deixei-o em Bombaim, e venho reencontrá-lo a caminho de Hong Kong! Faz também a volta ao mundo?

— Não, não, respondeu Fix, e espero ficar em Hong Kong, ao menos por alguns dias.

— Ah! disse Passepartout, que pareceu por um instante surpreso. Mas como não o tinha visto ainda no navio desde nossa partida de Calcutá?

— Palavra, uma doença... um pouco de enjôo... Fiquei deitado no minha cabina... O golfo de Bengala não me tratou tão bem quanto o oceano Índico. E seu patrão, Mr. Phileas Fogg?

— Em perfeita saúde, e tão pontual quanto seu roteiro! Nem um dia atrasado! Ah! senhor Fix, ainda não sabe, mas temos uma jovem dama conosco.

— Uma jovem dama? respondeu o agente, fingindo perfeitamente não compreender o que o seu interlocutor queria dizer.

Mas Passepartout logo o pôs ao par da história. Contou-lhe o incidente do pagode de Bombaim, a aquisição do elefante pela quantia de duas mil libras, o caso do sati, o rapto de Aouda, a condenação do tribunal de Calcutá, a liberdade sob fiança. Fix, que conhecia a última parte destes incidentes, parecia ignorar todos, e Passepartout deixava-se arrastar pelo prazer de narrar suas aventuras a um ouvinte tão atento.

— Mas, no fim das contas, perguntou Fix, seu patrão tem a intenção de levar essa jovem para a Europa?

— Não, senhor Fix, não! Vamos simplesmente entregá-la aos cuidados de um de seus parentes, rico negociante de Hong Kong.

— Não há nada a fazer! disse consigo o detetive, dissimulando seu desapontamento. Um copo do gin, senhor Passepartout?

— Com prazer, senhor Fix. O mínimo que podemos fazer é brindar nosso reencontro no *Rangoon*!

CAPÍTULO XVII

EM QUE SE TRATA DE UMAS TANTAS COISAS DURANTE A TRAVESSIA DE CINGAPURA PARA HONG-KONG

Desde esse dia, Passepartout e o detetive se encontraram freqüentemente, mas o agente mantinha-se em uma extrema reserva em relação ao companheiro, e nem tentou fazê-lo falar. Uma ou duas vezes apenas, entrevira Mr. Fogg, que preferia ficar no grande salão do *Rangoon*, fazendo companhia a Mrs. Aouda, ou jogando whist, seguindo seu invariável costume.

Quanto a Passepartout, tinha-se posto a meditar muito seriamente no estranho acaso que havia colocado, mais uma vez, Fix no caminho de seu patrão. E, com efeito, qualquer um teria se admirado por muito menos. Este gentleman, muito amável, muito solícito com certeza, que se encontra em Suez, que embarca no *Mongolia*, que desembarca em Bombaim, onde disse dever ficar, que se reencontra no *Rangoon*, fazendo viagem para Hong Kong, numa palavra, seguindo passo a passo o roteiro de Mr. Fogg, era coisa em que valia a pena refletir. Havia aí uma coincidência pelo menos bizarra. O que pretendia este Fix? Passepartout estava pronto a apostar as suas babuchas — ele as havia preciosamente conservado — que Fix deixaria Hong Kong ao mesmo tempo que eles, e provavelmente no mesmo paquete.

Passepartout poderia ter refletido por um século, que não teria jamais adivinhado de que missão o agente fora

encarregado. Jamais seria capaz de imaginar que Phileas Fogg fosse “espionado”, como um ladrão, à volta do globo terrestre. Mas como está na natureza humana arranjar explicação para tudo, eis como Passepartout, subitamente iluminado, interpretou a presença permanente de Fix, e, de fato, sua interpretação era bastante plausível. Com efeito, segundo ele, Fix não era nem podia ser senão um agente lançado no rasto de Mr. Fogg pelos seus colegas do Reform Club, para verificar se a viagem se fazia regularmente em volta ao mundo, segundo o roteiro combinado.

— É evidente! é evidente! repetia para si o bom rapaz, todo vaidoso da sua perspicácia. É um espião que aqueles gentlemen colocaram em nosso encalço! Mas isso não é digno! Mr. Fogg, tão probo, tão respeitável! Fazerem-no espionar por um agente! Ah! senhores do Reform Club, isso lhes custará caro!

Passepartout, encantado com a sua descoberta, resolveu porém nada dizer ao patrão, receando que ele se ofendesse com a desconfiança dos seus adversários. Mas jurou zombar de Fix na primeira oportunidade, com palavras enrustidas e sem se comprometer.

Na quarta feira, 30 de outubro, após o meio dia, o *Rangoon* embocou no estreito de Malaca, que separa a quase ilha deste nome das terras de Sumatra. Ilhotas montanhosas muito escarpadas, muito pitorescas, roubavam dos passageiros a vista da grande ilha.

No dia seguinte, às quatro horas, o *Rangoon*, tendo ganho meio dia sobre sua travessia regulamentar, aportava em Cingapura, para aí renovar sua provisão de carvão.

Phileas Fogg inscreveu este avanço na coluna dos ganhos, e, desta vez, saltou em terra, acompanhando

Mrs. Aouda que havia manifestado o desejo de passear por algumas horas.

Fix, para quem qualquer ação de Fogg parecia suspeita, seguiu-o sem se deixar ver. Quanto a Passepartout, que ria *in petto* ao ver a manobra de Fix, foi fazer as compras de costume.

A ilha de Cingapura não tem um aspecto nem grande, nem imponente. As montanhas, isto é, os perfis, lhe faltam. Todavia, é encantadora em sua magreza. É um parque cortado por belas estradas. Uma bela condução, atrelada a elegantes cavalos que tinham sido importados da Nova Holanda, transportou Mrs. Aouda e Phileas Fogg por entre massas de palmeiras com brilhante folhagem, e de árvores de cravo cujos frutos são formados pelo botão mesmo da flor entreaberta. Lá, os capões de pimenteiras substituíam as sebes espinhosas das campinas européias; os sagueiros, grandes palmeiras com a sua esplêndida ramagem, variavam o aspecto desta região tropical; as moscadeiras de folhagem envernizada saturavam o ar com um perfume penetrante. Os macacos, bandos ágeis e careteiros, não faltavam nos bosques, nem talvez os tigres nas jungles. A quem se admirar ao saber que nesta ilha, relativamente tão pequena, estes terríveis carnívoros ainda não tenham sido exterminados, responderemos que vêm de Malaca, atravessando o estreito a nado.

Depois de terem percorrido o campo por duas horas, Mrs. Aouda e seu companheiro — que olhava quase sem ver — voltaram à cidade, vasta aglomeração de casas toscas e baixas, rodeadas por formosos jardins onde crescem as mangas, os ananazes e todos os melhores frutos do mundo.

Às dez horas, voltaram para o paquete, depois de

terem sido seguidos, sem suspeitarem, pelo inspetor que também fora obrigado a arcar com as despesas de um transporte.

Passepartout esperava-os no convés do *Rangoon*. O bravo rapaz comprara algumas dúzias de mangas, de bom tamanho, castanho-escuro por fora, de um vermelho muito vivo por dentro, e cujo fruto branco, ao desfazer-se entre os lábios, proporciona aos verdadeiros gourmets um prazer sem igual. Passepartout teve o prazer de as oferecer a Mrs. Aouda, que agradeceu graciosamente.

Às onze horas, o *Rangoon*, com a provisão completa de carvão, largava suas amarras, e, algumas horas depois, os passageiros perdiam de vista as altas montanhas de Malaca, cujas florestas abrigam os mais belos tigres da terra.

Cerca de mil e trezentas milhas separam Cingapura da ilha de Hong Kong, pequeno território inglês destacado da costa chinesa. Phileas Fogg tinha interesse em percorrê-las no espaço de seis dias no mmáximo, para tomar em Hong Kong o vapor que deveria partir a 6 de novembro para Yokohama, um dos principais portos do Japão.

O *Rangoon* estava muito carregado. Muitos passageiros tinham embarcado em Cingapura, Hindus, Ceilandeses, Chineses, Malaios, Portugueses, que, na maioria, ocupavam a segunda classe.

O tempo, tão bom até então, mudou com o último quadrante da lua. Tiveram mar encapelado. O vento soprou algumas vezes rijo, mas felizmente do sudeste, o que favorecia o andamento do vapor. Quando se prestava a isso, o capitão largava o pano. O *Rangoon*, armado em brique, navegou freqüentemente com suas

duas velas e sua mezena, e sua rapidez aumentou sob a dupla ação do vapor e do vento. Foi assim que costeou, com o mar às vezes picado, as costas de Anam e da Cochinchina.

Mas a falta era mais do *Rangoon* do que do mar, e era ao paquete que os passageiros, a maior parte dos quais passou mal, deveriam se queixar desta fadiga.

Com efeito, os navios da Companhia peninsular, que fazem o serviço dos mares da China, têm um sério defeito de construção. A proporção entre a água que deslocam e a sua capacidade de carga foi mal calculada, e por isso pouca resistência oferecem ao mar. O seu volume, fechado, impenetrável à agua, é insuficiente. Afogam-se, para usar a expressão marítima, e, em conseqüência desta disposição, basta meterem alguma água para que se lhes modifique o andamento. Estes navios são muito inferiores — se não no motor e no aparelho de evaporação, pelo menos na construção — às *Messageries* francesas, tais como a *Imperatrice* e o *Cambodge*. Enquanto, segundo os cálculos dos engenheiros, estes navios podem meter a bordo um peso de água igual ao seu próprio peso antes que sossobrem, os vapores da companhia peninsular, o *Golconda*, o *Corea*, e finalmente o *Rangoon*, não poderiam meter a sexta parte do seu peso sem irem a pique.

Portanto, com mau tempo, conviria tomar grandes precauções. Era preciso muitas vezes meter a capa sobre o pequeno vapor. Era uma perda de tempo que de modo algum parecia afetar Phileas Fogg, mas com a qual Passepartout se mostrava extremamente irritado. Ele então acusava o capitão, o maquinista, a Companhia, e enviava ao diabo todos os que se metiam a transportar viajantes. Talvez também a lembrança do bico de gás,

que estava a arder por sua conta na casa de Saville Row concorresse muito para a sua impaciência.

— Mas tem então muita pressa de chegar a Hong Kong? perguntou-lhe um dia o detetive.

— Muita! respondeu Passepartout.

— Pensa que Mr. Fogg também tem pressa de tomar o paquete do Yokohama?

— Uma pressa incrível.

— Então já acredita na tal viagem de volta ao mundo?

— Firmemente. E o senhor, senhor Fix?

— Eu? de modo algum!

— Farçante! respondeu Passepartout piscando-lhe o olho.

Esta palavra deixou o agente cismado. O qualificativo o inquietou, sem que soubesse bem por quê. O francês teria adivinhado? Não sabia mais o que pensar. Mas sua qualidade de detetive, da qual só ele tinha o segredo, como Passepartout poderia tê-la reconhecido? E, contudo, falando-lhe assim, Passepartout tivera certamente segunda intenção.

Aconteceu até que o bravo rapaz foi mais longe, um outro dia, mas era mais forte do que ele. Não podia travar a língua.

— Vamos ver, senhor Fix, perguntou ele ao seu companheiro em tom malicioso, será que, uma vez chegados a Hong Kong, teremos a infelicidade de o deixar aí?

— Mas, respondeu Fix bastante embaraçado, não sei!... Talvez que...

— Ah! disse Passepartout, se nos acompanhasse, seria uma felicidade para mim. Vejamos! um agente da Companhia peninsular não pode parar no caminho. Só ia até Bombaim, e logo estará na China! A América não

fica longe, e da América à Europa é um passinho!

Fix olhou atentamente seu interlocutor, que lhe mostrava a cara mais amável do mundo, e decidiu rir junto. Mas este, que estava inspirado, perguntou-lhe se "aquele ofício rendia muito".

— Sim e não, respondeu Fix sem pestanejar. Há negócios bons e maus. Deve saber que não viajo às minhas custas!

— Oh! quanto a isso, tenho certeza! exclamou Passepartout rindo com mais vontade.

Acabada a conversa, Fix entrou em sua cabina e se pôs a refletir. Ele tinha evidentemente adivinhado. De um modo ou de outro, o francês havia reconhecido sua qualidade de detetive. Mas teria prevenido o patrão? Que papel desempenharia ele em tudo isto? Era cúmplice ou não? O negócio estaria descoberto e portanto perdido? O agente passou algumas horas bem difíceis, ora julgando tudo perdido, ora esperando que Fogg ignorasse a situação, sem saber o que decidir.

Entretanto a calma restabeleceu-se em seu cérebro, e ele resolveu agir francamente com Passepartout. Se não se encontrasse nas condições que queria para prender Fogg em Hong Kong, e se Fogg se preparava para definitivamente deixar desta vez o território inglês, ele, Fix, diria tudo a Passepartout. Ou o criado era cúmplice de seu patrão — e este sabia de tudo, e neste caso o negócio já estaria definitivamente perdido — ou o criado não tinha nada a haver com o roubo, e então o seu interesse seria abandonar o ladrão.

Tal era pois a situação respectiva destes dois homens, acima dos quais Phileas Fogg planava com sua majestosa indiferença. Descrevia racionalmente a sua órbita à volta do mundo, sem se preocupar com os

asteróides que gravitavam à sua volta.

E contudo, nas suas proximidades havia — seguindo a expressão dos astrônomos — um astro perturbador que deveria produzir certas perturbações no coração deste gentleman. Mas não! O charme de Mrs. Aouda não funcionava, para grande surpresa de Passepartout, e as perturbações, se havia alguma, seriam mais difíceis de calcular do que as de Urano, que levaram à descoberta de Netuno.

Sim! era um assombro diário para Passepartout, que lia tanto reconhecimento por seu patrão nos olhos da jovem! Decididamente Phileas Fogg só tinha o coração necessário para se comportar heroicamente, mas amorosamente, não! Quanto às preocupações que os acasos desta viagem poderiam fazer nascer nele, não se lhes viam vestígios. Mas Passepartout, esse, vivia em sobressaltos contínuos. Um dia, apoiado à balaustrada do "engine room" olhava a possante máquina, que em certos momentos tomava maior força, quando uma arfagem mais violenta fazia com que a hélice se movesse fora da água. O vapor saía então pelas válvulas, o que provocava a cólera do digno rapaz.

— Não estão bem carregadas estas válvulas! exclamava. Não andamos! Esses ingleses! Ah! se fosse um navio americano, iríamos pelos ares talvez, mas iríamos com certeza mais depressa!

CAPÍTULO XVIII

EM QUE PHILEAS FOGG, PASSEPARTOUT, FIX, CADA QUAL PARA SEU LADO, VÃO TRATAR DOS SEUS NEGÓCIOS

Durante os últimos dias da travessia, o tempo foi bastante mau. O vento ficou mais forte. Tendo virado para noroeste, contrariava o marcha do paquete. O *Rangoon*, muito instável, balançou consideravelmente, e os passageiros tiveram direito de queixar-se das grandes vagas que o vento levantava ao largo e que os fatigavam.

Durante as jornadas de 3 e 4 de novembro, aconteceu uma espécie de tempestade. A borrasca agitou o mar com veemência. O *Rangoon* teve de pôr-se à capa durante metade do dia, conservando-se com dez voltas de hélice apenas, para não apanhar a vaga de frente. Todas as velas tinham sido colhidas, e o vendaval assoviava pela cordoalha.

A velocidade do vapor diminuiu, como bem se imagina, consideravelmente, e pôde-se calcular que chegaria a Hong Kong com vinte horas de atraso em relação ao tempo regulamentar, ou talvez mais, se a tempestade não cessasse.

Phileas Fogg assistia ao espetáculo de um mar furioso, que parecia lutar diretamente contra ele, com sua habitual impassibilidade. Sua fronte não se lhe ensombrou por um instante sequer, e, contudo, uma demora de vinte horas poderia comprometer-lhe a viagem, fazendo-o perder o paquete para Yokohama. Mas este homem sem nervos não experimentava nem

impaciência nem aborrecimento. Parecia até que a tempestade entrava no seu programa, que fora prevista. Mrs. Aouda, que conversou com o seu companheiro a respeito deste contratempo, achou-o tão sossegado como em outras ocasiões.

Fix, este, não via as coisas do mesmo jeito. Pelo contrário. A tempestade o deixava contente. Sua satisfação chegaria mesmo a não conhecer limites, se o *Rangoon* fosse obrigado a fugir frente à tormenta. Todas estes atrasos lhe caíam bem, porque obrigariam o senhor Fogg a ficar alguns dias em Hong Kong. Em suma, o céu, com as suas rajadas e as suas borrascas, favorecia-lhe o jogo. Passava até um pouco mal, mas que importava? Não contava suas náuseas, e, quando o corpo se lhe estorcia com o enjôo, seu espírito exultava com imensa satisfação.

Quanto a Passepartout, podem adivinhar em que estado de cólera mal dissimulada passou este tempo de provação. Até ali tudo tinha ido tão bem! A terra e a água pareciam estar dedicadas a seu patrão. Paquetes e estradas de ferro obedeciam-lhe. O vento e o vapor uniam-se para favorecer sua viagem. A hora dos desenganos teria enfim soado? Passepartout, como se as vinte mil libras da aposta fossem sair de seu bolso, já não vivia. Esta tempestade o exasperava, este vendaval o deixava furioso, e teria de boa vontade fustigado aquele mar desobediente! Pobre rapaz! Fix ocultou-lhe com todo o cuidado sua satisfação pessoal, e fez bem, porque se Passepartout tivesse adivinhado o contentamento secreto de Fix, Fix teria passado um mau quarto de hora.

Passepartout, durante toda a duração da borrasca, permaneceu na coberta do *Rangoon*. Não teria podido

conservar-se embaixo; subia na mastreação; causava assombro à tripulação, e ajudava em tudo com a ligeireza de um macaco. Cem vezes interrogava o capitão, os oficiais, os marinheiros, que não podiam deixar de rir ao verem o rapaz tão alterado. Passepartout queria porque queria saber quanto tempo duraria a tempestade. Mandavam-no para o barômetro, que não se resolvia a subir. Passepartout sacudia o barômetro, mas não acontecia nada, nem com as sacudidelas, nem com as injúrias com que cobria o irresponsável instrumento.

Afinal a tormenta se acalmou. O estado do mar se modificou na jornada de 4 de novembro. O vento saltou dois quartos para o sul e tornou-se favorável.

Passepartout serenou com o tempo. Puderam-se largar as velas de gáveas e as velas grandes, e o *Rangoon* retomou sua rota com maravilhosa rapidez.

Mas não era possível recuperar todo o tempo perdido. Não havia remédio senão resignar-se à sorte, e a terra só foi avistada no dia 6, às cinco da manhã. O roteiro de Phileas Fogg indicava para o dia 5 a chegada do vapor. Ora, chegava-se só no dia 6. Era um atraso de vinte e quatro horas, e a partida para Yokohama estava necessariamente perdida.

Às seis horas, o piloto subiu a bordo do *Rangoon* e tomou o seu lugar na ponte de comando, para dirigir o navio através dos escolhos até o porto de Hong Kong.

Passepartout morria de vontade de interrogar este homem, de perguntar se o paquete para Yokohama tinha deixado Hong Kong. Mas não se atrevia, preferindo conservar até o fim um pouco de esperança. Tinha confiado suas inquietações a Fix, que — manhoso — procurava consolá-lo, dizendo-lhe que Mr. Fogg poderia tomar o próximo paquete. Isso deixava Passepartout

ainda mais fulo.

Mas se Passepartout não se atrevia a interrogar o piloto, Mr. Fogg, depois de ter consultado o seu Bradshaw, perguntou-lhe com voz tranqüila se sabia quando partia um vapor de Hong Kong para Yokohama.

— Amanhã, na maré da manhã, respondeu o piloto.

— Ah! exclamou Mr. Fogg, sem demostrar nenhuma admiração.

Passepartout, que estava presente, sentiu desejos de abraçar o piloto, ao qual Fix desejaria torcer o pescoço.

— Qual é o nome desse vapor? perguntou Mr. Fogg.

— O *Carnatic*, respondeu o piloto.

— Não era ontem que deveria partir?

— Sim, senhor, mas teve de reparar uma das caldeiras, e sua partida foi adiada para amanhã.

— Obrigado, respondeu Mr. Fogg, que no seu passo automático voltou a descer para o salão do *Rangoon*.

Quanto a Passepartout, agarrou a mão do piloto e apertou-a vigorosamente, dizendo:

— Piloto, o senhor, o senhor é ótimo!

O piloto nunca soube porque é que suas respostas lhe granjearam tão amigável expansão. A um apito da máquina voltou a subir para a ponte e dirigiu o paquete pelo meio da esquadrilha de juncos, tankas, barcos pesqueiros, navios de toda a espécie, que embaraçavam a entrada para Hong Kong.

À uma hora o *Rangoon* estava no cais, e os passageiros desembarcaram.

Nesta ocasião, convenhamos, o acaso favorecera Phileas Fogg de modo único. Sem a necessidade de reparar suas caldeiras, o *Carnatic* teria partido na data de 5 de novembro, e os viajantes para o Japão teriam sido obrigados a esperar oito dias pelo paquete seguinte.

Mr. Fogg ficava, é verdade, com um atraso de vinte e quatro horas, mas este atraso não poderia ter conseqüências funestas para o resto da viagem.

Com efeito, o paquete que faz de Yokohama a São Francisco a travessia do Pacífico estava em correspondência direta com o paquete para Hong Kong, e não poderia partir sem que este tivesse chegado. Evidentemente haveria vinte e quatro horas de demora em Yokohama; mas durante os vinte de dois dias que dura a travessia do Pacífico, seria fácil recuperá-las. Phileas Fogg achava-se pois, com a diferença de quase vinte quatro horas, nas condições de seu programa, trinta e cinco dias depois de ter partido de Londres.

Como o *Carnatic* só partia no dia seguinte às cinco horas da manhã, Mr. Fogg tinha pela frente dezeseis horas para tratar dos seus negócios, isto é, dos que diziam respeito a Mrs. Aouda. Ao desembarcar do vapor, ofereceu o braço à jovem e conduziu-a para um palanquim. Pediu aos carregadores que lhe indicassem um hotel, e eles sugeriram o *Hotel do Club*. O palanquim se pôs a caminho, seguido por Passepartout, e vinte minutos depois chegava ao seu destino.

Um apartamento foi reservado para a jovem, e Phileas Fogg cuidou para que não lhe faltasse nada. Depois disse a Mrs. Aouda que ia imediatamente à procura do parente aos cuidados do qual devia deixá-la entregue em Hong Kong. Ao mesmo tempo deu ordem a Passepartout para permanecer no hotel até sua volta, para que a jovem não ficasse só.

O gentleman fez-se conduzir à Bolsa. Ali deveriam forçosamente conhecer um personagem como o respeitável Jejeeh, que figurava entre os mais ricos comerciantes da cidade.

O corretor a quem Mr. Fogg se dirigiu conhecia efetivamente o negociante parsi. Mas, há dois anos, já não residia na China. Depois de fazer fortuna, tinha se estabelecido na Europa — na Holanda, supunha — o que se explicava pelas muitas relações que tivera com este país durante a sua existência comercial.

Phileas Fogg voltou para o *Hotel do Club*. Em seguida mandou pedir licença a Mrs. Aouda para se apresentar a ela e, sem mais preâmbulos, participou-lhe que o respeitável Jejeeh não residia mais em Hong Kong, e que habitava provavelmente na Holanda.

A isto, Mrs. Aouda não respondeu de pronto. Passou a mão pela fronte, e ficou alguns momentos a refletir. Depois, com sua voz doce:

— Que devo fazer, senhor Fogg? disse.

— É muito simples, respondeu o gentleman. Voltar para a Europa.

— Mas não posso abusar...

— Não abusa, e sua presença não perturba em nada meu programa... Passepartout?

— Senhor? respondeu Passepartout.

— Vá ao *Carnatic* e reserve três cabinas.

Passepartout, encantado em continuar a viagem em companhia da jovem, que era muito amável com ele, logo saiu do *Hotel do Club*.

CAPÍTULO XIX

EM QUE PASSEPARTOUT SE INTERESSA MUITO MESMO PELO PATRÃO E O QUE DAÍ SE SEGUE

Hong Kong é apenas uma ilha, cuja posse foi assegurada à Inglaterra pelo tratado de Nankin, depois da guerra de 1842. Em poucos anos, o gênio colonizador da Grã-Bretanha ali havia fundado uma cidade importante e criado um porto, o porto Victoria. Este ilha está situada na embocadura do rio de Cantão, e apenas sessenta milhas a separam da cidade portuguesa de Macau, construída na outra margem. Hong Kong deveria necessariamente vencer Macau em uma luta comercial, e agora a maioria do trânsito chinês passa pela cidade inglesa. Docas, hospitais, wharfs, alfândegas, uma catedral gótica, uma "government house", ruas cobertas de macadame, tudo fazia supor que uma das cidades comerciais dos condados de Kent ou de Surrey, atravessando o esferóide terrestre, viera sair neste ponto da China, quase nos seus antípodas.

Passepartout, as mãos nos bolsos, dirigiu-se para o porto Victoria, contemplando os palanquins, os carrinhos de vela, ainda em uso no Celeste Império, e toda a multidão de chineses, japoneses e de europeus que se comprimiam nas rua. Com pequenas diferenças, era ainda Bombaim, Calcutá ou Cingapura, que o digno moço encontrava no seu trajeto. Há assim como que uma fieira de cidades inglesas ao redor do mundo.

Passepartout chegou ao porto Victoria. Ali, na

embocadura do rio de Cantão, havia um formigueiro de navios de todas as nações, ingleses, franceses, americanos, holandeses, navios de guerra e de comércio, embarcações japonesas ou chinesas, juncos, sempas, tankas, e mesmo barcos de flores que pareciam canteiros sobre as águas. Passeando, Passepartout notou um certo número de nativos vestidos de amarelo, todos com idade muito avançada. Tendo entrado num barbeiro chinês para se barbear "a là chinesa" soube pelo Figaro do lugar, que falava um inglês muito bom, que todos aqueles velhos tinham pelo menos oitenta anos, e que nessa idade tinham o privilégio de usar a cor amarela, que é a cor imperial. Passepartout achou aquilo muito esquisito, sem bem saber por quê.

Barba feita, dirigiu-se para o cais de embarque do *Carnatic*, e avistou Fix que passeava por ali, o que não o surprendeu. Mas o inspetor de polícia deixava transparecer no rosto as marcas de um profundo desapontamento.

— Bem! disse consigo Passepartout, as coisas vão mal para os gentlemen do Reform Club.

E dirigiu-se para Fix com seu sorriso jovial, sem querer notar o ar vexado de seu companheiro.

Ora, o agente tinha boas razões para amaldiçoar a infernal sorte que o perseguia. Nada de mandado! Era evidente que o mandado corria após ele, e só poderia alcançá-lo se Fix se demorasse alguns dias nesta cidade. Ora, Hong Kong sendo a última terra inglesa do percurso, o senhor Fogg iria escapar-lhe definitivamente, se não conseguisse detê-lo por ali.

— Muito bem, senhor Fix, está resolvido a vir conosco para a América? perguntou Passepartout.

— Sim, respondeu Fix com os dentes cerrados.

— Vamos então! exclamou Passepartout soltando uma estrondosa gargalhada! Bem sabia que não podia separar-se de nós. Venha reservar seu lugar, venha!

E os dois entraram no escritório dos transportes marítimos e reservaram cabinas para quatro pessoas. Mas o empregado avisou-os de que os reparos do *Carnatic* estavam concluídos, que o paquete partiria naquele mesmo dia às oito horas, e não no dia seguinte, como tinha sido anunciado.

— Muito bem! exclamou Passepartout, isso agradará meu patrão. Vou avisá-lo.

Neste momento, Fix tomou uma decisão extrema. Decidiu dizer tudo a Passepartout. Era talvez o único meio que tinha para reter Phileas Fogg mais alguns dias em Hong Kong.

Ao sairem do escritório, Fix convidou seu companheiro para beberem alguma coisa numa taverna. Passepartout tinha tempo. Aceitou o convite de Fix.

Uma taverna se abria para o cais. Tinha um aspecto atraente. Entraram. Era uma vasta sala bem decorada, ao fundo da qual se estendia uma cama de campanha, guarnecida de almofadas. Sobre este leito estavam enfileirados um certo número de pessoas dormindo.

Uns trinta fregueses ocupavam na sala principal pequenas mesas de junco trançado. Alguns esvaziavam copos de cerveja inglesa, ale ou porter, outros sorviam bebidas alcoólicas, gin ou brandy. Além disto, a maioria fumava compridos cachimbos de barro vermelho, cheios de bolinhas de ópio misturado com essência de rosa. De tempo em tempo, algum fumador inebriado deslizava para baixo da mesa, e os criados do estabelecimento, tomando-o pelos pés e pela cabeça, colocavam-no sobre a cama de campanha perto de um confrade. Uns vinte

estavam já deitados lado a lado, no último grau de embrutecimento.

Fix e Passepartout compreenderam que tinham entrado num antro fumacento freqüentado por esses miseráveis, abestalhados, emagrecidos, idiotas, aos quais a mercantil Inglaterra vende anualmente duzentos e sessenta milhões de francos dessa droga funesta chamada ópio! Tristes milhões, adquiridos com um dos mais funestos vícios da natureza humana.

O governo chinês bem que tentou remediar este abuso com leis severas, mas em vão. Da classe rica, à qual o uso do ópio inicialmente era formalmente reservado, este uso desceu até às classes inferiores, e o turbilhão não pode mais ser detido. Fuma-se ópio em todos os lugarem e sempre no Império do Meio. Homens e mulheres dão-se a esta paixão deplorável, e uma vez costumados à inalação, não podem passar sem ela, sem experimentarem horríveis contrações do estômago. Um grande fumador pode fumar oito cachimbos por dia, mas morre em cinco anos.

Ora, era em um dos numerosos antros deste tipo, que pululam, mesmo em Hong Kong, que Fix e Passepartout tinham entrado com a intenção de beber alguma coisa. Passepartout não tinha dinheiro, mas aceitou de bom grado a "cortesia" do seu companheiro, reservando-se o direito de retribuí-la em outra oportunidade.

Pediram duas garrafas de porto, às quais o francês rendeu honras, enquanto Fix, mais reservado, observava o companheiro com extrema atenção. Conversaram sobre variedades, e sobretudo sobre a excelente idéia que Fix tivera de ir no *Carnatic*. E a propósito do vapor, cuja partida fora antecipada em algumas horas, Passepartout, com as garrafas vazias, levantou-se, para

ir avisar seu patrão.

Fix o deteve.

— Um instante, disse.

— Que quer, senhor Fix?

— Tenho que lhe falar de coisas sérias.

— De coisas sérias! exclamou Passepartout acabando de beber algumas gotas de vinho que tinham ficado no fundo do seu copo. Bem, falamos nisso amanhã. Não tenho tempo hoje.

— Fique, respondeu Fix. Trata-se de seu patrão!

Passepartout, à menção do patrão, olhou atentamente seu interlocutor.

A expressão do rosto de Fix pareceu-lhe singular. Voltou a sentar.

— Que é que tem para me dizer? perguntou ele.

Fix apoiou a mão no braço do companheiro, e, abaixando a voz:

— Adivinhou quem sou? perguntou.

— Claro! disse Passepartout sorrindo.

— Então vou confessar-lhe tudo...

— Agora que já sei tudo, meu compadre! Ah! grande coisa! Em todo caso, continue. Mas, antes, deixe-me dizer que esses senhores meteram-se em despesas inutilmente!

— Inutilmente! disse Fix. Fala sem pensar! Bem se vê que não sabe de que quantia se trata.

— Mas sei, sei sim, respondeu Passepartout. Vinte mil libras!

— Cinqüenta e cinco mil! replicou Fix, apertando a mão do francês.

— O que! exclamou Passepartout, Mr. Fogg teria ousado!... cinqüenta e cinco mil libras!... Pois bem! mais razão ainda para não perder um instante, acrescentou

levantando-se novamente.

— Cinqüenta e cinco mil libras! retomou Fix, que forçou Passepartout a voltar a se assentar, depois de mandar vir um frasco de brandy, — e se me sair bem, ganho uma gratificação de duas mil libras. Quer quinhentas (12.500 F) com a condição de me ajudar?

— Ajudar? exclamou Passepartout, cujos olhos estavam desmesuradamente abertos.

— Sim, me ajudar a reter o senhor Fogg por alguns dias em Hong Kong!

— Hein! fez Passepartout, o que está dizendo? Como! não contentes em mandarem seguir meu patrão, de suspeitarem da sua lealdade, esses senhores querem ainda levantar-lhe obstáculos! Envergonho-me por eles!

— Calma! o que quer dizer? perguntou Fix.

— Quero dizer que é pura indelicadeza. É o mesmo que depenar Mr. Fogg, tirar dinheiro do seu bolso!

— Ei! é exatamente o que esperamos fazer!

— Mas é uma armadilha! exclamou Passepartout — que ia se animando sob a influência do brandy que Fix lhe servia, e que bebia sem perceber — uma verdadeira armadilha! Cavalheiros! Colegas!

Fix começava a não entender nada.

— Colegas! gritou Passepartout, membros do Reform Club! Saiba, senhor Fix, que meu patrão é um homem honesto, e que, quando faz uma aposta, é lealmente que pretende ganhá-la.

— Mas quem julga então que eu seja? perguntou Fix, fixando o olhar em Passepartout.

— É evidente! um agente dos membros do Reform Club, que tem a missão de controlar o roteiro de meu patrão, o que é muitíssimo humilhante! E mais, apesar de, já há algum tempo, ter adivinhado sua qualidade,

cuidei de não a revelar a Mr. Fogg!

— Ele não sabe de nada?... perguntou Mr. Fix com vivacidade.

— Nada, respondeu Passepartout esvaziando mais uma vez seu copo.

O inspetor de polícia passou a mão pela testa. Hesitava antes de voltar a falar. O que deveria fazer? O erro de Passepartout parecia sincero, mas tornava o seu projeto mais difícil. Era evidente que o rapaz falava com absoluta boa fé, e que não era de modo algum cúmplice do seu patrão — o que Fix receara.

— Ora bem, pensou, já que não é seu cúmplice, me ajudará.

O detetive tinha tomado pela segunda vez uma decisão. Além disso, não havia tempo a perder. A todo custo, era preciso reter Fogg em Hong Kong.

— Escute, disse Fix com voz grave, escute bem. Não sou o que julga, isto é um agente dos membros do Reform Club...

— Bah! disse Passepartout, olhando para ele com ar alcoolizado.

— Sou um inspetor de polícia, encarregado de uma missão pela administração metropolitana...

— O senhor... inspetor de polícia!...

— Sim, e provo, retomou Fix. Eis a minha nomeação.

E o agente, tirando um papel da carteira, mostrou a seu companheiro uma nomeação assinada pelo comissário da polícia central. Passsepartout, estupefato, olhava Fix sem poder articular uma palavra.

— A aposta de Phileas Fogg, tornou Fix, é apenas um pretexto com que enganou, a si e a seus colegas do Reform Club, porque tinha interesse em se assegurar de sua inconsciente cumplicidade.

— Mas por quê?... exclamou Passepartout.

— Ouça. Em 28 de setembro passado, um roubo de cinqüenta e cinco mil libras foi cometido no Banco da Inglaterra por um indivíduo cuja descrição se pôde obter. Ora, eis esta descrição, e é, traço por traço, a do senhor Fogg.

— Deixe-se disso! gritou Passepartout dando um murro na mesa com o seu punho robusto. Meu patrão é o homem mais honesto do mundo!

— Como sabe? respondeu Fix. Nem sequer o conhece! Entrou para o seu serviço no dia de sua partida, e ele partiu precipitadamente sob um pretexto insensato, sem malas, levando uma grande soma em bank-notes! E ainda se atreve a sustentar que é um homem honesto!

— Sim! Sim! repetia maquinalmente o pobre moço.

— Quer então ser preso como seu cúmplice?

Pasepartout agarrara a cabeça com as duas mãos. Não era mais reconhecível. Não ousava encarar o inspetor de polícia. Phileas Fogg um ladrão, ele, o salvador de Aouda, o homem generoso e valente! E contudo que acusações levantavam contra ele! Passepartout procurava repelir as suspeitas que começavam a se insinuar em seu espírito! Não queria acreditar na culpabilidade de seu patrão.

— Afinal, que quer de mim? disse ao agente de polícia, contendo-se com supremo esforço.

— O seguinte, respondeu Fix. Segui o senhor Fogg até aqui, mas ainda não recebi o mandado de prisão, que pedi a Londres. É preciso portanto que me ajude a reter em Hong Kong...

— Eu! que o...

— E reparto consigo a gratificação de duas mil libras prometida pelo Banco da Inglaterra!

— Jamais! respondeu Passepartout, que queria se levantar e voltou a tombar na cadeira, sentindo a razão e as forças lhe fugirem ao mesmo tempo.

— Senhor Fix, disse balbuciando, mesmo que tudo o que me disse fosse verdade... mesmo que meu patrão fosse o ladrão que procura... o que nego... tenho estado... estou ao seu serviço... eu o vi bom e generoso... Traí-lo... jamais... nem por todo o ouro do mundo... Sou de um vilarejo onde não se come esse pão!..

— Recusa?

— Recuso.

— Façamos de conta que não disse nada, e bebamos.

— Sim, bebamos!

Passepartout se sentia cada vez mais dominado pela embriaguez. Fix, compreendendo que era preciso, custasse o que custasse, separá-lo do patrão, quis completar a tarefa. Sobre a mesa havia alguns cachimbos cheios de ópio. Fix empurrou um sutilmente para a mão de Passepartout, que o pegou, levou aos lábios, acendeu, deu algumas baforadas e desabou, a cabeça aturdida sob a influência do narcótico.

Afinal, disse Fix vendo Passepartout aniquilado, o senhor Fogg não será avisado a tempo da partida do *Carnatic*, e se partir, irá ao menos sem este maldito francês!

Depois saiu, após ter pago a conta.

CAPÍTULO XX

EM QUE FIX ENTRA EM CONTATO DIRETO COM PHILEAS FOGG

Durante esta cena que iria talvez comprometer tão gravemente seu futuro, Mr. Fogg, acompanhando Mrs. Aouda, passeava pelas ruas da cidade inglesa. Desde que Mrs. Aouda tinha aceitado sua oferta de conduzi-la à Europa, ele começara a providenciar todos os detalhes necessários para uma viagem tão longa. Que um inglês como ele fizesse a volta ao mundo com uma sacola de viagem na mão, admite-se; mas uma mulher não a poderia empreender nestas condições. Daí a necessidade de comprar roupas e objetos para a viagem. Mr. Fogg se incumbiu desta tarefa com a calma que o caracterizava, e a todas as desculpas e objeções da viúva, confusa com tanta amabilidade:

— É no interesse da minha viagem, está no meu programa, respondia invariavelmente.

Feitas as aquisições, Mr. Fogg e a jovem regressaram ao hotel e jantaram à mesa dos hóspedes, que estava suntuosamente servida. Depois, Mrs. Aouda, um pouco cansada, subiu para o seu apartamento, depois de ter apertado "à inglesa" a mão do seu imperturbável salvador.

O respeitavel gentleman, este, absorveu-se durante toda a tarde na leitura do *Times* e do *Illustrated London News*.

Se fosse homem capaz de ficar espantado com algo, teria ficado ao não ver aparecer o seu criado à hora de

deitar. Mas, sabendo que o paquete para Yokohama não deveria sair de Hong Kong antes do dia seguinte pela manhã, não se preocupou. No dia seguinte, Passepartout não se apresentou ao toque da sineta de Mr. Fogg.

O que pensou o honrado gentleman ao saber que o seu criado não tinha voltado ao hotel, ninguém poderá dizer. Mr. Fogg contentou-se com pegar sua sacola de viagem, pediu para avisarem Mrs. Aouda, e mandou buscar um palanquim.

Eram oito horas, e o preamar, que o *Carnatic* deveria aproveitar para sair dos escolhos do porto, estava previsto para as nove e meia.

Quando o palanquim chegou à porta do hotel, Mr. Fogg e Mrs. Aouda subiram para o confortável veículo, e as bagagens seguiram atrás sobre uma carreta.

Meia hora mais tarde, os viajantes desciam no cais de embarque, e aí Mr. Fogg soube que o *Carnatic* tinha partido na véspera.

Mr. Fogg, que esperava encontrar, ao mesmo tempo, o paquete e o criado, ficara sem um e sem outro. Mas nenhum sinal de desapontamento apareceu em seu semblante, e como Mrs. Aouda o olhava com inquietude, contentou-se em responder:

— É um incidente, senhora, nada mais que um incidente.

Neste momento, um personagem, que o observava com atenção, aproximou-se. Era o inspetor Fix, que o cumprimentou e disse:

— Não era o senhor, como eu, um dos passageiros do *Rangoon*, que chegou ontem?

— Sim, senhor, respondeu friamente Mr. Fogg, mas não tenho a honra...

— Desculpe-me, mas pensava encontrar aqui o seu

criado.

— Sabe onde ele está, senhor? perguntou ansiosamente a jovem.

— O que! respondeu Fix, fingindo surpresa, não está aqui?

— Não, respondeu Mrs. Aouda. Desde ontem que não aparece. Teria embarcado sem nós no *Carnatic*?

— Sem os senhores, madame?... respondeu o agente. Mas, desculpe a minha pergunta, contavam partir neste paquete?

— Sim, senhor.

— Eu também, madame, e, como vê, estou muito desapontado. O *Carnatic*, tendo terminado seus reparos, deixou Hong Kong doze horas antes sem avisar ninguém, e agora vai ser preciso esperar oito dias pela próxima partida!

Ao pronunciar as palavras "oito dias", Fix sentia o coração pular de alegria. Oito dias! Fogg retido oito dias em Hong Kong! Haveria tempo para receber o mandado de prisão. Finalmente a sorte declarava-se a favor do representante da lei.

Avaliem, então, o golpe mortal que recebeu, quando ouviu Mr. Fogg dizer com a sua voz calma:

— Mas há outros navios além do *Carnatic*, parece-me, no porto de Hong Kong!

E Mr. Fogg, oferecendo seu braço a Mrs. Aouda, dirigiu-se para as docas à procura de um navio que estivesse de partida.

Fix, assombrado, foi atrás. Dir-se-ia que um fio o atava àquele homem.

Contudo, a sorte parecia verdadeiramente ter abandonado aquele a quem até então tanto servira. Phileas Fogg, durante três horas, percorreu o porto em

todos os sentidos, decidido, se preciso fosse, a fretar uma embarcação para o transportar a Yokohama; mas só viu navios carregando ou descarregando, e que, portanto, não poderiam estar de partida. Fix sentiu renascer sua esperança.

Entretanto Mr. Fogg não se desconcertava, e ia continuar a sua busca, mesmo que precisasse passar a Macau, quando foi abordado por um marinheiro na entrada do porto.

— Vossa Honra procura um barco? perguntou-lhe o marinheiro, tirando o chapéu.

— Tem um barco pronto para partir? perguntou Mr. Fogg.

— Sim, Vossa Honra, o barco de pilotagem n.° 43, o melhor da frotilha.

— Navega rápido?

— Entre oito e nove milhas, mais ou menos. Quer vê-lo?

— Sim.

— Vossa Honra ficará satisfeito. É algum passeio no mar?

— Não. De uma viagem.

— Uma viagem?

— Encarregar-se-ia de levar-me a Yokohama?

O marinheiro, a estas palavras, deteve os movimentos do braço, esbugalhou os olhos.

— Vossa Honra está brincando? disse.

— Não! Perdi a partida do *Carnartic*, e preciso estar dia 14, o mais tardar, em Yokohama, para tomar o paquete para São Francisco.

— Lamento, respondeu o piloto, mas é impossível.

— Ofereço cem libras (2.500 F) por dia, e uma gratificacão de duzentas libras se chegar a tempo.

— A sério? perguntou o piloto.

— Muito a sério, respondeu Mr. Fogg.

O piloto afastara-se um pouco para o lado. Olhava o mar, evidentemente hesitando entre o desejo de ganhar uma soma enorme e o medo de se aventurar tão longe. Fix estava com pânicos mortais.

Neste interim, Mr. Fogg voltara-se para Mrs. Aouda.

— Não tem medo, madame? perguntou.

— Consigo, não, senhor Fogg, respondeu a jovem.

O piloto aproximara-se outra vez do gentleman, e girava o chapéu entre as mãos.

— Então, piloto? disse Mr. Fogg.

— Então, Meu Senhor, respondeu o piloto, não posso arriscar nem meus homens, nem a mim, nem mesmo a si, em uma travessia tão longa num barco de vinte toneladas apenas, e nesta época do ano. Além disso, não chegaríamos a tempo, porque há mil seiscentas e cinqüenta milhas de Hong Kong a Yokohama.

— Mil e seiscentas apenas, disse Mr. Fogg.

— Dá na mesma.

Fix respirou fundo.

— Mas, acrescentou o piloto, haverá talvez meio de se arranjar de outro modo.

Fix não respirava mais.

— Como? perguntou Phileas Fogg.

— Indo a Nagasaki, a extremidade sul do Japão, mil e cem milhas, ou apenas a Shangai, oitocentas milhas de Hong Kong. Nesta última travessia, não nos afastaríamos da costa chinesa, o que seria uma grande vantagem, ainda mais que aí as correntes levam para o norte.

— Piloto, respondeu Phileas Fogg, é em Yokohama que devo tomar o paquete, não em Shangai ou em

Nagasaki.

— Por que não? respondeu o piloto. O paquete para São Francisco não parte de Yokohama. Faz escala em Yokohama e em Nagasaki, mas o seu porto de partida é Shangai!

— Está certo do que diz?

— Certo.

— E quando o paquete deixa Shangai?

— Dia 11, às sete da noite. Temos, pois, quatro dias pela frente. Quatro dias, são noventa e seis horas, e com uma média de oito milhas por hora, se tivermos sorte, se o vento soprar de sudeste, se o mar estiver calmo, podemos fazer as oitocentas milhas que nos separam de Shangai.

— E pode partir...

— Em uma hora. O tempo de comprar os víveres e aparelhar.

— Negócio fechado... É dono do barco?

— Sim, John Bunsby, patrão da *Tankadère*.

— Quer um sinal?

— Se isso não ofender Vossa Honra.

— Aqui estão duzentas libras por conta... Senhor, acrescentou Phileas Fogg voltando-se para o agente, se quiser aproveitar...

— Senhor, respondeu resolutamente Mr. Fix, ia lhe pedir esse favor.

— Bem. Em meia hora estaremos a bordo.

— Mas o pobre rapaz... disse Mrs. Aouda, a quem o desaparecimento de Passepartout preocupava extremamente.

— Vou fazer por ele tudo o posso fazer, respondeu Phileas Fogg.

E, enquanto Fix, nervoso, febril, raivoso, se

encaminhava para o barco-piloto, os dois se dirigiram para os escritórios da polícia de Hong Kong. Ali, Phileas Fogg deu a descrição de Passepartout, e deixou uma quantia suficiente para repatriá-lo.

A mesma formalidade foi cumprida junto ao agente consular francês, e o palanquim, após passar pelo hotel, onde as bagagens foram pegas, reconduziu os viajantes ao embarcadouro.

Soavam três horas. O barco-piloto n.° 43, com sua tripulação a bordo, seus víveres embarcados, estava pronto para largar.

A *Tankadère* era uma pequena goleta atraente de vinte toneladas, bem pinçada na frente, bem solta em suas maneiras, muito alongada em suas linhas d'água. Parecida um iate de corrida. Seus cobres brilhantes, sua ferragens galvanizadas, sua coberta branca como marfim, indicavam que o mestre John Bunsby sabia conservá-la em bom estado. Seus dois mastros inclinavam-se um pouco para trás. Levava velas latinas, mezena, traquete, e, com vento pela popa, podia cortar o mar maravilhosamente. Devia navegar rápido, e, de fato, já ganhara diversos prêmios nos "matches" de barcos de pilotagem.

A tripulação da *Tankadère* era composta pelo mestre John Bunsby e quatro homens. Eram desses marinheiros valorosos que, com qualquer tempo, se aventuram à busca dos navios, e conheciam muito bem estes mares. John Bunsby, homem de cerca de quarenta e cinco anos, vigoroso, bronzeado de sol, o olhar vivo, a expressão enérgica, bem aprumado, bom no que fazia, teria inspirado confiança aos mais medrosos.

Phileas Fogg e Mrs. Aouda passaram ao navio. Fix já se achava ali. Pela escotilha de popa da goleta, descia-se

para um quarto quadrado, cujas anteparas se desdobravam em forma de catres por cima de um divã circular. No meio, uma mesa iluminada por um lampião que oscilava. Era pequeno, mas limpo.

— Lamento não poder lhe oferecer coisa melhor, disse Mr. Fogg a Fix, que se inclinou sem responder.

O inspetor de polícia sentiu uma espécie de humilhação em aproveitar assim os obséquios do senhor Fogg.

— Com certeza, pensava, é um tratante muito delicado, mas é um tratante.

Às três e dez, as velas foram içadas. O pavilhão inglês tremulava no casco da goleta. Os passageiros estavam sentados no convés. Mr. Fogg e Mrs. Aouda lançaram um último olhar para o cais, para ver se Passepartout aparecia.

Fix não estava sem apreensões, porque o acaso poderia conduzir àquele lugar o infeliz rapaz a quem tratara tão indignamente, e então dar-se-iam explicações, das quais Fix não se sairia muíto bem. Mas o francês não apareceu, e, sem dúvida, o narcótico embrutecedor ainda o tinha sob sua influência.

— Afinal, o mestre John Bunsby fez-se ao largo, e a *Tankadère*, tomando o vento em suas velas, lançou-se balouçando sobre as ondas.

CAPÍTULO XXI

EM QUE O PATRÃO DA "TANKADÈRE" CORRE SÉRIO RISCO DE PERDER UMA GRATIFICAÇÃO DE DUZENTAS LIBRAS

Era uma expedição aventurosa esta navegação de oitocentas milhas, numa embarcação de vinte toneladas, e principalmente naquela época do ano. São geralmente maus os mares da China, expostos a lufadas terríveis durante os equinócios, e estava-se ainda nos primeiros dias de novembro.

Teria sido, por certo, mais vantajoso para o piloto conduzir seus passageiros até Yokohama, pois era pago por dia. Mas teria sido imprudência demais tentar tal travessia em tais condições, e já era um ato audacioso, quando não temerário, ir até Shangai. Mas John Bunsby tinha confiança em sua *Tankadère*, que se elevava sobre as vagas como uma malva, e não estava errado.

Durante as últimas horas desta jornada, a *Tankadère* navegou por entre os escolhos caprichosos de Hong Kong, e sob todos os critérios, com vento pela frente ou por trás, comportou-se muito bem.

— Não tenho necessidade, piloto, disse Phileas Fogg quando a goleta entrava em alto mar, de lhe recomendar toda diligência possível.

— Vossa Honra, vá por mim, respondeu John Bunsby. Fizemos às velas, estamos dando tudo o que o vento permite dar. Querer ir mais rápido só serviria para virar a embarcação em prejuízo de sua marcha.

— É o seu ofício, e não o meu, piloto, e confio em si.

Phileas Fogg, o corpo ereto, pernas afastadas, firme como um marinheiro, contemplava, sem cambalear, o mar agitado. A jovem, sentada à popa, sentia-se comovida contemplando este oceano, já com as sombras do crepúsculo, cuja fúria arrostava em uma frágil embarcação. Por cima da sua cabeça desdobravam-se as velas brancas, que a levavam pelo espaço como grandes asas. A goleta, impelida pelo vento, parecia voar no ar.

A noite veio. A lua entrava no seu primeiro quarto, a sua luz insuficiente deveria logo extinguir-se nas brumas do horizonte. Nuvens corriam do leste e já invadiam uma parte do céu.

O piloto tinha disposto os fogos de posição — precaução indispensável a ser tomada nestes mares muito freqüentados nas proximidades das costas. As colisões de navios não eram raros por ali, e, com a velocidade com que ia animada, a goleta despedaçar-se-ia ao menor choque.

Fix meditava na proa da embarcação. Conservava-se afastado, sabendo que Fogg era pouco amigo de conversas. Demais, repugnava-lhe falar àquele homem, cujos favores aceitara. Meditava também sobre o futuro. Parecia-lhe certo que o senhor Fogg não pararia em Yokohama, que tomaria imediatamento o paquete para São Francisco, para alcançar a América, cuja vasta extensão lhe garantiria a impunidade com segurança. O plano de Phileas Fogg parecia-lhe ser muito simples.

Em vez de embarcar diretamente da Inglaterra para os Estados Unidos, como um velhaco vulgar, este Fogg havia feito uma grande volta e atravessado três quartas partes do globo, para alcançar com mais segurança o continente americano, onde comeria tranqüilamente o milhão do Banco, após ter despistado a polícia. Mas uma

vez na terra da União, que faria Fix? Abandonaria este homem? Não, cem vezes não! e até que tivesse obtido um ato de extradição, não o perderia de vista. Era seu dever e o cumpriria até o fim. Em todo caso, algo de bom tinha acontecido. Passepartout já não estava junto de seu patrão, e sobretudo, depois das confidências de Fix, era importante que patrão e criado não se revissem jamais.

Phileas Fogg, este, também não deixava de pensar no criado, tão estranhamente desaparecido. Feitas todas as reflexões, não lhe parecia impossível que, em conseqüência de um mal entendido, o rapaz tivesse embarcado no *Carnatic*, no último momento. Era também a opinião de Mrs. Aouda, que sentia profundamente a ausência deste excelente servidor, a quem tanto devia. Poderia acontecer que o reencontrassem em Yokohama, e, se o *Carnatic* para ali o tivesse transportado, seria fácil saber.

Por volta das dez horas, a brisa veio refrescar. Talvez tivesse sido prudente arrefecer o passo, mas o piloto, após ter cuidadosametne observado o céu, deixou o velame no estado em que estava. Demais, a *Tankadère*, levava admiravelmente o pano, tendo uma grande capacidade de colocar água fora, e tudo estava preparado para ser arranjado rapidamente, em caso de aguaceiro.

À meia noite, Phileas Fogg e Mrs. Aouda desceram para a cabina. Fix os precedera, e estendera-se sobre um dos catres. Quanto ao piloto e seus homens, ficaram a noite toda no convés.

No dia seguinte, 8 de novembro, ao nascer do sol, a goleta tinha feito mais de cem milhas. A barquilha, usada com freqüência, indicou que a média de sua velocidade estava entre oito e nove milhas. A *Tankadère*

ia com todo o pano largo, e obtinha assim sua máxima rapidez. Se o vento se mantivesse nestas condições, as probabilidades eram a seu favor.

A *Tankadère*, durante todo este dia, não se afastou muito da costa, cujas correntes lhe eram favoráveis. Tinha-a a cinco milhas ou mais a bombordo, e a costa, de perfil irregular, aparecia às vezes no meio de alguns clarões. O vento vinha da terra, o mar estava por isso mesmo menos forte: circunstância feliz para a goleta, porque as embarcações de pequena tonelagem padecem principalmente com a vaga, que lhes diminue a velocidade, que as "matam" para empregar a expressão marítima.

Pelo meio dia, o vento amainou um pouco e rodou para sudeste. O piloto largou as flechas; porém, ao fim de duas horas, foi preciso recolhê-las, porque o vento refrescava de novo.

Mr. Fogg e a jovem, muito felizmente refratários ao mal do mar, comeram com apetite as conservas e a bolacha de bordo. Fix foi convidado a partilhar de sua refeição e teve do aceitar, porque bem sabia que é tão necessário lastrear o estômago como os barcos, mas aquilo o vexava! Viajar à custa deste homem, nutrir-se com seus víveres, achava pouco leal. Contudo, comeu — pouco, é verdade — mas comeu.

Entretanto, terminada a refeição, julgou dever chamar o senhor Fogg à parte, e disse-lhe:

— Senhor...

Este "senhor" lhe queimava os lábios, e se conteve para não pôr a mão no colete deste "senhor".

— Senhor, foi muito gentil em me oferecer passagem em seu navio; mas, ainda que os meus recursos não me permitam gastar tão generosamente como o senhor,

quero pagar a minha parte...

— Não falemos nisso, senhor, respondeu Mr. Fogg.

— Mas, se insisto...

— Não, senhor, repetiu Mr. Fogg em tom que não admitia réplica. Isso entra nas despesas gerais!

Fix inclinou-se, sufocava, e, indo deitar-se à proa da goleta, não disse mais nenhuma palavra durante a jornada.

Seguiam velozmente. John Bunsby tinha boas esperanças. Diversas vezes disse a Mr. Fogg que chegariam no tempo desejado a Shangai. Mr. Fogg respondeu simplesmente que contava com isso. Demais, toda a tripulação da pequena goleta esforçava-se em o conseguir. A gratificação estimulava aqueles bravos marinheiros. Por isso não se via uma escotilha que não estivesse conscienciosamente fechada! Não havia vela que não estivesse vigorosametne içada! Não se dava a mais pequena guinada de que pudessem acusar o homem do leme. Em qualquer regata do Royal Yacht Club não se faria manobras com mais precisão.

À tarde, o piloto tinha apurado com a barquilha um percurso de duzentas milhas percorridas desde Hong Kong, e Phileas Fogg podia esperar que ao chegar a Yokohama não teria nenhum atraso a registrar no seu programa. Portanto, o primeiro contratempo sério que experimentara desde sua partida de Londres, não lhe causaria provavelmente nenhum prejuízo.

Durante a noite, pelas primeiras horas da manhã, a *Tankadère* entrava franqueando no estreito de Fo-Kien, que separa a grande ilha Formosa da costa chinesa, e atravessava o trópico de Câncer. O mar é agitado ali, cheio de redemoinhos formados pelas contra correntes. A goleta fatigou-se bastante. As vagas curtas

embaraçavam sua marcha. Tornou-se muito difícil manter-se em pé sobre o convés.

Com o romper do dia, o vento refrescou mais. Havia no céu indícios de borrasca. Demais, o barômetro anunciava uma mudança próxima de atmosfera; sua marcha diurna estava irregular, e o mercúrio oscilava caprichosamente. Via-se também o mar levantar-se para o sudoeste em longas ondas "que sentiam a tempestade". Na véspera o sol tinha-se deitado em uma bruma avermelhada, no meio de cintilações fosforescentes do oceano.

O piloto examinou durante muito tempo este mau aspecto do céu e murmurou entredentes coisas pouco inteligíveis. Em certo momento, achando-se perto de seu passageiro:

— Pode-se dizer tudo a Vossa Honra? disse em voz baixa.

— Tudo, respondeu Phileas Fogg.

— Pois bem, vamos ter uma borrasca.

— Virá do norte ou do sul? perguntou simplesmente Mr. Fogg.

— Do sul. Veja. É um tufão que se prepara.

— Vá pelo tufão do sul, pois que nos levará para o lado certo, respondeu Mr. Fogg.

— Se encara assim, replicou o piloto, não tenho mais nada a dizer.

Os pressentimentos de John Bunsby não o enganaram. Numa época menos adiantada do ano o tufão, segundo a expressão de um célebre meteorologista, ter-se-ia desfeito como uma cascata luminosa de flamas elétricas, mas no equinócio do inverno era de recear que se desencadeasse com violência.

O piloto tomou de antemão as suas precauções, Mandou fechar todas as velas da goleta e colocar as vergas na coberta. Arreou os mastaréus. Colocou o bote para dentro. Recolheu todas as velas auxiliares. As escotilhas foram fechadas com todo o cuidado. Desde esse momento nem uma gota de água podia penetrar no casco da embarcação.

Apenas uma vela triangular, de grande porte, foi içada à guisa de trinquete, de modo a manter a goleta com vento pela popa. E esperaram.

John Bunsby tinha convidado os passageiros a descerem para a cabina; mas, num espaço estreito, quase privado de ar, e no meio dos balanços produzidos pelas vagas, este aprisionamento não teria sido nada agradável. Nem Mr. Fogg, nem Mrs. Aouda, nem o próprio Fix, consentiram em sair da coberta.

Pelas oito horas, a borrasca de chuva e vendaval desabou sobre a embarcação. Só com seu pedaço de pano, a *Tankadère* foi levantada como uma pena pelo vento do qual não se saberia dar uma idéia exata, quando sopra em tempestade. Comparar sua velocidade à quádrupla velocidade de uma locomotiva lançada a todo o vapor, seria ficar aquém da verdade.

Durante o dia todo, a embarcação correu assim na para o norte, arrastada pelas vagas monstruosas, conservando felizmente uma velocidade igual à delas. Vinte vezes esteve a pique de ser submergida por uma das montanhas de água que se lançavam sobre sua popa; mas um movimento certeiro do leme, feito pelo piloto, evitava a catástrofe. Algumas vezes os passageiros ficavam completamente envoltos pelas ondas que recebiam filosoficamente. Fix resmungava sem dúvida, mas a intrépida Aouda, os olhos fixos no seu

companheiro, cujo sangue frio não podia deixar de admirar, mostrava-se digna dele e arrostava a tormenta ao seu lado. Quanto a Phileas Fogg, parecia que aquele tufão fazia parte do seu programa.

Até então a *Tankadère* fizera sempre rota para o norte; mas pela noite, como se receiava, o vento, rodando três quartos, soprou para noroeste. A goleta, oferecendo então o flanco à vaga, foi assustadoramente sacudida de modo terrível. O mar embatia contra ela com uma violência assustadora, quando não se sabe a solidez com que todas as peças de uma embarcação estão ligadas entre si.

Com a noite, a tempestade acentuou-se ainda. Vendo a escuridão começar, e com a escuridão aumentar a tormenta, John Bunsby padeceu com vivas inquietações. Perguntou-se se não seria tempo de relaxar, e consultou a tripulação.

Depois de interrogar seus homens, John Bunsby aproximou-se de Mr. Fogg, e disse-lhe:

— Acredito, Vossa Honra, que seria melhor aproarmos em um dos portos da costa.

— Também acredito, respondeu Mr. Phileas Fogg.

— Ah! exclamou o piloto, mas em qual?

— Só conheço um, respondeu tranqüilamente Mr. Fogg.

— E é...

— Shangai.

Esta resposta, o piloto a princípio levou alguns minutos sem compreender o que significava, o quanto continha de obstinação e de tenacidade. Depois exclamou:

— Ah, sim! Vossa Honra tem razão. Para Shangai!

E a direção da *Tankadère* foi imperturbavelmente

conservada para o norte.

Noite verdadeiramente terrível! Foi um milagre que a pequena goleta não sossobrasse. Duas vezes esteve a esse ponto, e tudo quase foi levado de bordo. Mrs. Aouda estava fadigada, mas não fez ouvir uma queixa. Mais de uma vez Mr. Fogg teve de correr para protegê-la da violência das ondas.

O dia reapareceu. A tempestade desencadeva-se ainda com um extremo furor. Contudo, o vento recaiu para o sudoeste. Era uma mudança favorável, e a *Tankadère* abriu novamente caminho sobre este mar agitado, cujas ondas se encontravam com as que o novo vento levantava. Daí um choque de contra-ondas, que teria esmagado uma embarcação menos solidamence construída.

De tempo em tempo avistava-se a costa através de aberturas nas brumas , mas nenhum navio à vista. A *Tankadère* era única no mar.

Ao meio dia, houve alguns sintomas de acalmia, que, com o baixar do sol no horizonte, se pronunciaram mais nitidamente.

A pouca duração da tempestade devia-se à sua própria violência, Os passageiros, absolutamente prostrados, puderam comer e repousar um pouco.

A noite foi relativamente sossegada. O piloto largou outra vez as velas. A velocidade da embarcação foi considerável. No dia seguinte, ao nascer do dia, John Bunsby, feito o reconhecimento da costa, pôde afirmar que não estavam a cem milhas de Shangai.

Cem milhas, e só restava aquele dia para as percorrer! Era naquela mesma tarde que Mr. Fogg deveria chegar a Shangai, se não quisesse perder a partida do paquete para Yokohama. Sem aquela tempestade, durante a qual

perdeu muitas horas, estaria naquele momento a trinta milhas do porto.

A brisa abonançava sensivelmente, mas por fortuna o mar caía com ela. A goleta se cobriu de panos. Flechas, velas de estal, bujarrona, tudo entrara em ação, e o mar escumava sob a roda da proa.

Ao meio dia, a *Tankadère* não estava a mais de quarenta e cinco milhas de Shangai. Restavam seis horas ainda para ganhar este porto antes da partida do paquete para Yokohama.

Os receios foram muitos. Queriam chegar a todo custo. Todos — menos Phileas Fogg por certo — sentiam o coração bater de impaciência. Era preciso que a pequena goleta se mantivesse numa média de nove milhas por hora, e o vento continuava a amainar! Era uma brisa irregular, as lufadas caprichosas vindo da costa. Passavam, e o mar se acalmava também após sua passagem.

Contudo a embarcação era tão leve, suas velas altas, de um tecido fino, apanhavam tão bem as lufadas irregulares, que, a corrente ajudando, às seis horas, John Bunsbay não contava mais que dez milhas até o rio de Shangai, porque a cidade está situada a doze milhas pelo menos acima da embocadura.

Às sete horas, achavam-se ainda a três milhas de Shangai. Uma formidável praga escapou da boca do piloto... O prêmio de duzentas libras iria evidentemente lhe escapar. Olhou para Mr. Fogg. Mr. Fogg estava impassível, e contudo toda a sua fortuna era jogada neste momento...

Neste momento também, uma longa fuselagem negra, coroada com um penacho de fumaça, apareceu ao nível da água. Era o paquete americano, que saía na hora

regulamentar.

— Maldição! exclamou John Bunsby, que empurrou o leme com um braço desesperado.

— Sinais! disse simplesmente Phileas Fogg.

Um pequeno canhão de bronze se alojava na proa da *Tankadère*. Servia para fazer sinais em tempos de nevoeiro.

A peça foi carregada até à boca, mas no momento em que o piloto ia aplicar um carvão ardente à peça:

— A bandeira a meio pau, disse Mr. Fogg.

A bandeira foi arreada a meio mastro. Era um sinal de perigo, e podiam esperar que o paquete americano, percebendo-o, modificasse por um instante sua rota para dirigir-se à embarcação.

— Fogo! disse Mr. Fogg.

E a detonação da pequena peça de bronze eclodiu no ar.

CAPÍTULO XXII

EM QUE PASSEPARTOUT RECONHECE QUE, MESMO NOS ANTÍPODAS, É PRUDENTE TER ALGUM DINHEIRO NO BOLSO

O *Carnatic*, tendo saído de Hong Kong, a 7 de novembro, às seis e meia da tarde, dirigia-se a todo o vapor para as terras do Japão. Levava um carregamento completo de mercadorias e passageiros. Duas cabinas de popa estavam desocupados. Eram as que tinham sido reservadas por conta de Mr. Phileas Fogg.

Na manhã seguinte, pela manhã, o pessoal da proa pôde ver, não sem alguma surpresa, um passageiro, o olho meio abestalhado, andar vacilante, cabeleira revolta, que saía da segunda classe e vinha, cambaleando, sentar-se numa bóia.

Este passageiro era Passepartout em pessoa. Eis o que tinha acontecido.

Instantes depois de Fix ter saído do antro de ópio, dois rapazes tinham levantado Passepartout profundamente adormecido, e o tinham deitado sobre o leito reservado aos fumadores. Mas três horas mais tarde, Passepartout, perseguido até nos seus pesadelos por uma idéia fixa, acordou e lutou contra a ação estupificante do narcótico. O pensamento do dever não cumprido sacudia seu torpor. Deixou o leito, e, tropeçando, apoiando-se às paredes, tombando e levantando, mas sempre e irresistivelmente impelido por uma espécie de instinto, saiu da taverna, gritando como num sonho: o *Carnatic*! o *Carnatic*!

O paquete estava ali lançando fumaça, pronto para zarpar. Passepartout só tinha alguns passos a dar. Lançou-se para o convés voando, atravessou a abertura da amurada, e caiu inanimado para frente, no momento em que o *Carnatic* largava suas amarras.

Alguns marinheiros, gente habituada a este tipo de cena, conduziram o pobre moço para um camarote de segunda, e Passepartout só acordou no dia seguinte de manhã, a cento e cinqüenta milhas das terras da China.

Eis por quê naquela manhã Passepartout se achava sobre o convés do *Carnatic* e vinha aspirar a plenos pulmões as frescas brisas marinhas. O ar puro o despertou. Começou a juntar as idéias e não conseguiu senão a duras penas. Mas, afinal, lembrou-se das cenas da véspera, das confidências de Fix, da taverna, etc.

— É evidente, disse, que fui abominavelmente embriagado. O que dirá Mr. Fogg? Em todo o caso, não perdi o barco, e é o principal!

Depois, pensando em Fix:

— Daquele, espero que tenhamos ficado livres, e que não terá ousado, depois do que me propôs, a nos seguir a bordo do *Carnatic*. Um inspetor de polícia, um detetive na pista de meu patrão, acusado do roubo feito no Banco da Inglaterra! Ora vamos! Mr. Fogg é um ladrão como eu sou um assassino!

Deveria Passepartout contar estas coisas a seu patrão? Conviria dizer-lhe o papel representado por Fix em todo esse negócio? Não seria melhor esperar a sua chegada a Londres, para lhe dizer que um agente da polícia metropolitana o seguira à volta ao mundo, e rir com ele? Sim, sem dúvida. Em todo caso, questão a examinar. O mais urgente era reunir-se a Mr. Fogg e apresentar-lhe suas desculpas por esta inqualificável

conduta.

Passepartout levantou-se. O mar estava picado, e o barco balançava forte. O digno rapaz, com as pernas ainda pouco sólidas, ganhou mal e mal a popa do navio.

Sobre o convés, não viu ninguém que se parecesse com seu patrão, nem com Mrs. Aouda.

— Bem, disse, Mrs. Aouda está ainda deitada a esta hora. Quanto a Mr. Fogg, terá encontrado algum jogador de whist, e, segundo o seu costume...

Dizendo isto, Passepartout desceu ao salão. Mr. Fogg não estava ali. Passepartout só tinha uma coisa a fazer: perguntar ao *purser* que cabina ocupava Mr. Fogg. O *purser* respondeu que não conhecia nenhum passageiro com este nome.

— Desculpa, disse Passepartout insistindo. É um gentleman alto, frio, pouco comunicativo, acompanhado de uma jovem dama...

— Não temos nenhuma jovem dama a bordo, respondeu o *purser*. Demais, eis a lista dos passageiros. Pode consultá-la.

Passepartout consultou a lista... O nome de seu patrão não figurava nela.

Teve uma espécie de vertigem. Depois uma idéia atravessou-lhe o cérebro.

— Mas espere! Estou mesmo no *Carnatic*? perguntou.

— Sim, respondeu o *purser*.

— Em viagem para Yokohama?

— Perfeitamente.

Passepartout receara por um instante ter-se enganado de navio! Mas, se estava no *Carnatic*, era certo que seu patrão ali não estava.

Passepartout deixou-se tombar numa poltrona. Era um golpe mortal. E, súbito, a luz se fez. Lembrou-se que

a hora de partida do *Carnatic* tinha sido antecipada, que deveria ter avisado seu patrão, que não o fizera. Era pois sua falta se Mr. Fogg e Mrs. Aouda tivessem faltado à partida!

Sua falta, sim, mas ainda mais daquele tratante que, para separá-lo do patrão, para reter este em Hong Kong, o embriagara! Porque compreendia afinal a manobra do inspetor de polícia. E agora, Mr. Fogg estava com certeza arruinado, sua aposta perdida, detido, encarcerado talvez!... Passepartout, a este pensamento, arrancou os cabelos. Ah! Se algum dia Fix caísse em suas mãos, que ajuste de contas!

Por fim, após o primeiro momento de depressão, Passepartout recuperou o seu sangue frio e estudou a situação. Era pouco invejável. O francês achava-se a caminho do Japão. Tinha a certeza de chegar lá, como, porém, voltaria? Tinha os bolsos vazios. Nem um *schilling*, nem um *penny*! Entretanto, a sua passagem e o seu sustento a bordo estavam pagos adiantados. Tinha, pois, cinco ou seis dias ao seu dispor para tomar uma decisão. Se comeu e bebeu durante esta travessia, nem é preciso dizer. Comeu por seu patrão, por Mrs. Aouda e comeu por si mesmo. Comeu como se o Japão, onde iria aportar, fosse país deserto, desprovido de qualquer substância comestível.

Dia 13, na maré da manhã, o *Carnatic* entrou no porto de Yokohama.

Este porto é uma parada importante do Pacífico, onde fazem escala todos os vapores empregados no serviço de correio e de viajantes entre a América do Norte, a China, o Japão e as ilhas da Malásia. Yokohama está situada na baía de Yedo, a pouca distância desta imensa cidade, segunda capital do império japonês, outrora residência

do Tycoon, do tempo em que este imperador civil existia, e rival de Meako, a grande cidade em que habita o mikado, imperador eclesiástico, descendente dos deuses.

O *Carnatic* veio se alinhar no cais de Yokohama, perto dos molhes do porto e dos armazéns da alfândega, no meio de numerosos navios pertencentes a todas as nações.

Passepartout desembarcou, sem nenhum entusiasmo, naquela terra tão curiosa dos Filhos do Sol. Não tinha nada melhor para fazer do que tomar o acaso por guia, e aventurar-se pelas ruas da cidade.

Passepartout achou-se logo numa cidade absolutamente européia, com casas de fachadas baixas, ornadas de varandas sob as quais se viam elegantes peristilos, e que cobria com suas ruas, suas praças, suas docas, seus entrepostos, todo o espaço compreendido entre o promontório do Tratado e o rio. Ali, como em Hong Kong, como em Calcutá, formigava uma mistura de gente de todas as raças, Americanos, Ingleses, Chineses, Holandeses, mercadores prontos a tudo vender e a tudo comprar, no meio dos quais o francês se achava tão estrangeiro como se tivesse sido lançado na terra dos Hotentotes.

Passepartout tinha, na verdade, um recurso: era recomendar-se junto aos agentes consulares francês ou inglês estabelecidos em Yokohama; mas lhe repugnava contar sua história, tão intimamente ligada com a de seu patrão, e antes de chegar a isso, queria primeiro esgotar todos os outros recursos.

Por isso, depois de ter percorrido a parte européia da cidade, sem que o acaso de nada lhe servisse, entrou na parte japonesa, decidido, se preciso, a avançar até Yedo.

Esta porção indígena de Yokohama é chamada

Benten, do nome de uma deusa do mar, adorada nas ilhas vizinhas. Lá se viam admiráveis alamedas de pinheiros e de cedros, portas sagradas de uma arquitetura estranha, pontes enfurnadas no meio de bambus e de caniços, templos abrigados sob a ramagem imensa e melancólica de cedros seculares, mosteiros de bonzos no fundo dos quais vegetavam os sacerdotes do budismo e os seguidores da religlão de Confucio, ruas intermináveis de onde se poderia colher uma safra de crianças de cútis rosadas e faces vermelhas, pequenas criaturas que diríamos recortadas de algum biombo nativo, e que brincavam no meio de cadelas de pernas curtas e gatos amarelados, sem cauda, muito indolentes e muito meigos.

Nas ruas, um formigueiro, vais-e-vens incessantes: bonzos passando em procissão batendo em tamborins monótonos; yakouninos, oficiais da alfândega ou da polícia, com chapéus ponteagudos encrustados de laca e trazendo dois sabres à cinta; soldados vestidos com trajes de algodão azul listrados de branco e armados com fuzis de percussão; homens de armas do mikado, ensacados nos seus gibões de seda, com loriga e cota de malha, e muitos outros militares de todas as condições — porque, no Japão, a profissão de soldado é tão estimada como desprezada na China. Depois, frades mendicantes, peregrinos em longas túnicas, simples civis, cabeleira lisa e de um negro de ébano, muito comprida, cabeça grande, tronco comprido, pernas delgadas, estatura pouco elevada, tez colorida desde as sombrias tonalidades do cobre até o branco pálido, mas nunca amarela como a dos Chineses, de que os japoneses diferem essencialmente. Finalmente, entre as viaturas, os palaquins, os cavalos, os carregadores, os

carrinhos de vela, os “norimons” com paredes de laca, os fofos “cangos”, verdadeiras liteiras de bambu, via-se circular com pequenos passos de seus pequenos pés, calçados com sapatos de seda, sandálias de palha ou de socós de madeira trabalhada, algumas mulheres pouco bonitas, os olhos contraídos, o peito deprimido, os dentes enegrecidos ao gosto local, mas levando com elegância o traje nacional, o “kirimon”, espécie de roupão cingido por uma faixa de seda formando na cintura, pelo lado de trás, um laço extravagante — que as senhoras de hoje parecem ter emprestado das japonesas.

Passepartout passeou durante algumas horas entre esta multidão bizarra, contemplando também as curiosas e opulentas lojas, os bazares onde se acumula toda a produção da ourivesaria japonesa, os restaurantes ornados com bandeirolas e flâmulas, nas quais lhe era proibido entrar, e as lojas de chá onde se bebem chavenas cheias de água quente odorífera, com o “saki”, licor tirado do arroz em fermentação, e confortáveis casas de fumo onde se saboreia um tabaco muito fino, e não o ópio, cujo uso é quase desconhecido no Japão.

Depois, Passepartout achou-se nos campos, no meio de imensos arrozais. Ali, se espalhavam, com as flores que lançavam suas derradeiras cores e seus derradeiros perfumes, camélias deslumbrantes, não em arbustos, mas em árvores, e, nos cercados de bambu, cerejeiras, pereiras, macieiras, que os indígenas cultivam mais por suas flores que por seus frutos, e que espantalhos e ruidosos molinetes defendem do bico dos pardais, dos pombos, dos corvos e de outras aves vorazes. Não havia cedro magestoso que não abrigasse alguma grande águia, nem salgueiro sob cuja folhagem não se ocultasse

alguma garça real, melancolicamente empoleirada num pé; finalmente, por toda parte abundavam as gralhas, os patos mansos e selvagens, os gaviões, e grande número dessas cegonhas a que os japoneses chamam “senhoritas” e que para eles simbolizam a longevidade e a felicidade.

Vagueando assim, Passapartout descobriu algumas violetas entre a relva.

— Bom! disse ele, eis minha ceia!

Mas quando as cheirou não encontrou nenhum perfume.

— De modo algum! pensou ele.

Claro, o rapaz tinha, por previsão, almoçado tão copiosamente quanto pudera antes de desembarcar; mas, depois de um dia de passeio, sentia o estômago muito vazio. Tinha notado que nos estoques dos açougues indígenas faltava carne de porco, de carneiro ou de cabra, e, como sabia que é um sacrilégio matar os bois, unicamente destinados às utilidades agrícolas, concluíra que no Japão a carne é muito rara. Não se enganara; mas à falta de carne no açougue, o seu estômago dar-se-ia perfeitamente bem com algum pedaço de javali ou de gamo, com alguma perdiz ou codorniz, com algum pedaço de ave ou de peixe, com que os japoneses se sustentam quase que exclusivamente com o produto dos arrozais. Mas teve de se resignar à sorte, e guardar para o dia seguinte o cuidado de prover ao seu sustento.

A noite chegou. Passepartout regressou à cidade indígena, e errou pelas ruas em meio a lanternas multicores, contemplando os grupos de acrobatas que executavam os seus prodigiosos exercícios, e vários astrólogos que, ao ar livre, reuniam a multidão em volta

de suas lunetas. Em seguida voltou para o ancoradouro, iluminado pelos fogos dos pescadores, que atraíam peixe à luz de resinas inflamadas.

Afinal as ruas despovoaram-se. À multidão sucederam as rondas dos yakounines. Estes oficiais, com os seus trajes magníficos e com seu cortejo, pareciam embaixadores, e Passepartout repetia gracejando, cada vez que encontrava qualquer patrulha deslumbrante:

— Ah, sim! mais uma embaixada japonesa que parte para a Europa.

CAPÍTULO XXIII

EM QUE O NARIZ DE PASSEPARTOUT FICA MUITO MUITO LONGO

No dia seguinte, Passepartout, estafado, esfomeado, resolveu que era preciso comer a todo custo, e quanto mais cedo melhor. Tinha, é verdade, o recurso de vender seu relógio, mas preferiria morrer de fome. Era uma oportunidade para este bravo rapaz usar a voz forte, melodiosa, com que a natureza o dotara.

Sabia alguns refrões da França e da Inglaterra, e resolveu experimentá-los. Os japoneses deveriam certamente gostar de música, pois que tudo se faz entre ao som dos címbalos, do tantã e dos tambores, e não deveriam por certo apreciar os talentos de um *virtuose* europeu.

Mas talvez fosse um pouco cedo demais para organizar um concerto, e os *dilettanti*, inopinadamente despertos, não iriam talvez pagar o cantor em moeda com a efígie do mikado.

Passepartout decidiu-se, pois, esperar algumas horas; mas, caminhando, pensou que parecia bem vestido demais para um artista ambulante, e veio-lhe a idéia de trocar suas roupas por trajes usados, mais em harmonia com sua posição. Esta troca, ainda, deveria deixar um saldo, que poderia imediatamente aplicar para saciar seu apetite.

Tomada esta resolução, faltava executá-la. Foi só depois de longas buscas que Passepartout descobriu um brechó indígena, no qual expôs seu pedido. O traje

europeu agradou ao comerciante e logo depois Passepartout saía envolto em uma velha roupa japonesa e com uma espécie de turbante na cabeça, desbotado pela ação do tempo. Mas, em compensação, algumas moedas de prata tilintavam em seu bolso.

— Bem, pensou, vou imaginar que estamos no carnaval!

O primeiro cuidado de Passepartout, assim *japonificado*, foi entrar numa "tea-house", de aparência modesta, e aí, com uns restos de ave e um punhado de arroz, almoçou como um homem para quem o jantar seria ainda um problema a ser resolvido.

— Agora, disse para si, depois de comer copiosamente, é bom não perder a cabeça. Não tenho mais o recurso de trocar estes andrajos por outro ainda mais japonês. É preciso, portanto, encontrar um meio de deixar o mais rápido possível este país do Sol, do qual só guardarei uma lamentável lembrança!

Passepartout cogitou então em visitar os paquetes de partida para a América. Contava oferecer-se como cozinheiro ou criado, não pedindo outra retribuição além da passagem e comida. Uma vez em São Francisco, veria o que fazer. O importante era atravessar estas quatro mil e setecentas milhas do Pacífico que se estendem entre o Japão e o Novo Mundo.

Passepartout, não sendo homem de deixar fenecer uma idéia, dirigiu-se para o porto de Yokohama. Mas, à medida que se aproximava das docas, o projeto, que lhe havia parecido tão simples no momento em que o concebera, parecia cada vez mais inexequível. Porque é que teriam necessidade de um cozinheiro ou de um criado a bordo de um paquete americano, e que confiança inspiraria, vestido assim? Que recomendações

poderia dar? Que referências indicar?

Enquanto assim pensava, seus olhos caíram sobre um imenso cartaz que uma espécie de clown desfilava pelas ruas de Yokohama. Este cartaz estava também escrito em inglês:

O cartaz dizia o seguinte, em inglês:

TRUPE JAPONESA ACROBÁTICA
DO
RESPEITÁVEL WILLIAM BATULCAR

ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES
Antes de partir para os Estados Unidos da América
DOS
NARI-LONGOS-NARI-LONGOS
SOB A INVOCAÇÃO DIRETA DO DEUS TINGOU

Grande Atração!

Os Estados Unidos da América! exclamou Passepartout, é justamente o que procuro!...

Seguiu o homem-sanduíche, e voltou à cidade japonesa. Um quarto de hora mais tarde, parava diante de uma vasta barraca, coroada por fileiras de bandeirinhas, e cujas paredes externas representavam, sem perspectiva, mas em cores fortes, todo um grupo de malabaristas.

Era o estabelecimento do respeitável Batulcar, espécie de Barnum americano, diretor de uma companhia de saltimbancos, malabaristas, clowns, acrobatas, equilibristas, ginastas, que, segundo o cartaz, fazia suas últimas apresentações antes de deixar o império do Sol

para os Estados da União.

Passepartout entrou num peristilo que precedia a barraca, e chamou Mr. Batulcar. Apareceu Batulcar em pessoa.

— O que quer? disse a Passepartout, a quem tomou à princípio por um nativo.

— Precisa de um criado? perguntou Passepartout.

— Um criado, exclamou Batulcar cofiando a espessa barbicha grisalha sob o queixo, tenho dois, obedientes, fiéis, que nunca me deixaram, que me servem por nada, com a condição que os alimente... E eles aqui estão, acrescentou mostrando seus dois braços robustos, sulcados por veias grossas como cordas de contrabaixo.

— Então não posso ser-lhe útil em nada?

— Em nada.

— Diacho! teria sido muito conveniente para mim partir consigo.

— Ah, então é isso! disse o respeitável Batulcar, você é tão japonês quanto eu sou um macaco! Porque está vestido assim?

— A gente se veste como pode!

— É verdade. É francês?

— Sim, um parisiense de Paris.

— Então deve saber fazer caretas?

— Claro, respondeu Passepartout, vexado por ver sua nacionalidade provocar esta pergunta, nós os franceses, sabemos fazer caretas, é verdade, mas não melhor do que os americanos!

— Exato. Pois bem, se não o contrato como criado, posso contratá-lo como clown. Compreenda, meu bravo. Na França exibem-se comediantes estrangeiros e no estrangeiro comediantes franceses!

— Ah!

— É vigoroso, não é?

— Principalmente quando saio da mesa.

— E sabe cantar?

— Sim, respondeu Passepartout, que em outros tempos participara de alguns concertos de rua.

— Mas sabe cantar de cabeça para baixo, com um pião girando na planta do pé esquerdo, e um sabre em equilíbrio na planta do pé direito?

— Se sei! respondeu Passepartout, que se lembrava dos primeiros exercícios da sua tenra idade.

— Então está bem! respondeu o respeitável Batulcar.

A contratação foi concluída *hic et nunc*.

Afinal, Passepartout achara uma posição. Estava contratado para fazer de tudo na célebre companhia japonesa. Era pouco lisongeiro, mas em menos de oito dias estaria a caminho de São Francisco.

A representação, anunciada em altos brados pelo ilustre Batulcar, deveria começar às três horas, e logo os ensurdecedores instrumentos de uma orquestra japonesa, tambores e tantãs, tocavam à porta. Comprendam que Passepartout não tinha podido estudar um papel, mas deveria emprestar o apoio de seus sólidos ombros no grande exercício da "pirâmide humana" executado pelos Nari-Longos do deus Tingou. Esta "great-attraction" do espetáculo deveria encerrar a série dos exercícios.

Antes das três horas, os espectadores tinham invadido a grande tenda. Europeus e indígenas, Chineses e Japoneses, homens, mulheres e crianças, precipitavam-se sobre as estreitas bancadas nos camarotes que ficavam de frente para a cena. Os músicos tinham voltado para dentro, e a orquestra completa, gongos, tantãs, castanholas, flautas,

tamborins e grandes bumbos, tocava com furor.

Esta representação foi como são todas as exibições de acrobatas. Mas é preciso confessar que os japoneses são os melhores equilibristas do mundo. Um, armado com sua ventarola e pequenos pedaços de papel, executava o exercício tão gracioso das borboletas e das flores. Outro, com a fumaça odorífera de seu cachimbo, traçava rapidamente no ar uma série de palavras azuladas, que formavam um comprimento dirigido à platéia. Este brincava com velas acesas, que sucessivamente apagava quando passavam na frente dos seus lábios, e que tornava a acender uma na outra — sem por um instante interromper o seu jogo de prestidigitação. Aquele, produzia, com piões giratórios, as mais inverossímeis combinações; em suas mãos, estas máquinas roncadoras pareciam adquirir vida própria em seu giro interminável; corriam sobre cabos de cachimbo, sobre fios de sabres, sobre arames, cabelos de verdade estendidos de um a outro lado do palco; giravam nas bordas de grandes copos de cristal, subiam degraus de bambu, dispersavam-se para todos os lados, produzindo efeitos harmônicos exóticos ao combinarem seus diversos tons. Os malabaristas as lançavam e elas giravam no ar; eles as lançavam como petecas, com raquetes de madeira, giravam sempre; eles as enfurnavam no bolso, e quando as retiravam, giravam ainda — até o momento em que uma mola distendida as fazia desabrochar em ramalhetes artificiais!

Inútil descrever aqui os prodigiosos exercícios dos acrobatas e dos ginastas da companhia. As piruetas na escada, na vara, na bola, nos barris, etc., foram executados com incrível precisão. Mas a principal atração do espetáculo era a exibição dos “Nari-Longos”,

assombrosos equilibristas que a Europa ainda não conhece.

Os “Nari-Longos” formam uma corporação particular colocada sob a proteção direta do deus Tingou. Vestidos como os arautos da Idade Média, traziam um esplêndido par de asas nas costas. Mas o que mais os distinguia, era o longo nariz com que suas faces estavam ornamentadas, e principalmente o uso que faziam deles. Estes narizes nada mais eram que bambus, com o comprimento de cinco, seis e dez pés, uns direitos, outros recurvos, estes lisos, aqueles verruguentos. Ora, sobre estes apêndices, fixados de modo sólido, é que faziam todos os exercícios de equilíbrio. Uma dúzia dos seguidores do deus Tingou deitaram-se de costas, e seus camaradas vieram cair sobre seus narizes, eretos como pára-raios, saltando, volteando deste para aquele, executando as voltas mais inacreditáveis.

Para terminar, anunciara-se especialmente ao público a pirâmide humana, em que uns cinqüenta Nari-Longos deveriam representar o “Carro de Jaggernaut”. Mas, em vez de formarem a pirâmide tomando os ombros como ponto de apoio, os artistas do respeitável Batulcar deveriam sobrepor-se uns aos outros pelo nariz. Ora, um dos que formavam a base do carro havia deixado a companhia, e como bastava ser vigoroso e reto, Passepartout havia sido escolhido para o substituir.

Claro, o digno moço se sentira todo pesaroso, quando — triste recordação de sua mocidade — tinha envergado seu traje da Idade Média, ornado com asas multicoloridas, e quando um nariz de seis pés lhe tinha sido aplicado ao rosto! Mas, enfim, este nariz era o seu ganha-pão, e resignou-se.

Passepartout entrou em cena, e veio alinhar-se com

seus colegas que deveriam figurar na base do Carro de Jaggernaut. Todos estenderam-se no chão com o nariz para o céu. Uma segunda seção de equilibristas veio pousar sobre estes longos apêndices, uma terceira colocou-se por cima, depois uma quarta, e sobre estes narizes que só se tocavam pelas pontas, um monumento humano se elevou bem depressa até as frisas do teatro.

Ora, os aplausos redrobravam, e os instrumentos da orquestrá explodiam como trovoadas, quando a pirâmide oscilou, o equilíbrio se rompeu, faltou um dos narizes da base, e o monumento desmoronou como um castelo de cartas...

A culpa foi de Passepartout, que, abandonando seu posto, saltando a rampa sem o auxílio das asas, e trepando à galeria da direita, caía aos pés de um espectador, gritando:

— Ah! meu patrão! meu patrão!

— Você?

— Eu!

— Bem! neste caso, para o paquete, meu rapaz, para o paquete!...

Mr. Fogg, Mrs. Aouda, que o acompanhava, Passepartout, tinham se precipitado pelos corredores para fora da tenda. Mas lá encontraram o digno Batulcar, furioso, que reclamava indenização pelo fiasco. Phileas Fogg apagou seu furor atirando-lhe um punhado de bank-notes.

E, às seis horas e meia, no momento em que ele ia partir, Mr. Fogg e Mrs. Aouda puseram o pé no paquete americano, seguidos por Passepartout, as asas nas costas, e sobre a face o nariz de seis pés que ainda não havia podido arrancar do rosto!

CAPÍTULO XXIV

DURANTE O QUAL SE REALIZOU A TRAVESSIA DO OCEANO PACÍFICO

O que aconteceu quando chegaram perto de Shangai, já se sabe. Os sinais feitos pela *Tankadère* tinham sido notados pelo paquete para Yokohama. O capitão, vendo uma bandeira a meio pau, dirigira-se para a pequena goleta. Instantes depois Phileas Fogg, pagando as passagens pelo preço combinado, punha no bolso do patrão John Bunsby quinhentas e cinqüenta libras (13.750 F). Depois, o respeitável gentleman, Mrs. Aouda e Fix tinham subido a bordo do vapor, que logo se pôs a caminho para Nagasaki e Yokohama.

Tendo chegado naquela mesma manhã, 14 de novembro, Phileas Fogg, deixando Fix ir tratar de seus assuntos, tinho ido até o *Carnatic* e lá soube, para grande felicidade de Mrs. Aouda — e talvez a sua, mas que não deixou transparecer — que o francês Passepartout havia efetivamente chegado na véspera em Yokohama.

Phileas Fogg, que devia partir naquela mesma noite para São Francisco, começou imediatamente a procurar o criado. Dirigiu-se, mas em vão, aos agentes consulares francês e inglês, e, depois de ter percorrido inutilmente as ruas de Yokohama, já perdia a esperança de encontrar Passepartout, quando o acaso, ou talvez uma espécie de premonição, o fez entrar na tenda do respeitável Batulcar. Não teria, por certo, reconhecido seu servidor sob a rídicula roupa de arauto; mas

Passepartout, em sua posição deitada, avistou o patrão na galeria. Não pôde conter um movimento de seu nariz. Daí a quebra do equilíbrio e tudo o que se seguiu.

Eis o que Passepartout ouviu da própria boca de Mrs. Aouda, que lhe contou então como fora feita a travessia de Hong Kong para Yokohama, em companhia de um tal Mr. Fix, na goleta *Tankadère*.

Ao ouvir o nome de Fix, Passepartout nem pestanejou. Pensou que ainda não chegara o momento de dizer ao patrão o que se passara entre o inspetor de polícia e ele. Assim, ao narrar suas aventuras, acusou-se e pediu desculpa somente por ter sido surpreendido pelo entorpecimento do ópio numa taverna de Hong Kong.

Mr. Fogg escutou friamente este diálogo, sem responder; depois abriu ao criado um crédito suficiente para que este comprasse no navio trajes mais convenientes. E, com efeito, não passara ainda uma hora, e o honesto moço, tendo tirado o nariz postiço e cortado as asas, não tinha mais nada em si que recordasse o seguidor do deus Tingou.

O paquete que fazia a travessia de Yokohama a São Francisco pertencia à Companhia do "Pacific Mail steam", e chamava-se *General Grant*. Era um grande vapor de rodas, deslocando duas mil e quinhentas toneladas, bem construído e dotado de grande velocidade. Um enorme balancim subia e descia sucessivamente sobre o convés; numa das suas extremidades articulava-se o cabo de um pistão, e na outra o de uma biela que, transformando o movimento retilíneo em movimento circular, o aplicava diretamente no eixo das rodas do vapor. O *General Grant* estava dotado de três mastros de goleta, e possuía uma grande superfície de pano, que ajudava poderosamente o vapor.

Mantendo suas doze milhas por hora, o paquete não deveria levar mais de vinte e um dias para atravessar o Pacífico. Phileas Fogg estava, pois, autorizado a crer que, chegando em 2 de dezembro a São Francisco, estaria dia 11 em Nova York e dia 20 em Londres — antecipando assim em algumas horas a data fatal de 21 de dezembro.

Os passageiros eram bem numerosos a bordo do vapor, ingleses, muitos americanos, uma verdadeira emigração de coolies para a América, e um certo número de oficiais do exército das Índias, que aproveitavam sua licença para fazerem a volta ao mundo.

Durante esta travessia não se deu nenhum incidente náutico. O paquete, sustentado sobre suas largas rodas, apoiado no seu forte velame, jogava pouco. O Oceano Pacífico justificava bem seu nome. Mr. Fogg estava tão calmo, tão pouco comunicativo como de costume. Sua jovem companhia cada vez se sentia mais e mais ligada àquele homem por outros laços que não os do reconhecimento. Esta silenciosa natureza, tão generosa em suma, a impressionava mais do que suspeitara, e, fora quase sem dar por isso que ela se deixou levar por sentimentos dos quais o enigmático Fogg não parecia sentir nenhuma influência.

Além disso, Mrs. Aouda interessava-se extraordinariamente pelos projetos do gentleman. Inquietava-se com os contratempos que poderiam comprometer o êxito da viagem. Freqüentemente conversava com Passepartout, que não deixava de perceber o que se passava no coração de Mrs. Aouda. O bravo moço tinha, agora, a respeito de seu patrão, uma fé cega; não se fartava de elogiar a honestidade, a generosidade, a dedicação de Phileas Fogg; depois tranqüilizava Mrs. Aouda sobre o sucesso da viagem,

repetindo que o mais difícil já passara, que haviam saído dos países fantásticos da China e do Japão, que retornavam às regiões civilizadas, e que afinal um trem de São Francisco a Nova York e um transatlântico de Nova York a Londres bastariam, sem dúvida, para concluir esta impossível volta ao mundo no prazo combinado.

Nove dias depois de ter deixado Yokohama, Phileas Fogg tinha percorrido exatamente a metade do globo terrestre.

Com efeito, o *General Grant*, em 23 de novembro passou para o octogésimo meridiano, aquele no qual se acham, no hemisfério austral, os antípodas de Londres. Dos oitenta dias postos à sua disposição Mr. Fogg, é verdade, gastara cinqüenta e dois, e só lhe restavam vinte e oito. Mas é preciso notar que se o gentleman se achava somente no meio da viagem "pela diferença dos meridianos", tinha na realidade concluído mais de dois terços do percurso total. Que desvios forçados, com efeito, de Londres a Aden, de Aden a Bombaim, de Calcutá a Cingapura, de Cingapura a Yokohama! Seguindo circularmente o quinqüagésimo paralelo, que é o de Londres, a distância teria sido só de doze mil milhas aproximadamente, ao passo que Phileas Fogg se vira forçado, pelos caprichos dos meios de locomoção, a percorrer vinte e seis mil milhas das quais fizera cerca de dezessete mil, até esta data de dia 23 de novembro. Mas agora a rota seria reta, e Fix não estava mais por ali para aumentar os obstáculos!

Aconteceu também que, em 23 de novembro, Passepartout experimentou uma grande alegria. Lembremos que o cabeça dura tinha se obstinado a manter a hora de Londres em seu famoso relógio de

familia, considerando falsas todas as horas dos países que atravessara. Ora, naquele dia, apesar de não o ter nem adiantado nem atrasado, seu relógio estava de acordo com os cronômetros do navio.

Nem é preciso dizer que Passepartout exultava. Bem que teria gostado de saber o que Fix diria, se estivesse presente.

— Aquele velhaco que me contava um monte de lorotas sobre meridianos, sobre o sol e a lua! repetia Passepartout. Bah! esse pessoal! Se a gente os escutasse, que bela relojoaria fariam! Eu bem que tinha a certeza de que, mais dia menos dia, o sol se decidiria a se regular pelo meu relógio!...

Passepartout ignorava isso: se o mostrador do seu relógio estivesse dividido em vinte e quatro horas como os relógios italianos, não teria tido motivo algum para se gabar, porque os ponteiros, quando fossem nove horas da manhã no navio, teriam indicado nove horas da noite, isto é, a vigésima primeira hora desde a meia noite — diferença exatamente igual à que existe entre Londres e o centésimo octogésimo meridiano.

Mas se Fix tivesse sido capaz de explicar este efeito puramente físico, Passepartout, sem dúvida, teria sido incapaz, se não de o compreender, ao menos de o admitir. Em todo caso, se, por um milagre, o inspetor de polícia tivesse inopinadamente se mostrado a bordo neste momento, é provável que Passepartout, justificadamente rancoroso, tivesse tratado com ele de um outro assunto e de uma maneira bem diferente.

Mas, onde estava Fix neste momento?...

Fix estava precisamente a bordo do *General Grant*.

Com efeito, chegando a Yokohama, o agente, abandonando Mr. Fogg que esperava reencontrar

durante o dia, tinha ido imediatamente ao consulado inglês. Lá, tinha encontrado finalmente o mandado, que, correndo atrás dele desde Bombaim, estava datado de quarenta dias atrás — mandado que lhe fora expedido de Hong Kong naquele mesmo *Carnatic*, a bordo do qual se supunha que o agente estivesse! Imagine-se o desapontamento do detetive! O mandado tornara-se inútil! Mr. Fogg tinha saído das possessões inglesas. Um ato de extradição era agora necessário para detê-lo!

— Paciência! disse Fix para si, após o primeiro momento de cólera, se meu mandado não serve para mais nada aqui, servirá na Inglaterra. Este velhaco parece que vai voltar para sua pátria, crendo ter despistado a polícia. Bem. Eu o seguirei até lá. Quanto ao dinheiro, Deus guarde para que sobre algum! Mas em viagens, gratificações, processos, multas, elefante e despesas de toda a espécie, o meu homem já deixou mais de mil libras pelo caminho. Em todo caso, o Banco é rico!

Decisão tomada, embarcou no *General Grant*. Estava no navio, quando Mr. Fogg e Mrs. Aouda chegaram. Com imensa surpresa, reconheceu Passepartout sob suas vestes de arauto. Escondeu-se imediatamente em sua cabina, para evitar uma explicação que poderia comprometer tudo — e, graças ao número de passageiros, contava não ser visto por seu inimigo, quando naquele mesmo dia deu de cara com ele na proa do navio.

Passepartout saltou para sua garganta, sem mais, e, para contentamento de alguns americanos que imediatamente apostaram nele, presenteou o infeliz inspetor com uma sova daquelas, que demonstrou a superioridade do boxe francês sobre o boxe inglês.

Quando Passepartout acabou, sentiu-se calmo e quase aliviado. Fix levantou-se, em péssimo estado, e olhando seu adversário, disse-lhe friamente:

— Acabou?

— Sim, por enquanto.

— Então vamos conversar.

— Que va...

— No interesse de seu patrão.

Passepartout, como que subjugado por este sangue frio, seguiu o inspetor de polícia, e ambos se sentaram à proa do vapor.

— Me deu uma surra, disse Mr. Fix. Tudo bem. Agora escute. Até aqui tenho sido adversário de Mr. Fogg, mas agora faço seu jogo.

— Até que enfim! exclamou Passepartout, agora acredita que é um homem honesto?

— Não, respondeu friamente Fix, acredito que é um velhaco... Calma! pára de bufar e me deixe falar. Enquanto Mr. Fogg se encontrava em possessões inglesas, tive interesse em retê-lo, aguardando um mandado de prisão. Fiz tudo para isso. Lancei contra ele os sacerdotes de Bombaim, embriaguei a si em Hong Kong, separei-o de seu patrão, fiz com que perdesse o paquete para Yokohama...

Passepartout escutava, os punhos fechados.

— Agora, retomou Fix, Mr. Fogg parece voltar para a Inglaterra? Que seja, segui-lo-ei. Mas, a partir de agora, me dedicarei a afastar os obstáculos de seu caminho com tanto ou mais empenho do que até agora tive em aumentá-los. Como pode ver, meu jogo mudou, e mudou porque é do meu interesse. E acrescento que seu interesse vai junto com o meu, porque é só na Inglaterra que poderá saber se está a serviço de um criminoso ou

de um homem honesto!

Passepartout tinha escutado atentamente Fix, e ficou convencido de que Fix falava mesmo com sinceridade.

— Amigos? perguntou Fix.

— Amigos, não, respondeu Passepartout. Aliados, sim, e espero para ver, porque, ao menor sinal de traição, torço-lhe o pescoço.

— Combinado, disse tranqüilamente o inspetor de polícia.

Onze dias depois, dia 3 de dezembro, o *General Grant* entrou na baía de Golden Gate, e chegou a São Francisco.

Mr Fogg não tinha ainda nem ganho nem perdido um só dia.

CAPÍTULO XXV

EM QUE SE DÁ UMA OLHADA EM SÃO FRANCISCO, EM DIA DE MEETING

Eram sete da manhã quando Mr. Phileas Fogg, Mrs. Aouda e Passepartout puseram o pé no continente americano — se é que se pode dar esse nome ao cais flutuante em que desembarcaram. Estes cais, subindo e descendo com a maré, facilitam a carga e a descarga dos navios. Neles é que atracam os *clippers* de todas as dimensões, os *steamers* de todas as nacionalidades, e esses steam-boats de muitos andares, que fazem o serviço do Sacramento e de seus afluentes. É ai também que se amontoam os produtos de um comércio que se estende ao México, Peru, Chile, Brasil, Europa, Ásia, a todas as ilhas do oceano Pacífico.

Passepartout, em sua alegria de tocar afinal a terra americana, tinha entendido dever fazer seu desembarque executando um salto mortal no melhor estilo. Mas quando caiu sobre o cais, cujo tabuado estava carunchado, não conseguiu fazer a volta. Todo desconsolado com a maneira pela qual "tomara pé" sobre o novo continente, o honesto moço soltou um grito formidável, que fez voar um grande número de cormorões e pelicanos, hóspedes habituais dos cais móveis.

Mr. Fogg, assim que desembarcou, informou-se da hora em que partia o primeiro trem para Nova York. Era às seis da tarde. Mr. Fogg tinha pois um dia inteiro para

gastar na capital californiana. Fez vir um veículo para Mrs. Aouda e para si. Passepartout subiu para a boléia, e o veículo, a três dólares a corrida, dirigiu-se para o *International Hotel*.

Do lugar elevado que ocupava, Passepartout observou com curiosidade a grande cidade americana; ruas largas, casas baixas bem alinhadas, igrejas e templos de um gótico anglo-saxão, docas imensas, armazéns como palácios, uns de madeira, outros de tijolo; nas ruas, caruagens numerosas, ônibus, "cars" de tramways, e sobre as calçadas encobertas, não apenas Americanos e Europeus, mas também Chineses e Indianos — enfim o necessário para compor uma população de mais de duzentos mil habitantes.

Passepartout ficou muito surpreso com o que viu. Ele estava ainda na cidade legendária de 1849, na cidade dos bandidos, dos incendiários e dos assassinos, vindos em busca das pepitas, imenso cafarnaum de todos os desclassificados, onde se jogava ouro em pó, um revólver numa mão e um punhal na outra. Mas "esse bom tempo" já tinha passado. São Francisco apresentava o aspecto de uma grande cidade comercial. A alta torre da Municipalidade, onde vigiavam os sentinelas, dominava um conjunto de ruas e de avenidas, que se cruzavam em ângulos retos, entre as quais se abriam praças verdejantes; depois uma cidade chinesa que parecia ter sido importada do Celeste Império em uma caixa de brinquedo. Nada de sombreros, nada de camisas vermelhas, nada de índios emplumados, mas chapéus de seda e roupas pretas, trajadas por um grande número de gentlemen dotados de uma atividade devoradora. Certas ruas, entre outras Montgommery Street — a Regent Street de Londres, o Boulevard des Italiens de Paris, a

Broadway de Nova York — eram ladeadas por lojas esplêndidas que ofereciam à sua clientela os produtos do mundo inteiro.

Quando Passepartout chegou ao International Hotel, não lhe parecia ter saído de Londres.

O rés-do-chão do hotel era ocupado por um imenso “bar», espécie de café-restaurante gratuito, aberto a todos, que poderiam ali consumir carne seca, sopa de ostras, biscoitos e chester, sem terem que abrir a carteira. Só se paga pela bebida, ale, porto ou xerez, se sua fantasia o levar a beber algo. Passepartout achou isso “muito americano”.

O restaurante do hotel era confortável. Mr. Fogg e Mrs. Aouda sentaram-se a uma mesa e foram abundantemente servidos em pratos liliputinianos por Negros do mais belo negro.

Depois de almoçar, Phileas Fogg, acompanhado de Mrs. Aouda, deixou o hotel para ir ao consulado inglês, visar seu passaporte. Na calçada encontrou o criado, que lhe perguntou se, antes de pegar a estrada de ferro do Pacífico, não seria mais prudente comprar algumas dúzias de rifles Enfield ou de revólveres Colt. Passepartout ouvira falar de Sioux e de Pawnies, que param os trens como simples ladrões espanhóis. Mr. Fogg respondeu que era uma precaução inútil, mas deu-lhe liberdade para agir como bem lhe aprouvesse. Depois dirigiu-se para o escritório do agente consular.

Phileas Fogg nem tinha dado duzentos passos quando, “pelo maior dos acasos”, encontrou Fix. O inspetor mostrou-se extremamente surpreso. Como! Mr. Fogg e ele tinham feito juntos a travessia do Pacífico, e não tinham se encontrado no navio! Fosse como fosse, Fix não podia deixar de se sentir honrado em tornar a

ver o gentleman a quem devia tanto, e, como os seus negócios o chamavam à Europa, ficaria encantado em prosseguir viagem em tão agradável companhia.

Mr. Fogg respondeu que a honra seria sua, e Fix — que insistia em não o perder de vista — pediu permissão para acompanhá-los na visita a esta curiosa cidade de São Francisco. Foi-lhe concedida.

Eis pois Mrs. Aouda, Mr. Fogg e Mr. Fix passeando despreocupadamente pelas ruas. Logo estavam na Montgommery Street, onde a afluência popular era enorme. Nas calçadas, no meio da rua, sobre os trilhos dos tramways, apesar da passagem incessante dos coaches e dos ônibus, no interior das lojas, nas janelas de todas as casas, e mesmo sobre os telhados, multidão imensa. Homens-sanduíches circulavam na multidão. Bandeirinhas e bandeirolas flutuavam ao vento. Gritos eclodiam por toda parte.

— Hurrah para Kamerfield!

— Hurrah para Mandiboy!

Era um meeting. Pelo menos foi o que pensou Fix, e o que disse a Mr. Fogg, acrescentando:

— Faríamos talvez melhor, senhor, em não entrar nesta confusão. Daí só se tira alguns socos.

— Com efeito, respondeu Phileas Fogg, e os socos, por serem políticos, não deixam de ser socos!

Fix achou que devia sorrir ao ouvir esta observação, e, para verem sem se envolverem na bagunça, Mrs. Aouda, Phileas Fogg e ele postaram-se no topo de uma escada que dava para um terraço, situado no fim da Montgommery Street. Diante deles, do outro lado da rua, entre o wharf de um comerciante de carvão e a loja de um negociante de petróleo, localizava-se uma grande plataforma ao ar livre, para a qual a multidão parecia

convergir.

E então, por quê era este meeting? Qual seria a ocasião que o motivava? Phileas Fogg o ignorava totalmente. Tratar-se-ia da nomeação de um alto funcionário militar ou civil, de um governador de Estado ou de um membro do Congresso? Poderia imaginar que fosse, pela animação extraordinária que tomava conta da cidade

Neste momento um movimento considerável se produziu na multidão. Todas as mãos estavam levantadas. Algumas, solidamente fechadas, pareciam erguer-se e abaixar-se rapidamente em meio a gritos — maneira enérgica, sem dúvida, de formular um voto. Uma maré agitava a massa que refluía. As bandeiras oscilavam, desapareciam por um instante, reapareciam em farrapos. As ondulações da multidão propagavam-se até a escada, enquanto que todas as cabeças amontoadas se agitavam à superfície como um mar subitamente tocado por uma borrasca. O número de chapéus pretos diminuía a olhos vistos, e a maior parte deles parecia ter perdido sua altura normal.

— É evidentemente um *meeting*, disse Fix, e a questão que o provocou deve ser palpitante. Não seria nada de admirar que fosse ainda a questão do *Alabama*, se bem que já esteja resolvida.

— Talvez, respondeu simplesmente Mr. Fogg.

— Em todo o caso, retomou Fix, dois campeões se defrontam, o digno Kamerfield e o digno Mandiboy.

Mrs. Aouda, de braços dados com Phileas Fogg, contemplava com surpresa esta cena tumultuosa, e Fix ia perguntar a um de seus vizinhos a razão de tamanha efervescência popular, quando um movimento mais notável se pronunciou. Os hurrahs, as imprecações,

redobraram. Os mastros de bandeira transformaram-se em armas ofensivas. Mais mãos, punhos por todo lado. Do alto dos veículos parados, e dos ônibus enfileirados em seu trajeto, trocavam-se petardos. Tudo servia de projétil. Garrafas e calçados descreviam no ar trajetórias extensas, e pareceu mesmo que alguns revólveres misturaram às vociferações da multidão suas detonações nacionais.

A turba aproximou-se da escada e refluiu dos primeiros degraus. Um dos partidos estava sendo evidentemente repelido, sem que os simples espectadores pudessem reconhecer se a vantagem ficava com Mandiboy ou com Kamerfield.

— Parece-me prudente nos retirarmos, disse Fix, que não desejava que o “seu homem” fosse maltratado ou se metesse em qualquer confusão. Se a questão envolve a Inglaterra, e nos reconhecem, ficaremos envolvidos nesta bagunça.

— Um cidadão inglês... respondeu Phileas Fogg.

Mas o gentleman não pôde terminar a frase. Por detrás dele, do terraço que precedia a escada, partiram uivos espantosos. Bradavam: Hurrah! Hip! Hip! Mandiboy! Era uma leva de eleitores que chegava de reforço, atacando pelo flanco os partidários de Kamerfield.

Mr. Fogg, Mrs. Aouda e Fix encontraram-se entre dois fogos. Era muito tarde para escapar. Esta torrente de homens, armados com bengalas chumbadas e com porretes, era irresistível. Phileas Fogg e Fix, na defesa da jovem, foram horrivelmente sacudidos. Mr. Fogg, não menos fleumático do que de costume, quis defender-se com as armas naturais que a natureza pôs na extremidade dos braços de todo inglês, mas inutilmente.

Um homenzarrão de barba avermelhada, rosto afogueado, ombros largos, que parecia ser o chefe do bando, levantou seu formidável punho sobre Mr. Fogg, e teria gravemente maltratado o gentleman, se Fix, por dedicação, não tivesse recebido o golpe em seu lugar. Um enorme galo se desenvolveu instantaneamente sob o chapéu de seda do detetive, transformado em simples boné.

— Yankee! disse Mr. Fogg, lançando ao seu adversário um olhar de profundo desprezo.

— Inglês! respondeu o outro.

— Nós nos reencontraremos!

— Quando quiser. O seu nome?

— Phileas Fogg. O seu?

— Coronel Stamp W. Proctor.

Depois, a maré passou. Fix foi derrubado e se levantou, com a roupa despedaçada, mas sem ferimentos sérios. Seu paletó de viagem tinha sido separado em duas partes desiguais, e as suas calças pareciam-se com estes calções que certos Indianos — questão de moda — só vestem depois de lhes terem tirado os fundilhos. Mas, em suma, Mrs. Aouda tinha sido poupada, e, só, Fix tinha ganho seu murro.

— Obrigado, disse Mr. Fogg ao inspetor, logo que saíram da multidão.

— Não há de que, respondeu Fix, mas vamos...

— Aonde?

— A uma loja de roupas.

Com efeito, esta visita era oportuna. As vestes de Phileas Fogg e de Fix estavam em frangalhos, como se estes dois gentlemen tivessem brigado por causa dos dignos Kamerlield e Mandiboy.

Uma hora depois, estavam convenientemente vestidos

e penteados. Em seguida voltaram ao Internacional Hotel.

Passepartout esperava seu patrão, armado com meia dúzia de revólveres de seis tiros e fogo central. Quando viu Fix em companhia de Mr. Fogg, fechou a cara. Mas Aouda, tendo-lhe narrado em poucas palavras o que se passara, sossegou-o. Evidentemente Mr. Fix não era mais um inimigo, era um aliado. Mantinha a sua palavra.

Quando o jantar terminou, foi trazido um coach, que deveria conduzir os viajantes e seus pertences à estação. No momento de subir para o veículo, Mr. Fogg disse a Fix:

— Voltou a ver o coronel Proctor?

— Não, respondeu Fix.

— Voltarei à América para o reencontrar, disse friamente Phileas Fogg. Não seria conveniente que um cidadão inglês se deixasse tratar assim.

O agente sorriu e não respondeu. Mas, como se vê, Mr. Fogg era dessa raça de ingleses que, se não toleram o duelo em seu país, batem-se no estrangeiro, quando se trata de defender a honra.

Às seis menos um quarto, os viajantes chegaram à estação e encontraram o trem prestes a partir. No momento em que Mr. Fogg ía embarcar, avistou um empregado e chegando-se a ele:

— Meu amigo, disse-lhe, não houve hoje alguns tumultos em São Francisco?

— Era um *meeting*, senhor, respondeu o empregado.

— Contudo, parece-me que notei uma certa animação nas ruas.

— Tratava-se simplesmente de um *meeting* organizado para uma eleição.

— Eleição para um cargo importantíssimo, sem dúvida? perguntou Mr. Fogg.

— Não, senhor, de um juiz de paz.

Depois desta resposta, Phileas Fogg subiu para o vagão, e o trem partiu a todo vapor.

CAPÍTULO XXVI

EM QUE SE PEGA O TREM EXPRESSO DA ESTRADA DE FERRO DO PACÍFICO

"Ocean to ocean" — assim dizem os americanos — e estas três palavras deviam ser a denominação geral do "grand trunk" que cruza os Estados Unidos da América em toda a sua extensão. Mas, em realidade, o "Pacific rail-road" se divide em duas partes distintas: "Central Pacífic" entre São Francisco e Ogden e "Union Pacífic" entre Ogden e Omaha. Lá se encontram cinco linhas distintas, que põem Omaha em comunicação freqüente com Nova York.

Nova York e São Francisco estão portanto presentemente reunidas por uma faixa de metal ininterrupta que não mede menos de três mil setecenta e oitenta e seis milhas. Entre Omaha e o Pacífico, a estrada de ferro percorre um território ainda freqüentado pelos índios e pelas feras — vasta extensão territorial que os Mórmons começaram a colonizar por volta de l845, depois que foram expulsos do Illinois.

Ontrora, nas circunstâncias as mais favoráveis, gastavam-se seis meses para ir de Nova York a São Francisco. Atualmente, apenas sete dias.

Foi em 1862 que, apesar da oposição dos deputados do Sul, que queriam uma linha mais meridional, o traçado da rail-road foi assentado entre os paralelos quarenta e um e quarenta e dois. O presidente Lincoln, de tão saudosa memória, fixou pessoalmente, no Estado

de Nebraska, na cidade de Omaha, o ponto inicial do novo ramal. Os trabalhos foram logo iniciados e tocados com aquela atividade americana, que não é nem cheia de papéis, nem burocrática. A rapidez da mão-de-obra não deveria prejudicar de forma alguma a boa execução do caminho. Na pradaria, os trabalhos avançaram na proporção de uma milha e meia por dia. Uma locomotiva, rolando sobre os rails da véspera, levava os rails do dia seguinte, e se corria por eles assim que eram assentados.

A Pacific Railroad lança diversos ramais em seu percurso, nos Estados de Iowa, Kansas, Colorado e Oregon. Saindo de Omaha, costeia a margem esquerda do Platte River até a junção com o ramal do norte, segue a ramificação do sul, cruza o território de Laramie e as montanhas Wahsatch, contorna o Great Salt Lake, chega a Salt Lake City, a capital dos Mórmons, penetra pelo vale da Tuilla, pelo deserto americano, as montanhas de Cedar e Humboldt, Humboldt River, Sierra Nevada, e torna a descer por Sacramento até o Pacífico, sem que este traçado ultrapasse em nada cento e doze pés por milha, mesmo na travessia das montanhas Rochosas.

Tal era a longa artéria que os trens percorriam em sete dias, e que iria permitir ao honrado Phileas Fogg — ele ao menos o esperava — pegar, dia 11, em Nova York, o paquete para Liverpool.

O vagão ocupado por Phileas Fogg era uma espécie de ônibus comprido que repousava sobre dois trens formados por quatro rodas cada um, cuja mobilidade permitia atacar curvas de pequeno raio. No interior, nada de compartimentos: duas filas de assentos, dispostos de cada lado, perpendicularmente ao eixo, e entre os quais havia uma passagem que conduzia aos

gabinetes de toilette e outros, com que cada vagão era provido. Sobre toda a extensão do trem, os veículos se comunicavam através de corredores, e os viajantes podiam circular de uma extremidade à outra do comboio, que colocava à sua disposição vagões-salões, vagões-terraços, vagões-restaurantes e vagões-cafés. Só faltavam vagões-teatros. Mas algum dia haverá.

Sobre os corredores circulavam incessantemente vendedores de livros e de jornais, anunciando sua mercadoria, e vendedores de bebidas, comestíveis, charutos, aos quais não faltavam compradores.

Os viajantes tinham partido da estação de Oakland às seis horas da tarde. Já era noite — uma noite fria, sombria, com um céu coberto de nuvens que ameaçavam desfazer-se em neve. O trem não andava com grande rapidez. Levando em conta as paradas, não percorria mais de vinte milhas por hora, velocidade que lhe deveria, contudo, permitir atravessar os Estados Unidos no tempo regulamentar.

Conversava-se pouco no vagão. Aliás, o sono logo iria ganhar os viajantes. Passepartout se achava sentado atrás do inspetor de polícia, mas não falava com ele. Desde os últimos acontecimentos, suas relações tinham arrefecido muito. Nada de simpatia, nada de intimidade. Fix não tinha mudado nada em sua maneira de ser, mas Passepartout conservava-se, pelo contrário, numa extrema reserva, pronto para à menor suspeita estrangular seu antigo amigo.

Uma hora depois da partida do trem, a neve caiu — neve fina, que não poderia, felizmente, atrasar a marcha do comboio. Só se via através das janelas uma imensidão branca, sobre a qual, desenrolando suas volutas, o vapor da locomotiva parecia sombrio.

Às oito horas um “steward” entrou no vagão e anunciou aos viajantes que a hora de dormir tinha chegado. Este vagão era um “sleeping-car”, que, em poucos instantes, foi transformado em dormitório. Os encostos dos bancos se desdobraram, os colchonetes cuidadosamente embrulhados se desenrolaram por um sistema engenhoso, cabinas foram improvisadas em alguns instantes, e cada viajante teve logo à sua disposição um leito confortável, que espessas cortinas protegiam de qualquer olhar indiscreto. Os lençóis eram brancos, os travesseiros macios. Bastava deitar e dormir — o que cada um fez como se estivesse na cabina confortável de um paquete — enquanto o trem corria a todo vapor através do estado da Califórnia.

Na região entre São Francisco e Sacramento, o solo é pouco acidentado. Este trecho da estrada de ferro, sob o nome de “Central Pacific Road”, toma Sacramento por ponto de partida, e avança para leste ao encontro do que parte de Omaha. De São Francisco à capital da Califórnia, a linha corria diretamente para nordeste, ladeando o American River, que desagüa na baía de San Pablo. As cento e vinte milhas compreendidas entre estas duas importantes cidades foram percorridas em seis horas, e pela meia noite, enquanto dormiam o primeiro sono, os viajantes passaram por Sacramento. Nada viram portanto desta cidade importante, sede da legislatura do Estado de Califórnia, nem os seus belos cais, nem suas ruas largas, nem seus hotéis esplêndidos, nem as praças, nem os templos.

Saíndo de Sacramento, o trem, depois de ter passado pelas estações de Junction, Roclin, Auburn, e Colfax, embrenhou-se no maciço da Sierra Nevada. Eram sete horas da manhã quando foi atravessada a estação de

Cisco. Uma hora depois, o dormitório voltava a ser um vagão comum e os viajantes podiam através das vidraças entrever os pontos pitorescos deste território montanhoso. O traçado do trem obedecia aos caprichos da Sierra, aqui suspenso nos flancos da montanha, acolá suspenso sobre precipícios, evitando os ângulos bruscos por curvas audaciosas, lançando-se por gargantas estreitas que pareciam não ter saída. A locomotiva, radiante como um oratório, com sua grande fornalha que lançava fagulhas amareladas, seu sino prateado, seu "caça-vaca" que se estendia como um esporão, misturava os seus silvados e mugidos com o das torrentes e das cascatas, torneava sua fumaça na negra ramagem dos pinheiros.

Poucos ou nenhum túnel, nem pontes sobre o percurso. A *rail-road* contornava o flanco das montanhas, não procurando na linha reta o caminho mais curto de um ponto a outro, e não violentando a natureza.

Por volta das nove horas, pelo vale de Carson, o trem penetrou no Estado do Nevada, seguindo sempre a direção nordeste. Ao meio dia, deixava Reno, onde os viajantes tiveram vinte minutos para almoço.

A partir deste ponto, a via férrea, costeando Humboldt River, elevou-se, por algumas milhas, para o norte, seguindo o seu curso. Depois infletiu para o leste, e não deveria mais deixar o curso d'água antes de ter atingido os Humboldt Ranges, onde tem sua nascente, quase na extremidade oriental do Estado de Nevada.

Depois de almoçarem, Mr. Fogg, Mrs. Aouda e os seus companheiros retomaram seus lugares no vagão. Phileas Fogg, a jovem, Fix e Passepartout, confortavelmente sentados, contemplaram a paisagem variada que

passava diante dos seus olhos — vastas pradarias, montanhas se perfilando no horizonte, “creeks” rolando suas águas espumosas. Por vezes, uma grande manada de bisões, amontoando-se ao longe, pareciam um dique móvel. Estes inúmeros exércitos de ruminantes opõem com freqüência um obstáculo intransponível à passagem dos trens. Já se viu milhares destes animais desfilarem por horas, em filas compactas, atravessando a via férrea. A locomotiva é então forçada a parar e esperar que a via fique novamente livre.

Foi exatamente o que aconteceu nesta ocasião. Pelas três horas da tarde, uma manada de dez a doze mil cabeças barrou a rail-road. A máquina, depois de ter moderado sua velocidade, tentou meter seu esporão no flanco da imensa coluna, mas teve de parar diante da impenetrável massa.

Via-se estes ruminantes — estes búfalos, como impropriamente os chamam os americanos — caminhar com o seu passo tranqüilo, soltando por vezes formidáveis mugidos. Tinham um porte superior ao dos touros da Europa, pernas e rabo curtos, garrote saltado que formava uma corcova muscular, cornos separados na base, cabeça, pescoço e lombo cobertos por crinas de pêlo comprido. Nem se poderia pensar em deter uma migração destas. Quando adotaram uma direção, nada é capaz nem de desviar nem de modificar sua marcha. É uma torrente de carne viva que nenhum dique saberia represar.

Os viajantes, dispersos pelos corredores, contemplavam este curioso espetáculo. Mas o que devia estar mais apressado, Phileas Fogg, ficara no seu lugar e esperava filosoficamente que aprouvesse aos búfalos lhe dar passagem. Passepartout estava furioso com a

demora causada por esta aglomeração de animais. Teria desejado descarregar contra eles o seu arsenal de revólveres.

— Que país! exclamou. Simples bois que param os trens, e que lá se vão, procissionalmente, sem se preocuparem com o fato de embaraçarem a circulação. Minha Nossa! Desejaria muito saber se Mr. Fogg previu este contratempo no seu programa! E o maquinista que não se atreve a lançar sua máquina através deste gado embaraçoso!

O maquinista não havia tentado ultrapassar o obstáculo, e agira com prudência. Teria esmagado os primeiros búfalos atacados pelo esporão da locomotiva; mas, por muito potente que fosse, a máquina teria sido logo detida, dar-se-ia inevitavelmente um descarrilhamento, e o trem teria ficado em pedaços.

O melhor era mesmo esperar pacientemente, tentar em seguida recuperar o tempo perdido por uma aceleração da marcha do trem. O desfile dos bisões durou três longas horas, e a via só ficou livre quando a noite já caía. Neste momento, as últimas filas da manada atravessavam os rails, enquanto que as primeiras desapareciam no horizonte ao sul.

Eram então oito horas, quando o trem franqueou os desfiladeiros dos Humboldt Ranges, e nove e meia, quando penetrou no território de Utah, a região do grande lago Salgado, o curioso território dos Mórmons.

CAPÍTULO XXVII

EM QUE PASSEPARTOUT SEGUE, COM UMA VELOCIDADE DE VINTE MILHAS POR HORA, UM CURSO DE HISTÓRIA MÓRMON

Durante a noite de 5 para 6 de dezembro, o trem correu a sudeste pelo espaço de quase cinqüenta milhas; depois elevou-se outro tanto para nordeste, aproximando-se do grande lago Salgado.

Passepartout, pelas nove da manhã, veio tomar ar sobre os passadiços. O tempo estava frio, o céu cinza, mas não nevava. O disco do sol, amplificado pelas brumas, parecia uma enorme moeda de ouro, e Passepartout entretinha-se calculando seu valor em libras esterlinas, quando foi distraído deste útil trabalho pela aparição de um personagem bastante estranho.

Este personagem, que tinha tomado o trem na estação de Elko, era um homem de estatura elevada, muito moreno, bigodes pretos, meias pretas, chapéu de seda preta, colete preto, calça preta, gravata branca, luvas de pele de cão. Parecia um reverendo. Ia de uma extremidade do trem à outra, e na porta de cada vagão colava com obreias um aviso escrito à mão.

Passepartout aproximou-se e leu em um destes avisos que o honrado "elder" William Hitch, missionário mórmon, aproveitando a sua presença no trem n.° 48, faria, das onze ao meio dia, no carro n.° 117, uma conferência a respeito do mormonismo — convidando para ouvi-lo todos os gentlemen desejosos de se instruírem no tocante aos mistérios da religião dos

“Santos dos últimos dias”.

— Claro, irei, se disse Passepartout, que não sabia nada do mormonismo exceto seus usos polígamos, base da sociedade mórmon.

A notícia espalhou-se rapidamente pelo trem, que levava uma centena de viajantes. Deste total, trinta ou mais, atraídos pelo chamado da conferência, ocupavam às onze horas os bancos do carro n° 117. Passepartout figurava na primeira fila dos fiéis. Nem seu patrão nem Fix tinham achado que deviam sair de seus lugares.

À hora anunciada, o elder William Hitch levantou-se, e com uma voz bastante exaltada, como se já tivesse sido refutado de antemão, exclamou:

— Eu vos digo, eu, que Joe Smith é um mártir, que seu irmão Hiram é um mártir, e que as perseguições do governo da União contra os profetas vão fazer igualmente um mártir de Brigham Young! Quem ousará sustentar o contrário?

Ninguém se atreveu a contradizer o missionário, cuja exaltação contrastava com sua fisionomia naturalmente calma. Mas, sem dúvida, sua cólera se explicava pelo fato de que o mormonismo estava atualmente submetido a duras provas. E, com efeito, o governo dos Estados Unidos acabava, não sem dificuldade, de dominar estes fanáticos independentes. Tinha se assenhorado de Utah, e o tinha submetido às leis da União, depois de ter aprisionado Brigham Young, acusado de rebelião e de poligamia. Desde esta época, os discípulos do profeta redobraram seus esforços, e, aguardando os atos, resistiam pela palavra às pretenções do Congresso.

Como se vê, o elder William Hitch fazia proselitismo até em estrada de ferro.

E então contou, inflamando seu discurso com

elevações da voz e a violência de seus gestos, a história do Mormonismo desde os tempos bíblicos: “como, em Israel, um profeta mórmon da tribo de Joseph publicou os anais da nova religião, e os legou a seu filho Morom; como, muitos séculos depois, uma tradução deste precioso livro, escrito em caracteres egípcios, foi feita por Joseph Smith junior, fazendeiro do Estado de Vermont, que se revelou como profeta místico em 1825; como, finalmente, um mensageiro celeste lhe apareceu numa floresta luminosa e lhe devolveu os anais do Senhor.”

Neste momento, alguns ouvintes, pouco interessados pela narrativa retrospectiva do missionário, deixaram o vagão; mas William Hitch, continuando, contou “como Smith junior, reunindo seu pai, seus dois irmãos e alguns discípulos, fundou a religião dos Santos dos últimos dias — religião que, adotada não só na América, mas na Inglaterra, na Escandinávia, na Alemanha, conta entre seus fiéis artesãos e também grande número de pessoas que exercem profissões liberais; como uma colônia foi fundada no Ohio; como um templo foi edificado ao preço de duzentos mil dólares e uma cidade fundada em Kirkland; como Smith se tornou um audacioso banqueiro e recebeu de um simples expositor de múmias um papiro contendo uma narrativa escrita pela mão de Abraham e outros célebres Egípcios.”

Esta narrativa tornando-se um pouco longa, as filas dos ouvintes rarearam ainda mais, e o público só se compunha agora de umas vinte pessoas.

Mas o elder, sem se inquietar com essa deserção, contou com detalhes “como foi que Joe Smith foi à bancarrota em 1837; como foi que os seus acionistas arruinados o untaram de alcatrão e o rolaram sobre penas; como foi que o reencontramos, mais honorável e

mais honrado do que nunca, alguns anos depois, em Independance, no Missouri, e chefe de uma comunidade florescente, que não contava menos de três mil discípulos, e que então, perseguido pelo ódio dos gentios, teve de fugir para o Far West americano.”

Dez ouvintes ainda estavam lá, e entre eles o bom Passepartout, que escutava com a maior atenção. Foi assim que aprendeu “como, depois de longas porseguições, Smith reapareceu no Illinois e fundou em 1839, sobre as margens do Mississipi, Nauvoo-la-Belle, cuja população se elevou a vinte e cinco mil almas; como Smith se tornou prefeito, juiz supremo e general em chefe desta comunidade; como, em 1843, lançou sua candidatura à presidência dos Estados Unidos, e como finalmente, atraído a uma cilada, em Carthago, foi lançado na prisão e assassinado por um bando de homens mascarados.”

Neste momento, Passepartout estava absolutamente só no vagão e o elder, olhando-o na face, fascinando-o com as suas palavras, lhe contou que, dois dias depois do assassinato de Smith, seu suceessor, o profeta inspirado, Brigham Young, abandonando Nauvoo, veio se estabelecer nas margens do lago Salgado, e que lá, sobre esse admirável território, em meio desta região fértil, no caminho dos emigrantes que atravessavam Utah para se dirigirem à Califórnia, a nova colônia, graças aos princípios polígamos do mormonismo, floresceu.

— E aí está, acrescentou William Hitch, aí está o por quê do ciúme do Congresso se exercer contra nós! porque os soldados da União pisotearam o solo de Utah! porque nosso chefe, o profeta Brigham Young, foi preso com menosprezo de toda justiça! Cederemos à força?

Jamais! Expulsos do Vermont, expulsos do Illinois, expulsos do Ohio, expulsos do Missouri, expulsos do Utah, reencontraremos ainda algum território independente onde plantaremos nossa tenda... E vós, meu fiel, acrescentou o elder, fitando no seu único ouvinte olhares coléricos, plantareis a vossa à sombra da nossa bandeira?

— Não, respondeu corajosamente Passepartout, que saiu, deixando o energúmeno a pregar no deserto.

Durante a conferência, o trem tinha andado rapidamente, e, pelo meio dia e meia, tocava no ponto noroeste do grande lago Salgado. Daí, podia-se divisar, sobre um grande perímetro, o aspecto desse mar interior, que também tem o nome de mar Morto e no qual deságua um Jordão da América. Lago admirável, enquadrado por belas rochas selvagens, em grandes camadas, encrustadas de sal branco, soberbo lençol de água que cobria outrora um espaço mais considerável; mas com o tempo, suas margens, subindo pouco a pouco, reduziram sua superfície aumentando sua profundidade.

O lago Salgado, do comprimento de quase setenta milhas, trinta e cinco milhas de largura, está situado a três mil e oitocentos pés acima do nível do mar. Bem diferente do lago Asphaltite, cuja depressão acusa duzentos pés abaixo, sua salgacidade é considerável, e suas águas têm em dissolução o quarto de seu peso de matéria sólida. Seu peso específico é de 1.170, o da água distilada sendo 1.000. Por isso os peixes não podem aí viver. Os que o Jordão, o Weber e outros creeks aí lançam morrem logo; mas não é verdade que a densidade das águas seja tal que um homem não possa mergulhar nelas.

Em redor do lago, o campo estava muito bem cultivado, porque os mórmons são hábeis nos trabalhos da terra: ranchos e currais para os animais domésticos, campos de trigo, de milho, de sorgo, pradarias luxuriantes, por toda parte sebes de roseiras selvagens, buquês de acácias e do eufórbios, tal teria sido o aspecto desta região seis meses mais tarde; mas neste momento o solo desaparecia sob uma fina camada de neve, que o polvilhava ligeiramente.

Às duas horas, os viajantes desceram na estação de Ogden. O trem não deveria partir de novo senão às seis horas. Mr. Fogg, Mrs. Aouda e seus dois companheiros tinham pois tempo para visitar a Cidade dos Santos pelo pequeno ramal que sai da estação de Ogden. Duas horas bastariam para visitar esta cidade absolutamente americana e, como tal, edificada no padrão de todas as cidades da União, vastos taboleiros de xadrez com longas linhas frias, com a "tristeza lúgubre dos ângulos rectos" segundo a expressão de Victor Hugo. O fundador da Cidade dos Santos não podia escapar desta necessidade de simetria que caracteriza os anglo-saxões. Neste país tão singular, onde os homens não estão por certo à altura das instituições, tudo se faz "ao quadrado", as cidades, as casas e as tolices.

Às três horas, os viajantes passeavam ainda pelas ruas da cidade, edificada entre a margem do Jordão e as primeiras ondulações dos montes Wahsatch. Notaram poucas ou nenhuma igreja, mas, como monumentos, a casa do profeta, o tribunal e o arsenal; depois, as casas de tijolos azulados com varandas e galerias, rodeadas de jardins bordados de acácias, palmeiras e alfarrobeiras. Uma muro de argilha e de calhaus, construído em 1853, cingia a cidade. Na rua principal, onde está o mercado,

elevavam-se alguns hotéis ornados com pavilhões, e entre outros o Lake Salt House.

Mr. Fogg e os seus companheiros não acharam a cidade muito povoada. As ruas estavam quase desertas — menos a parte do Templo — onde não chegaram senão depois de ter atravessado muitos bairros rodeados por paliçadas. As mulheres eram muito numerosas, o que se explica pela singular composição familiar mórmon. Não se deve contudo supor que todos os mórmons sejam polígamos. Há liberdade de escolha, mas é bom notar que são as cidadãs de Utah que querem sobretudo ser esposadas, porque, de acordo com a religião local, o céu mórmon não admite o acesso às suas beatitudes às celibatárias do sexo feminino. Estas pobres criaturas não parecem nem chateadas nem felizes. Algumas, as mais ricas decerto, trajavam uma jaqueta de seda preta aberta na cintura, sob um capuz ou de um chale muito modesto. As demais vestiam-se com chita.

Passepartout, esse, na sua qualidade de solteiro convicto, não olhava sem certo terror para as mórmons encarregadas de fazerem, em penca, a felicidade de um só mórmon. Em seu bom senso, lastimava os maridos. Parecia-lhe uma coisa terrível ter de guiar tantas mulheres através das vicissitudes da vida, conduzi-las assim em penca ao paraíso mórmon, com a perspectiva de tornar a encontrá-las na eternidade, em companhia do glorioso Smith, que deveria ser o ornamento deste lugar de delícias. Decididamente, não sentia a vocação, e achava — talvez nisto se iludisse — que as cidadãs do Great Lake City deitavam sobre sua pessoa olhares um pouco inquietadores.

Muito felizmente, sua permanência na Cidade dos

Santos não deveria prolongar-se. Às quatro horas menos alguns minutos, os viajantes estavam outra vez na estação e retomavam seus lugares nos vagões.

O apito do trem se fez ouvir; mas no momento em que as rodas motoras da locomotiva, patinando sobre os rails, começavam a imprimir ao trem alguma velocidade, estes gritos: “Parem! parem!” ressoaram.

Não se detém um trem em movimento. O gentleman que proferia estes gritos era evidentemente algum mórmon retardatário. Corria a ponto de ficar sem ar. Felizmente para ele, a estação não tinha nem portas nem barreiras. Lançou-se então sobre a via, saltou sobre o estribo do último vagão, e caiu sem ar sobre um dos bancos do vagão.

Passepartout, que tinha seguido com interesse os percalços desta ginástica, veio contemplar o retardatário, pelo qual se interessou muito quando soube que este cidadão de Utah só tinha tentado a fuga depois de um acontecimento doméstico.

Quando o mórmon tomou fôlego, Passepartout animou-se a perguntar-lhe polidamente quantas mulheres tinha, para ele só — pois pela maneira que vinha de dar no pé, supunha que tinha umas vinte, pelo menos.

— Uma, senhor! respondeu o mórmon levantando os braços para o céu, uma e já era muito!

CAPÍTULO XXVIII

EM QUE PASSEPARTOUT NÃO CONSEGUE QUE OUÇAM A VOZ DA RAZÃO

O trem, saindo de Great Salt Lake e da estação de Ogden, subiu durante uma hora para o norte, até Weber River, tendo percorrido quase novecentas milhas desde que partira de São Francisco. A partir deste ponto, retomou a direção do leste, através do maciço acidentado dos montes Wahsatch. É nesta parte do território, compreendida entre as montanhas Rochosas propriamente ditas, que os engenheiros americanos lutaram com as maiores dificuldades. Por isso também que nesta porção do trajeto a subvenção do governo subiu para quarenta e oito mil dólares por milha, enquanto tinha sido de dezeseis mil dólares na planície; mas os engenheiros, como já foi dito, não violentaram a natureza, usaram de astúcia com ela, contornando as dificuldades, e para atingir a grande bacia, apenas um túnel, com quatorze mil pés de extensão, foi furado em todo o percurso da rail-road.

Era no lago Salgado mesmo que a estrada de ferro tinha atingido até então sua maior cota de altitute. Desde este ponto, seu perfil descrevia uma curva muito alongada, abaixando-se para o vale do Bitter Creek, para subir até ao ponto onde se dividem as águas do Atlântico e do Pacífico. Os rios eram numerosos nesta região montanhosa. Foi necessário franquear sobre pequenas pontes o Muddy, o Green e outros. Passepartout ia

ficando mais impaciente à medida em que se aproximava o fim da viagem. Mas Fix, por sua vez, teria desejado que já tivessem saído desta difícil região. Receava as demoras, acreditava em acidentes, e tinha mais pressa do que o próprio Phileas Fogg para pôr os pés em terra inglesa.

Às dez da noite, o trem parou na estação de Fort Bridger, que deixou quase imediatamente, e, vinte mil milhas mais adiante, entrou no estado de Wyoming — o antigo Dakota — seguindo todo o vale do Bitter Creek, onde se escoa uma parte das águas que formam o sistema hidrográfico do Colorado.

No dia seguinte, 7 de dezembro, houve uma parada de quarto de hora na estação de Green River. A neve tinha caído durante a noite em abundância, mas, misturada com a chuva, e meio derretida, não podia estorvar a marcha do trem. Entretanto, este mau tempo não deixou de inquietar Passepartout, porque a acumulação das neves, atolando as rodas dos vagões, haveria certamente de comprometer a viagem.

— Na verdade, que idéia, dizia-se, meu patrão teve de viajar no inverno! Não poderia ter esperado a verão para aumentar suas possibilidades de êxito?

Mas, neste momento em que o honesto rapaz só se preocupava com o estado do céu e com a queda da temperatura, Mrs. Aouda experimentava receios mais sérios, que provinham de causa bem diversa.

Com efeito, alguns viajantes tinham descido do vagão, e passeavam pela plataforma da estação de Green River, esperando a partida do trem. Ora, pelo vidro, a jovem reconheceu entre eles o coronel Stamp W. Proctor, o americano que tinha se comportado tão grosseiramente com Phileas Fogg durante o meeting de São Francisco.

Mrs. Aouda, não querendo ser vista, recuou.

Este fato impressionou extremamente a jovem. Ela tinha se afeiçoado ao homem que, friamente que fosse, lhe dava todos os dias provas da mais absoluta dedicação. Não compreendia, sem dúvida, toda a profundidade do sentimento que lhe inspirava seu salvador, e a este sentimento ainda dava o nome de reconhecimento, mas, sem que soubesse, era mais que isso. Assim seu coração saltou, quando reconheceu o grosseiro personagem a quem Mr. Fogg queria cedo ou tarde pedir uma explicação por sua conduta. Evidentemente, era apenas o acaso que tinha trazido a este trem o coronel Proctor, mas, fosse como fosse, ele estava ali, e era preciso impedir a todo o custo que Phileas Fogg avistasse seu adversário.

Mrs. Aouda, quando o trem se pôs novamente em movimento, aproveitou um momento em que Mr. Fogg dormitava, para colocar Fix e Passepartout a par da situação.

— O tal do Proctor está no trem! exclamou Fix. Pois bem, tenha certeza, madame, antes de se bater com o senhor... com Mr. Fogg, terá de bater-se comigo! Parece-me que, em tudo isto, fui eu quem recebeu os mais graves insultos!

— E, além disso, acrescentou Passepartout, eu me encarrego dele, por mais coronel que seja.

— Senhor Fix, retomou Mrs. Aouda, Mr. Fogg não deixará que ninguém se vingue por ele. É homem, como disse, de voltar à América para procurar seu ofensor. Se, portanto, vê o coronel, não vamos poder impedir um duelo, que pode ter deploráveis resultados. É preciso portanto que ele não o veja.

— Tem razão, madame, respondeu Fix, um duelo

poderia pôr tudo a perder. Vencedor ou vencido, Mr. Fogg demorar-se-ia, e...

— E, acrescentou Passepartout, isso faria o jogo dos gentlemen do Reform Club. Em quatro dias estaremos em Nova York! Pois bem, se durante quatro dias meu patrão não sair do seu vagão, podemos esperar que o acaso não o ponha cara a cara com este maldito americano, que Deus confunda! Ora, saberemos impedir...

A conversa foi suspensa. Mr. Fogg tinha acordado, e contemplava a campina pelo vidro rajado de neve. Mais tarde, e sem ser ouvido por seu patrão nem por Mrs. Aouda, Passepartout disse ao inspetor de polícia:

— O senhor, realmente, se bateria por ele?

— Farei tudo para levá-lo vivo para a Europa! respondeu simplesmente Fix, em um tom que denotava uma vontade implacável.

Passepartout sentiu um arrepio correr por todo o corpo, mas suas convicções a respeito do patrão não fraquejaram.

E agora, haveria algum meio de reter Mr. Fogg no seu compartimento para prevenir qualquer encontro entre o coronel e ele? Não deveria ser difícil, o gentleman sendo naturalmente pouco dado aos movimentos e pouco curioso. Em todo caso, o agente de polícia julgou ter descoberto esse meio, porque momentos depois dizia a Phileas Fogg:

— São longas e lentas horas, senhor, estas que se passa assim na estrada de ferro.

— Com efeito, respondeu o gentleman, mas elas passam.

— Nos paquetes, retomou o inspetor, não tinha o hábito de jogar whist?

— Sim, respondeu Phileas Fogg, mas aqui seria difícil. Não tenho nem cartas nem parceiros.

— Oh! as cartas, podemos comprá-las. Vende-se de tudo nos vagões americanos. Quanto aos parceiros, se, por acaso, madame...

— Certamente, senhor, respondeu animadamente a jovem, sei jogar whist. Faz parte da educação inglesa.

— E eu, retomou Fix, tenho algumas pretenções de jogar bem esse jogo. Ora, nós três e um morto...

— Como quiser, senhor, respondeu Phileas Fogg, encantado em retomar seu jogo favorito — mesmo numa estrada de ferro.

Passepartout foi despachado à procura do stewart e voltou pouco depois com dois baralhos completos, fichas, tentos, e um tabuleiro recoberto de pano. Não faltava nada. O jogo começou. Mrs. Aouda sabia suficientemente o whist, e até recebeu alguns comprimentos do severo Phileas Fogg. Quanto ao inspetor, era simplesmente excelente jogador, e digno de sentar-se à frente do gentleman.

— Agora, disse consigo Passepartout, nós o temos seguro. Não se mexe mais!

Às onze da manhã, o trem tinha atingido o ponto onde se dividem as águas dos dois oceanos. Era em Bridger Pass, a uma altura de sete mil quinhentos e oitenta e quatro pés ingleses acima do nível do mar, um dos pontos mais altos do traçado da estrada em sua passagem pelas montanhas Rochosas. Quase duzentas milhas mais adiante, os viajantes achar-se-iam finalmente sobre as extensas pradarias que se estendem até o Atlântico, e que a natureza tornara tão propícias para o estabelecimento de uma via férrea.

Sobre a vertente da bacia atlântica se desenvolviam já

os primeiros rios, afluentes e sub-afluents do North Platte River. Todo o horizonte do norte e do leste estava coberto pela imensa cortina semi-circular que forma a porção setentrional das Rocky Mountains, dominada pelo pico de Laramie. Entre esta curvatura e a estrada de ferro estendiam-se vastas planícies abundantemente regadas. À direita da linha férrea sobrepõem-se as primeiras rampas do maciço montanhoso que se arredonda ao sul até às nascentes do rio Arkansas, um dos grandes tributários do Missouri.

Ao meio dia e meia, os viajantes entreviram por instantes o forte Halleck, que comanda esta região. Ainda algumas horas e a travessia das Montanhas Rochosas estaria completa. Podia-se pois esperar que nenhum acidente sinalizaria a passagem do trem por esta difícil região. A neve cessara de cair. O tempo tornara-se frio e seco. Grandes pássaros, assustados pela locomotiva, fugiam ao longe. Nenhuma fera, urso ou lobo, se mostrava na planície. Era o deserto em sua imensa nudez.

Depois de um almoço bastante confortável, servido no próprio vagão, Mr. Fogg e os seus parceiros recomeçavam o interminável whist, quando violentos apitos e fizeram ouvir. O trem parou.

Passepartout colocou a cabeça para fora e não viu nada que motivasse a parada. Não havia nenhuma estação à vista.

Mrs. Aouda e Fix por um instante recearam que Mr. Fogg pensasse em descer para a via. Mas o gentleman contentou- se em dizer ao criado:

— Veja o que é.

Passepartout saltou para fora do vagão. Uns quarenta passageiros tinham já abandonado os seus lugares,

entre eles o coronel Stamp W. Proctor.

O trem tinha parado por causa de um sinal vermelho que impedia a passagem. O maquinista e o condutor, tendo descido, discutiam acaloradamenre com um guarda ferroviário, que o chefe de estação de Medicine Bow, a próxima estação, tinha enviado ao encontro do trem. Viajantes tinham-se aproximado e participavam da discussão — entre eles achava-se o mencionado coronel Proctor, com a sua voz alta e seus gestos imperiosos.

Passepartout, tendo se unido ao grupo, ouviu o guarda-ferroviário dizer:

— Não! não há meio de passar! A ponte de Medicine Bow está aluída e não suportaria o peso do trem.

A ponte, de que falavam, era uma ponte pênsil lançada sobre um desfiladeiro, a uma milha de distância do lugar onde o trem tinha parado. No dizer do guarda, ameaçava ruir, muitos dos fios estavam rompidos, e era impossível arriscar sua travessia. O guarda não exagerava de modo algum afirmando que não se poderia passar. E além disso, com os hábitos negligentes dos americanos, pode-se dizer que, quando eles se põem a ser prudentes, é loucura não o ser.

Passepartout, não se atrevendo a ir avisar o seu patrão, escutava, os dentes cerrados, imóvel como uma estátua.

— Ora! bradava o coronel Proctor, não vamos, imagino, ficar aqui a deitar raízes na neve!

— Coronel, respondeu o condutor, telegrafamos para a estação de Omaha pedindo um trem, mas não é provável que chegue a Medicine Bow antes de seis horas.

— Seis horas! exclamou Passepartout.

— Sem dúvida, respondeu o condutor. Além do mais, esse tempo nos será necessário para chegar à estação a

pé.

— A pé! exclamaram todos os viajantes.

— Mas a que distância fica essa estação? perguntou um deles ao condutor.

— A doze milhas, do outro lado do rio.

— Doze milhas na neve! exclamou Stamp W. Proctor.

O coronel soltou um monte de pragas, queixando-se da companhia, queixando-se do condutor; e Passepartout, furioso, não estava longe de fazer-lhe coro. Havia aí um obstáculo material contra o qual nada podiam, desta vez, todas as bank-notes de seu patrão.

E tem mais, o desapontamento era geral entre os viajantes, que, sem contar o atraso, se viam obrigados a andar quinze milhas através da planície coberta de neve. Por isso levantou-se logo um borburinho, exclamações, vociferações, que teriam certamente atraído a atenção de Phileas Fogg, se o gentleman não estivesse tão absorto em seu jogo.

Entretanto, Passepartout achou que deveria prevenilo, e, cabeça baixa, dirigia-se para o vagão, quando o maquinista do trem — um verdadeiro yankee chamado Forster — elevando a voz, disse:

— Senhores, talvez haja um meio de passar.

— Sobre a ponte? respondeu um viajante.

— Sobre a ponte.

— Com nosso trem? perguntou o coronel.

— Com nosso trem.

Passepartout tinha parado, e devorava as palavras do maquinista.

— Mas a ponte ameaça ruir! retomou o condutor.

— Não importa, respondeu Forster. Creio que lançando o trem com sua máxima velocidade, temos algumas chances de passar.

— Diabo! disse Passepartout.

Mas um certo número de viajantes tinha ficado imediatamente seduzido pela proposta. Ela agradava particularmente ao coronel Proctor. Este célebro esquentado achava a coisa muito factível. Lembrou mesmo que engenheiros tinham tido a idéia de passar os rios “sem pontes” com trens rígidos lançados a toda velocidade, etc. E, afinal, todos os interessados na questão se colocaram do lado do maquinista.

— Temos cinqüenta probabilidades de passar, dizia um.

— Sessenta, dizia outro.

— Oitenta!... noventa sobre cem!

Passepartout estava aturdido, apesar de se sentir disposto a tentar tudo para fazer a passagem do Medicine Creek, mas a tentativa parecia-lhe um pouco demais “americana”.

— Além disso, pensou, há uma coisa bem mais simples, e esta gente nem sequer pensa nela!...

— Senhor, disse a um dos viajantes, o meio proposto pelo maquinista me parece um pouco arrojado, mas...

— Oitenta probabilidades! respondeu o viajante, que lhe virou as costas.

— Bem sei, respondeu Passepartout dirigindo-se a um outro gentleman, mas uma simples reflexão...

— Nada de reflexão, é inútil! respondeu o americano encolhendo os ombros, o maquinista afirma que passará!

— Sem dúvida, retomou Passepartout, passsará, mas seria talvez mais prudente...

— O que! prudente! exclamou o coronel Proctor, a quem esta palavra, ouvida casualmente, fez dar um pulo. A toda a velocidade, é o que se diz! Compreende? A

toda velocidade!

— Eu sei... eu compreendo... repetia Passepartout, a quem ninguém deixava concluir sua frase, mas seria, não digo mais prudente, porque esta palavra desagrada, pelo menos mais natural...

— Quê? o quê? Que quer dizer com esse natural?... exclamaram de todos os lados.

O pobre moço já não sabia quem poderia ouvi-lo.

— Tem medo? perguntou o coronel Proctor.

— Eu! medo! exclamou Passepartout. Bem, que seja. Vou mostrar a esta gente que um francês pode ser tão americano como eles!

— Para o trem! para o trem! exclamava o condutor.

— Sim! para o trem, repetia Passepartout, para o trem! E depressa! Mas não me impedem de pensar que seria mais natural passarmos primeiro à pé pela ponte, nós os viajantes, depois que passasse o trem!...

Mas ninguém ouviu esta sábia reflexão, e ninguém decerto teria querido reconhecer sua correção.

Os viajantes estavam reintegrados em seus vagões. Passepartout retomou o seu lugar, sem nada dizer do que se passara. Os jogadores estavam totalmente absortos no jogo.

A locomotiva apitou vigorosamante. O maquinista, revertendo o vapor, recuou o trem quase uma milha — manobrando como um saltador que quer tomar impulso.

Depois, a um segundo apito, a marcha para a frente recomeçou; acelerou-se; logo a velocidade se tornou amedrontadora; só se ouvia um uivo saindo da locomotiva; os pistões batiam vinte golpes por segundo; os eixos das rodas fumegavam nas caixas de graxa. Sentia-se, por assim dizer, que o trem inteiro, galopando com uma velocidade de cem milhas por hora, não pesava

sobre os rails. A velocidade comia o peso.

E passou! Foi como um relâmpago. Nem se viu a ponte. O comboio saltou, pode-se dizer, de uma margem à outra, e o maquinista não conseguiu deter a máquina levada pelo impulso senão cinco milhas além da estação.

Mas mal o trem tinha passado, a ponte, definitivamente arruinada, desmoronava e caía com estrondo no desfiladeiro de Medicine Bow.

CAPÍTULO XXIX

ONDE SE FARÁ A NARRAÇÃO DE DIVERSOS INCIDENTES, QUE SÓ ACONTECEM NAS ESTRADAS DE FERRO DA UNIÃO

Naquela mesma noite, o trem prosseguindo sua rota sem obstáculos, ultrapassava o Fort Saunders, transpunha o desfiladeiro do Cheyenne, e chegava ao de Evans. Neste lugar, a rail-road atingiu o ponto mais alto do dia, ou seja oito mil noventa e um pés acima do nível do mar. Os viajantes só tinham agora que descer até o Atlântico sobre essas planícies sem limites, niveladas pela natureza.

Lá se encontrava sobre o "grande trunk", o entroncamento de Denver City, a principal cidade do Colorado. Este território é rico em minas de ouro e prata, e mais de cinqüenta mil habitantes aí já fixaram moradia.

Neste momento, mil trezentas oitenta e duas milhas tinham sido feitas desde São Francisco, em três dias e três noites. Quatro dias e quatro noites, de acordo com todas as previsões, deveriam bastar para o trem alcançar Nova York. Phileas Fogg se mantinha pois dentro dos intervalos regulamentares.

Durante a noite, deixaram à esquerda Camp Walbach. O Lodge Pole Creek corria paralelamente à via, seguindo a fronteira retilínea comum aos Estados de Wyoming e do Colorado. Às onze horas entraram no Nebraska, passaram perto de Sedgwick, e chegaram a Julesburg, situado na margem sul do Platte River.

Foi neste ponto que se fez a inauguração da Union Pacific Road, em 23 de outubro de 1887, da qual o engenheiro responsável foi o general J. M. Dodge. Ali pararam as duas potentes locomotivas, rebocando os nove vagões dos convidados, entre os quais figurava o vice-presidente, Mr. Thomas C. Durant; ali reboaram as aclamações; ali os Sioux e os Pawnies deram o espetáculo de uma pequena guerra indígena; ali, os fogos de artifício arderam; ali, finalmente, se publicou, em uma gráfica portátil, o primeiro número do *Railway Pioneer*. Assim foi celebrada a inauguração desta grande estrada de ferro, instrumento de progresso e de civilização, lançado através do deserto, e destinado a ligar entre si vilas e cidades que não existiam ainda. O apito da locomotiva, mais potente que a lira de Amphion, iria logo fazê-las brotar no solo americano.

Às oito horas da manhã, o forte McPherson tinha sido deixado para trás. Trezentas e cinqüenta e sete milhas separam este ponto de Omaha. A via férrea seguia, sobre sua margem esquerda, as caprichosas sinuosidades do braço sul do Platte River. Às nove horas, chegaram à importante cidade de North Platte, edificada entre o dois braços do grande curso de água, que se reúnem em torno dela para formar uma só artéria — afluente importante cujas águas se confundem com as do Missouri, um pouco acima de Omaha.

O centésimo primeiro meridiano estava franqueado.

Mr. Fogg e seus parceiros tinham recomeçado o jogo. Nenhum deles se queixava da demora da viagem — nem mesmo o morto. Fix tinha começado ganhando alguns guinéus, que estava em vias de perder, mas nem por isso se mostrava menos entusiasmado que Mr. Fogg. Durante esta manhã, a sorte favoreceu bastante este gentleman.

Os trunfos e as cartas de maior valor choviam em suas mãos. Em certo momento, depois de ter combinado um lance audacioso, preparava-se para jogar espadas, quando atrás do banco ouviu uma voz que dizia:

— Se fosse eu, jogava ouros...

Mr. Fogg, Mrs. Aouda, Fix levantaram a cabeça. O coronel Proctor estava perto deles.

Stamp W. Proctor e Phileas Fogg reconheceram-se no ato.

— Ah! por aqui, senhor inglês, exclamou o coronel, é o senhor que queria jogar espadas!

— E jogo, respondeu friamento Phileas Fogg, deitando à mesa um dez deste naipe.

— Pois bem, eu quero que sejam ouros, replicou o coronel Proctor com voz irritada.

E fez um gesto para levantar a carta jogada, acrescentando:

— Não entende nada deste jogo.

— Talvez seja mais hábil em outro, disse Phileas Fogg, que se levantou.

— Só depende de si, filho de John Bull! replicou o grosseiro personagem.

Mrs. Aouda tinha ficado pálida. Todo seu sangue refluiu para o coração. Tinha agarrado o braço de Phileas Fogg, que a repeliu docemente. Passepartout estava prestes a se lançar sobre o americano, que olhava seu adversário com o mais insultante dos olhares. Mas Fix tinha se levantado, e, indo ao coronel Proctor, lhe disse:

— Esquece-se de que é comigo a questão, senhor, comigo a quem o senhor, não só injuriou, mas agrediu!

— Senhor Fix, disse Phileas Fogg, peço-lhe perdão, mas isto só diz respeito a mim. Alegando que eu estava

errado jogando espadas, o coronel me fez uma nova injúria, e há de dar-me uma satisfação.

— Quando e onde quiser, respondeu o americano, e com a arma que lhe agradar!

Mrs. Aouda em vão procurou reter Mr. Fogg. O inspetor tentou inutilmente retomar a querela para si. Passepartout queria atirar o coronel pela porta, mas um gesto do patrão o conteve. Phileas Fogg deixou o vagão, e o americano seguiu-o pelo passadiço.

— Senhor, disse Mr. Fogg ao seu adversário, tenho muita pressa em voltar para a Europa, e qualquer atraso prejudicaria muito meus interesses.

— E daí? O que é que eu tenho com isso? respondeu o coronel Proctor.

— Senhor, retomou muito polidamente Mr. Fogg, depois do nosso encontro em São Francisco, eu tinha feito planos de vir reencontrá-lo na América, assim que tivesse concluído os negócios que me chamam ao velho continente.

— Verdade?

— Quer marcar o encontro para daqui a seis meses?

— Porque não daqui a seis anos?

— Disse seis meses, respondeu Mr. Fogg, e serei pontual.

— Desculpas! Só desculpas! exclamou Stamp W. Proctor. Agora ou nunca.

— Pois que seja, respondeu Mr. Fogg. Vai para Nova York?

— Não.

— Chicago?

— Não.

— Omaha?

— Pouco importa! Conhece Plum Creek?

— Não, respondeu Mr. Fogg.

— É a próxima estação. O trem estará lá em uma hora. Estacionará por dez minutos. Em dez minutos, podemos trocar alguns tiros de revólver.

— Que seja, respondeu Mr. Fogg. Deter-me-ei em Plum Creek.

— E creio que vai ficar por lá! acrescentou o americano com uma insolência sem igual.

— Quem sabe, senhor? exclamou Mr. Fogg, e voltou ao seu vagão, tão frio como de costume.

Lá, o gentleman começou por sossegar Mrs. Aouda, dizendo-lhe que os fanfarrões não eram nunca para recear. Depois pediu a Fix que lhe servisse de testemunha no duelo que iria travar. Fix não podia recusar, e Phileas Fogg recomeçou tranqüilamente o jogo interrompido, jogando espadas com a maior calma.

Às onze horas, o apito da locomotiva anunciou a chegada à estação de Plum Creek. Mr. Fogg se levantou, e, seguido de Fix, colocou-se sobre o passadiço. Passepartout o acompanhava, levando um par de revólveres. Mrs. Aouda tinha ficado no vagão, pálida como uma morta.

Neste momento, a porta do outro vagão se abriu, e o coronel Proctor apareceu igualmente sobre o passadiço, seguido da sua testemunha, um yankee da sua têmpera. Mas no instante em que os dois adversários iam descer para a via, o condutor apareceu e gritou-lhes:

— Não pode descer, senhores.

— E por quê? perguntou o coronel.

— Estamos com de vinte minutos de atraso, e o trem não pára.

— Mas eu tenho de me bater com este senhor.

— Lamento, respondeu o empregado; mas partimos

imediatamente. O sino já está tocando!

Efetivamente tocava, e o trem voltou a se pôr a caminho.

— Estou realmente desolado, senhores, disse então o condutor. Em qualquer outra circunstância, eu poderia ter concedido. Mas, afinal, já que não têm tempo de se baterem aqui, quem os impede de se baterem no caminho?

— Isso talvez não convenha a este senhor! disse o coronel Proctor com ar gozador.

— Convém-me perfeitamente, respondeu Phileas Fogg.

— Pois é, decididamente, estamos na América! pensou Passepartout, e o condutor do trem é um gentleman de primeira!

E dizendo isto seguiu seu patrão.

Os dois adversários, suas testemunhas, precedidos pelo condutor, dirigiram-se, passando de um vagão para outro, à traseira do trem. O último vagão só estava ocupado por uma dezena de viajantes. O condutor perguntou-lhes se poderiam deixar o lugar livre para os dois que tinham uma questão de honra a resolver.

— Como! Mas os viajantes estavam muito felizes em serem agradáveis aos dois gentlemen e se retiraram sobre os passadiços.

Este vagão, de uns cinqüenta pés de comprimento, prestava-se muito convenientemente à circunstância. Os dois adversários podiam caminhar um para o outro entre os bancos e dispararem à vontade. Nunca houve duelo mais fácil de regrar. Mr. Fugg e o coronel Proctor, munido cada um com dois revólver de seis tiros, entraram no vagão. Suas testemunhas, que ficaram do lado de fora, os fecharam lá dentro. Ao primeiro apito da locomotiva deviam começar o fogo... Depois, passados

dez minutos, retirar-se-ia do vagão o que tivesse sobrado dos dois gentlemen.

Nada mais simples na verdade. Era mesmo tão simples, que Fix e Passepartout sentiam o coração bater fortemente.

Esperava-se, pois, o apito convencionado, quando subitamente gritos selvagens ressoaram. Detonações os acompanharam, mas não vinham do vagão destinado aos duelistas. Estas detonações se prolongavam, ao contrário, até a frente e pelas laterais do trem. Gritos de terror se faziam ouvir no interior do comboio.

O coronel Proctor e Mr. Fogg, revólver em punho, saíram logo do vagão e precipitaram-se para a frente, onde soavam mais estrondosamente as detonações e os gritos.

Tinham compreendido que o trem estava sendo atacado por um bando de Siouxs.

Estes ferozes índios não estavam fazendo sua estréia, e mais de uma vez já tinham detido comboios. Segundo seu costume, sem esperar a parada do trem, saltando sobre os estribos em número de uma centena, tinham escalado os vagões como faz um clown de um cavalo a galope.

Os Sioux estavam munidos de rifles. Daí as detonações a que os viajantes, quase todos armados, respondiam com tiros de revólver. Logo no começo, os índios tinham se precipitado para a máquina. O maquinista e o fogueiro tinham sido quase prostrados a golpes de macete. Um chefe sioux, querendo parar o trem, mas não sabendo manejar a manivela do regulador, tinha aberto mais a entrada do vapor em lugar de fechar e a locomotiva, impelida, corria com uma velocidade assustadora.

Ao mesmo tempo, os Sioux tinham invadido os vagões, corriam como macacos em fúria por cima da capota do trem, arrombavam as portinholas e lutavam corpo a corpo com os viajantes. Para fora do vagão das bagagens, arrombado e saqueado, os fardos eram arremessados para a via. Gritos e disparos não cessavam.

Entretanto os viajantes defendiam-se corajosamente. Alguns vagões, barricados, enfrentavam um cerco, como verdadeiros fortes ambulantes, levados a cem milhas por hora.

Desde o começo do ataque, Mrs. Aouda tinha se comportado corajosamente. Revólver em punho, defendia-se heroicamente, atirando através dos vidros quebrados, quando um selvagem passava por sua mira. Uns vinte Sioux, mortalmente feridos, tinham tombado na via, e as rodas dos vagões esmagavam como vermes os que deslizavam sobre os rails do alto dos passadiços.

Diversos viajantes, gravemente atingidos pelas balas ou pelas clavas, jaziam sobre os bancos.

Entretanto era preciso parar. Esta luta já durava dez minutos, e terminaria em favor dos Sioux certamente se o trem não parasse. Com efeito, a estação do forte Kearney não estava a duas milhas de distância. Lá havia um posto americano; mas passado este posto, entre o forte Kearney e a estação seguinte, os Sioux seriam senhores do trem.

O condutor lutava ao lado de Mr. Fogg, quando uma bala o derrubou. Ao cair, gritou:

— Estamos perdidos, se o trem não parar antes de cinco minutos!

— Vai parar! disse Mr. Phileas Fogg, que queria se lançar para fora do vagão.

— Fique, senhor! lhe gritou Passepartout. Deixe comigo!

Phileas Fogg não teve tempo de deter o corajoso rapaz, que, abrindo a portinhola sem ser visto pelos índios, conseguiu deslizar para baixo do vagão. E então, enquanto a luta continuava, enquanto as balas se cruzavam sobre sua cabeça, reencontrando sua agilidade de clown, metendo-se sob os vagões, agarrando-se às correntes, valendo-se das alavancas dos freios de cabos da carroceria, pulando de um carro para o outro com uma facilidade maravilhosa, chegou à parte dianteira do trem. Não tinha sido visto, não poderia ter sido visto.

Ali, suspenso por uma mão entre o vagão de bagagem e o tender, com a outra desenganchou as correntes de segurança; mas em virtude da tração desenvolvida, nunca poderia ter desaparafusado a barra de atrelagem, se um abalo da máquina não tivesse feito saltar esta barra, e o trem, solto, foi ficando pouco a pouco para trás, enquanto a locomotiva fugia com velocidade crescente.

Levado pela força adquirida, o trem ainda rolou por alguns minutos, mas os freios foram acionados no interior dos vagões, e o comboio finalmente parou, a menos de cem passos da estação de Kearney.

Os soldados do forte, atraídos pelos tiros, acudiram logo. Os Sioux não os esperavam, e, antes que o trem parasse completamente, todo o bando tinha se posto em fuga.

Mas quando os viajantes se contaram na plataforma da estação, perceberam que faltavam muitos à chamada, e entre eles o corajoso francês, cuja dedicação acabara de os salvar.

CAPÍTULO XXX

EM QUE PHILEAS FOGG SIMPLESMENTE CUMPRE O SEU DEVER

Três viajantes, inclusive Passepartout, haviam desaparecido. Teriam sido mortos na luta? Estariam prisioneiros dos selvagens? Ainda não se podia saber.

Os feridos eram numerosos, mas nenhum tinha sido atingido mortalmente. Um dos em estado mais grave era o coronel Proctor, que tinha combatido bravamente, e que uma bala na verilha derrubara. Foi transportado para a estação com os outros viajantes, cujo estado reclamava cuidados imediatos.

Mrs. Aouda estava salva. Phileas Fogg, que não se poupara, não tinha nem um arranhão. Fix estava ferido num braço, ferimento sem importância. Mas Passepartout faltava, e as lágrimas corriam dos olhos da jovem.

Já então todos os viajantes tinham saído do trem. As rodas dos vagões estavam manchadas de sangue. Dos cubos e dos raios pendiam informes postas de carne. Via-se a perder de vista na pradaria branca longos rastros avermelhados. Os últimos índios desapareciam então ao sul, pelos lados do Republican River.

Mr. Fogg, braços cruzados, permanecia imóvel. Tinha uma grave decisão a tomar. Mrs. Aouda, próxima dele, o contemplava sem proferir uma palavra... Ele compreendeu este olhar. Se o seu servidor estava prisioneiro, não deveria tudo arriscar para arrancá-lo dos índios?

— Vou achá-lo morto ou vivo, disse simplesmente para Mrs. Aouda.

— Ah! senhor... senhor Fogg! exclamou a jovem, agarrando as mãos do seu companheiro, que cobriu de lágrimas.

— Vivo! acrescentou Mr. Fogg, se não perdermos um minuto!

Com esta resolução Phileas Fogg sacrificava-se completamente. Acabara de pronunciar sua ruína. Um dia apenas de atraso o faria perder o paquete de Nova York. Sua aposta estava irrevogavelmente perdida. Mas diante deste pensamento: "É o meu dever", não tinha hesitado.

O capitão que comandava o forte Kearney estava ali. Seus soldados — uns cem homens — tinham se posto na defensiva para o caso dos Sioux terem dirigido um ataque direto contra a estação.

— Senhor, disse Mr. Fogg ao capitão, três viajantes desapareceram.

— Mortos? perguntou o capitão.

— Mortos ou prisioneiros, respondeu Phileas Fogg. É desta incerteza que precisamos sair. Sua intenção é perseguir os Sioux?

Dificilmente, senhor, disse o capitão. Estes índios podem fugir para além do Arkansas! Não poderia abandonar o forte que me foi confiado.

— Senhor, retomou Phileas Fogg, trata-se da vida de três homens.

— Sem dúvida... mas posso arriscar a vida de cinqüenta para salvar três?

— Não sei se pode, senhor, mas deve.

— Senhor, respondeu o capitão, ninguém aqui precisa me ensinar qual é o meu dever.

— Que seja, disse friamente Pbileas Fogg. Irei só!

— Só, senhor! exclamou Fix, que tinha se aproximado, ir só em perseguição dos indios!

— Quer então que eu deixe perecer esse infeliz, a quem todos os que estão aqui vivos devem a vida? Irei.

— Pois bem, não, não irá só! exclamou o capitão, comovido, apesar de tudo. Não! Tem um coração valente!... Trinta voluntários! acrescentou ele, voltando-se para os soldados.

Toda a companhia deu um passo à frente. O capitão só teve que escolher entre seus bravos. Trinta soldados foram designados, e um velho sargento se pôs à frente deles.

— Obrigado, capitão! disse Mr. Fogg.

— Permite-me acompanhá-lo? perguntou Fix ao gentleman.

— Faça o que achar melhor, senhor, respondeu Phileas Fogg. Mas se me quer me fazer um favor, fique junto de Mrs. Aouda. Caso me aconteça alguma desgraça...

Uma palidez súbita invadiu o rosto do inspetor de polícia. Separar-se do homem que tinha seguido passo a passo e com tanta persistência! Deixá-lo aventurar-se assim naquele deserto! Fix olhou atentamente o gentleman, e, fosse como fosse, apesar das suas desconfianças, apesar do combate que travava interiormente, baixou os olhos diante daquele olhar calmo e sincero.

— Ficarei, disse.

Instantes depois, Mr. Fogg tinha apertado a mão da jovem; depois, após lhe ter entregue sua preciosa sacola de viagem, partiu com o sargento e sua pequena tropa.

Mas antes de partir, tinha dito aos soldados:

— Meus amigos, há mil libras para vós se salvarmos os prisioneiros.

Era meio dia e alguns minutos.

Mrs. Aouda tinha se retirado para um quarto da estação, e aí, sozinha, ficou aguardando, pensando em Phileas Fogg, em sua generosidade simples e grandiosa, em sua tranqüila coragem. Mr. Fogg tinha sacrificado sua fortuna, e agora punha sua vida em perigo, tudo sem hesitação, por dever, sem frases. Phileas Fogg era um herói aos seus olhos.

O inspetor Fix, este, não pensava assim, e não podia conter sua agitação. Passeava febrilmente pela plataforma da estação. Por um momento subjugado, voltava a ser ele mesmo. Depois de Fogg partir, compreendia a tolice que tinha feito deixando-o partir. Como! o homem que tinha seguido ao redor do mundo, tinha consentido em separar-se dele! Sua índole voltava a conduzi-lo, se recriminava, se acusava, tratava a si mesmo como se fosse o comissário da polícia metropolitana admoestando um agente apanhado em flagrante delito de ingenuidade.

— Fui inepto! pensava. O outro por certo lhe disse quem eu era! Partiu, não volta mais! Onde pegá-lo agora? Mas como pude me deixar fascinar assim, eu, Fix, que tenho no bolso o seu mandado de prisão! Decididamente não passo de uma azêmula!

Assim raciocinava o inspetor de polícia, enquanto as horas se escoavam lentamente. Não sabia o que fazer. Às vezes tinha vontade de dizer tudo a Mrs. Aouda. Mas compreendia como seria recebido pela jovem. Que decisão tomar? Estava tentado a sair pelas pradarias brancas, em perseguição de Fogg! Não lhe parecia impossível reencontrá-lo. Os passos do destacamento

estavam ainda impressos no neve!... Mas logo, sob uma nova camada, todas as pegadas desapareceriam.

Então o desânimo apossou-se de Fix. Experimentou como que um invencível desejo de abandonar a partida. Ora, precisamente, esta oportunidade de deixar a estação de Kearney e de continuar a viagem, tão fecunda em transtornos, lhe foi oferecida.

Com efeito, perto das duas depois do meio dia, enquanto a neve caía em grandes flocos, ouviram-se longos apitos que vinham do leste. Uma enorme sombra, precedida por um clarão amarelado, avançava lentamente, consideravelmente aumentada pelas brumas, que lhe davam um aspecto fantástico.

Contudo não se esperava ainda nenhum trem vindo de leste. O socorro pedido pelo telégrafo não poderia chegar tão cedo, e o trem de Omaha para São Francisco só deveria passar no dia seguinte. — Logo se soube o que acontecia.

Esta locomotiva que andava com pouco vapor, soltando grandes apitos, era aquela que, depois de ter sido desprendida do trem, tinha continuado sua rota com velocidade vertiginosa, levando o caldereiro e o maquinista inanimados. Tinha corrido sobre os rails por diversas milhas; depois, o fogo tinha amortecido, por falta de combustível; o vapor perdera a força, e uma hora depois, diminuindo pouco a pouco sua marcha, a máquina parara afinal vinte milhas depois da estação de Kearney.

Nem o maquinista nem o fogueiro tinham sucumbido, e, depois de um desmaio bastante prolongado, tinham voltado a si.

A máquina estava então parada. Quando se viu no deserto, a locomotiva só, sem vagões atrás, o maquinista

compreendeu o que tinha ocorrido. Como a locomotiva tinha se desprendido do trem, não pôde adivinhar, mas não tinha nenhuma dúvida de que o trem, tendo ficado para trás, estava em perigo.

O maquinista nem hesitou sobre o que deveria fazer. Continuar na direção de Omaha era prudente; voltar para o trem, que os índios talvez ainda pilhassem, era perigoso... Que importa! Pás de carvão e lenha foram lançadas no fogo da caldeira, o fogo se reanimou, a pressão aumentou de novo, e, pelas duas depois do meio dia, a máquina voltava para trás em direção da estação de Kearney. Era ela que apitava na bruma.

Foi uma grande satisfação para os viajantes, quando viram a locomotiva pôr-se na frente do trem. Iam poder continuar a viagem tão desgraçadamente interronpida.

À chegada da máquina, Mrs. Aouda tinha saído da estação, e dirigindo-se ao condutor:

— Vai partir? perguntou.

— Em instantes, madame.

— Mas os prisioneiros... nossos desafortunados companheiros...

— Não posso interromper o serviço, respondeu o condutor. Já temos três horas de atraso.

— E quando passará o outro trem que vem de São Francisco?

— Amanhã à noite, madame.

— Amanhã à noite! mas será muito tarde. É preciso esperar...

— É impossível, respondeu o condutor. Se quiser partir, suba.

— Não partirei, respondeu a jovem. Fix tinha escutado esta conversa. Alguns instantes antes, quando todos os meios de locomoção lhe faltavam, estava resolvido a

deixar Kearney, e agora que o trem se achava ali, prestes a partir, que só tinha de retomar o seu lugar no vagão, uma força irresistível o prendia no chão. A plataforma da estação lhe queimava os pés, e ele não podia levantá-los. A luta recomeçou dentro dele. A cólera do insucesso o sufocava. Queria lutar até o fim.

Entrementes os viajantes e alguns feridos — entre outros o coronel Proctor, cujo estado era grave — tinham tomado lugar nos vagões. Ouvia-se o ruído da caldeira em ebulição, e o vapor escapava pelas válvulas. O maquinista apitou, o trem se pôs em movimento, e desapareceu bem depressa, misturando sua fumaça aos turbilhões de neve.

O agente Fix tinha ficado.

Algumas horas se escoaram. O tempo estava muito mau, o frio intenso. Fix, sentado sobre um banco na estação, permanecia imóvel. Podia-se supor que dormia. Mrs. Aouda, apesar da ventania, deixava a cada instante o quarto que tinha sido colocado à sua disposição. Vinha à extremidade da plataforma, procurando ver através da tempestade de neve, querendo penetrar com o olhar esta bruma que reduzia o horizonte à sua volta, tentando escutar se algum barulho se fazia ouvir. Mas nada. Voltava a entrar, toda transida, para voltar momentos depois, e sempre inutilmente.

Entardeceu. O pequeno destacamento não estava ainda de volta. Onde estaria neste momento? Teria alcançado os índios? Teria havido luta, ou os soldados, perdidos no nevoeiro, erravam ao acaso? O capitão do forte Kearney estava muito inquieto embora não quisesse deixar transparecer sua inquietude.

Anoiteceu, a neve tombou menos abundantemente, mas a intensidade do frio aumentou. O olhar mais

intrépido não teria enfrentado sem receio esta obscura imensidão. Um silêncio absoluto reinava na pradaria. Nem o vôo de um pássaro, nem a passagem de alguma fera perturbava a calma infinita.

Durante toda a noite, Mrs. Aouda, o espírito cheio de pressentimentos sinistros, o coração repleto de angústias, vagueou pela orla da campina. Sua imaginação a levava para longe e lhe mostrava mil perigos. O que sofreu durante estas longas horas não seria possível exprimir.

Fix estava sempre imóvel no mesmo lugar, mas, também ele, não dormia. Num dado momento, um homem tinha se aproximado dele, até falou com ele, mas o agente o despachou, depois de ter respondido às suas palavras com um sinal negativo.

A noite passou. Ao alvorecer, o disco meio apagado do sol ergueu-se sobre um horizonte nublado. Entretanto o olhar podia alcançar até duas milhas de distância. Tinha sido para o sul que Phileas Fogg e o destacamento se haviam dirigido... O sul estava absolutamente deserto. Eram então sete horas da manhã.

O capitão, extremamente preocupado, não sabia o que fazer. Deveria enviar um segundo destacamento em socorro do primeiro? Deveria sacrificar novos homens com tão poucas probabilidades de salvar os que já tinham sido sacrificados antes? Mas sua hesitação não durou, e com um gesto, chamando um dos seus ajudantes, deu-lhe ordem de fazer um reconhecimento ao sul — quando se ouviram tiros. Seria um sinal? Os soldados precipitaram-se para fora do forte, e a meia milha de distância avistaram um destacamento que voltava em boa ordem.

Mr. Fogg vinha à frente, junto dele Passepartout e os

dois outros passageiros, resgatados das mãos dos Sioux.

Tinha havido combate dez milhas ao sul de Kearney. Poucos instantes antes da chegada do destacamento, Passepartout e seus dois companheiros já lutavam contra seus guardiãos, e o francês tinha derrubado três com seus socos, quando seu patrão e os soldados se precipitaram em seu socorro.

Todos, salvadores e salvados, foram acolhidos com brados do alegria, e Phileas Fogg distribuiu aos soldados a gratificação que lhes tinha prometido, enquanto Passepartout repetia consigo, não sem alguma razão:

— Decididamente, estou saindo caro para meu patrão!

Fix, sem proferir uma palavra, contemplava Mr. Fogg, e seria difícil analisar as impressões que se combatiam nele naquele momento. Quanto a Mrs. Aouda, tinha pego a mão do gentleman, e a apertava nas suas, sem poder pronunciar uma palavra!

Passepartout, desde que chegara, estivera procurando o trem na estação. Julgava que o iria encontrar, pronto para partir para Omaha, e esperava que se pudesse recuperar o tempo perdido.

— O trem! o trem! gritava.

— Partiu, respondeu Fix.

— E o trem seguinte, quando passa? perguntou Phileas Fogg.

— Só de tarde.

— Ah! respondeu simplesmente o impassível gentleman.

CAPÍTULO XXXI

EM QUE O INSPETOR FIX LEVA MUITO A SÉRIO OS INTERESSES DE PHILEAS FOGG

Phileas Fogg estava com 24 horas de atraso. Passepartout, a causa involuntária deste atraso, estava desesperado. Tinha decididamente arruinado seu patrão.

Neste momento, o inspetor aproximou-se de Mr. Fogg, e, olhando diretamente para ele:

— Realmente, senhor, perguntou ele, tem muita pressa?

— Realmente, respondeu Phileas Fogg.

— Insisto, retomou Fix. Está mesmo interessado em estar em Nova York dia 11, antes das onze horas da noite, hora da partida do paquete para Liverpool?

— Muitíssimo interessado.

— E se sua viagem não tivesse sido interrompida por este ataque dos índios, teria chegado a Nova York dia 11, pela manhã?

— Sim, com onze horas de antecedência em relação ao paquete.

— Bem. Nesse caso tem vinte horas de atraso. Entre vinte e doze, a diferença é de oito. São oito horas a recuperar. Quer tentar fazê-lo?

— À pé? perguntou Mr. Fogg.

— Não, em trenó, respondeu Fix, em trenó a velas. Um homem me propôs esse meio de transporte.

Era o homem que falara com o inspetor de polícia durante a noite, e cujo oferecimento Fix tinha recusado.

Phileas Fogg não respondeu; mas Fix tendo-lhe mostrado o homem em questão que passeava na frente da estação, o gentleman foi até ele. Um instante depois, Phileas Fogg e este americano, que se chamava Mudge, entravam numa cabana construída abaixo do forte Kearney.

Lá, Mr. Fogg examinou um veículo muito singular, espécie de tabuleiro, colocado sobre duas longas vigas, um pouco arqueadas para cima na parte dianteira como os pontos de apoio de um trenó, e sobre o qual cinco ou seis pessoas poderiam se acomodar. A um terço do tabuleiro, na frente, estava um mastro muito elevado, sobre a qual estava estendida um imensa brigantina. A este mastro, solidamente sustentado por cordames metálicos, ligava-se uma escora de ferro que servia para içar uma bujarrona de grandes dimensões. Atrás, uma espécie de leme permitia dirigir o aparelho.

Era, como se vê, um trenó armado em corveta. Durante o inverno, sobre a pradaria gelada, quando os trens são detidos pela neve, estes veículos fazem travessias extremamente rápidas de uma estação a outra. São, além disso, prodigiosamente dotados de velas — mais do que seria conveniente num cutter de recreio, exposto a emborcar — e com o vento por trás, deslizam sobre a superfície das pradarias com uma rapidez igual, se não superior, à dos expressos.

Em alguns instantes, uma negociação foi concluída entre Mr. Fogg e o patrão desta embarcação de terra. O vento estava bom. Soprava rijo de oeste. A neve estava endurecida, e Mudge se comprometia a conduzir Mr. Fogg à estação de Omaha em poucas horas. Lá, os trens são freqüentes e as vias numerosas, para Chicago e Nova York. Não era impossível recuperar o tempo perdido. Não

havia por quê hesitar em tentar a aventura.

Mr. Fogg, não querendo expôr Mrs. Aouda às torturas de uma travessia ao ar livre, por este frio que a velocidade tornaria mais insuportável ainda, propôs-lhe que ficasse sob os cuidados de Passepartout na estação de Kearney. O honesto moço encarregar-se-ia de reconduzir a jovem à Europa por um caminho melhor e em condições mais aceitáveis.

Mrs. Aouda recusou separar-se de Mr. Fogg, e Passepartout se sentiu muito feliz com esta determinação. Com efeito, por nada neste mundo teria querido deixar seu patrão, já que Fix devia acompanhá-lo.

Quanto ao que pensava então o inspetor de polícia seria difícil dizer. Sua convicção teria sido abalada pelo regresso de Phileas Fogg, ou consideraria que era um velhaco de marca maior, que, depois de haver feito a volta ao mundo, se julgaria absolutamente seguro na Inglaterra? Talvez a opinião de Fix a respeito de Mr. Fogg se tivesse efetivamente modificado. Mas nem por isso estava menos resolvido a cumprir o seu dever e, mais impaciente que todos, a apressar como pudesse o regresso à Inglaterra.

Às oito horas, o trenó estava prestes a partir. Os viajantes — seríamos tentados a dizer os passageiros — tomaram seus lugares e envolveram-se muito bem nas suas mantas de viagem. As duas imensas velas foram içadas, e, sob o impulso do vento, o veículo seguiu sobre a neve endurecida a uma velocidade de quarenta milhas por hora.

A distância que separa o forte Kearney de Omaha é, em linha reta — a vôo de abelha, como dizem os americanos — de duzentas milhas quanto muito. Se o

vento se mantivesse, em cinco horas esta distância poderia ser coberta. Se nenhum incidente acontecesse, à uma da tarde o trenó deveria chegar a Omaha.

Que travessia! Os viajantes, apertados uns contra os outros, não podiam conversar. O frio, aumentado pela velocidade, teria lhes cortado a palavra. O trenó deslizava tão ligeiro pela superfície da pradaria quanto uma embarcação pela superfície das águas — com o balanço de menos. Quando a brisa chegava varrendo o solo, parecia que o trenó ia ser levantado do solo por suas velas, vastas asas de imensa envergadura. Mudge conservava a veículo em linha reta, e com um movimento do leme, retificava os bordejos que o aparelho tendia a fazer. Ia-se com todo o pano. A vela triangular tinha sido desfraldada e não estava mais protegida pela brigantina. Um mastaréu da gávea foi guindado, e uma flecha, estendida ao vento, uniu sua força de impulsão à das outras velas. Não era possível avaliá-la, matematicamente, mas com certeza a velocidade do trenó não deveria ser menos de quarenta milhas por hora.

— Se nada se quebra, disse Mudge, chegaremos.

E Mudge tinha interesse em chegar no prazo estipulado, porque Mr. Fogg, fiel ao seu sistema, o tinha estimulado com uma boa gratificação.

A pradaria, que o trenó cortava em linha reta, era plana como um mar. Dir-se-ia um imenso tanque gelado. A rail-road que atende esta parte do território subia, do sudeste para nordeste, por Great Island, Columbus, cidade importante do Nebraska, Schuyler, Fremont, depois Omaha. Seguia durante todo seu percurso a margem direita do Platte River. O trenó, abreviando esta extensão, tomou a corda do arco descrito pela via férrea.

Mudge não receava que o Platte River lhe embaraçasse o trajeto, no pequeno cotovelo que este rio faz adiante de Fremont, porque as suas águas estavam geladas. O caminho achava-se, pois, completamente livre de obstáculos, e Phileas Fogg só tinha duas coisas a temer: uma avaria no aparelho, uma mudança ou uma calmaria do vento.

Mas a brisa não abrandava. Pelo contrário. Soprava de vergar o mastro, que os tirantes de ferro agüentavam solidamente. Estes fios de metal, semelhantes às cordas de um instrumento, soavam como se algum arco os fizesse vibrar. O trenó voava em meio a uma harmonia plangente, de sonoridade muito particular.

— Estas cordas dão a quinta e a oitava, disse Mr. Fogg.

E estas foram as únicas palavras que pronunciou durante a viagem. Mrs. Aouda, cuidadosamente envolvida nas peles e mantas de viagem, estava, quanto era possível, abrigada do frio.

Quanto a Passepartout, a face vermelha como o disco solar quando se deita nas brumas, aspirava o ar penetrante. Com a reserva de imperturbável confiança que possuía, tinha voltado a ter esperanças. Em vez de chegarem de manhã em Nova York, chegariam à tarde, mas havia ainda algumas probabilidades que fosse antes da partida do paquete para Liverpool.

Passepartout tinha até mesmo tido ganas de apertar a mão do seu aliado Fix. Não se esquecia de que fora o inspetor que pessoalmente procurara o trenó de velas, e, portanto, o único meio que havia de chegar a Omaha em tempo útil. Mas, por um não se sabe qual pressentimento, manteve-se na sua reserva usual.

Uma coisa porém Passepartout nunca esqueceria, o

sacrifício que Mr. Fogg tinha feito, sem hesitar, para arrancá-lo das mãos dos Siouxs. Nisso, Mr. Fogg tinha arriscado sua fortuna e sua vida... Não! seu servidor jamais esqueceria!

Enquanto cada um dos viajantes se entregava a tão diversas reflexões, o trenó voava sobre o imenso tapete de neve. Se passou por alguns creeks, afluentes ou sub-afluentes do Little Blue River, ninguém percebeu. Os campos e os cursos de água desapareciam sob uma brancura uniforme. A pradaria estava completamente deserta. Compreendida entre a Union Pacific road e o entroncamento que une Kearney a Saint Joseph, formava como que uma grande ilha desabitada. Nem uma vila, nem uma estação, nem mesmo um forte. De tempo em tempo, via-se passar como um relâmpago alguma árvore contorcida, cujo branco esqueleto se torneava sob a brisa. Por vezes, bandos de aves selvagens alçavam vôo. Às vezes, ainda, alguns lobos das pradarias, em alcatéias numerosas, magros, esfaimados, incitados por uma necessidade feroz, disputavam velocidade com o trenó. Então, Passepartout, revólver na mão, preparava-se para fazer fogo sobre os mais próximos. Se algum acidente tivesse detido o trenó, os viajantes, atacados por estes ferozes carniceiros, teriam corrido os maiores riscos. Mas o trenó aguentava firme, pegava a dianteira, e logo logo todo o bando uivador ficava para trás.

Ao meio dia, Mudge reconheceu por alguns indícios, que passava pelo leito gelado do Platte River. Nada disse, mas já tinha a certeza de que, vinte milhas além, alcançaria a estação de Omaha.

E, com efeito, não tinha passado uma hora, e este guia hábil, largando o leme, se precipitou para as

adriças e ferrou o pano, mas o trenó, levado pelo impulso do vento que recebera, correu ainda meia milha. Afinal parou, e Mudge, mostrando um ajuntamento de telhados branqueados pela neve, disse:

— Chegamos.

Chegados! Chegados, com efeito, a esta estação que, por meio de numerosos trens, está diariamente em comunicacão com o leste dos Estados Unidos!

Passepartout e Fix saltaram para terra e sacudiram seus membros entorpecidos. Ajudaram Mr. Fogg e a jovem a descer do trenó. Phileas Fogg acertou as contas generosamente com Mudge, ao qual Passepartout apertou a mão, como a um amigo, e todos se precipitaram para a estação de Omaha.

É nesta importante cidade de Nebraska que acaba a estrada de ferro do Pacífico propriamente dita, que põe a bacia do Mississipi em comunicação com o grande oceano. Para se ir de Omaha a Chicago, a rail-road, sob o nome de "Chicago and Rock Island Railroad", corre diretamente para leste servindo cinqüenta estações.

Um trem direto estava prestes a partir. Phileas Fogg e os seus companheiros apenas tiveram tempo de se precipitar num vagão. Nada viram de Omaha, mas Passepartout confessou a si mesmo que não tinha motivos para se lastimar, porque não era para ver que estavam ali.

Com extrema rapidez, o trem passou pelo Estado de Iowa, por Council Bluffs, Des Moines, Iowa City. Durante a noite, atravessou o Mississipi em Davenport, e por Rock Island entrou no Illinois. No dia seguinte, 10, às quatro horas da tarde chegou a Chicago, já reconstruída das suas ruínas, e mais soberba que nunca sobre as margens do seu belo lago Michigan.

Noventas milhas separam Chicago de Nova York. Trens não faltavam em Chigago. Mr. Fogg passou imediatamente de um para outro. A elegante locomotiva da “Pittsburg, Fort Wayne e Chicago Railway” partiu a toda velocidade, como se compreendesse que o honrado gentleman não tinha tempo a perder. Atravessou como um relâmpago Indiana, Ohio, Pensilvânia, New Jersey, passando por cidades de nomes antiguados, em algumas das quais havia ruas e tramways, mas ainda não casas. Finalmente o Hudson apareceu, e, em 11 de dezembro, às onze e quinze da noite, o trem parou na estação, na margem direita do rio, diante do “pier” dos vapores da linha Cunard, também chamada de “Britsh and North American Royal Mail Steam Packet Co.”.

O *China*, com destino a Liverpool, tinha partido há quarenta e cinco minutos!

CAPÍTULO XXXII

EM QUE PHILEAS FOGG TRAVA UMA LUTA DIRETA CONTRA A MÁ SORTE

Partindo, o *China* parecia ter levado com ele a última esperança de Phileas Fogg.

Com efeito, nenhum dos outros paquetes que fazem o serviço direto entre a América e a Europa, nem os transatlânticos franceses, nem os navios da "White Star Line", nem os vapores da Companhia Imman, nem os da linha Hamburguesa, nem outros, poderiam servir para os propósitos do gentleman.

Com efeito, o *Pereire*, da Companhia transatlântica francesa — cujos admiráveis barcos igualam em velocidade e excedem em comodidades todos os das outras linhas, sem exceção — só partiria dali a dois dias, 14 de dezembro. Além disso, do mesmo modo que os paquetes da Companhia hamburguesa, não ia diretamente a Liverpool ou a Londres, mas ao Havre, e esta travessia suplementar do Havre a Southampton, atrasando Phileas Fogg, anularia seus últimos esforços.

Quanto aos paquetes Imman, um dos quais, o *City of Paris*, punha-se ao mar no dia seguinte, não se deveria nem pensar neles. Estes navios são particularmente destinados ao transporte de emigrantes, suas máquinas são fracas, navegam tanto a vela como a vapor, e a sua velocidade é medíocre. Gastam na travessia de Nova York para a Inglaterra mais tempo do que o que restava a Mr. Fogg para ganhar a aposta.

De tudo isto o gentleman se deu perfeitamente conta consultando seu *Bradshaw*, que lhe fornecia, dia por dia, os movimentos da navegação transoceânica.

Passepartout estava arrasado. Ter perdido o paquete por quarenta e cinco minutos, isso o matava. A culpa era sua, que, em vez de ajudar o patrão, não tinha parado de semear obstáculos em seu caminho! E quando revia em seu espírito todos os incidentes da viagem, quando sopesava as quantias despendidas em pura perda e só no seu interesse, quando pensava que aquela enorme aposta, com o acréscimo das despesas consideráveis desta viagem agora perdida, arruinava completamente Mr. Fogg, cobria-se de injúrias.

Mr. Fogg não lhe fez, contudo, nenhuma censura, e, ao deixar o embarcadouro dos paquetes trasatlânticos, só disse estas palavras:

— Amanhã veremos o que se pode fazer. Vamos.

Mr. Fogg, Mrs. Aouda, Fix, Passepartout atravessaram o Hudson no Jersey City ferryboat, e subiram em um fiacre, que os conduziu ao hotel Saint Nicolas, na Broadway. Quartos foram postos à disposição deles, e a noite passou, curta para Phileas Fogg, que dormiu um sono perfeito, mas bem longa para Mrs. Aouda e seus companheiros, aos quais a agitação não permitiu repousar.

O dia seguinte era 12 de dezembro. Do dia 12, às sete da manhã, ao dia 21, às oito e quarenta e cinco da noite, havia nove dias, treze horas e quarenta e cinco minutos. Se, pois, Phileas Fogg tivesse partido na véspera pelo *China*, um dos melhores cruzadores da linha Cunard, teria chegado a Liverpool, depois a Londres, no prazo desejado.

Mr. Fogg deixou o hotel, sozinho, depois de ter

recomendado ao criado que o esperasse e avisasse Mrs. Aouda para que estivesse pronta a qualquer momento.

Mr. Fogg dirigiu-se para as margens do Hudson, e entre os navios atracados ao cais, ou ancorados no rio, procurou atentamente os que estavam de partida. Muitas embarcações tinham o sinal de partida e se preparavam para se fazer ao mar na maré da manhã, porque neste imenso e admirável porto de Nova York, não há dia em que cem navios não façam rota para todos os pontos do globo; mas a maioria eram embarcações a vela, e não podiam convir a Phileas Fogg.

Este gentleman parecia dever falhar na sua última tentativa, quando avistou ancorado diante da Bateria, a 200 metros ou mais, um navio de comércio a hélice, de formas finas, e cuja chaminé, deixando sair grossas nuvens de fumaça, indicava que se preparava para partir.

Phileas Fogg chamou um bote, embarcou nele, e, em poucas remadas, achou-se na escada do *Henrietta*, vapor de casco de ferro,com todos os altos de madeira.

O capitão do *Henrietta* estava a bordo. Phileas Fogg subiu ao convés e pediu para chamarem o capitão. Este apareceu logo.

Era um homem de cinqüenta anos, uma espécie de lobo marinho, um resmungão que não deveria ser tratável. Olhos grandes, raiados de cobre oxidado, cabelos vermelhos, pescoço encorpado — não tinha o aspecto de um homem delicado.

— O capitão? perguntou Mr. Fogg.

— Sou eu.

— Eu sou Phileas Fogg, de Londres.

— E eu, Andrew Speedy, da Cardiff.

— Vai partir?

— Em uma hora.
— Esta carregado para...
— Bordeaux.
— E sua carga?
— Pedras no porão. Sem frete. Parto em lastro.
— Tem passageiros?
— Sem passageiros. Jamais passageiros. Mercadoria que estorva e que discute.
— Seu navio anda bem?
— Entre onze a doze nós. O *Henrietta* é bem conhecido.
— Quer me transportar para Liverpool, a mim e três pessoas?
— Para Liverpool? Porque não para a China?
— Digo Liverpool.
— Não!
— Não?
— Não. Estou de partida para Bordeaux, e vou para Bordeaux.
— Não importa o preço?
— Não importa o preço.
O capitão tinha falado com um tom que não admitia réplica.
— Mas os armadores do *Henrietta*... retomou Phileas Fogg.
— Os armadores, sou eu, respondeu o capitão. O navio me pertence.
— Eu freto!
— Não.
— Eu compro.
— Não.
Phileas Fogg nem pestanejou. Entretanto a situação era grave. Não estava sendo em Nova York como tinha

sido em Hong Kong; nem com o capitão do *Henrietta* como tinha sido com o patrão da *Tankadère*. Até então o dinheiro do gentleman tinha dado conta dos obstáculos. Mas desta vez o dinheiro falhava.

Entretanto, era preciso encontrar o meio de atravessar o Atlântico de navio — a menos que fosse atravessado de balão — o que seria muito arriscado, e, além disso, irrealizável.

Pareceu, contudo, que Phileas Fogg teve uma idéia, porque disse ao capitão:

— Pois bem, quer me levar até Bordeaux?

— Não, nem que me pagasse cem dólares!

— Ofereço dois mil.

— Por pessoa?

— Por pessoa.

— E são quatro?

— Quatro.

O capitão Speedy começou a coçar a testa, como se quisesse arrancar-lhe a epiderme. Ganhar oito mil dólares, sem alterar a viagem, aí estava uma coisa pela qual valia a pena pôr de lado sua antipatia declarada por qualquer espécie de passageiro. Passageiros a dois mil dólares, ademais, já não são passageiros, são mercadoria preciosa.

— Parto às nove horas, disse simplesmente o capitão Speedy, com o senhor e os seus, se estiverem aqui...

— Às nove horas, estaremos no navio! respondeu não menos simplesmente Phileas Fogg.

Eram oito e meia. Desembarcar do *Henrietta*, subir para um veículo, dirigir-se ao hotel Saint-Nicolas, trazer Mrs. Aouda, Passepartout, e até o inseparável Fix, a quem graciosamente ofereceu passagem, tudo isso foi feito pelo gentleman com a calma que não o abandonava

em nenhuma circunstância.

No momento em que o *Henrietta* aparelhava, todos os quatro estavam a bordo.

Quando Passepartout soube quanto custaria esta última travessia, soltou um desses “Oh!” prolongados, que percorrem todas os intervalos da escala cromática descendente!

Quanto ao inspetor Fix, disse consigo que decididamente o Banco da Inglaterra não sairia incólume deste negócio. Com efeito; chegando e admitindo que o senhor Fogg não lançasse mais alguns punhados ao mar, mais de sete mil libras (175.000 F) faltariam na sacola de bank-notes.

CAPÍTULO XXXIII

EM QUE PHILEAS FOGG SE MOSTRA À ALTURA DAS CIRCUNSTÂNCIAS

Uma hora depois, o vapor *Henrietta* ultrapassava o farol que sinaliza a entrada do Hudson, dobrava a ponta de Sandy Hook e dava ao mar. Durante a jornada, costeou Long Island, ao largo das luzes de Fire Island, e correu rapidamente para leste.

No dia seguinte, 13 de dezembro, ao meio dia, um homem subiu ao convés para determinar as coordenadas. Supõem, por certo, que este homem era o capitão Speedy! Nada disso. Era Phileas Fogg, esq.

Quanto ao capitão Speedy, estava fechado e bem fechado à chave no seu camarote, e soltava uivos que denotavam uma cólera, bem perdoável, levada ao paroxismo.

O que tinha acontecido era muito simples. Phileas Fogg queria ir a Liverpool, o capitão não quis conduzi-lo para lá. Então Phileas Fogg tinha aceitado comprar passagem para Bordeaux, e, nas trinta horas que esteve no navio, tinha manobrado tão bem recorrendo às suas bank-notes, que a tripulação, marinheiros e fogueiros — tripulação um pouco contrabandista, que estava em péssimos termos com o capitão — lhe pertencia. Eis por quê Phileas Fogg comandava em lugar do capitão Speedy, por quê o capitão estava trancado no camarote, e por quê enfim o *Henrietta* se dirigia para Liverpool. E bastava, era evidente, ver Mr. Fogg manobrar, para

saber que Mr. Fogg tinha sido marujo.

E agora, como acabaria a aventura, é o que mais tarde se saberá. Contudo, Mrs. Aouda não deixava de se sentir inquieta, apesar de nada dizer. Fix, esse, tinha ficado estupefato a princípio. Quanto a Passepartout, achava simplesmente adorável.

— Entre onze a doze nós, tinha dito o capitão Speedy, e com efeito o *Henrietta* se mantinha nesta média de velocidade.

Se, pois — que ainda havia "se"! — se, pois, o mar não ficasse muito ruim, se o vento não saltasse para leste, se não sucedesse nenhuma avaria ao barco, nenhum acidente à máquina, o *Henrietta*, nos nove dias contados de 12 de dezembro a 21, poderia atravessar as três mil milhas que separam Nova York de Liverpool. É verdade que uma vez lá, o negócio do *Henrietta* somando-se ao do Banco, poderia levar o gentleman um pouco mais longe de onde queria.

Durante os primeiros dias, a navegação se fez em excelentes condições. O mar não estava muito duro; o vento parecia fixo a nordeste; largaram-se as velas, e, sob suas goletas, o *Henrietta* andou como um verdadeiro transatlântico.

Passepartout estava encantado. A última proeza de seu patrão, da qual não queria ver as conseqüências, o entusiasmou. Jamais a tripulação vira um rapaz mais alegre, mais ágil. Fazia mil gentilezas para os marinheiros e os assombrava por suas piruetas de malabarista. Com prodigalidade lhes dava os melhores nomes e as bebidas mais atraentes. Para ele, manobravam como gentlemen, e os fogueiros atiçavam as fornalhas como uns heróis. Seu bom humor, muito comunicativo, contagiava todos. Esquecera o passado, os

aborrecimentos, os perigos. Só pensava na meta da viagem, tão próxima, e às vezes ardia de impaciência como se tivesse sido aquecido nas fornalhas do *Henrietta*. Muitas vezes também, o digno rapaz rodeava Fix; o olhava com olho "que se diria comprido"! mas não lhe falava, porque já não existia nenhuma intimidade entre os dois antigos amigos.

Demais, Fix, cumpre dizer, já não compreendia nada! A conquista do *Henrietta*, a compra de sua tripulação, aquele Fogg manobrando como um marinheiro consumado, todo este conjunto de coisas o aturdia. Não sabia mais o que pensar! Mas, afinal, um gentleman que começava roubando cinqüenta e cinco mil libras podia muito bem acabar por roubar uma embarcação. E Fix foi naturalmente levado a crer que o *Henrietta*, dirigido por Fogg, não iria de jeito nenhum para Liverpool, mas para algum ponto do mundo onde o ladrão, agora pirata, se poria tranqüilamente em segurança! Esta hipótese, devemos confessar, não poderia ser mais plausível, e o detetive começava a arrepender-se muito seriamente de ter embarcado nessa.

Quanto ao capitão Speedy, continuava a uivar no camarote, e Passepartout, encarregado de lhe levar alimentos, não o fazia, apesar de ser muito vigoroso, sem as maiores precauções. Mr. Fogg, esse, nem mesmo parecia duvidar que houvesse um capitão a bordo.

No dia 13, passaram pela extremidade da Terra Nova. São más paragens. Durante o inverno sobretudo, os nevoeiros são freqüentes, os furacões temíveis. Desde a véspera, o barômetro, que baixara repentinamente, fazia pressentir uma mudança próxima na atmosfera. Com efeito, durante a noite, a temperatura se modificou, o frio tornou-se mais intenso, e ao mesmo tempo o vento

rodou para sudeste.

Era um contratempo. Mr. Fogg, para não se afastar de sua rota, teve de ferrar as velas e forçar o vapor. Contudo, o andamento do navio foi diminuindo, tendo em conta o estado do mar, cujas imensas ondas quebravam contra a roda de proa. O navio começou a arfar violentamente, em prejuízo da sua velocidade. O vento virava pouco a pouco furacão, e já se previa o momento em que o *Henrietta* não pudesse mais se manter sobre as ondas. Ora, se fosse preciso fugir diante do temporal, surgiria o desconhecido com todas as suas conseqüências.

O semblante de Passepartout carregou-se ao mesmo tempo que o céu, e, por dois dias, o excelente moço passou por transes mortais. Mas Phileas Fogg era um marinheiro ousado, que sabia resistir ao mar, e continuou o seu caminho sem sequer diminuir o vapor. O *Henrietta*, quando não podia levantar-se sobre a vaga, atravessava-a, o mar varria-lhe o convés, mas passava. Por vezes a hélice emergia, agitando suas pás no ar vertiginosamente, quando alguma montanha de água levantava sua popa para fora da superfície da água. Porém, o navio ia sempre em frente.

Contudo o vento não soprou tão forte quanto poderiam ter esperado. Não se tornou um deste tufões que passam a uma velocidade de noventa milhas por hora. Soprou suportavelmente, mas infelizmente soprou com obstinação do sudeste e não permitiu que se largasse o pano. E contudo, como veremos, teria sido muito útil que tivesse vindo em auxílio do vapor.

Dia 16 de dezembro, era o septagésimo quinto desde a partida de Londres. Em resumo, o *Henrietta* não tinha ainda um atraso inquietante. Metade da travessia, mais

ou menos, já estava feita, e as piores paragens tinham sido vencidas. No verão, poderiam ter tido certeza de sucesso. No inverno, estavam à mercé do mau tempo. Passepartout não emitia sua opinião. No fundo, tinha esperanças, e, se faltasse vento, punha fé no vapor.

Ora, naquele dia, o maquinista tendo subido à coberta, encontrou Mr. Fogg e falou acaloradamente com ele.

Sem saber bem porque — por um pressentimento sem dúvida — Passepartout experimentou uma vaga inquietação. Teria dado uma de suas orelhas para ouvir com a outra o que era dito. Contudo, pôde apanhar algumas palavras, pronunciadas por seu patrão:

— Tem certeza do que disse? perguntou Mr. Fogg.

— Certeza absoluta, senhor, respondeu o maquinista. Não se esqueça de que, desde nossa partida, temos tido as fornalhas sempre acesas, e que se temos suficiente carvão para ir a pouco vapor de Nova York a Bordeaux, não temos o bastante para ir a todo o vapor de Nova York a Liverpool.

— Pensarei nisso, respondeu Mr. Fogg.

Passepartout tinha compreendido. Ficou mortalmente inquieto.

Ia faltar carvão!

— Ah! se meu patrão passa por esta, disse ele consigo, ficará famoso!

E tendo encontrado Fix, não conseguiu se conter de colocá-lo a par da situação.

— Pois então, lhe respondeu o agente com os dentes cerrados, julga mesmo que vamos para Liverpool!

— Claro que sim!

— Imbecil! respondeu o inspetor, que se afastou, encolhendo os ombros.

Passepartout esteve a ponto de fazê-lo engolir o qualificativo, cujo sentido verdadeiro não podia aliás compreender; mas disse para si que o infortunado Fix deveria estar muito desapontado, muito humilhado em seu amor próprio, depois de ter tão atabalhoadamdente seguido uma pista falsa em redor do mundo, e desculpou-o.

E agora que decisão iria tomar Phileas Fogg? Era difícii de imaginar! Entretanto pareceu que o fleumático gentleman tinha tomado uma, porque naquela mesma tarde mandou chamar o maquinista, e lhe disse:

— Atice o fogo e vá em frente até acabar completamente o combustível.

Instantes depois, a chaminé do *Henrietta* vomitava turbilhões de fumaça.

O navio continuou assim a andar a todo vapor; mas, como tinha sido avisado, dois dias mais tarde, dia 18, o maquinista fez saber que o carvão acabaria naquele dia.

— Que não deixem o fogo baixar, respondeu Mr. Fogg. Pelo contrário. Abram as válvulas.

Naquele dia, por volta do meio dia, depois de ter tomado a altura do sol, e calculado a posição do navio, Phileas Fogg fez vir Passepartout, e deu-lhe a ordem de ir buscar o capitão Speedy. Era como se tivessem mandado o bom moço desacorrentar um tigre, e ele desceu ao tombadilho, se dizendo:

— Positivamente ficará raivoso!

Com efeito, alguns minutos mais tarde, em meio a gritos e pragas, uma bomba chegava ao tombadilho. Esta bomba, era o capitão Speedy. E era evidente que ela iria explodir.

— Onde estamos? tais foram as primeiras palavras que pronunciou no meio das sufocações de cólera, e se

não ficasse apoplético, jamais ficaria.

— Onde estamos? repetiu, a face congestionada.

— A setecentas e setenta milhas de Liverpool (300 léguas), respondeu Mr. Fogg com uma calma imperturbável.

— Pirata! exclamou Andrew Speedy.

— Mandei-o chamar, senhor...

— Corsário!

— ...senhor, retomou Phileas Fogg, para pedir que me venda o seu navio.

— Não! por todos os diabos, não!

— É que vou ser obrigado a queimá-lo.

— Queimar meu navio!

— Sim, pelo menos seus altos, porque estamos sem combustível.

— Queimar meu navio! gritou o capitão Speedy, que já nem podia mais sequer pronunciar as sílabas. Um navio que vale cinqüenta mil dólares (250.000 F).

— Aqui tem sessenta mil (300.000 F)! respondeu Phileas Fogg, oferecendo ao capitão um maço de bank-notes.

Isso teve um efeito mágico sobre Andrew Speedy. Não se é americano sem que a visão de sessenta mil dólares lhe cause uma certa emoção. O capitão esqueceu em um instante sua cólera, sua encarceramento, todos as queixas contra seu passageiro. O navio tinha vinte anos. Aquilo poderia vir a ser uma mina de ouro!... A bomba não poderia mais explodir. Mr. Fogg arrancara seu estopim.

— E o casco de ferro ficará para mim, disse em um tom singularmente doce.

— O casco de ferro e a máquina, senhor. Fechado?

— Fechado.

E Andrew Speedy, pegando o maço de bank-notes, contou e embolsou.

Durante esta cena, Passepartout estava lívido. Quanto a Fix, quase que teve um enfarto. Quase vinte mil libras gastas, e ainda por cima este Fogg abandonava ao vendedor o casco e a máquina, isto é, quase o valor total do navio! É bem verdade que a quantia roubada do Banco era de cinqüenta e cinco mil libras!

Quando Andrew Speedy tinha embolsado o dinheiro:

— Senhor, disse Mr. Fogg, que tudo isso não lhe cause admiração. Saiba que perco vinte mil libras se não estiver em Londres dia 21 de dezembro, às oito e quarenta e cinco da noite. Ora, perdi o paquete de Nova York, e como se recusava a me levar a Liverpool...

— E fiz bem, pelos cinqüenta mil diabos do inferno, exclamou Andrew Speedy, pois com isso ganhei pelo menos quarenta mil dólares.

Depois, mais pausadamente:

— Sabe uma coisa, acrescentou, capitão?...

— Fogg.

— Capitão Fogg, pois bem, há um yankee no senhor.

E depois de ter feito ao seu passageiro o que ele julgava um comprimento, ia embora, quando Phileas Fogg lhe disse:

— Agora este navio me pertence?

— Claro, da quilha até à ponta dos mastros; tudo o que for madeira, claro.

— Bem. Faça demolir as divisões internas e aquecer a caldeira com os destroços.

Imaginem o que foi preciso consumir de madeira seca para conservar o vapor com suficiente pressão. Naquele dia, o tombadilho, os camarotes de convés, as cabinas, os alojamentos, a falsa coberta, tudo foi abaixo.

No dia seguinte, 19 de dezembro, queimou-se a mastreação, as peças de substituição, as antenas. Abateram-se os mastros, foram cortados a machadadas. Passepartout, rachando, cortando, serrando, fazia o trabalho de dez homens. Era um furor de demolição.

No dia seguinte, 20, os pavezes, as obras mortas, e a maior parte da coberta foram devorados. O *Henrietta* não era mais que uma embarcação rasa como um pontão.

Mas, nesse dia, foi avistada a costa da Irlanda e as luzes de Fastenet.

Contudo, às dez horas, o navio estava ainda na altura de Queenstown. Phileas Fogg não tinha mais de vinte e quatro horas para chegar a Londres! Ora, era o tempo necessário para o *Henrietta* chegar a Liverpool — mesmo navegando a todo o vapor. E o vapor iria faltar afinal ao audacioso gentleman.

— Senhor, disse então o capitão Speedy, que tinha acabado se interessando por seus projetos, lamento de verdade. Tudo está contra si! Não estamos senão diante de Queenstown.

— Ah! exclamou Mr. Fogg, é Queenstown, esta cidade de que vemos as luzes é Queenstown?

— Sim.

— Podemos entrar no porto?

— Não antes das três. Só com maré cheia.

— Esperemos! respondeu tranqüilamente Phileas Fogg, sem revelar em seu rosto que, por uma suprema inspiração, iria tentar mais uma vez vencer a sorte adversa!

Com efeito, Queenstown é um porto da costa da Irlanda na qual os transatlânticos que vêm dos Estados Unidos deixam na passagem as suas malas postais. As cartas são levadas a Dublin por expressos sempre

prontos para partir. De Dublin chegam a Liverpool por vapores de grande velocidade — precedendo em doze horas os barcos mais rápidos das companhias marítimas.

Estas doze horas que assim ganhava o correio da América, Phileas Fogg pretendia também ganhá-las. Em lugar de chegar no *Henrietta*, no dia seguinte à tarde, em Liverpool, chegaria ao meio dia, e, por conseguinte, teria tempo para estar em Londres antes das oito horas e quarenta e cinco minutos da noite.

Pela uma da madrugada, o *Henrietta* entrou com o mar alto no porto de Queenstown, e Phileas Fogg, depois de ter recebido um vigoroso aperto de mão do capitão Speedy, deixava-o no casco arrasado do seu navio, que ainda valia a metade do que tinha vendido!

Os passageiros desembarcaram depressa. Fix, neste momento, teve um desejo feroz de deter o senhor Fogg. Mas não o fez! Por quê? Que combate se travava nele? Teria mudado de idéias a respeito de Mr. Fogg? Compreendera afinal que se enganara? Tadavia, Fix não abandonou Mr. Fogg. Com ele, com Mrs. Aouda, com Passepartout, que já nem gastava o tempo para respirar, subiu no trem de Queenstown à uma e meia da madrugada, chegou a Dublin com o dia nascendo, e embarcou logo num desses vapores — verdadeiros fusos de aço, só movidos por máquinas — que desdenhando elevar-se sobre as ondas, passam invariavelmente através delas.

Ao meio dia menos vinte, em 21 de dezembro, Phileas Fogg desembarcou afinal no cais de Liverpool. Não estava a mais de seis horas de Londres.

Mas neste momento, Fix se aproximou, pôs a mão no seu ombro, e, exibindo seu mandado:

— É o senhor Phileas Fogg? disse ele.
— Sim, senhor.
— Eu o prendo, em nome da Rainha!

CAPÍTULO XXXIV

QUE PROPORCIONA A PASSEPARTOUT A OPORTUNIDADE DE FAZER UM TROCADILHO INFAME, MAS TALVEZ INÉDITO

Phileas Fogg estava na prisão. Tinham-no trancafiado no posto policial da Custom House, a alfândega de Liverpool, e aí deveria passar a noite esperando ser transferido para Londres.

No momento da detenção, Passepartout tinha tentado se precipitar sobre o detetive. Os policemen impediram. Mrs. Aouda, aterrada pela brutalidade do fato, nada sabendo, nada compreendia. Passepartout lhe explicou a situação. Mr. Fogg, este honesto e corajoso gentleman, ao qual ela devia a vida, estava preso como ladrão. A jovem protestou contra tal alegação, seu coração se indignou, e as lágrimas correram de seus olhos, quando viu que nada podia fazer, nada tentar, para salvar seu salvador.

Quanto a Fix, tinha prendido o gentleman porque seu dever lhe comandava prendê-lo, fosse culpado ou não. A justiça decidiria.

Mas então um pensamento veio a Passepartout, o pensamento terrível de que ele era decididamente a causa do toda aquela desgraça! Com efeito, por quê tinha ocultado o que se passava de Mr. Fogg? Quando Fix tinha se revelado, revelado sua qualidade de inspetor de polícia e a missão de que tinha sido encarregado, por quê tinha decidido não avisar o patrão? Este, prevenido, teria sem dúvida dado a Fix provas de sua inocência;

teria demostrado seu erro; em todo o caso, não teria levado às suas custas e nas suas costas este mal agradecido agente, cujo primeiro cuidado tinha sido prendê-lo, no momento em que punha o pé no solo do Reino Unido. Ao pensar em suas faltas, em suas imprudências, o pobre rapaz era tomado de irresistíveis remorsos. Chorava, dava pena vê-lo. Queria dar com a cabeça na parede!

Mrs.Apesar e ele tinham ficado, apesar do frio, no peristilo da alfândega. Não queriam nem um nem a outra deixar o lugar. Desejavam rever ainda uma vez Mr. Fogg.

Quanto a este gentleman, estava bem e em regra arruinado, e justo no momento em que ia alcançar seu objetivo. Esta detenção o perdia irrevogavelmente. Tendo chegado ao meio dia menos vinte em Liverpool, dia 21 de dezembro, tinha até as oito horas e quarenta e cinco minutos para se apresentar no Reform Club, ou seja nove horas e quinze minutos — e não precisaria mais de seis para chegar a Londres.

Neste momento, quem tivesse penetrado no posto policial da alfândega, teria encontrado Mr. Fogg, imóvel, sentado num banco dê madeira, sem cólera, imperturbável. Resignado, não sabemos, mas este último golpe não o tinha podido emocionar, pelo menos aparentemente. Teria se formado nele uma dessas tempestades secretas, terríveis porque são reprimidas, e que não eclodem senão no último momento com uma força irresistível? Não sabemos. Mas Phileas Fogg estava ali, calmo, aguardando... o quê? Conservaria alguma esperança? Confiaria ainda no sucesso, quando a porta desta prisão estava trancada sobre ele?

Fosse como fosse, Mr. Fogg tinha cuidadosamente

posto seu relógio sobre uma mesa e olhava os ponteiros avançarem. Nem uma palavra escapava de seus lábios, mas seu olhar tinha uma fixidez ímpar.

Em todo caso, a situação era terrível, e, para quem não pudesse ler naquela consciência, ela se resumia assim:

Homem honesto, Phileas Fogg estava arruinado.

Homem desonesto, estava preso.

Teria então o pensamento de se salvar? Pensava em procurar se este posto apresentaria uma saída praticável? Pensava em fugir? Seríamos tentados a acreditar que sim, porque, em certo momento, inspecionou o quarto. Mas a porta estava solidamente fechada e as janelas guarnecidas de barras de ferro. Voltou a se sentar, e tirou da carteira o roteiro da viagem. Na linha que trazia estas palavras:

"21 do dezembro, sábado, Liverpool", acrescentou:

"80.° dia, 11 h 40 da manhã", e esperou.

Uma hora soou no relógio da Custom-house. Mr. Fogg constatou que o seu relógio estava dois minutos adiantado em relação a ele.

Duas horas! Admitindo que tomasse neste momento um expresso, poderia ainda chegar a Londres e ao Reform Club antes das oito e quarenta e cinco da noite. Sua testa enrugou-se ligeiramente...

Às duas e trinta e três, um barulho ressoou do lado de fora, um barulho tumultuoso de portas que se abriam. Ouviu-se a voz de Passepartout, ouviu-se a voz de Fix.

O olhar de Phileas Fogg brilhou um instante.

A porta do posto policial se abriu, e viu Mrs. Aouda, Passepartout, Fix, que se precipitaram para ele.

Fix estava sem fôlego, cabelos em desalinho... Não podia falar!

— Senhor, balbuciou, senhor... perdão... uma semelhança deplorável... Ladrão está preso há três dias... está... livre!...

Phileas Fogg estava livre! Foi até o detetive. Olhou diretamente para seu rosto, e, fazendo o único movimento rápido que jamais tinha feito em sua vida, recuou seus dois braços para trás, depois, com a precisão de um autômato, bateu com seus dois punhos no infeliz inspetor.

— Bem dado! exclamou Passepartout, que, se permitindo um infame trocadilho, bem digno de um francês, acrescentou:

— Cáspite! eis o que se pode chamar de um soco inglês bem aplicado!

Fix, derrubado, não pronunciou palavra. Levara o que tinha merecido. Mas de imediato Mr. Fogg, Mrs. Aouda, Passepartout deixaram a alfândega. Lançaram-se em um veículo, e, em alguns minutos, chegaram à estação de Liverpool.

Phileas Fogg perguntou se havia um expresso prestes a partir para Londres...

Eram duas e quarenta... O expresso tinha partido havia trinta e cinco minutos.

Phileas Fogg solicitou então um trem especial.

Havia diversas locomotivas a vapor de grande velocidade; mas, atendendo às exigências do serviço, o trem especial só poderia deixar a estação às três horas.

Às três horas, Phileas Fogg, depois de ter dito algumas palavras ao maquinista sobre uma certa gratificação, corria em direção a Londres, em companhia da jovem e do seu fiel servidor.

Era preciso percorrer em cinco horas e meia a distância que separa Liverpool de Londres — coisa muito

fácil quando a via está livre em todo o percurso. Mas houve atrasos forçados, e, quando o gentleman chegou à estação, nove horas menos dez soavam em todos os relógios de Londres.

Phileas Fogg, depois de ter dado a volta ao mundo, chegava com um atraso de cinco minutos!...

Tinha perdido.

CAPÍTULO XXXV

EM QUE PASSEPARTOUT NÃO PEDE PARA SEU PATRÃO REPETIR DUAS VEZES UMA ORDEM DADA

No dia seguinte, os moradores de Saville Row teriam ficado bem surpresos, se lhes tivessem dito que Mr. Fogg tinha voltado para casa. Portas e janelas, tudo estava fechado. Nenhuma mudança se tinha produzido exteriormente.

Com efeito, após ter deixado a estação, Phileas Fogg tinha mandado Passepartout comprar algumas provisões, e tinha voltado para casa.

O gentleman tinha recebido com sua impassividade habitual o golpe que o ferira. Arruinado! e por culpa deste inspetor de polícia trapalhão! Após ter caminhado a passos seguros durante um longo percurso, após ter ultrapassado mil obstáculos, arrostado mil perigos, tendo ainda tempo para fazer algum bem pelo caminho, morrer na praia por um fato brutal, que não poderia prever, e contra o qual estava desarmado: era terrível! Da soma considerável que tinha levado ao partir, só lhe restava um saldo insignificante. Sua fortuna era só as vinte mil libras depositadas no Baring Irmãos, e essas vinte mil libras, ele as devia aos seus colegas do Reform Club. Após tantas despesas, ganhar a aposta não o teria enriquecido sem dúvida, e é provável que não tivesse procurado se enriquecer — sendo desses homens que apostam por honra — mas a aposta perdida o arruinava totalmente. E mais, a decisão do gentleman estava

tomada. Sabia o que lhe restava fazer.

Um quarto da casa de Saville Row tinha sido reservado para Mrs. Aouda. A jovem estava desesperada. Por certas palavras pronunciadas por Mr. Fogg, compreendera que este meditava algum plano funesto.

Sabemos, com efeito, a que deploráveis extremos são levados às vezes esses ingleses monomaníacos sob a pressão de uma idéia fixa. Também Passepartout, sem parecer, vigiava seu patrão.

Mas, assim que chegou, o honesto rapaz tinha subido ao seu quarto e apagado o bico que brilhava há oitenta dias. Tinha encontrado na caixa do correio uma conta da companhia do gás, e pensou que era mais que tempo de parar com esta despesa pela qual era responsável.

A noite passou. Mr. Fogg tinha deitado, mas teria dormido? Quanto a Mrs. Aouda, não pôde ter um só instante de repouso. Passapartout, este, tinha vigiado como um cão à porta de seu patrão.

No dia seguinte, Mr. Fogg o chamou e recomendou-lhe, em termos muito breves, que cuidasse do almoço de Mrs. Aouda. Para ele, ele se contentaria com uma xícara de chá e uma torrada. Mrs. Aouda que o desculpasse no almoço e no jantar, porque todo seu tempo estaria consagrado a colocar em ordem seus negócios. Não desceria. À noite somente, e pedia a Mrs. Aouda permissão para encontrá-la por alguns instantes.

Passepartout, tendo recebido o programa do dia, tinha que se conformar com ele. Olhava seu patrão sempre impassível, e não podia se decidir a deixar o quarto. Seu coração estava aflito, sua consciência torturada por remorsos, porque se acusava mais que nunca deste irreparável desastre. Sim! se tivesse avisado Mr. Fogg, se lhe tivesse revelado os projeto do agente Fix, Mr. Fogg

não teria certamente arrastado o agente até Liverpool, e então...

Passepartout não pôde se conter.

— Meu patrão! senhor Fogg! exclamou, amaldiçoe-me. É por minha culpa que...

— Não acuso ninguém, respondeu Phileas Fogg no tom mais calmo. Vá.

Passepartout deixou o quarto e veio encontrar a jovem, à qual participou as intenções de seu patrão.

— Madame, acrescentou, por mim nada posso, nada! Não tenho nenhuma influência sobre o espírito de meu patrão. A senhora, talvez...

— Que influência teria, respondeu Mrs. Aouda. Mr. Fogg não sente influência alguma! Compreendeu alguma vez que o meu reconhecimento estava prestes a transbordar! Leu alguma vez em meu coração!... Meu amigo, é preciso não o deixar, um só instante. Disse que ele manifestou a intenção de falar comigo esta noite?

— Sim, madame. Trata-se sem dúvida de salvaguardar sua situação na Inglaterra.

— Esperemos, respondeu a jovem, que ficou toda pensativa.

Assim, durante todo o domingo, a casa de Saville Row esteve como se tivesse estado desabitada, e, pela primeira vez desde que morava nessa casa, Phileas Fogg não foi ao seu club, quando onze e meia soaram na torre do Parlamento.

E por quê este gentleman teria se apresentado ao Reform Club? Seus colegas já não o esperavam mais. Pois que, na véspera à noite, naquela data fatal do sábado dia 21 de dezembro, às oito horas e quarenta e cinco, Phileas Fogg não tendo aparecido no salão do Reform Club, sua aposta estava perdida. Nem era

necessário que fosse ao seu banqueiro retirar a soma de vinte mil libras. Seus adversários tinham em mãos um cheque assinado por ele, e bastaria um simples lançamento feito no Baring para que as vinte mil libras lhes fossem creditadas.

Mr. Fogg não tinha por quê sair, e não saiu. Ficou no seu quarto e pôs em ordem seus negócios. Passepartout não cessou de subir e descer a escada da casa de Saville Row. As horas não andavam para este pobre rapaz. Escutava à porta do quarto do patrão, e, fazendo isso, não julgava cometer a menor indiscrição! Olhava pelo buraco da fechadura, e imaginava ter esse direito! Passepartout temia a cada instante alguma catástrofe. Às vezes, pensava em Fix, mas uma reviravolta se tinha produzido em seu espírito. Não queria mais mal ao agente de polícia. Fix tinha se enganado como todo mundo a respeito de Phileas Fogg, e, seguindo-o, prendendo-o, não tinha feito mais que o seu dever, enquanto que ele... Esta idéia o oprimia, e ele se julgava o último dos miseráveis.

Quando, por fim, Passepartout se achava infeliz demais para ficar sozinho, batia à porta de Mrs. Aouda, entrava no quarto, sentava-se a um canto sem dizer palavra, e contemplava a jovem sempre pensativa.

Pelas sete e meia da noite, Mr. Fogg mandou perguntar a Mrs. Aouda se o podia receber, e alguns instantes depois, a jovem e ele estavam a sós no quarto.

Phileas Fogg pegou uma cadeira e sentou perto da lareira, de frente para Mrs. Aouda. Seu rosto não refletia nenhuma emoção. O Fogg do regresso era exatamente o Fogg da partida. Mesma calma, mesma impassibilidade.

Permaneceu sem falar por cinco minutos. Depois, erguendo os olhos para Mrs. Aouda:

— Madame, disse, me perdoa por tê-la trazido para a Inglaterra?

— Eu, Mr. Fogg!... respondeu Mrs. Aouda, comprimindo os batimentos de seu coração.

— Por favor, me deixe concluir, retomou Mr. Fogg. Quando tive o pensamento de levá-la para longe daquele país, que se tornara tão perigoso para si, era rico, e contava colocar uma parte da minha fortuna à sua disposição. Sua existência teria sido feliz e livre. Agora, estou arruinado.

— Eu sei, senhor Fogg, respondeu a jovem, e eu perguntarei do meu lado: Me perdoa por tê-lo seguido e — quem sabe? — ter talvez, o atrasando, contribuído para a sua ruína?

— Madame, não podia ficar na Índia, e sua salvação só estaria assegurada se se afastasse o suficiente para que aqueles fanáticos não a pudessem recapturar.

— Assim, senhor Fogg, retomou Mrs. Aouda, não contente de me livrar de uma morte horrível, se sentiu obrigado a assegurar minha posição no estrangeiro?

— Sim, madame, respondeu Fogg, mas os acontecimentos se viraram contra mim. Entretanto, do pouco que me resta, peço licença para dispor a seu favor.

— Mas, senhor Fogg, o senhor, que será feito do senhor? perguntou Mrs. Aouda.

— Eu, madame, respondeu friamente o gentleman, eu não preciso de nada.

— Mas como, senhor, encara a sorte que o espera?

— Como convém encarar, respondeu Mr. Fogg.

— Em todo caso, retomou Mrs. Aouda, a miséria não saberia alcançar um homem como o senhor. Seus amigos...

— Não tenho amigos, madame.

— Seus parentes...

— Já não tenho parentes.

— Eu o lamento então, senhor Fogg, porque o isolamento é coisa triste. Imagine! nem um coração onde lançar suas máguas. Dizem contudo que a dois a própria miséria é ainda suportável.

— Dizem, madame.

— Senhor Fogg, disse então Mrs. Aouda, que se levantou e estendeu sua mão para o gentleman, quer ao mesmo tempo uma parente e uma amiga? Me quer para sua mulher?

Mr. Fogg, a esta palavra, tinha também se levantado. Tinha um brilho não usual nos olhos, um tremor nos lábios. Mrs. Aouda o olhava. A sinceridade, a retidão, a firmeza e a doçura deste belo olhar de uma nobre mulher que tudo ousa para salvar aquele a quem tudo deve, o espantaram a princípio, depois o comoveram. Fechou os olhos por um instante, como que para evitar que aquele olhar lhe penetrasse mais fundo... Quando os reabriu:

— Eu a amo! disse simplesmente. Sim, na verdade, por tudo o que há de mais sagrado no mundo, eu a amo, e sou todo seu!

— Ah!... exclamou Mrs. Aouda, levando sua mão ao coração.

Passepartout foi chamado. Veio imediatamente. Mr. Fogg tinha ainda em sua mão a mão de Mrs. Aouda. Passepartout compreendeu, e seu grande rosto radiou como o sol no zênite das regiões tropicais.

Mr. Fogg lhe perguntou se não seria muito tarde para ir avisar o reverendo Samuel Wilson, da paróquia de MaryleBone.

Passepartout sorriu o seu melhor sorrir.

— Nunca muito tarde, disse.

Eram só oito e cinco.

— Será amanhã, segunda feira! disse.

— Amanhã, segunda feira? perguntou Mr. Fogg olhando a jovem.

— Amanhã, segunda feira! respondeu Mrs. Aouda. Passepartout saiu, correndo.

CAPÍTULO XXXVI

EM QUE PHILEAS FOGG VOLTA A SUBIR NO MERCADO

É tempo de dizer aqui que reviravolta de opinião tinha acontecido no Reino Unido, quando se soube da prisão do verdadeiro ladrão do Banco — um certo James Strand — prisão que tinha acontecido em 17 de dezembro, em Edimburg.

Três dias antes, Phileas Fogg era um criminoso que a polícia perseguia de todo jeito, e agora era o mais honesto gentleman, que realizava matematicamente sua excêntrica viagem ao redor do mundo.

Que efeito, que repercussão nos jornais! Todos os apostadores a favor ou contra, que tinham já esquecido este caso, resuscitaram como por magia. Todas as transações voltavam a ter valor. Todos os comprometimentos reviviam, e, é preciso dizer, as apostas recomeçavam com uma nova energia. O nome de Phileas Fogg foi novamente preferencial no mercado.

Os cinco colegas do gentleman, no Reform Club, passaram estes três dias em uma certa inquietação. Phileas Fogg, que eles tinham esquecido, reaparecia a seus olhos! Onde estaria neste momento? Em 17 de dezembro — dia em que James Strand foi preso — havia setenta e sete dias que Phileas Fogg tinha partido, e nenhuma notícia dele! Teria sucumbido? Teria renunciado à luta, ou continuaria seu caminho seguindo o roteiro combinado? E sábado 21 de dezembro, às oito e quarenta e cinco da noite, iria aparecer, como o deus da

exatidão, sobre a soleira do salão do Reform Club?

Temos que renunciar a pintar a ansiedade em que, durante três dias, viveu todo este mundo da sociedade inglesa. Expediram-se despachos para a América, para a Ásia, para se ter notícias de Phileas Fogg! Mandaram vigiar de manhã à noite a casa de Saville Row... Nada. A própria polícia não sabia mais o que tinha acontecido ao detetive Fix, que se tinha tão atabalhoadamente lançado sobre uma falsa pista. O que não impediu que se fizessem novas apostas em maior escala. Phileas Fogg, como um cavalo de corrida, chegava à última rodada. Não o cotavam mais a cem, mas a vinte, a dez, a cinco, e o velho paralítico, lord Albermale, esse, ao par.

Assim, sábado à noite, havia multidão em Pall Mall e nas ruas visinhas. Era como que uma imensa aglomeração de corretores, estabelecidos permanentemente nas proximidades do Reform Club. A circulação estava impedida. Discutiam, disputavam, apregoavam os "Phileas Fogg" como títulos dos fundos ingleses. Os policemen tinham muita dificuldade em conter os populares, e à medida em que se aproximava a hora em que Phileas Fogg deveria chegar, a emoção tomava proporções inacreditáveis.

Nesta noite, os cinco colegas do gentleman estavam reunidos desde as nove da manhã no grande salão do Reform Club. Os dois banqueiros, John Sullivan e Samuel Fallentin, o engenheiro Andrew Stuart, Gauthier Ralph, administrador do Banco da Inglaterra, o cervejeiro Thomas Flanagan, todos esperavam com ansiedade.

No momento em que o relógio do grande salão marcou oito e vinte e cinco, Andrew Stuart, levantando-se, disse:

— Senhores, em vinte minutos o prazo combinado

entre Mr. Phileas Fogg e nós terá expirado.

— A que horas chegou o último trem de Liverpool? perguntou Thomas Flanagan.

— Às sete e vinte e três, respondeu Gauthier Ralph, e o trem seguinte só chega à meia noite e dez.

— Ora, senhores, retomou Andrew Stuart, se Phileas Fogg tivesse chegado pelo trem das sete e vinte e três, já estaria aqui. Podemos pois considerar a aposta como ganha.

— Esperemos, não nos pronunciemos, respondeu Samuel Fallentin. Sabe que o nosso colega é um excêntrico de primeira. Sua exatidão é bem conhecida. Não chega jamais nem muito tarde nem muito cedo, e se aparecesse aqui no último minuto, eu não ficaria nada surpreso.

— E eu, disse Andrew Stuart, que estava, como sempre, muito nervoso, eu veria e não acreditaria.

— Com efeito, retomou Thomas Flanagan, o projeto de Phileas Fogg era insensato. Qualquer que fosse sua exatidão, não poderia impedir os atrasos inevitáveis de se produzirem, e um atraso de dois ou três dias somente bastariam para comprometer sua viagem.

— Devem notar, além disso, acrescentou John Sullivan, que não recebemos nenhuma notícia de nosso colega, e entretanto os fios telegráficos não faltavam no seu percurso.

— Perdeu, senhores, retomou Andrew Stuart, cem vezes perdeu! Sabem, além disso, que o China — o único paquete de Nova York que ele poderia ter pego para chegar a Liverpool em tempo hábil — chegou ontem. Ora, eis a lista dos passageiros, publicada pela *Shipping Gazette*, e o nome Phileas Fogg não figura nela. Admitindo as possibilidades as mais favoráveis, nosso

colega está apenas na América. Avalio em vinte dias, pelo menos, o atraso que sofrerá em relação à data combinada, e o velho lord Albermale sofrerá, ele também, por suas cinco mil libras!

— É evidente, exclamou Gauthier Ralph, e amanhã só teremos que apresentar no Baring Irmãos o cheque de Mr. Fogg.

Neste momento o relógio do salão soou oito e quarenta.

— Ainda cinco minutos, disse Andrew Stuart.

Os cinco colegas se entreolharam. Podemos supor que os batimentos de seus corações tivessem sofrido uma pequena aceleração, porque afinal, mesmo para excelentes jogadores, a partida era forte! Mas nada queriam deixar transparecer, porque, por proposta de Samuel Fallentin, sentaram-se a uma mesa de jogo.

— Não daria minha parte de quatro mil libras na aposta, disse Andrew Stuart, sentando-se, nem mesmo se me oferecessem três mil novecentos e noventa e nove!

O ponteiro marcava, neste momento, oito e quarenta e dois.

Os jogadores tinham pego as cartas, mas, a cada instante, seus olhares se voltavam para o relógio. Podemos afirmar que, qualquer que fosse sua segurança, jamais minutos lhes tinham parecido tão longos!

— Oito e quarenta e três, disse Thomas Flanagan, cortando as cartas que lhe apresentava Gauthier Ralph.

Depois um minuto de silêncio se fez. O vasto salão do club estava tranqüilo. Mas, lá fora, ouviu-se a barulheira da multidão, em que dominavam às vezes gritos agudos. O pêndulo do relógio marcava os segundos com uma regularidade matemática. Cada jogador poderia contar as divisões sexagesimais que feriam seus ouvidos.

— Oito e quarenta e quatro! disse John Sullivan numa voz em que se percebia uma emoção involuntária.

Não mais que um minuto, e a aposta estaria ganha. Andrew Stuart e seus colegas não jogavam mais. Tinham abandonado as cartas! Contavam os segundos!

Ao quadragésimo segundo, nada. Ao quinquagésimo, nada ainda!

Ao quinquagésimo quinto segundo, ouviram uma espécie de trovoada lá fora, aplausos, hurrahs, e até imprecações, que se propagaram em maremoto contínuo.

Os jogadores se levantaram.

Ao quinquagésimo sétimo segundo, a porta do salão se abriu, e o pêndulo não tinha marcado o sexagésimo segundo, quando Phileas Fogg apareceu, seguido por uma multidão em delírio que tinha forçado a entrada do club, e com a sua voz calma:

— Aqui estou, senhores, disse.

CAPÍTULO XXXVII

EM QUE FICA PROVADO QUE PHILEAS FOGG NADA GANHOU FAZENDO A VOLTA AO MUNDO, A NÃO SER A FELICIDADE

Sim! Phileas Fogg em pessoa.

Devemos nos lembrar de que às oito horas da noite — vinte e cinco horas mais ou menos depois da chegada dos viajantes a Londres — Passepartout tinha sido encarregado por seu patrão de avisar o reverendo Samuel Wilson a respeito de certo casamento que deveria se realizar no dia seguinte mesmo.

Passepartont tinha então partido, encantado. Ele se dirigiu a passos rápidos à residência do reverendo Samuel Wilson, que ainda não tinha voltado. Naturalmente, Passepartout esperou, mas esperou uns vinte bons minutos pelo menos.

Resumindo, eram oito horas e trinta e cinco quando saiu da casa do reverendo. Mas em que estado! Os cabelos em desordem, sem chapéu, correndo, correndo como nunca se viu ninguém correr, derrubando os que passavam, se precipitando como um vendaval sobre as calçadas!

Em três minutos, estava de volta à casa de Saville Row, e tombou, sem ar, no quarto de Mr. Fogg.

Não podia falar.

— Que aconteceu? perguntou Mr. Fogg.

— Meu patrão... balbuciou Passepartout, casamento... impossível.

— Impossível?

— Impossível... para amanhã.
— Por quê?
— Porque amanhã... é domingo!
— Segunda, respondeu Mr. Fogg.
— Não... hoje... sábado.
— Sábado? Impossível!
— É, é, é, é! exclamou Passepartout. Enganou-se em um dia! Chegamos vinte e quatro horas antes... mas não restam mais que dez minutos!...

Passepartout tinha agarrado seu patrão pelo colete, e o arrastava com uma força irresistível.

Phileas Fogg, assim levado, sem ter tempo para refletir, deixou seu quarto, deixou sua casa, saltou para um cab, prometeu cem libras ao cocheiro, e após ter esmagado dois cães e colidido com cinco veículos, chegou ao Reform Club.

O relógio marcava oito horas quarenta e cinco, quando apareceu no grande salão.

Phileas Fogg tinha completado a volta ao mundo em oitenta dias!...

Phileas Fogg tinha ganho sua aposta de vinte mil libras!

E agora, como é que um homem tão exato, tão meticuloso, tinha podido cometer este erro de dia? Como se acreditava no sábado à noite, 21 de dezembro, ao desembarcar em Londres, quando estava na sexta, 20 de dezembro, setenta e nove dias somente após sua partida?

Eis a razão deste erro. Bem simples.

Phileas Fogg tinha, “sem dúvida” ganho um dia sobre seu itinerário — e isto unicamente porque tinha feito a volta ao mundo indo para leste, e teria, pelo contrário, perdido este dia indo em sentido inverso, ou seja para

oeste.

Com efeito, andando para o leste, Phileas Fogg ia à frente do sol, e, por conseguinte os dias diminuíam para ele tantas vezes quatro minutos quanto os graus que percorria naquela direção. Ora, temos trezentos e sessenta graus na circunferência terrestre, e estes trezentos e sessenta graus, multiplicados por quatro minutos, dão precisamente vinte e quatro horas — isto é, o dia inconscientemento ganho. Em outros termos, enquanto Phileas Fogg, andando para leste, viu o sol passar *oitenta vezes* pelo meridiano, seus colegas que tinham ficado em Londres só o viram passar *setenta e nove* vezes. Eis porque, naquele dia, que era sábado e não domingo, como supunha Mr. Fogg, eles o esperaram no salão do Reform Club.

E é o que o famoso relógio de Passeportout — que tinha sempre conservado a hora de Londres — teria constatado se, ao mesmo tempo que os minutos e as horas, tivesse marcado os dias!

Phileas Fogg tinha portanto ganho as vinte mil libras. Mas como tinha gasto pelo caminho cerca de dezenove mil, o resultado pecuniário era medíocre. Todavia, e isso já foi dito, o excêntrico gentleman só tinha, nesta aposta, procurado a luta, não a fortuna. E mesmo, as mil libras restantes, as dividiu entre o honesto Passepartout e o infeliz Fix, a quem era incapaz de querer mal. Apenas, e por respeito às regras, descontou do seu servidor o preço das mii e novecentas horas do gás consumido por sua culpa.

Naquela mesma noite, Mr. Fogg, tão impassível, tão fleumático, dizia a Mrs. Aouda:

— O casamento ainda lhe convém, madame?

— Mr. Fogg, respondeu Mrs. Aouda, é a mim que cabe

fazer essa pergunta. Estava arruinado, agora está rico...

— Me desculpe, madame, esta fortuna lhe pertence. Se não tivesse tido a idéia do casamento, meu criado não teria ido à casa do reverendo Samuel Wilson, eu não teria sido avisado do meu erro, e...

— Querido senhor Fogg... disse a jovem.

— Querida Aouda... respondeu Phileas Fogg.

Como é fácil supor o casamento se realizou quarenta e oito horas mais tarde, e Passepartout, soberbo, resplandecente, deslumbrante, figurou como padrinho da jovem. Não a tinha salvo, não lhe deviam aquela honra?

Somente, no dia seguinte, ao alvorecer, Passepartout bateu com insistência na porta de seu patrão.

A porta se abriu, e o impassível gentleman apareceu.

— O que é que há, Passepartout?

— Isso, senhor! É que acabo de perceber agora há pouco...

— O quê?

— Que poderíamos ter feito a viagem a volta ao mundo em setenta e oito dias apenas.

— Sem dúvida, respondeu Mr. Fogg, não atravessando a Índia. Mas se eu não tivesse atravessado a Índia, não teria salvo Mrs. Aouda, ela não seria minha mulher, e...

E Mr. Fogg fechou tranqüilamente a porta.

Assim pois Phileas Fogg tinha ganho sua aposta. Tinha feito em oitenta dias a viagem ao redor do mundo! Tinha empregado para fazê-la todos os meios de transporte, paquetes, railways, carruagens, iates, navios mercantes, trenós, elefante. O excêntrico gentleman tinha desenvolvido nesta empresa suas maravilhosas qualidades de sangue frio e de exatidão. Mas afinal? O que tinha ganho neste deslocamento? O que alcançara

com esta viagem?

Nada, diriam? Nada, vá lá, a não ser uma sedutora mulher, que — por mais inverosímil que possa parecer — o tornou o mais feliz dos homens!

Na verdade, não faríamos, por menos que isso, a Volta ao Mundo?

FIM

ÍNDICE

I: 8
Em que Phileas Fogg e Passepartout mutuamente se aceitam, o primeiro na qualidade de patrão, o segundo na de criado.
II: 15
Em que Passepartont se convence de que finalmente encontrou o seu ideal.
III: 20
Trava-se uma conversa que poderá custar caro a Phileas Fogg.
IV: 29
Em que Phileas Fogg surpreende Passepartout, seu criado.
V: 34
Em que aparece na praça de Londres um novo valor.
VI: 39
Em que o agente Fix mostra uma impaciência bem legítima.
VII: 45
Que comprova mais una vez a inutilidade dos passaportes em matéria policial.
VIII: 49
Em que Passepartout fala talvez um pouco mais do que lhe conviria.
IX: 54
Em que o mar Vermelho e o mar das Índias se mostram propícios aos desígnios de Phileas Fogg.
X: 61
Em que Passepartout se dá por feliz em safar-se só perdendo os sapatos.
XI: 68

Em que Phileas Fogg compra uma montaria por um preço fabuloso.
XII: 79
Em que Phileas Fogg e os companheiros se aventuram através das florestas da Índia, e o mais que se segue.
XIII: 88
Em que Passepartout prova mais uma vez que a fortuna sorri aos audaciosos.
XIV: 97
Em que Phileas Fogg desce todo o vale admirável do Ganges sem sequer pensar em vê-lo.
XV: 105
Em que a sacola com bank-notes fica aliviado de mais alguns milhares de libras.
XVI: 114
Em que Fix parece não saber nada do que lhe dizem.
XVII: 121
Em que se trata de umas tantas coisas durante a travessia de Cingapura para Hong Kong.
XVIII: 129
Em que Phileas Fogg, Passepartout, Fix, cada qual para seu lado, vão tratar dos seus negócios.
XIX: 135
Em que Passepartout se interessa muito mesmo pelo patrão e o que daí se segue.
XX: 144
Em que Fix entra em contato direto com Phileas Fogg.
XXI: 152
Em que o patrão da "Tankadère" corre sério risco de perder uma gratificação de duzentas libras.
XXII: 163
Em que Passeparwut reconhece que, mesmo nos antípodas, é prudente ter algum dinheiro na bolso.
XXIII: 172
Em que o nariz de Passepartout fica muito muito longo.
XXIV: 180
Durante o qual se relizou a travessia do Oceano Pacífico.
XXV: 188

Em que se dá uma olhada em São Francisco, em dia de meeting.
XXVI: 197
Em que se pega o trem expresso da estrada de ferro do Pacífico.
XXVII: 204
Em que Passepartout segue, com uma velocidade de vinte milhas por hora, um curso de história mórmon.
XXVIII: 212
Em que Passepartour não consegue que ouçam a voz da razão.
XXIX: 223
Onde se fará uma narração de diversos incidentes, que só acontecem nas estradas de ferro da União.
XXX: 232
Em que Phileas Fogg simplesmente cumpre o seu dever.
XXXI: 241
Em que o inspetor Fix leva muito a sério os interesses de Phileas Fogg.
XXXII: 249
Em que Phileas Fogg trava uma luta direta contra a má sorte.
XXXIII: 255
Em que Phileas Fogg se mostra à altura das circunstâncias.
XXXIV: 266
Que proporciona a Passepartout a oportunidade de fazer um trocadilho infame, mas talvez inédito.
XXXV: 271
Em que Passepartout não pede para seu patrão repedtir duas vezes uma ordem dada.
XXXVI: 278
Em que Phileas Fogg volta a subir no mercado.
XXXVII: 283
Em que fica provado que Phileas Fogg nada ganhou fazendo a volta ao mundo, a não ser a felicidade

Nota sobre a tradução

Todos as palavras em inglês no original foram mantidas, inclusive porque muitas são cheias de significação, como o próprio sobrenome Fogg, o nome do capitão Speedy, etc. — Foi mantido ainda o termo *bank-note* (em vez de papel-moeda ou simplesmente notas) por coerência ao texto e Parsi (em vez de Parse ou persas indianos) para evitar confusões de leitura.

Alguns toponímios foram mantidos de acordo com o original francês, mesmo quando consultas indicaram mudanças de grafia ou nome dos lugares.

Partes da tradução, especialmente as relativas aos termos náuticos, foram baseadas na tradução de A. M. da Cunha e Sá, *A Volta do Mundo em Oitenta Dias*, Livraria Francisco Alves/Livrarias Aillaud & Bertrand, s. d. (c. 1900)

Foi também consultado *O Navio*, Bibliotheca do Povo e das Escolas No. 100, David Corazzi Editor, Lisboa-Rio de Janeiro, 1895

Grafias foram estabelecidas através de consulta à tradução inglesa (George Makepeace Towle, 1873), Enciclopédia Barsa (Ed. Delta, Rio, 1968), Tudo (Ed. Abril, São Paulo, 1977) e Dicionário Enciclopédico Brasileiro (Ed. do Globo, Porto Alegre, 1957).

©2001, 2006 Júlio Verne

Versão para eBook
eBooksBrasil

Abril 2001

Proibido todo e qualquer uso comercial.
Se você pagou por esse livro
VOCÊ FOI ROUBADO!
Você tem este e muitos outros títulos
GRÁTIS
direto na fonte:
eBooksBrasil.org

Edição em eBookLibris
eBooksBrasil.org

Março 2006

eBookLibris
© 2006 eBooksBrasil.org